



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

FRANCIELE RODRIGUES

GODLLYWOOD GIRLS:
UM PROJETO COLONIZADOR DE CORPORALIDADES E
IMAGINÁRIOS DE MENINAS NO ÂMBITO DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Londrina
2025

FRANCIELE RODRIGUES

GODLLYWOOD GIRLS:

UM PROJETO COLONIZADOR DE CORPORALIDADES E
IMAGINÁRIOS DE MENINAS NO ÂMBITO DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Lanza.

Coorientador: Profa. Dra. Márcia Neme Buzalaf.

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Rodrigues, Franciele.

Godllywood Girls: : um projeto colonizador de corporalidades e imaginários de meninas no âmbito da Igreja Universal do Reino de Deus / Franciele Rodrigues. - Londrina, 2025.
272 f. : il.

Orientador: Fabio Lanza.

Coorientador: Márcia Neme Buzalaf.

Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Godllywood - Tese. 2. IURD - Tese. 3. Agenda antigênero - Tese. 4. Conservadorismo - Tese. I. Lanza, Fabio. II. Neme Buzalaf, Márcia . III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. IV. Título.

CDU 316

FRANCIELE RODRIGUES

GODLLYWOOD GIRLS:

UM PROJETO COLONIZADOR DE CORPORALIDADES E
IMAGINÁRIOS DE MENINAS NO ÂMBITO DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fabio Lanza
Universidade Estadual de Londrina- UEL

Prof. Dr. Joanildo Albuquerque Burity
Fundação Joaquim Nabuco

Profa. Dra. Ileizi Luciana Fiorelli Silva
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Maria José de Rezende
Mestrado Profissional de Sociologia
em Rede Nacional

Prof. Dr. Reginaldo Moreira
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 29 de outubro de 2025.

Para minha mãe,
Terezinha de Fátima Rodrigues (1960-INFINITO).

AGRADECIMENTOS

Doutorado: conheci esta palavra ao chegar na UEL em 2010. Mais uma entre as tantas realidades que esta Universidade me instigou a desvendar. Nos diferentes cantos do CLCH (Centro de Letras e Ciências Humanas) e CECA (Centro de Educação, Comunicação e Artes), aprendi uma imensidão. A minha vida passou a comportar vidas — no plural — com as quais me (re)construo e sou convocada a construir mundos outros. Muito obrigada, UEL, por tornar-me maior.

Muitos foram os companheiros de jornada até aqui. Entre as minhas andanças, considero uma sorte desmedida ter topado com meu orientador, professor Fabio Lanza no 2º ano da graduação em Ciências Sociais. Muito obrigada por todos os saberes partilhados, pelo incentivo ao longo destes últimos 14 anos e, especialmente, pela paciência e acolhimento no luto de minha mãe, que também marca este processo de pesquisa. Também pelas fabulações de dias mais respiráveis e coloridos. Você me inspira dentro e fora de sala de aula.

Também agradeço a minha coorientadora, professora Márcia Neme Buzalaf pelo aceite em nos acompanhar nesta viagem. Muito obrigada pela leitura sempre atenta, por me apoiar no “giro colonial” que mais do que fundamentar esta investigação, me desafia a enxergar e habitar o mundo pelo “mapa das brechas”. Muito obrigada também por me aconselhar “guardar o doutorado na gaveta” - quando precisei de um respiro para reencontrar meu caminho com a perda minha bússola — foi imprescindível para que eu continuasse. Que outres estudantes possam ter ao seu lado “Fabios e Márcias”. Certamente a caminhada será mais bonita, instigante, disruptiva e acolhedora.

Agradeço também aos professores Maria José de Rezende e Régis Moreira por todas as contribuições ao longo de minha formação, destacando as aulas de Pesquisa e Ensino, Sociologia Brasileira, Comunicação Popular e Comunitária — todas imprescindíveis para a construção de um olhar mais apurado e questionador sobre a(s) realidade(s). Também pelos apontamentos durante a banca de qualificação, todos os conhecimentos e observações foram imprescindíveis para a conclusão deste estudo. Obrigada também pelos sorrisos sempre incentivadores. Impossível deixar de registrar o agradecimento ao professor Régis Moreira pelo deslocamento de quase 300 quilômetros para me entregar um abraço quando mais precisei.

Muito obrigada a professora Ileizi Fiorelli por me dar a mão — e nunca mais soltar — desde os meus primeiros passos enquanto pesquisadora. Minha orientadora-do-primeiro-TCC-mestrado-coração-tão-amigo-do-meu-para-vida-toda, com você a pesquisa tornou-se mais do que um ofício, converteu-se em um instrumento de luta e sonhos. Levo você comigo para todos os lugares e além de qualquer tempo.

Agradeço também as professoras Ana Maria Chiarotti, Ângela Maria de Sousa Lima e Mônica Kaseker por incessantemente me encorajarem a lutar pelo que acredito e fazer da sala de aula um espaço de troca, escuta e curiosidade. É impossível topa com vocês e não sair diferente.

À professora-amiga, Adriana Ferreira, também agradeço pelo entusiasmo ao acompanhar meus passos, pela infinita generosidade no olhar e por estar sempre estar disposta a encher as taças.

Também agradeço aos integrantes dos grupos de pesquisa, extensão, Entretons, DECO (Decolonialidades na Comunicação) e igualmente aos parceiros do programa Práxis Itinerante, LENPES (Laboratório de Pesquisa, Ensino e Extensão em Sociologia) e LERR (Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades) pelas trocas de saberes e afetos.

Aos sempre amigos: Vivian Matsumoto, Douglas Graciano, muito obrigada pelo companheirismo desde a primeira vez que coloquei meus pés na UEL. Pela vida partilhada nos momentos mais bonitos e nos de quebra. “Nem mesmo um samba de pode nos resumir, somos verdade. Quero chorar o seu choro, quero sorrir seu sorriso. Valeu por você existir, amigas” — aposto que Fundo de Quintal nos conhece.

Também agradeço ao meu “grupo 1”: Thaynara Junqueira, muito obrigada por ser um dos meus diários em forma de gente e pela garantia de que a eternidade é muito pouco para nós. Gustavo Batista, muito obrigada por me arrancar sorrisos só de lhe ver chegar e deixar à mão estendida incessantemente. Tatiane Pívaro, muito obrigada por me ensinar o que é ser potência sem perder a delicadeza e demonstrar que com cumplicidade tudo é possível. Isabella Alonso, muito obrigada por assegurar que não existem minhas ou suas lutas, pois todas tornam-se nossas, por acompanhar-me em voos sem destinos certos e por isso deliciosos.

Leiliani de Castro, minha Fátima, muito obrigada por ser um acontecimento que não se repete. Por não economizar nos detalhes, se ater

às delicadezas, tornando-as em trampolins para uma rotina muito mais bonita. Muito obrigada por uma das escutas mais generosas deste universo, mesmo envolta em incontáveis demandas. Minhas certezas cabem nos dedos, mas você é - de olhos fechados - uma delas. Muito obrigada por salvar minha vida todos os dias. Neste momento que é de longe o mais doído que atravesso, você me viu quebrar. Entre cuidados disfarçados de diversas formas: silêncios-cúmplices, conversas intermináveis, lágrimas (muitas), sorrisos que consegue me arrancar mesmo em meio a dor mais desconcertante, você é uma das raízes que não me deixa tombar.

Nas figuras de Luciana Sumigawa e Laurito Lira estendo meus agradecimentos ao Coletivo de Sindicatos de Londrina e Região pela confiança em meu trabalho, por me possibilitar desenvolver o jornalismo em que acredito, aquele que ecoa vozes dissidentes, apresenta batalhas e conquistas daqueles cujo sistema (cis)heteropatriarcal-racista-classista tenta calar. Muito obrigada pela possibilidade de tentar construir um jornalismo de “verdade”.

Nem todos os obrigadas são suficientes para Elsa Caldeira, uma das minhas identificações de alma mais especiais. Muito obrigada pela oportunidade de aprender com você dentro e fora das pautas, por estar ao meu lado nos momentos de maior dor, ao mesmo tempo em que amplifica as alegrias e por não me deixar desesperançar. Obrigada pelo abraço-casa, pelo colo, por conhecer meu coração e olhar antes que eu diga quaisquer palavras. A vida com você não só é possível como infinitamente melhor.

Também agradeço a Kauana Carneiro Lopes por me acompanhar em meu processo de autoconhecimento, auxiliando a identificar prioridades e limites, o que é um grande esforço em meio a uma rotina que afoga aliada a anos de silenciamento. Muito obrigada por me demonstrar que não cabe desculpas por ser como sou, afeto da cabeça aos pés, e por me convidar a direcionar este cuidado também a mim mesma.

A Frida, minha filha de quatro patas, por meu “paraquedas colorido”, capaz de aliviar os maiores desconfortos e multiplicar as alegrias. A minha irmã, Rayane Vitória, muito obrigada por me ensinar que por maior que o amor seja, ele sempre pode crescer ainda mais e ultrapassar qualquer distância. A minha mãe, Terezinha de Fátima Rodrigues Lucio, minha maior e mais urgente saudade, muito obrigada por me apoiar em TODAS as empreitadas — incluindo este doutorado. Que privilégio ser seu xerox de cara e alma. Sigo por você, porque aprendi com

você que *luto* é verbo e sucumbir não é uma opção. Em todas as existências te escolho, te honro e te amo.

Sem cada um de vocês, não teria sido possível iniciar e concluir esta pesquisa.

À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas. Aqui, onde a noite infinita já não nos assusta, porque nossos olhares comungam com o escuro e com a indefinição das formas. Aqui, onde apenas morremos quando precisamos recriar nossos corpos e vidas. Aqui, onde os cálculos da política falham em atualizar suas totalizações. Aqui, onde não nos cabe salvar a promessa, mas o milagre. Aqui, onde não nos cabe salvar o mundo, o Brasil ou o que quer que seja. Onde nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras e manifestam, com dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder. Aqui. Aqui ainda.

- Jota Mombaça

RODRIGUES, Franciele. *Godllywood Girls*: um projeto colonizador de corporalidades e imaginários de meninas no âmbito da Igreja Universal do Reino de Deus. 2025. 272 f. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

RESUMO

Esta pesquisa busca identificar quais são os sentidos pretendidos pelos discursos do programa *Godllywood Girls* para a educação de gênero. A iniciativa é desenvolvida pela Igreja Universal do Reino de Deus e chegou ao Brasil em 2010, mesmo ano em que as manifestações antigênero começaram a obter maior projeção no país, tendo como um de seus principais alvos, o rechaço à inclusão dos debates sobre gênero nos espaços escolares (BIROLI, 2018; MARTINEZ, 2020). O programa conta a *Godllywood School*: “uma escola para a vida” voltada exclusivamente para meninas de 6 a 15 anos, localizada no Templo de Salomão, sede nacional da Universal. De dimensão transnacional, a iniciativa tem como finalidade principal “resgatar a essência feminina” (UNIVERSAL, 2023). Diante disso, esta investigação parte das seguintes questões: quais são os materiais e estratégias de comunicação produzidos pelo programa *Godllywood Girls*? Quais sentidos podem ser apreendidos dos discursos presentes nestes materiais no que tange à educação de gênero? As hipóteses iniciais partem da compreensão de que o programa *Godllywood Girls* opera como uma tecnologia colonial de gênero (LAURETIS, 1994; LUGONES, 2020; CASANOVA, 2006) responsável por estabelecer um discurso universalizante sobre “ser mulher” e acerca da noção de família, concepções estas assentadas em uma leitura dominante da cultura cristã ocidental e, portanto, reprodutora de estigmas e violências de gênero. Neste estudo, a perpetuação de opressões de gênero é vislumbrada tanto em cenário nacional, haja vista a invisibilidade às identidades, sexualidades dissidentes bem como a outros modelos de famílias para além do arranjo patriarcal, mas também em contexto internacional, já que o programa está presente em 77 países, apresentando crescimento, principalmente, no continente africano. A premissa leva a considerar a participação da Igreja Universal na ofensiva antigênero no Brasil, visto que além de propagar discursos contra o debate de gênero nos currículos escolares, a denominação cria a sua própria escola para ensinar garotas a serem mulheres que “agradem a Deus”. Neste estudo foram empregados os seguintes passos teórico-metodológicos: pesquisa bibliográfica, análise de discurso e de conteúdo. No total, foram analisados 42 vídeoaulas ofertadas para as garotas e dois livros empregados pelo programa, a saber: “Tecnicamente virgem — Qual é o limite?” e “Sexy Girls”. O trato de todas as informações coletadas ocorreu por meio da triangulação de dados. Foi possível apreender que através do programa, a Universal tem propagado uma série de regras que são repassadas às meninas visando moldar seus comportamentos e pensamentos. Além disso, constata-se que com o *Godllywood Girls*, a igreja tem fabricado um modelo de feminilidade conservadora neoliberal (BROWN, 2019; MARTINEZ, 2020), que busca reafirmar papéis tradicionais de gênero, alicerçados no binarismo e heterossexualidade compulsória ao mesmo tempo em adota valores neoliberais como o “empreendedorismo de si”, a entrega de resultados, o controle do tempo, a meritocracia como sensores de conduta. A iniciativa também legitima apenas o arranjo de família patriarcal, violentando a existência de outros

modelos e, ainda, associa identidades de gênero e sexualidades a “modismos” que estariam, segundo a igreja, difundindo “valores antifamiliares”. Verifica-se também que através do programa, a igreja contraria conquistas dos movimentos feministas, reconhecendo apenas aquelas que encampadas, sobretudo, pelo feminismo neoliberal. Nota-se que com o programa, a Universal objetiva a construção da “mulher virtuosa”, que é aquela multitarefa, que cuida da aparência, da casa, carreira, da família e dá suporte ao marido — sempre privilegiando o espaço doméstico ante o público. Percebe-se que através do *Godllywood Girls*, a Universal anseia inculcar desde a infância e a adolescência a “política da prosperidade” (TEIXEIRA, 2018) entre as garotas, recorrendo ao controle do corpo e imaginários para estabelecer uma disciplina individual e familiar orientada pela lógica do desempenho. Assim, a igreja torna-se uma força importante na propagação do conservadorismo e da agenda antigênero na medida em que oferta um letramento de gênero que biologiza e universaliza as identidades bem como individualiza as desigualdades e violências.

Palavras-chave: IURD; *Godllywood Girls*; Educação; Antigênero; Conservadorismo.

RODRIGUES, Franciele. *Godllywood Girls: a project colonizing the corporalities and imaginations of girls within the Universal Church of the Kingdom of God*. 2025. 272 p. Thesis (Doctorate in Sociology) — State University of Londrina, Londrina, 2025.

ABSTRACT

This research seeks to identify the intended meanings of the *Godllywood Girls* program's discourse on gender education. The initiative was developed by the Universal Church of the Kingdom of God and arrived in Brazil in 2010, the same year that anti-gender demonstrations began to gain greater prominence in the country, with one of their main targets being the rejection of the inclusion of gender debates in schools (BIROLI, 2018; MARTINEZ, 2020). The program includes Godllywood School: "a school for life" exclusively for girls aged 6 to 15, located in the Temple of Solomon, the national headquarters of the Universal Church. With a transnational dimension, the main purpose of the initiative is to "rescue the feminine essence" (UNIVERSAL, 2023). In view of this, this investigation starts from the following questions: what are the communication materials and strategies produced by the Godllywood Girls program? What meanings can be gleaned from the discourses present in these materials with regard to gender education? The initial hypotheses are based on the understanding that the Godllywood Girls program operates as a colonial gender technology (LAURETIS, 1994; LUGONES, 2020; CASANOVA, 2006) responsible for establishing a universalizing discourse on "being a woman" and on the notion of family, concepts based on a dominant reading of Western Christian culture and, therefore, reproducing gender stigmas and violence. In this study, the perpetuation of gender oppression is seen both in the national context, given the invisibility of dissident identities and sexualities, as well as other family models beyond the patriarchal arrangement, but also in the international context, since the program is present in 77 countries, with growth mainly on the African continent. This premise leads us to consider the participation of the Universal Church in the anti-gender offensive in Brazil, given that, in addition to propagating discourses against the debate on gender in school curricula, the denomination has created its own school to teach girls to be women who "please God." The following theoretical and methodological steps were employed in this study: bibliographic research, discourse analysis, and content analysis. In total, 42 video lessons offered to the girls and two books used by the program were analyzed, namely: "Technically a Virgin — What is the Limit?" and "Sexy Girls." All the information collected was processed using data triangulation. It was possible to understand that, through the program, the Universal Church has propagated a series of rules that are passed on to girls in order to shape their behavior and thoughts. In addition, it is clear that, with Godllywood Girls, the church has created a model of conservative neoliberal femininity (BROWN, 2019; MARTINEZ, 2020), which seeks to reaffirm traditional gender roles based on binary thinking and compulsory heterosexuality, while adopting neoliberal values such as "self-entrepreneurship," delivery of results, time management, and meritocracy as sensors of conduct. The initiative also legitimizes only the patriarchal family arrangement, violating the existence of other models and, furthermore, associates gender identities and sexualities with "fads" that, according to the church, are spreading "anti-family values." It is also clear that through the program, the church

contradicts the achievements of feminist movements, recognizing only those championed, above all, by neoliberal feminism. It is noted that with the program, the Universal Church aims to construct the “virtuous woman,” who is multitasking, takes care of her appearance, home, career, family, and supports her husband—always privileging the domestic sphere over the public sphere. It is clear that through Godllywood Girls, the Universal Church seeks to instill the “politics of prosperity” (TEIXEIRA, 2018) in girls from childhood and adolescence, resorting to control of the body and imagery to establish individual and family discipline guided by the logic of performance. Thus, the church becomes an important force in the propagation of conservatism and the anti-gender agenda insofar as it offers a gender literacy that biologizes and universalizes identities as well as individualizes inequalities and violence.

Key-words: IURD; Godllywood Girls; Education; Anti-gender; Conservatism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Coreto IURD	36
Figura 2 – Templo de Salomão	36
Figura 3 – Perfil Godllywood Instagram	109
Figura 4 – Quarto Godllywood School	111
Figura 5 – Cinema Godllywood School.....	111
Figura 6 – Cozinha Godllywood School	112
Figura 7 – Tenda UNP Londrina	120
Figura 8 – Reunião Godllywood Autoajuda Presídio Roraima	121
Figura 9 – Aula IntelliMen Academy	129
Figura 10 – Capelania UFP em formatura policiais Mato Grosso do Sul.....	131
Figura 11 – Planilha controle de gastos	161
Figura 12 – O uso de saias e reforço da cisgeneridade.....	225

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BM	Banco Mundial
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CONAE	Conferência Nacional de Educação
CONSED	Conselho Nacional de Secretários de Educação
DECO	Decolonialidades na Comunicação
DIAP	Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar
DOI-CODI	Centro de Operações de Defesa Interna
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FCC	Fundação Carlos Chagas
FJU	Força Jovem Universal
FPT	Frente Parlamentar de Terreiros
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
ISER	Instituto de Estudos da Religião
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
HIV	Imunodeficiência Humana
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LENPES	Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Sociologia
LERR	Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades
MEC	Ministério da Educação
MEEL	Movimento Estratégico pelo Estado Laico
OBEDUC	Observatório da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PL	Partido Liberal
PMR	Partido Municipalista Renovador
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PSC	Partido Social Cristão

PSD	Partido Social Democrático
PT	Partido dos Trabalhadores
PTC	Partido Trabalhista Cristão
PRB	Partido Republicano Brasileiro
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade
SECOM	Secretaria de Comunicação da Presidência
SISAC	Sistema Adventista de Comunicação
SPE	Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas
STF	Supremo Tribunal Federal
TCU	Tribunal de Contas da União
UFP	Universal nas Forças Policiais
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
UNDIME	União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1.	CAPÍTULO 1. IURD: DO CORETO À CATEDRAL DA FÉ	27
1.1	Império midiático da fé	37
1.1.1	“O Bispo está onde está o poder”.....	49
2.	CAPÍTULO 2. A ATUAÇÃO DE MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONSERVADORES NA CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA ANTIGÊNERO NO BRASIL	68
2.1	As disputas em torno da educação de gênero	79
2.1.1	A Igreja Universal e a “Ideologia de Gênero”	99
2.1.1.1	<i>Godllywood Girls</i> e o “resgate da essência feminina”.....	105
2.1.1.1.1	<i>Godllywood School: “uma escola para a vida”</i>	109
3.	CAPÍTULO 3. IURD: UM EMPREENDIMENTO MASCULINISTA	114
3.1	IURD e as tecnologias de gênero	123
3.1.1	Cristiane Cardoso e a “Mulher Virtuosa”.....	133
3.1.1.1	Moralidade religiosa e a idealização do passado	137
3.1.1.1.1	<i>Godllywood Girls e a colonialidade de gênero</i>	143
4.	CAPÍTULO 4. A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE CHEGA ÀS MENINAS	161
4.1	O empreendedorismo de si e feminilidade neoliberal	184
5.	CAPÍTULO 5. GODLLYWOOD SCHOOL E A CONSOLIDAÇÃO DO HETEROCAPITALISMO	202
5.1	IURD e a aniquilação de identidades de gênero e sexualidades dissidentes	224
5.1.1	Família, prosperidade e colonialidade	231
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	242
	REFERÊNCIAS	255

1. INTRODUÇÃO

Imaginar se revelou uma ação mais difícil do que parecia a princípio. Descobrimos o quanto nossa imaginação estava encarcerada, quadrada, formatada. Dizer que mundo você realmente quer, com propostas claras, é muito mais complicado do que parece para gente que foi domesticada a apenas obedecer – ou, na melhor das hipóteses, viver apenas reagindo aos ataques. Só o exercício de quebrar muros dentro de nossos corpos se mostrou uma experiência poderosa para todes que se arriscam a ela. Para quem acha difícil libertar o futuro, sim, é difícil, mesmo. Mas não mais difícil do que viver num presente sem futuro. Eliane Brum, *Banzeiro Òkòtó: uma viagem à Amazônia centro do mundo*, 2021.

Esta pesquisa parte da seguinte questão: quais são os sentidos pretendidos pelos discursos do programa *Godllywood Girls* para a educação de gênero? Este estudo propõe uma análise sociológica feminista da iniciativa e, por conseguinte, parte da perspectiva sócio-histórica do conceito de “gênero” compreendido como efeito de práticas discursivas que constroem subjetividades e modelam os corpos da infância à vida adulta. Além disso, esta abordagem teórico-metodológica evidencia as relações de poder pelas quais o gênero se produz (SCOTT, 1991; LAURETIS, 1994; BUTLER, 2019).

O programa *Godllywood Girls* criado pela Igreja Universal do Reino de Deus, a IURD, chegou ao Brasil em 2010, momento em que os discursos antigênero ganharam força no país (BIROLI, 2018; MARTINEZ, 2020) sob a liderança de Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo, fundador da denominação.

Juntamente com seu marido e bispo da IURD, Renato Cardoso, Cristiane tem desenvolvido o “pastorado dos gêneros” (TEIXEIRA, 2018) já que juntos ofertam uma série de programas, livros, cursos que visam ensinar como homens e mulheres devem se comportar, também como devem administrar a família objetivando o alcance da prosperidade (ALTIVO, 2016; TEIXEIRA, 2018; MARCHESI; ROSA; RESENDE, 2021).

A escolha da Igreja Universal tem suas razões: a instituição é uma das maiores representantes do neopentecostalismo não apenas no Brasil, mas a nível global, visto que está presente em mais de 150 países. Especificamente em território nacional, a IURD tem se consolidado como uma força política e social relevante (ORO, 2003; MARIANO, 2004; CERQUEIRA, 2021).

Além dos mega templos, da ampla rede de negócios comandados pela igreja – que comporta desde um império midiático a agências de viagens, sua influência

também pode ser notada na crescente presença na política institucional, vide a criação de seu próprio partido, Republicanos¹ que tem aumentado o número de cadeiras no Congresso Nacional a cada eleição. Ainda, a Universal tem disseminado discursos de cunho pedagógico sobre sexualidade, gênero, família (TEIXEIRA, 2018; LEMOS, 2024).

Nesta seara, localizo o programa *Godllywood* idealizado por Cristiane Cardoso. A iniciativa é originária dos Estados Unidos, sendo as primeiras turmas formadas em 2009, principal finalidade “resgatar a essência feminina” conferida por Deus e que, no entendimento da igreja, estaria se perdendo (UNIVERSAL, 2023).

O programa *Godllywood* possui duas frentes, organizadas por faixas etárias: o grupo *Godllywood Girls* é destinado para meninas de 6 a 15 anos – é este segmento que esta pesquisa busca investigar. Já o *Godllywood Autoajuda* é uma extensão do primeiro, voltado para participantes a partir de 18 anos e tem como finalidade “ajudar as mulheres a serem melhores em todos os aspectos, em casa, no trabalho, como esposa, profissional, mãe, filha, e sobretudo, como pessoa” (UNIVERSAL, 2023).

Logo, ambos os grupos pretendem formar meninas e mulheres que “agradem a Deus”. O “Hollywood de Deus”, conforme sugere o nome do programa também tem como propósito combater “valores errados” promovidos por Hollywood, os quais a Universal classifica como produtores da “promiscuidade feminina” (UNIVERSAL, 2023).

Para isso, a IURD oferta aulas e reuniões, nas quais as participantes aprendem noções de como devem se vestir, quais maquiagens usar, como devem se comportar, quais alimentos devem consumir e com qual periodicidade, quais tipos de relacionamento devem buscar (UNIVERSAL, 2023).

As reuniões do *Godllywood Ajuda* são mensais, ocorrem no último sábado de cada mês, no Templo de Salomão, sede nacional da IURD, localizada na cidade de São Paulo. A participação de homens é proibida bem como o uso de aparelhos eletrônicos. Já as aulas do *Godllywood Girls* ocorrem na “*Godllywood School* – uma escola para a vida”, também situada no Santuário, de quarta a sexta-feira e aos domingos (UNIVERSAL, 2023).

As turmas do *Godllywood Girls* são divididas de acordo com a idade das

¹ Fundado em 2005, obteve o registro do Tribunal Superior Eleitoral com o nome de Partido Municipalista Renovador (PMR). No ano seguinte, mudou de nome para Partido Republicano Brasileiro (PRB). Em 2019, o partido muda novamente de nome, passando a se chamar Republicanos.

garotas. A primeira fase nomeada “Lindas” reúne meninas de 6 a 10 anos e a segunda fase intitulada “Queridas” é composta pelas meninas de 11 a 15 anos. Cada turma é formada por, em média, 30 participantes.

Atualmente, o programa está presente em mais de 77 países e se espalha via redes sociais e mídias institucionais da igreja, como a Univer Vídeo, primeira plataforma de *streaming* cristão criada pela IURD para transmitir eventos que ocorrem na Catedral da Fé, além de ofertar séries, documentários, palestras, entre outros conteúdos religiosos alinhados com os “valores familiares e princípios cristãos” (UNIVER VÍDEO, 2025).

As reuniões do *Godllywood Autojuda* são veiculadas ao vivo pelo canal e as gravações ficam disponíveis para serem assistidas a qualquer momento. Já as aulas do *Godllywood Girls* ofertadas pela *Godllywood School* podem ser acompanhadas pela Univer Ensino, universidade mantida pela Igreja Universal. Estabelecendo parceria com instituições de ensino superior privadas de todo o país, a marca oferece cursos de graduação, pós-graduação e de temática livre. Na plataforma, é possível encontrar as duas fases do curso, totalizando 42 vídeos, em torno de 10 minutos cada.

Mediante à impossibilidade de acompanhar as aulas presenciais realizadas no Templo de Salomão, em São Paulo, e considerando que o acesso às atividades da igreja é dificultado para não membros, recorri ao estudo do material ofertado de maneira online, ou seja, a gravação das aulas ministradas em 2018 pela *Godllywood School* e, atualmente, disponíveis na Univer Ensino.

Diante disso, para o desenvolvimento desta pesquisa, proponho o exercício de pensar o programa *Godllywood Girls* como uma “tecnologia colonial de gênero”, em diálogo com as reflexões de Michel Foucault, Teresa de Lauretis e Maria Lugones. Lauretis (1994) compreende “gênero” não como algo inato, ou seja, não existe a priori, mas trata-se de uma construção social, efeito de representações discursivas sobre o sexo que, por sua vez, forjam subjetividades e estabelecem parâmetros para o “ser mulher” e o “ser homem”.

Segundo a autora, gênero é produto de várias tecnologias sociais como rádio, televisão, cinema, jornais, responsáveis por emitir noções de feminilidade e masculinidade, capazes de legitimar práticas que serão institucionalizadas e passarão a ser repetidas cotidianamente. Portanto, é através de tecnologias de gênero que os indivíduos são “gendrados”, ou seja, enquadrados por normas, papéis

e expectativas relacionadas à experiência do gênero.

A partir de tais representações, serão moldados direitos, deveres, expectativas, delimitados a partir do gênero (LAURETIS, 1994). Logo, os modos de viver e de pensar são construídos com base neste aspecto da identidade. Lauretis (1994) se ancora no pensamento de Michel Foucault, que compreende a sexualidade enquanto um dispositivo, ou seja, moldada por discursos, práticas e relações de poder.

Para Foucault (2019), o discurso não é simplesmente linguagem, mas uma prática social que molda a compreensão da realidade, como as sujeitas e sujeitos se percebem e interagem no mundo. Sob esta ótica, uma série de técnicas e saberes são empregados buscando moldar os corpos tornando-os uma ferramenta de poder para a manutenção das sociedades modernas e, portanto, para a organização e avanço do capitalismo (FOUCAULT, 2019).

Expandindo os debates sobre colonialidade² do poder, saber e ser³, Maria Lugones (2020) levanta as discussões sobre a “colonialidade de gênero”. Neste processo, o cristianismo, elemento estruturante do colonialismo europeu ganha centralidade, já que impôs relações hierárquicas de gênero aos povos originários, sobrepondo-se aos sistemas pré-existentes. A interpretação dominante dos valores e normas ditados pela cultura cristã ocidental, assentados na binariedade de gênero e heterossexualidade compulsória contribuíram para reafirmar o poder patriarcal e ao mesmo tempo excluiu identidades e sexualidades dissidentes.

Dito de outro modo, para Lugones (2020), ao empregar estratégias, entre elas práticas discursivas que intentam controlar condutas, estipular normas, fixar identidades, ditando, assim, definições do que é ser mulher e homem, em perspectiva binária, o sistema moderno colonial está exercendo a colonialidade do gênero, isto é, controlando corpos, representações e identidades. Deste modo, a colonialidade do gênero perpassada pelo eurocentrismo estabelece padrões. O homem branco, ocidental, cristão, heterossexual é visto como superior aos demais grupos. Logo, mulheres racializadas (negras, indígenas) entre outras corporalidades e identidades que fogem à cisgeneridade, são invisibilizadas e ainda mais

² “A colonialidade permite-nos compreender a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (GROSFOGUEL, 2008, p.55).

³ A autora chama atenção para a perspectiva eurocentrada e heteronormativa vigente entre os integrantes do grupo Modernidade e Colonialidade formado em 1998 por intelectuais latino-americanos (BALLESTRIN, 2014).

subordinadas a violências.

À vista disso, classificar o *Godllywood Girls* como *uma tecnologia colonial de gênero* significa dizer que entendo que o programa emite discursos de fundo religioso que intentam estabelecer um “regime de verdade” (FOUCAULT, 1979) sobre o papel da mulher. Assim, parto da hipótese central de que o programa produz discursos que visam estabelecer um ideário universalizante de feminilidade de viés conservador e alinhado aos valores neoliberais, opondo-se às agendas em prol da igualdade e diversidade de gênero.

Este exercício permite visualizar a IURD como uma força importante para legitimação e propagação de uma ofensiva antigênero, encampada em escala transnacional, por grupos conservadores religiosos e seculares, que buscam questionar, rechaçar e inviabilizar ações democratizantes que visem garantir maior reconhecimento e concessão de direitos a mulheres e população LGBTQIA+ (BIROLI, 2018; CARRANZA, 2020; BURITY, 2015; TESSER, 2023).

Contudo, para que ocorra uma “reação” é preciso que haja campos políticos, culturais em consolidação. Lembro da extensa luta de movimentos feministas e LGBTQIA+ por reconhecimento, proposição de direitos e políticas públicas que, minimamente, garantam a existência de sujeitas e sujeitos subalternizados⁴. Desde a promulgação da Constituição de 1988, e especialmente, a partir dos anos 2000, com a “guinada à esquerda” (também conhecida como onda rosa) houve progressos significativos – o que não quer dizer que tenham sido consensuais e pacíficos - a nível das políticas públicas voltadas às mulheres e população LGBTQIA+ em alguns países latino-americanos, incluindo o Brasil (BIROLI, 2023).

A “resposta” a estes coletivos, que questionaram estruturas de poder e o autoritarismo social (CHAUÍ, 2000) latente na sociedade brasileira bem como quem é o *sujeito de direitos* efetivamente se explicita pelo surgimento de articulações transnacionais que, a partir de estruturas religiosas, financeiras, midiáticas e culturais, procuram refutar às agendas propostas por estes grupos, tendo como um de seus principais alvos o rechaço à educação de gênero nas escolas (CARRANZA, 2020; BURITY, 2015; TESSER, 2023).

Vislumbro, então, a interpretação da realidade brasileira a partir de ondas

⁴ Baseio-me na definição de Gayatri Spivak de que o sujeito subalterno é aquele pertencente: “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.15).

democratizantes e desdemocratizantes (TILLY, 2013; BALLESTRIN, 2018) que também podem ser compreendidos como “movimentos pendulares” (AVRITZER, 2018) que expressam processos contínuos resultados de lutas sociais, que se intercalam na medida em que há o aumento ou a redução das liberdades e direitos, sendo que determinados grupos detém o poder de influenciar nestes movimentos ora para ampliação ora para o enfraquecimento da democracia.

Os movimentos de desdemocratização ocorrem (e são mais céleres) geralmente quando há descontentamentos por parte dos setores dominantes que desejam manter privilégios, incluindo o domínio o estado e da moralidade vigente (TILLY, 2013).

Diante disso, ao olharmos para a configuração da sociedade brasileira, é notório que, mesmo que a Constituição Federal de 1988 estabeleça direitos fundamentais e universais, grande parte da população tem tais garantias negadas e/ou dificultadas cotidianamente de modo que a capacidade do Estado de proteger cidadãos e cidadãs pode variar de muito alta a muito baixa, alternando, portanto, o grau de democracia existente (TILLY, 2013).

É perceptível que por critério constitucional e procedimental, o país resguarda o sistema democrático, uma vez que, existem liberdades e direitos estabelecidos, realização de eleições regulares, entre outros aspectos, porém a capacidade do Estado em assistir à população, principalmente, as camadas vulnerabilizadas (mulheres, comunidade LGBTQIA+, populações indígenas, negra, entre outras) é restrita, considerando a violação de garantias sistematicamente, inclusive, pelos próprios poderes públicos.

Neste campo, grupos cristãos conservadores (MANNHEIM, 1981) tem fortalecido uma “cruzada” antigênero que busca defender papeis tradicionais de gênero e a noção de família patriarcal tendo como parâmetros a cultura cristã ocidental (BANDINI, 2005; ANDRADE, 2019). É na efervescência de tais discursos e procedimentos que surge o programa *Godllywood Girls*.

A despeito da máxima “religião e política não se discutem”, um dos temas que mais tem mobilizado os esforços de pesquisadores no âmbito da Sociologia das Religiões, entre outros campos das Ciências Sociais, é as relações entre religião e política. Como é sabido, o fenômeno não é novo e recebeu a atenção de pensadores clássicos como Max Weber, que ao instigar a reflexão da religião enquanto fenômeno social, lança luz para o entendimento de que ao mesmo tempo

que a religião influencia a ordem social, ela também é simultaneamente influenciada por fatores econômicos e políticos, tornando-se uma relevante fonte de poder (WEBER, 2007).

Se por um lado, a interseção entre religião e política não é recente, por outro, as mudanças pelas quais o campo religioso brasileiro tem passado nas últimas três décadas, como o crescimento expressivo de evangélicos⁵, abalando a hegemonia católica, bem como a acelerada entrada de grupos pentecostais e, principalmente, neopentecostais na vida pública, têm gerado implicações que ainda demandam grande atenção.

Dados do Censo 2022 demonstram que o percentual de evangélicos no Brasil bateu recorde, chegando a 26,9% da população. No último levantamento, em 2010, o índice era de 21,6%, sinalizando um aumento de 5,2% pontos percentuais. Já o contingente de católicos chegou ao patamar mais baixo da história: 56,7% dos brasileiros. A estimativa do IBGE é que até 2040, o segmento corresponda a 43% da população brasileira frente a 35% de católicos, invertendo o cenário pela primeira vez (IBGE, 2022).

Com o crescimento do número de fiéis, as disputas em torno do “voto evangélico” tornaram, a cada pleito, mais acirradas. Embora haja vozes dissidentes e nem de longe, o grupo possa ser considerado homogêneo, o que levaria a reprodução de preconceitos ancorados em uma “história única” (ADICHIE, 2019) fato é que desde entrada do segmento na política, a partir da Assembleia Constituinte de 1987, a parcela que tem alcançado maior projeção tem se alinhado ao conservadorismo (ALMEIDA; 2017; MARIANO; 2023).

A atuação da Frente Parlamentar Evangélica, mais conhecida como Bancada Evangélica, no golpe que destituiu a primeira – e até o momento única - mulher presidenta do país, Dilma Rousseff (PT) e mais recentemente a votação expressiva que o eleitorado evangélico depositou em Jair Bolsonaro (PL), ratificam o posicionamento à direita do grupo. Diante disso, seja no Congresso Nacional ou nas igrejas, o gênero é um dos temas prediletos do “ativismo evangélico conservador” (MARIANO, 2023).

A instrumentalização do “fantasma do gênero” (BUTLER, 2024) por grupos

⁵ A denominação reúne desde protestantes históricos, ou seja, fiéis que frequentam igrejas nascidas e descendentes da Reforma Protestante no século 16 como presbiterianas, luteranas, batistas e metodistas a pentecostais e neopentecostais.

cristãos conservadores ao redor do mundo nas últimas duas décadas tem desafiado pesquisadores de diferentes áreas a compreender o fenômeno. Apesar do holofote sobre o tema, as múltiplas questões que perpassam o debate religião e gênero têm mobilizado investigações há algum tempo e acumulam achados importantes para esta investigação.

Um deles é que o cristianismo assentado no binarismo de gênero tende a reforçar papéis diferentes para homens e mulheres na estrutura social. Tais funções acabam por demandar condutas diversas. “Seguidores e seguidoras de uma religião articulam suas subjetividades, adquiridas ao longo da vida, de acordo com o modelo que a religião quer representar socialmente” (BANDINI, 2014, p. 113).

As instituições religiosas através de seus discursos, doutrinas e regras reproduzem as desigualdades sociais e reforçam relações que constroem, disciplinam, escondem, excluem identidades que não autenticam suas convenções sociais. Portanto, a tradição cristã ocidental não somente produz e reproduz a hierarquia dos sexos, como sacraliza os papéis socialmente construídos para os homens e mulheres cristãos e cristãs (SOUZA; LEMOS; 2009. p. 53).

Logo, a meu ver, o *Godllywood Girls* se junta a outros discursos e projetos desenvolvidos pela IURD, responsáveis pela disseminação de discursos calçados em um ideário conservador e a fundamentos neoliberais que incidem sobre o corpo, operando como uma tecnologia colonial de gênero. Porém, com um diferencial importante já que é o único programa voltado para meninas de 6 a 15 anos, ou seja, abrangendo o período da infância e adolescência.

Diante disso, são objetivos deste estudo: a) identificar quais são os materiais produzidos e empregados pelo programa *Godllywood Girls* bem como as estratégias de comunicação empregadas a fim da socialização das participantes; b) apreender quais são os sentidos pretendidos nestes materiais no que tange à educação de gênero e, mais especificamente, sobre o papel da mulher na sociedade; c) verificar se o programa *Godllywood Girls* compõe os movimentos desdemocratizantes em curso de modo a reproduzir estereótipos de gênero, emitindo discursos conservadores acerca dos papéis e relações de gênero.

Esta investigação emprega diferentes técnicas de pesquisa qualitativa com o intuito de se aproximar do objeto de estudo construído e, então, compreendê-lo em sua complexidade e dinamicidade. De acordo com a professora Heloísa de Souza Martins “fazer ciência” não segue um único modelo, ao contrário, a Sociologia sempre foi marcada pela diversidade de métodos de investigação (MARTINS, 2004).

Com base nesta compreensão, o primeiro passo teórico-metodológico pensado para esta pesquisa é o desenvolvimento de pesquisa bibliográfica. Através dela, busco aprofundar as leituras que integram os campos da Sociologia das Religiões, Sociologia Política, Comunicação e Estudos de Gênero. LaCapra (1980) salienta que uma das principais contribuições da pesquisa bibliográfica é possibilitar a leitura crítica de pesquisas de modo a perseguir pistas por vezes não desenvolvidas pelos autores bem como apontar discordâncias e tecer diálogos.

Evidencio que durante levantamento em sites como o Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Scielo, Google Acadêmico e repositório da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais), não identifiquei uma vasta produção científica acerca do programa *Godllywood Girls*.

À vista disso, como pontuado anteriormente, recorro as gravações das videoaulas ofertadas para as participantes do *Godllywood Girls* no Templo de Salomão. Ao todo, são 42 vídeos em torno de 10 minutos. Além dos vídeos, integram o corpus analítico desta investigação, os dois livros que operam como “materiais didáticos” discutidos durante as aulas com as meninas são eles: “Tecnicamente virgem – Qual é o limite?” e “Sexy Girls”, ambos assinados pela escritora americana Hayley DiMarco, traduzidos e lançados no Brasil pela Unipro, editora da família Macedo.

Ademais, considerando que há grande volume de material a ser investigado, opto por organizá-lo através de categorias de análise temáticas, estratégia que segundo Bardin (1977) corresponde ao ponto crucial da análise de conteúdo e é resultado de um longo processo marcado por constantes idas e vindas ao material estudado à busca da teoria e do retorno ao material pesquisado.

De acordo com a autora, este método corresponde a um conjunto de técnicas das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, tendo esses procedimentos um fator em comum: “uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência” (BARDIN, 1977, p.09). Fiorin (1990) explica que as unidades dos discursos constituem enunciados e sistemas que são significantes e, dessa forma, concernem à história que justifica as estruturas de sentido que se desenvolvem nos textos e recursos retóricos. Assim, sua proposta procura versar sobre “como o texto diz o que diz, e por que o texto diz o que diz” (FIORIN, 1990, p. 173). Para Orlandi (2007), o discurso percebe a

linguagem como mediação necessária entre os indivíduos e a realidade natural e social, o que torna possível o deslocamento, a continuidade, ou, ainda, o deslocamento ou transformação dos indivíduos e da realidade na qual vivem.

Portanto, a linguagem parte de uma determinada conjuntura que possibilita maneiras de significar e, em tais falas, pode-se captar sentidos que permeiam a organização social e influenciam as formas de atuação dos indivíduos que participam desta estrutura, pois não há “discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2007, p.17), ou seja, os discursos não são “neutros”.

Por fim, ressalto que a escolha desta temática de estudo advém de atravessamentos diversos. Recordo que minha avó, católica, devota de Nossa Senhora de Aparecida, com quem conversava todos os dias e pedia intervenções – da saúde dos netos a dos pés de roseiras - não perdia nenhuma oportunidade de colocar um copo de água em cima da televisão para benzer. Na sequência, fazia quem estivesse por perto secar o copo.

Dona Ana, impedida de frequentar a escola pelo pai e de andar de bicicleta pelo companheiro - meu avô - encontrava nas missas de domingo, na Igreja de Nossa Senhora das Graças, em Penápolis, um espaço de acolhida, momento em que podia encontrar as amigas e sorrir sem medo. Íamos juntas. Lembro da admiração que nutria pelo Frei Mauro Strabeli, a quem chegou a pedir orientações para “melhorar” o comportamento agressivo do marido. Não só o dela. Também o de um de seus genros, meu pai.

Mais de uma década depois, meu orientador, sugere como uma das leituras para esta tese: “O grito de Eva”, de autoria da jornalista Marília de Camargo César. A obra aborda a violência doméstica em lares cristãos e expõe o papel das igrejas na subjugação das mulheres. O grito de Eva, também é de Ana, Terezinha e tantas outras.

A proposição desta pesquisa também parte da encruzilhada de vivências construídas em grupos de pesquisa, ensino e extensão vinculados à UEL. Primeiramente, pontuo o LERR (Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades). Com participação desde 2011, minha trajetória no grupo perpassa caminhos diversos. Primeiramente, desenvolvi trabalhos voltados à compreensão das relações entre religião e política em Londrina a partir do discurso-memória de lideranças religiosas. Na companhia de outras pesquisadoras e pesquisadores,

busquei captar os modos como as mobilizações de lideranças católicas locais foram recebidas durante os anos de chumbo instaurados com o golpe de 1964.

Em seguida, integrei a frente voltada aos estudos de mídia religiosa através da análise matérias vetadas pela ditadura empresarial-militar no semanário O São Paulo, veículo da Arquidiocese de São Paulo. Em 2012, com a volta à sala de aula enquanto estagiária de Ciências Sociais, redescobri o local como professora e campo de pesquisa. A partir deste momento, através de experiências constituídas no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) LENPES (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia) e OBEDUC (Observatório da Educação) minhas investigações passaram a se debruçar sobre a formação de professores – temática escolhida para meu trabalho de conclusão de curso e dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Paralelamente, segui pesquisando os sentidos e disputas em torno da disciplina de ensino religioso, as relações das juventudes com as religiões e a intolerância religiosa no ambiente escolar.

Em 2018, com o ingresso na segunda graduação em Jornalismo também na UEL e sob o contexto de ataques cada vez mais incisivos à agenda de gênero no país, tive a primeira aproximação com os estudos de gênero, o que culminou com a produção do “O que elas pensam?”, um podcast independente sobre política produzido a partir da perspectiva de mulheres. O desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso em Jornalismo dedicado ao estudo do “Praia dos Ossos”, podcast criado pela produtora carioca Rádio Novelo, que recupera uma história outra sobre o feminicídio de Ângela Diniz, ocorrido em 1976, tornando-se um marco para os movimentos feministas no combate às violências contra a mulher, também foi crucial para o meu mergulho nas leituras sobre gênero, principalmente, sobre as múltiplas opressões que mulheres sofrem apenas pelo fato de serem mulheres.

Neste interim, também ingressei no Entretons: gênero e modos de subjetivação, coletivo formado por pesquisadores das áreas de Ciências Sociais, Comunicação e Psicologia e na DECO (Decolonialidades na Comunicação). Em ambas as redes, pesquisadores de graduação à pós-graduação investigam as questões de gênero com interfaces diversas, sustentados por abordagens decoloniais. Este “giro decolonial”, emprestando o termo de Luciana Ballestrin (2013) tornou-se preponderante para a (re)construção da pesquisa proposta nesta tese, ou seja, o que proponho aqui é uma ciência encarnada, implicada e crítica aos diversos

modos de silenciamento e subjugação nos corpos e imaginários de mulheres perpetrados nos espaços religiosos.

Isto posto, no primeiro capítulo, buscarei apresentar a trajetória da Universal, destacando características de sua organização que considero preponderantes para a criação e expansão do programa *Godllywood* como o uso intensivo e diversificado de meios de comunicação. Apontarei também as relações entre a igreja e a política institucional com o intuito de evidenciar a presença constante da IURD em diferentes governos da atual República.

Este diagnóstico permite visualizar que, apesar do pragmatismo ser uma característica da igreja, permanecendo ao lado de gestões de esquerda à direita, os discursos sobre as questões de gênero emitidos pela Universal têm se alinhado a perspectiva conservadora, reafirmando o binarismo, a heterossexualidade compulsória ao mesmo tempo em que estigmatiza identidades e sexualidades dissidentes consideradas “pecaminosas” (NATIVIDADE, 2006).

No segundo capítulo, discuto a atuação de grupos religiosos conservadores na formulação de uma agenda antigênero no Brasil. Destaco a incursão de tais segmentos no campo educacional, buscando frear quaisquer tentativas que buscassem incluir as discussões de gênero nos currículos escolares. Através de matérias publicadas na Folha Universal, examino a posição da IURD face à disseminação de uma suposta “ideologia de gênero”, principal argumento empregado por setores conservadores para barrar as discussões de gênero nas escolas.

Tal investigação tem como finalidade captar qual tem sido o papel da igreja na ofensiva contra a educação de gênero nas escolas brasileiras. Na sequência, apresento o *Godllywood Girls*, programa criado pela Universal, responsável por promover um letramento de gênero de viés conservador para garotas durante a infância e adolescência. Considero o desenvolvimento deste retrospecto importante na medida em que ele corrobora para a compreensão do contexto em que surge o programa *Godllywood*.

No terceiro capítulo, apresento como ocorre a distribuição do trabalho religioso na Universal, que segue a divisão sexual do trabalho. Também pontuo as tecnologias de gênero (LAURETIS, 1994) desenvolvidas pela igreja, evidenciando que tais programas compartilham uma retórica comum: a idealização do passado acompanhado pela recusa a mudanças nos papéis e relações de gênero. Ainda,

análise que através do *Godllywood Girls*, a IURD reafirma discursos assentados na cultura cristã ocidental para reafirmar desigualdades e violências de gênero. Para esta verificação emprego a análise das videoaulas do programa triangulando⁶ com informações coletadas nas mídias institucionais da igreja.

No quarto capítulo, sigo com a análise das videoaulas do programa *Godllywood* aprofundando as reflexões sobre a construção de um ideário de feminilidade hegemônica, responsável por legitimar papéis tradicionais de gênero e promover uma racionalidade neoliberal (FOUCAULT, 2008, BROWN, 2015; DARDOT; LAVAL, 2016; SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020).

Ainda, discuto de quais modos a Teologia da Prosperidade, um dos pilares da IURD, pode ser notada nas aulas, ou seja, como é incentivada através dos ensinamentos que são repassados às meninas, já que para além do estímulo às doações e ofertas, o controle do corpo, inculcando determinadas formas de ser mulher, é tomado como preponderante para que a família prospere (TEIXEIRA, 2018).

No quinto e último capítulo, centralizado as discussões no controle da sexualidade das garotas concebida apenas pela matriz heterossexual. Evidencio o quanto a virgindade torna-se um “diferencial” no mercado dos afetos impulsionado pela IURD. Também aponto a invisibilidade e violação das sexualidades dissidentes e a defesa do modelo de família patriarcal, reafirmando hierarquias coloniais de gênero.

⁶ Segundo Fígaro (2014) a triangulação de dados não é um fenômeno recente nas Ciências Sociais e tem sido utilizado como uma técnica que permite: “a obtenção de dados de diferentes fontes e sua análise recorrendo a estratégias distintas, melhoraria a validade dos resultados” (FIGARO, 2014, p.127).

2. IURD: DO CORETO À CATEDRAL DA FÉ

Tradicionalmente, a Universal sempre se aliou aos governantes. Sequiosa de poder, ela é adepta da política de resultados: oferece apoio e espera os dividendos. Gilberto Nascimento, *O reino: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*, 2019.

Neste capítulo, recuperarei a história da Igreja Universal desde sua fundação chegando à formação de um grande empreendimento que envolve uma série de negócios nos mais diferentes segmentos. Destacarei a inserção da IURD na mídia, campo imprescindível para a disseminação do programa *Godllywood Girls*, visto que veículos de comunicação e redes sociais institucionais são instrumentalizadas para a divulgação do programa.

Além disso, a IURD conta com uma estrutura técnica aprimorada para produção, gravação e disponibilização das videoaulas, possibilitando que os conteúdos transmitidos pelo programa *Godllywood Girls* cheguem a número muito maior de participantes, para além daquelas que frequentam os encontros de maneira presencial, sediados na *Godllywood School*, localizada no Templo de Salomão. Também explorarei as movimentações da igreja no cenário político nacional através da análise da atuação do Republicanos, partido da IURD, e das aproximações e distanciamentos da igreja com diferentes governos no período pós-redemocratização.

A IURD⁷ foi criada em 1977, sob a vigência da ditadura empresarial-militar⁸ (1964-1985), pelo, então, funcionário público Edir Macedo e seu cunhado Romildo Ribeiro Soares (mais conhecido como R. R Soares) na periferia do Rio de Janeiro. A tentativa inicial de estabelecê-la foi num coreto de uma praça, localizado no Jardim Méier, subúrbio carioca. Macedo que, ainda conciliava o trabalho na Loterj (Loteria do Estado do Rio de Janeiro) com a vida religiosa, pregava aos sábados para poucas pessoas, usando apenas um teclado, microfone e Bíblia.

Com a ajuda dos primeiros membros: “Albino da Silva encontrou o imóvel. Dona Lindalva doou o ventilador” (UNIVERSAL, 2025) é erguida a primeira igreja, onde funcionava uma antiga funerária, no bairro da Abolição, também no Rio de Janeiro. O culto de estreia foi realizado em 9 de julho de 1977:

⁷ Antes de ser denominada Igreja Universal do Reino de Deus, a comunidade recebeu outros nomes como “A Cruzada do Caminho eterno” e “A Casa da Benção”.

⁸ O termo ditadura empresarial-militar é utilizado em referência a jornalista Eliane Brum, que emprega esta nomenclatura para evidenciar que entre a sociedade civil foram, sobretudo, os grupos dominantes que cooperaram para a instauração e manutenção do golpe de 1964.

O templo começou a funcionar logo, mesmo com as eternas divergências de seus líderes – R.R. e Edir. O primeiro culto aconteceu no dia 9 de julho de 1977, uma manhã de sábado calorenta e agitada na avenida Suburbana. Edir vestiu seu melhor terno. Os bancos de madeira comprados em longas prestações foram espalhados pelo salão para receber os fiéis, arrebanhados em ruas e praças vizinhas, com panfletos e convites para a inauguração (NASCIMENTO, 2019, p.35).

A instituição, inicialmente, teve como líder R. R. Soares enquanto Edir Macedo desempenhava a função de tesoureiro. Contudo, os dois personagens, apesar das relações familiares (R.R. Soares é casado com a irmã de Edir Macedo, Maria Bezerra) apresentavam muitas discordâncias sobre a organização da igreja.

Um dos principais desacordos dizia respeito ao projeto de expansão, já que enquanto Macedo almejava levar rapidamente a igreja para outros países, R.R. Soares desejava consolidá-la no Brasil primeiramente. Devido às divergências, Soares rompeu com Macedo no início de 1980 e fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus (NASCIMENTO, 2019; TEIXEIRA, 2018).

Recorrendo às contribuições de Freston (1993) identifico que a IURD surge sob a terceira onda do pentecostalismo no Brasil mais conhecida como neopentecostalismo⁹, corrente que, segundo projeções identificadas por Mariano (2004), é a que mais cresce no país. Oro (2003) aponta que as igrejas da terceira onda ou neopentecostais têm como principais características: o batismo no Espírito Santo, promoção de rituais de cura, projetos de transnacionalização, aproximação com a política, uso intensivo dos meios de comunicação de massa e a defesa da Teologia da Prosperidade.

Atualmente, a IURD é considerada a principal representante da Teologia da Prosperidade não apenas no Brasil, mas também em contexto latino-americano e europeu (SANTOS e VILAÇA, 2022). Evocando o Antigo Testamento, tal corrente surgiu nos Estados Unidos na década de 1940 e se popularizou no Brasil a partir de 1970. Ancorada no *American way of life*, a Teologia da Prosperidade defende que só não é próspero financeiramente, feliz e saudável quem carece de fé e não vive de acordo com os preceitos da Bíblia (MARIANO, 2004).

⁹ O pentecostalismo surgiu nos Estados Unidos em 1906. A fim de compreender o segmento religioso que mais cresce no Brasil e que não é um grupo homogêneo, Freston (1993) classificou o movimento em três ondas, a saber: “a primeira onda” também denominada de pentecostalismo clássico abrange o período de 1910 a 1950, a “segunda onda” conhecida como “pentecostalismo neoclássico” iniciou em 1950 e a “terceira onda”, também chamada de neopentecostalismo surgiu no final da década de 1970. Cabe destacar que os movimentos não são estanques, convivem e se influenciam.

A Teologia da Prosperidade é uma sistematização de crenças próprias das camadas médias da população, originária nos Estados Unidos, na esteira da grande depressão dos anos 1930, embora as suas raízes estejam nos movimentos e práticas terapêuticas surgidas no final do século 19, naquele país e na Europa. Essa teologia ensina ser a pobreza demoníaca e que Deus, por ser um pai amoroso e rico, quer ver seus filhos sadios, prósperos e ricos. Quem vive fora dessa dimensão está fora do propósito divino e necessita descobri-lo urgentemente (CAMPOS, 1999, p.365).

Neste período, ainda sob o governo militar de Ernesto Geisel e a despeito das promessas desenvolvimentistas espalhadas pelo “milagre econômico”, o país já dava sinais da recessão econômica que se aprofundaria nos anos seguintes, vindo a ser classificados como a “década perdida”. Com a alta inflação corroendo o poder de compra dos brasileiros, grande concentração de renda e desigualdade social, igrejas que prometiam sucesso financeiro e bem-estar não demoraram a chamar a atenção (PEREIRA, 2019; LIMA, 2008).

Nos anos de expansão da Universal, no início da década de 1980, a situação econômica do país obrigava as pessoas a buscarem algum tipo de resposta à crise, a fim de garantir a sobrevivência [...] a economia ia muito mal. Quanto mais os indicadores pioravam, mais a população recorria à ajuda divina. Nas grandes e médias e cidades, a Universal se deparava com uma classe média baixa às voltas com o desemprego e o subemprego. Milhares de brasileiros iam em busca da cura, do exorcismo e da prosperidade, fosse nos templos da Universal, fosse em outras igrejas neopentecostais (NASCIMENTO, 2019, p.63).

Concordo com a advertência de Santos e Vilaça (2022) sobre o risco de tomar princípios doutrinários como um corpo homogêneo de modo que o mais adequado seria pensar na existência de “Teologias da Prosperidade”, defendidas por igrejas específicas, responsáveis por estabelecer interpretações diversas sobre o que seria uma vida em abundância bem como acerca das causas que levariam à miséria e infelicidade.

Contudo, ao longo das últimas cinco décadas, é possível identificar alguns fundamentos que têm orientado a implementação da Teologia da Prosperidade no país. Santos e Vilaça (2022) argumentam que as igrejas que seguem a Teologia da Prosperidade se guiam por um “Evangelho do Sucesso”, isto é, associam a fé ao enriquecimento¹⁰.

Almeida (2020) explica que, diferentemente dos grupos protestantes

¹⁰ No âmbito das Ciências Sociais, as pesquisas que se propõem a analisar das relações entre religião e economia tem um lastro de pelo menos cinco séculos. Um dos pensadores clássicos, Max Weber, no livro seminal “A ética protestante e o espírito do capitalismo” investiga as influências das religiões protestantes no desenvolvimento da cultura capitalista moderna.

históricos, as igrejas neopentecostais quebraram o tabu entre religião e dinheiro ao estabelecerem que é direito de todo cristão ser bem-sucedido. As igrejas que adotam a Teologia da Prosperidade incentivam a acumulação e a riqueza para que sejam desfrutadas na terra. Mas para alçar esta prosperidade material, é necessário um investimento prévio, através do pagamento de dízimos, entre outras ofertas materiais.

O estímulo à acumulação de riqueza, a defesa da meritocracia, do individualismo e empreendedorismo, a incorporação de um modelo de gestão empresarial, inclusive, para o casamento – fundamentos que como demonstrarei nos próximos capítulos são intensamente explorados pela IURD - permitem classificá-la como uma igreja que não apenas se beneficia do sistema neoliberal como o sustenta (LIBÂNIO, 2002).

Acrescento que a IURD também contribui para renovar as práticas e valores neoliberais através do desenvolvimento de tecnologias de gênero (LAURETIS, 1994) responsáveis por propagar ideais universalizantes de feminilidade, masculinidade e família, que incidem sob os corpos e imaginários, principalmente, de meninas e mulheres, visando colonizá-los, a exemplo do *Godllywood Girls*, tema de estudo desta tese.

Segundo Brown (2019) o termo “neoliberalismo” foi cunhado durante o Colóquio Walter Lippmann, realizado em Paris no ano de 1938, mas é na década seguinte que o conceito alcança maior notoriedade. Desde a década de 1970, a maioria dos países capitalistas tem adotado políticas neoliberais. A primeira experiência ocorreu no Chile, tendo surgido a partir de um programa criado pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria visando a neutralizar “tendências esquerdistas” na América Latina (SANTOS; SOUZA, 2023).

Mais do que um modelo econômico e político, a “razão neoliberal” ou “subjetividade neoliberal” refere-se à incorporação de uma lógica empresarial que guiará os comportamentos dos indivíduos em todas as esferas da vida (DARDOT; LAVAL, 2016; BROWN, 2019). Por isso, a razão neoliberal se consolida cotidianamente na medida em que diferentes agentes e instituições exaltam seus princípios como o esvaziamento do papel do estado ante a responsabilização individual, a valorização da propriedade privada e a maximização de riquezas, concentradas nas mãos de poucos.

Contudo, apesar da referência ao dinheiro ser constante no discurso da Universal,

considero que é preciso ter cautela ao concebê-la como uma agência que apenas explora financeiramente, sobretudo, camadas mais empobrecidas da população. Isto porque, este olhar simplista tende a estigmatizar os seguidores da igreja, considerando-os ingênuos, facilmente manipuláveis, retirando quaisquer formas de agenciamento¹¹.

O pentecostalismo também foi visto sob o prisma dos ajustes e desajustes de uma sociedade em processo de rápidas transformações sociais. Dentro dessa situação, tida como pré-revolucionária, o pentecostalismo seria o exemplo mais claro do controle das massas pobres pelas oligarquias capitalistas. Em última análise, o pentecostalismo era uma forma de religiosidade alienante, empregada ideologicamente para legitimar a dominação dos pobres e deserdados pelos ricos opressores. Porém, os pentecostais, à semelhança do proletariado, preferiram a sociedade de consumo e as tentações do mercado, optando pela religiosidade mágica, utilitária e sincretista, até como arma de ascensão social, dentro de um crescente quadro de estagnação econômica e de exclusão social (CAMPOS, 1999, p.360).

Esta visão também reforça o estereótipo de que as pessoas que procuram a IURD estariam interessadas somente na rápida ascensão financeira, o que se daria através do estabelecimento de “pactos com forças malignas”, noção que como alertado por Oro (2003) é “uma fantasia exacerbada”.

Porém, é indiscutível que grande parte das produções acadêmicas, no âmbito da Sociologia das Religiões, destaca a “mercantilização da fé” exercida pela Igreja Universal, a exemplo das pesquisas de Pierucci (1998); Mariano (1999), Oro (2003) e Freston (1993).

Outra singularidade da IURD é a sua rápida expansão em pouco tempo, o que ainda não foi percebido por nenhuma denominação religiosa até o momento, permitindo classificá-la como o maior fenômeno religioso da América Latina nas três últimas décadas (ORO, 2003; CAMPOS, 1999).

Os números são, de fato, impressionantes: em 1985, apenas oito anos após a sua fundação, a igreja contava com 195 templos distribuídos por 14 estados e no Distrito Federal. Em 1987, o número de templos subiu para 356 em 18 estados. Já em 1989, a quantidade saltou para 571. O crescimento da IURD de 1980 a 1989, em número de templos, atingiu 2.600% (MARIANO, 2004).

Na década de 1990, a Universal passou a cobrir todos os estados do território brasileiro. Neste período, a taxa de crescimento anual da igreja foi de 25,7%, o que ocasionou um salto no número de seguidores que passou de 269 mil para mais de 2 milhões no início dos anos 2000. Além do público cativo, a Universal conta uma

¹¹ Em pesquisa conduzida com fiéis da Universal, Lima (2008) identificou palavras como “escolha” e “decisão” para caracterizar a busca pela autonomia financeira. A melhora econômica é reconhecida como o resultado da “entrada na fé” e na atitude tomada depois de seguir os ensinamentos da igreja (LIMA, 2008).

“clientela flutuante” que busca os diversos serviços espirituais oferecidos pela igreja (CAMPOS, 1999).

Macedo, no entanto, contesta os dados. De acordo com a contabilidade do bispo, a IURD possui uma legião de adeptos bem mais expressiva. Macedo conclama 7 milhões de fiéis em território brasileiro e mais 2 milhões no exterior (NASCIMENTO, 2019). Atualmente, a instituição está presente em mais de 150 países, nos cinco continentes, possui cerca de 320 bispos, 10 mil templos e 14 mil pastores.

O Pará é o estado com o maior índice de frequentadores assíduos por templo, chegando a 658. Já São Paulo possui a maior quantidade de templos, são 950 em todo estado. De Norte a Sul do país – e no exterior – uma das estratégias de expansão e visibilidade da IURD é construir seus templos em cidades de médio e grande porte, em regiões movimentadas, de grande circulação de pessoas (TEIXEIRA, 2018).

“A ascensão foi rápida. Macedo se dava ao luxo de investir no crescimento no exterior enquanto pastores bem treinados, com um discurso direto e de fácil assimilação, faziam a igreja avançar, principalmente, junto às camadas mais pobres” (NASCIMENTO, 2019, p.61).

O desenvolvimento de projetos assistenciais também é uma das características que tem contribuído para a expansão da IURD. Tais iniciativas são organizadas por uma divisão geracional, de gênero e étnico-racial¹². As frentes são diversas como cursos de alfabetização para adultos, aulas de música para crianças e adolescentes e de qualificação profissional para mulheres.

Um dos projetos assistenciais de maior repercussão promovido pela igreja é o Nova Canaã, voltado a famílias em situação de vulnerabilidade social, no sertão da Bahia. Criada em 1999, a iniciativa oferta aulas de futebol, jiu-jitsu, capoeira, natação, balé, karatê e judô. Também promove atividades culturais como teatro, dança, culinária e artesanato, além de cursos profissionalizantes como informática e secretariado, e serviços de saúde como acompanhamento odontológico.

O segundo projeto de maior projeção é a FJU (Força Jovem Universal). Fundada em 1986, no Rio de Janeiro, a medida tinha como objetivo inicial recuperar jovens usuários de droga e/ou infratores. Com o passar dos anos, a medida ampliou

¹² Em 2014, nos estados da Bahia e Rio de Janeiro foi criado o Dia Universal do Orgulho Negro (TEIXEIRA, 2018).

o seu escopo, passando a oferecer aulas de artes, cursos preparatórios para ingresso no ensino superior e academias visando o incentivo aos esportes (TEIXEIRA, 2018).

No Brasil, a sede nacional da IURD está localizada em São Paulo, no bairro do Brás, área central da capital paulista e conhecida por sua intensa atividade comercial. O Templo de Salomão como é denominado foi inaugurado em 31 de junho de 2014, em uma cerimônia com muita pompa, que contou com a presença de diversas autoridades como a, então, presidenta Dilma Rousseff, além de personalidades midiáticas, levando o evento a estampar as colunas sociais dos principais jornais do país.

A cerimônia de inauguração do templo ocorreu no dia 31 de julho de 2014, o evento mudou a rotina do bairro do Brás. Os arredores contaram com reforço policial ostensivo, porque algumas autoridades do Governos Federal, Estadual e Municipal estariam presentes. Duas horas antes de a cerimônia começar, um tapete vermelho de aproximadamente quinhentos metros foi estendido sobre a Avenida Celso Garcia, que ficou parcialmente interditada. O acesso à nave principal e ao jardim do Templo eram permitidos apenas para pessoas convidadas, os demais participantes assistiram tudo por um telão que foi montado na praça quase em frente ao Templo, bem à frente da Igreja Católica mais antiga da região (TEIXEIRA, 2018, p.66).

A obra demorou quatro anos para ser concluída e custou R\$ 680 milhões. O projeto arquitetônico foi executado pela Engeiurd, uma empresa de engenharia mantida pela própria igreja, responsável pela construção de templos e outros espaços criados para abrigar projetos criados pela IURD (TEIXEIRA, 2018).

Segundo Macedo, todo recurso foi levantado via doações de fiéis, sem uso de verba pública ou ajuda de grandes empresas (NASCIMENTO, 2019). A campanha de financiamento coletivo iniciou em 2010 e para engajar as doações foram lançados diversos desafios, como o Mutirão de Fé, e consequentes formas de “reconhecer” os contribuintes. Quanto maior a doação, maior o prestígio que o membro adquiria perante a comunidade religiosa.

As doações receberiam em troca uma réplica do Templo, como um “reconhecimento” memorial de sua contribuição. Pessoas que fizessem doações maiores teriam seus nomes talhados no verso da pedra fundamental, para tornar pública e histórica a participação. Também houve incentivo para a doação de joias e de ouro em espécie que seriam derretidos e usados no revestimento do Templo (TEIXEIRA, 2018, p.61).

O espaço tem 74 mil metros quadrados de área construída e altura equivalente a um prédio de 18 andares. Incorporando detalhes da fé judaica, referência constante no discurso iurdiano, todo o edifício ostenta ornamentos que

remetem ao Templo de Salomão, em Jerusalém.

É uma das maiores e mais impressionantes edificações religiosas do país e por que não, do mundo [...] uma espécie de Taj Mahal evangélico [...] Macedo criou um marco simbólico para tentar sobreviver ao tempo e competir com ícones do catolicismo como o Cristo Redentor no Rio de Janeiro e o santuário de Nossa Senhora, em Aparecida, o segundo maior templo católico do mundo – capaz de abrigar 35 mil pessoas, 15 mil sentadas (NASCIMENTO, 2019, p.180).

Em entrevista, Edir Macedo afirmou que a inspiração para a construção da réplica surgiu “após uma viagem em peregrinação a Israel, na qual expressou o desejo que todas as pessoas pudessem pisar no chão e tocar nas pedras que testemunharam os eventos descritos na Bíblia” (UNIVERSAL, 2025).

Reuniões e palestras diárias são realizadas no mega templo, que conta com um forte sistema de segurança e uma “equipe de profissionais altamente treinados” (UNIVERSAL, 2025) incumbidos de revistar todos os visitantes, que também devem passar por detectores de metais, assemelhando ao ritual de checagem de um aeroporto (NASCIMENTO, 2019).

Seguindo a mesma lógica temática dos cultos, às quintas-feiras, sábados e domingos os encontros promovidos no Templo de Salomão contemplam as temáticas de gênero, sexualidade e família. O público é bem diversificado, agregando um número significativo e pessoas que não são membros assíduos da igreja (TEIXEIRA, 2018).

Às segundas-feiras acontece a reunião: “Prosperidade com Deus: direção para uma vida próspera baseada na palavra de Deus”; às terças-feiras: “Dia de cura: oração para a restauração da saúde física e emocional”; às quartas-feiras: “Escola da fé inteligente: reunião de fortalecimento espiritual”; às quintas-feiras: “Terapia do amor: palestra para solteiros, noivos e casados que buscam a felicidade”; às sextas-feiras: “Sessão do descarrego: oração forte para a remoção do estresse, depressão e carga negativa”; aos sábados: “Jejum das causas impossíveis: o impossível para o homem é possível para Deus”; domingos: “Encontro com Deus: reunião para os que desejam uma experiência real com o altíssimo”.

A IURD regula os espaços, tempos e movimentos, em ritmos e cadências programados racionalmente, dentro da concepção urbana de tempo. Os dias e horas são padronizadas, e arbitrariamente divididos em correntes e campanhas especiais. A unidade de tempo mínima de seu calendário é o dia e para cada um deles há uma corrente, que segmenta o público conforme suas necessidades e desejos. Essas correntes se repetem todas as semanas, enquanto as campanhas e semanas especiais são atividades

sazonais, realizadas conforme as exigências e circunstâncias locais (CAMPOS, 1999, p.361).

O Santuário também determina “regras de conduta” para os visitantes. Entre as diretrizes, não são permitidos aparelhos eletrônicos e nem atrasos, as portas são fechadas cinco minutos antes do início dos cultos, tampouco são toleradas roupas consideradas “indiscretas ou indecorosas” como minissaias e bermudas (UNIVERSAL, 2025).

O Templo de Salomão é aberto à visita do público em geral, que pode realizar passeio guiado pelo “Jardim Bíblico”. O tour acontece todos os dias, nos períodos matutino e vespertino, de hora em hora. Há acompanhamento de intérpretes em inglês, espanhol e Libras (Língua Brasileira de Sinais). Para realizar a visita, é necessário adquirir um ingresso cujo valor é de R\$ 25 por pessoa.

Como se estivesse numa espécie de Hollywood da fé, o visitante faz uma viagem guiada por um pastor caracterizado como um sacerdote dos tempos de Moisés de Abraão. Antes de começar, o visitante é encaminhado a um centro de atendimento onde é identificado, recebe uma pulseira e paga a taxa de visita. Ali há avisos informando quais trajes não são adequados ao templo. Homens devem evitar camiseta regata, shorts ou bermudas; camisas de times de futebol ou de partidos políticos, e chinelos. Para as moças, não caem bem blusas decotadas, minissaias ou shorts; roupas curtas que deixem as ‘partes’ a mostra e blusas ou vestidos sem alça. Tudo para manter a ordem e o decoro no solo sagrado de Macedo (NASCIMENTO, 2019, p.241).

Na cobertura do edifício há a residência oficial, onde residem Ester Bezerra e Edir Macedo. O prédio conta com mais 50 casas à disposição de bispos e pastores em trânsito, além de convidados da igreja. O líder da Universal comanda algumas das principais reuniões durante a semana (NASCIMENTO, 2019).

Além disso, uma série de serviços são oferecidos pelo espaço como uma Escola Bíblica Infantil, que comporta até 1.300 crianças. A intenção é que os pequenos (até 8 anos) sejam acompanhados por “educadoras treinadas”, que passarão “apenas conteúdos adequados para a idade” enquanto os “pais se concentram na reunião” (UNIVERSAL, 2025).



Figura 1. A primeira igreja foi erguida onde funcionava uma antiga funerária, no bairro da Abolição, também no Rio de Janeiro. O primeiro culto foi realizado naquele local, em 9 de julho de 1977. O antigo galpão acolheu cerca de 225 pessoas na reunião inaugural – Foto: Universal/Reprodução



Figura 2. Inaugurado em 2014, o Templo de Salomão, em São Paulo, tem a altura equivalente a um prédio de 18 andares. Possui Escola Bíblica Infantil, estúdios de televisão e rádio, um auditório para 500 pessoas, abriga a sede da Godllywood School, entre outros espaços – Foto: Universal/Reprodução

Ainda, no 11º andar do Templo de Salomão está localizada a *Godllywood School*, sede do programa *Godllywood Girls*. O ambiente possui 200 metros quadrados e contempla todos os cômodos de uma casa de alto padrão: sala, quartos, banheiros, cozinha, escritório, jardim de inverno, biblioteca. Todos eles possuem móveis e eletrodomésticos que são utilizados para “ensinar as meninas como uma mulher deve habitar uma casa” (UNIVERSAL, 2019).

No espaço, as garotas recebem desde instruções de como organizar a dispensa, pregar botões, se portar à mesa, a comportamentos que devem ser evitados nas redes sociais, também cuidados que devem ter na hora de escolher como se vestirem, no uso de maquiagem, entre outras normas que visam discipliná-las para que se tornem “mulheres de Deus”, conforme aprofundarei no próximo capítulo.

2. 1. O IMPÉRIO MIDIÁTICO DA FÉ

A despeito de seu fundador, Edir Macedo, raramente conceder entrevistas, frequentemente a Universal tem estampado manchetes de diferentes veículos de comunicação do país. O despertar de interesse tem seus motivos: crescimento acelerado de público e templos, muito deles ostentando construções vultuosas, realização de megaeventos em estádios lotados, denúncias de intolerância religiosa como o conhecido episódio do “chute da Santa”.

Em 12 de outubro de 1995, dia da padroeira do Brasil, feriado católico, durante exibição do programa “Palavra de Vida”, na Rede Record, o bispo da IURD, Sérgio Von Helder desferiu chutes em uma estátua de Nossa Senhora de Aparecida alegando que se tratava de apenas um objeto, sem teor religioso e que seria usado apenas para arrecadar dinheiro dos fiéis em nítida crítica à Igreja Católica.

À época, o caso repercutiu em diversos veículos, chegando a ser pauta de uma reportagem veiculada pelo Jornal Nacional da Rede Globo. A Universal pediu desculpas pelo ataque, mas a agressão ainda persiste no imaginário social (TEIXEIRA, 2018; NASCIMENTO, 2019).

Outro caso de intolerância que permeia a história da IURD e recebeu grande visibilidade foi o lançamento do livro “Orixás, caboclos, guias: deuses ou demônios?”. De autoria de Edir Macedo, a obra publicada em 1996, tornou-se um best-seller no meio evangélico, com mais de 3 milhões de exemplares vendidos.

Em 2005, o Ministério Público Federal solicitou recolhimento de todos os exemplares alegando que o conteúdo do livro desrespeitava as religiões afro-brasileiras, uma vez que, trata o candomblé, a umbanda e quimbanda como “seitas demoníacas”, responsáveis pela “destruição do ser humano” e pelo “uso de entorpecentes”. Com o processo parado, em 2019, momento em que os ataques contra terreiros cresceram em todo o país, a IURD relançou a obra em um grande evento na Catedral da Fé em Vitória, Espírito Santo.

À vista disso, na maioria das vezes, as reportagens abordam o suposto envolvimento da denominação em crimes como estelionato, lavagem de dinheiro, sonegação de impostos, racismo, assédio contra membros da igreja e perseguição a jornalistas, entre outras queixas. Mas a desconfiança sobre os métodos aplicados pela IURD não fica restritos ao plano econômico.

Também paira em torno da igreja um certo misticismo, que ultrapassa as tradicionais sessões de exorcismo, sendo alimentado pela própria política institucional extremamente rígida quanto à publicização do que ocorre no interior dos templos. Conforme apontado anteriormente, a IURD tem fixado uma série de regras que dificultam o acesso a seus espaços e lideranças. A proibição do uso de celulares durante os cultos e a recusa em participar de pesquisas acadêmicas são algumas das táticas de autogerenciamento da Universal que acabam por reforçar este obscurantismo ao mesmo tempo em que instiga a curiosidade e reforça estereótipos.

Divergências em relação à proposta religiosa e aos métodos evangelistas da IURD não ocorreram apenas entre os sujeitos que trabalharam para a sua fundação, mas também em outras instâncias, o reconhecimento público da IURD enquanto igreja sempre se deu por agenciamentos e pela disputa do reconhecimento público de sua atuação como religião (TEIXEIRA, 2018, p.48).

Entre as produções mais emblemáticas, em 1990, a extinta Rede Manchete exibiu a série documental “Seitas Evangélicas: Igreja Universal”. Com quatro capítulos, o programa mostrou imagens de cultos, entrevistas com fiéis e pastores. Foi a primeira vez que uma emissora de televisão veiculou, em rede nacional, um programa sobre uma instituição religiosa classificada como evangélica. O programa foi importante para ampliar a ideia já compartilhada por outras igrejas evangélicas de que a Universal seria uma “seita”, o que também revela a resistência que a igreja sofreu por parte do próprio segmento protestante (TEIXEIRA, 2021).

Mais adiante, em 1995, a Rede Globo, levou ao ar matéria que mostrava bispos da IURD carregando e dividindo sacos de dinheiro. Em resposta, a igreja alegou que eram papéis com pedidos de oração, mas a imagem era forte e serviu de munição para os críticos (NASCIMENTO, 2019).

Aprofundando o papel da IURD enquanto uma “agência produtora de controvérsias” (GIUMBELLI, 2002), em 1992, Edir Macedo chegou a ser preso sob a alegação de defender a “cura milagrosa” de diversas doenças como câncer e AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Em mensagem transmitida diretamente da cadeia para os fiéis, via TV Record, o bispo classificou o encarceramento como um “batismo de fogo”. Macedo foi liberado 11 dias depois e inocentado.

O juiz considerou estarrecedoras as provas e alegações juntadas nos autos e determinou a prisão por entender que o líder da Universal propagava uma doutrina ‘contando com a colaboração de pessoas incautas e incultas, com o propósito notadamente mercantilista’, que se divorciava do projeto social da igreja [...] os defensores do bispo, em contrapartida, julgavam a prisão uma medida ‘violenta e inconstitucional, sem nenhuma justificativa’, sustentando que mesmo que ele viesse a ser condenado, por seu réu primário e ter bons antecedentes, teria direito a prisão domiciliar (NASCIMENTO, 2019, p.123).

Desde então, a IURD reiteradamente se apresenta como uma “minoría perseguida” Essa percepção de perseguição é um elemento central na construção da imagem pública da igreja e na forma como ela se relaciona com outros grupos religiosos, políticos e com o Estado. Essa narrativa tem sido utilizada para fortalecer sua identidade e justificar suas ações, tanto religiosas quanto políticas (CAMURÇA, 2020). Não obstante, para disputar a opinião pública e arrebatá-la mais seguidores, a Universal não tardou em também ocupar os meios de comunicação. Desde a sua fundação, a igreja tem recorrido ao proselitismo via mídia¹³.

[...] desde aquela época, o bispo dizia que iria espalhar sua igreja pelo mundo. Ele falava em ter rádio, televisão, um grupo de comunicação forte. Ele falava para meu pai: “Seu Albino, eu vou ter um canal de tevê”. Meu pai não acreditava e ria. E a igreja continuava crescendo, cada vez mais forte (TAVOLARO; LEMOS, 2007, p. 92)

Demonstrando que já sabia da importância da publicidade, em abril de 1978 – menos de um ano após a sua fundação - a IURD alugou seus primeiros 15 minutos na programação da rádio carioca Metropolitana. O dinheiro para compra do horário

¹³ Importante dizer que a relação entre meios de comunicação e igrejas evangélicas começou antes. Os primeiros registros datam da década de 1940, quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia funda o Sistema Adventista de Comunicação (SISAC), com transmissão de programas de rádio em âmbito nacional (TEIXEIRA, 2021).

na emissora foi viabilizado por Maria Veronese, uma das primeiras fiéis e contribuintes, que ao associar a cura de uma labirintite à frequência nos cultos, vendeu um terreno herdado e destinou todo recurso à igreja, 9 mil cruzeiros à época.

Macedo ressaltava a importância dos meios de comunicação para atingir para “atingir o Brasil e o mundo” e ampliar a pregação do Evangelho. Essa era a receita para difundir a fé, ganhar as almas e fazer a igreja crescer. Se Jesus estivesse vivo, professaria o evangelho pelo rádio e pela televisão, não precisaria peregrinar de cidade em cidade no deserto. Sua voz chegaria às outras localidades. Carecia de usar a fé com inteligência para engrossar o rebanho divino. “Quando tivermos nossos meios de comunicação, vamos ser respeitados”, ele assegurava. Batendo na mesa, prometia espalhar a Universal ao redor do mundo (NASCIMENTO, 2019, p.46).

A inserção diária era utilizada para divulgar a IURD, convidando mais pessoas a conhecer a denominação:

O alcance da pregação radiofônica mapeava a inauguração de novas sedes. A partir da mobilização feita por pastores num programa de rádio, montava-se um núcleo, num clube, por exemplo, e os fiéis eram convocados para um grupo de oração (NASCIMENTO, 2019, p.51).

Além disso, a programação já exibía testemunhos de fiéis, intercalados com mensagens religiosas, sugerindo aos ouvintes que a causa de suas doenças, dificuldades financeiras, entre outros sofrimentos era falta de fé. Ao mesmo tempo, a igreja os encorajava a tomar uma posição frente aos infortúnios, prática amplamente explorada até hoje. “Uma das estratégias para cativar um neófito era a exibição contínua e repetitiva de depoimentos de fiéis cooptados, testemunhas do sucesso da fórmula” (NASCIMENTO, 2019, p.51).

O testemunho de si certamente é uma tecnologia mais praticada entre as denominações cristãs de tradição protestante. Trata-se de um relato de vida cujo recorte temporal escolhido pelo relator costuma ser sua experiência cristã de conversão (TEIXEIRA, 2021, p.738).

Destaco o fato, pois ele não apenas marca a entrada da IURD na mídia, mas também define a linha de pregação da igreja mantida ao longo dos anos, cuja ênfase são as batalhas espirituais. Para a igreja, seguindo uma característica de todo o movimento neopentecostal, a figura do diabo é responsável pelos males que acontecem na Terra, ou seja, o que se passa no plano material é reflexo do que ocorre no mundo celestial.

“Se acredita ser o mundo secular produto direto da disputa travada entre as forças divinas e demoníacas no plano espiritual, sendo os humanos, conscientes ou não, figuras importantes neste tenso cenário de disputas” (HANASHIRO, 2013, p.31).

Este discurso beligerante é instigado o tempo todo entre os fiéis, a saber: Deus contra demônios, o bem contra o mal, nós contra eles (GOMES, 1994; ORO, 2003; MARIANO, 2004).

Assim, para a Universal entidades, objetos e crenças de outras religiões também são convertidas em elementos malignos, a exemplo dos santos venerados pelo catolicismo e os orixás, cultuados pelas religiões de matriz africana, por isso, a necessidade de combatê-los (HANASHIRO, 2013).

Não à toa, o programa inaugural era veiculado no final da noite, após o horário de uma líder espiritual do candomblé, a mãe de santo Ivete Brum. Já nas primeiras aparições, Macedo orientava seus discursos atacando as religiões de matriz africana e alimentando uma espécie de rivalidade, estratégia primordial para que a igreja alcançasse maior projeção. Nas palavras dele:

Ivete Brum era uma conhecida babalorixá, chefe espiritual do candomblé, apresentadora de uma atração voltada para praticantes dessa linha do espiritismo. Eu compreendia a chance de ouro. Herdando a audiência do programa anterior, muitos ouvintes, decepcionados com a crença nos espíritos, certamente passariam a saber da existência do trabalho de libertação espiritual da Igreja Universal [...] ela [Ivete Brum] conquistava inúmeros adeptos com a distribuição de uma “moeda da felicidade” e, ao saber disso, rapidamente convoquei à igreja os ouvintes frustrados com o resultado da mandinga. Os cultos entupiram (MACEDO, 2013, p. 26).

Há que se destacar que o discurso iurdiano contra as religiões de matriz africana encontrou cenário propício para se alastrar na sociedade brasileira, de raiz colonial, escravocrata, estruturada sob o “pacto da branquitude”, mecanismo que tem contribuído para a perpetuação do racismo¹⁴.

É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter os seus privilégios e excluir os negros. Mas é como se assim fosse: as formas de exclusão e de manutenção de privilégios nos mais diferentes tipos de instituições são similares e sistematicamente negadas ou silenciadas. Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele (BENTO, 2022, p.18).

Seguindo as tendências do comportamento dos brasileiros face aos meios de comunicação, inicialmente, a IURD priorizava a evangelização através de rádios e TVs (MARIANO, 2004). Assim, apenas seis meses após a sua estreia no rádio, a Universal alugou um horário na extinta TV Tupi para apresentar “O despertar da fé”,

¹⁴ Florestan Fernandes também criticou o "mito da democracia racial" no Brasil, argumentando que ele mascara a persistente desigualdade social e racial após a abolição da escravatura.

programa diário de 30 minutos.

Macedo era responsável pelo quadro de entrevistas “Painel da Verdade”, inspirado em produções norte americanas. O programa permitiu explorar o carisma e a eloquência do bispo, já praticada nas ruas. “Durante a semana Edir subia favelas, distribuía folhetos, convidava as pessoas para sua reunião semanal, atraía seguidores, realizava batismos, onde houvesse fiéis em potencial lá ele estaria” (PEREIRA, 2019, p.212). A emissora possuía grande inserção no interior de São Paulo, reduto eminentemente católico, onde a IURD buscava adentrar.

O acesso à TV garantiu maior visibilidade à igreja, granjeando mais fiéis aos cultos. Como tesoureiro, Macedo estimara a grandeza do investimento e de arriscar. A televisão, afinal, havia se popularizado no país na década de 1970, milhões de brasileiros passavam a ter aparelhos de TV em suas casas (NASCIMENTO, 2019, p.48).

A aparição da igreja na mídia cresceu em ritmo vertiginoso. Logo, o arrendamento de horários em outras emissoras não era mais suficiente, demandando a compra do seu próprio veículo de comunicação. A primeira emissora adquirida pela IURD foi a rádio Copacabana, em 1984. Já bastante popular no Rio de Janeiro, a partir da compra, a rádio tornou-se a primeira com programação inteiramente evangélica no estado.

Em seu segundo livro de memórias, Macedo (2013) compartilhou que precisou vender a própria casa para viabilizar a compra da rádio, classificando como o primeiro entre tantos “sacrifícios” que teria de fazer em nome da obra de Deus.

Após morar em apartamentos minúsculos e sem lazer, pude, enfim, dar à minha esposa, Ester, e às minhas filhas um pouco de conforto. Mas foi por tempo limitado. Para conseguir pagar o valor, vendi essa casa que havia recentemente construído em Petrópolis (MACEDO, 2013, p.121).

Apesar da afirmação do bispo, na obra “Nos bastidores do reino - a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus”, o ex-pastor Mário Justino¹⁵, apresenta outra versão para a origem do fundo. Segundo ele, para a compra da rádio, a Universal organizou um evento no estádio Maracanã, conduzido por Edir Macedo, onde os fiéis doaram diversos bens para que a quantia necessária fosse arrecadada.

Em 1989, um voo ainda mais alto: Macedo compra a TV Record por R\$ 45

¹⁵ Em 1991, Mário Justino foi expulso da IURD após confessar ter soropositivo. O ex-pastor pediu asilo político ao governo norte-americano, alegando correr risco de vida, caso permanecesse no Brasil, devido a perseguição da cúpula da Igreja. O refúgio foi concedido em 1998.

milhões de dólares. A negociação é permeada por diversas suspeitas de irregularidades. Considerando que é vedada a compra de redes de televisão e rádio comerciais por igrejas, segundo o Código Brasileiro de Telecomunicações, quem adquiriu oficialmente a Record foi o pastor e ex-deputado federal, Laprovita Vieira.

Relatos sinalizam que Laprovita teria sido usado por Macedo para fechar o negócio e ocultar das famílias Machado de Carvalho e Silvio Santos, então proprietárias da TV Record, que a Universal era quem realmente estava por trás da compra (NASCIMENTO, 2019).

Quase uma década depois, em 1998, a Procuradoria da República em São Paulo solicitou o cancelamento da venda da Rede Record, já que os depoimentos dos próprios líderes da IURD à Polícia Federal, apontaram que a igreja era a proprietária da emissora, mas o processo acabou arquivado.

Entre 1990 e 2007, foram instaurados 21 ações e inquéritos. Os processos que mais causaram dor de cabeça se referiam à compra da Record e às denúncias de lavagem de dinheiro, evasão de divisas, formação de quadrilha, estelionato e falsidade ideológica. A maioria prescreveu ou foi arquivado por falta de provas. Macedo não foi condenado em nenhum processo. A igreja possui uma eficiente estrutura jurídica, com advogados renomados para se contrapor às acusações (NASCIMENTO, 2019, p.175).

Hoje, a emissora apresenta a segunda maior audiência do mercado televisivo brasileiro, segundo informações do IBOPE. O grupo Record é o quarto conglomerado de mídia no país, atrás apenas dos grupos Globo, Folha e Abril. Os seus principais veículos de comunicação são: Record TV (com 29 emissoras próprias e 79 afiliadas), Record News, Portal R7 e jornal Correio do Povo, de acordo com levantamento do Interozes Coletivo Brasil de Comunicação Social realizado em 2022.

Ao adquirir a Rede Record por 45 milhões de dólares em 1989, Edir Macedo passou a replicar os feitos dos televangelistas estadunidenses, reproduzindo em cadeia nacional os impactos positivos de Deus na saúde e na prosperidade dos fiéis (ALMEIDA, 2017).

Como toda empresa antenada às mudanças no perfil de consumo de seu público, o crescente uso de redes sociais pelos brasileiros não tem passado despercebido pela Universal. Nas últimas duas décadas, a igreja tem adentrado cada vez mais as plataformas virtuais a fim de inovar suas estratégias de evangelização.

No Facebook, a IURD concentra mais de 3 milhões de seguidores. Já no

Instagram, a igreja apresenta pouco mais de 1 milhão de seguidores. O canal da Universal, no WhatsApp, possui quase 800 mil seguidores. Porém, é importante destacar que estes são perfis gerais, sendo que os principais dos programas desenvolvidos pela Universal possuem página própria nas redes sociais.

Além disso, a igreja tem investido no desenvolvimento de blogs, colunas, lives, podcasts e videocasts (programas que combinam áudio e vídeo). Atualmente, os principais representantes da família Macedo possuem blogs em formato multimídia, ou seja, com texto, áudio e vídeo. Além do casal, Edir Macedo e Ester Bezerra, as suas duas filhas Cristiane Cardoso e Viviane de Freitas e seus respectivos maridos Renato Cardoso e Júlio de Freitas assinam colunas diárias.

A Igreja Universal possui uma refinada perspectiva de marketing, pois procura conhecer o seu público, padronizar os produtos, transformar as pessoas em participantes do processo de produção, segmentar a audiência, oferecendo-lhes exatamente o que se pensa precisar e desejar naquele momento. Isto é, ela não se contenta em oferecer um produto genérico que é o principal benefício esperado pelo consumidor. Muito pelo contrário, ela oferece um produto ampliado, o qual é desdobrado em outros produtos como cura, prosperidade, comunidade de apoio e outros mais (CAMPOS, 1999, p.362).

A IURD também oferta três videocasts com publicações diárias, são eles: “Palavra Amiga do Bispo Macedo”, “Inteligência para a sua vida” e “Escola do Amor – Responde”. Em um cenário marcado pela “convergência midiática” (CASTELLS, 2006), no qual formas tradicionais de comunicação (publicações impressas, rádio, TV) disputam espaço com novas mídias, a Universal tem explorado todas as ferramentas citadas, o que possibilita que sua mensagem chegue a um número cada vez maior de pessoas.

O proselitismo em rádio e TV constitui o mais poderoso meio empregado pela Universal para atrair rapidamente grande número de indivíduos das mais diversas localidades geográficas à igreja. Por sua capacidade ímpar de introduzir a igreja, sua mensagem e seu apelo religioso nos lares, o evangelismo eletrônico apresenta a vantagem de poder alcançar aqueles que não possuem contato ou relação de confiança, amizade e parentesco com fiéis da denominação (MARIANO, 2004, p. 130).

Atualmente, o sistema de mídia confessional comandado pela Universal é extremamente diversificado: abrange aproximadamente 64 rádios tanto AM como FM reunidas na “Rede Aleluia”, também a IURD TV, canal aberto e digital com programação 24 horas. Ainda, a igreja produz a Folha Universal, jornal de maior circulação nacional, com tiragem semanal de quase 2 milhões de exemplares e

distribuição gratuita. O tabloide também possui versão online.

Seguindo o formato dos periódicos comerciais, a Folha Universal aborda uma diversidade de assuntos, desde notícias sobre economia, política, cultura a informações sobre a igreja, como relatos de milagres, curas, prosperidade financeira compartilhados pelos fiéis. Também há espaço para os aconselhamentos de líderes e anúncios (LAZARRI JÚNIOR, 2012).

Porém, é imprescindível pontuar que se no design a Folha Universal emprega o mesmo molde dos principais jornais do país, no conteúdo, há diversos elementos que expõem o desacordo com a redação e ética jornalística, sendo um eles a apresentação de textos nitidamente opinativos sob o enquadramento de “notícia”¹⁶.

Em 2016, a Universal lançou a plataforma de *streaming* Univer Vídeo, a “Netflix de Deus”, onde é disponibilizado um catálogo variado composto por desenhos, filmes, séries, documentários. O canal por assinatura – a partir de R\$ 27,90 por mês - também transmite ao vivo eventos realizados diretamente do Templo de Salomão como as reuniões do programa *Godllywood Autoajuda*. Em todo o mundo, são quase 150 milhões de assinantes (NASCIMENTO, 2019).

Sob o lema “para assistir sem medo”, a propaganda da primeira plataforma de *streaming* voltada ao segmento cristão no Brasil, informa que todos os conteúdos passam por uma “rígida curadoria” para que possam ser vistos por “toda a família com tranquilidade” (UNIVER VÍDEO, 2025).

A IURD também disponibiliza o serviço de “Pastor online”, trata-se de um atendimento voluntário destinado ao apoio emocional e espiritual. Através desta espécie de “pronto-socorro espiritual” (NASCIMENTO, 2019), a Universal promete assistência a problemas financeiros, de relacionamentos e saúde. Muito próximo ao modelo utilizado por serviços de atendimento ao cliente associados a grandes marcas, para a consulta com o pastor basta clicar em “iniciar conversa” e, em seguida, preencher um cadastro que solicita apenas nome, e-mail e a indicação se já é membro da igreja ou não.

Ainda, compondo as estratégias de marketing, a IURD oferta gratuitamente o “APP Universal” para smartphones, compatíveis com sistemas Android e Iphone. No aplicativo, o usuário encontra notícias da igreja, acesso as colunas, podcasts, entre outros recursos. Todas estas tecnologias são interligadas. Assim, basta um clique

¹⁶ Traquina (2012) observa que as notícias se configuram sobretudo como produto jornalístico baseado em fatos em vez de opiniões.

para que o internauta (já membro da igreja ou não) tenha acesso a mensagem diária de Edir Macedo e na sequência agende uma consulta online conduzida pelo corpo de pastores.

Nos templos da IURD os consumidores religiosos escolhem aqueles produtos que mais se relacionam com suas necessidades e arquitetaram em sua própria cabeça o produto desejado, conforme as suas aspirações. Isto é, a Igreja universal oferece um kit contendo os ingredientes de um produto retrabalhado no imaginário do consumidor (CAMPOS, 1999, p.363).

No site e aplicativo, também constam os endereços de todos os templos distribuídos pelo país. Assim, encontrar a “Universal mais perto de você” é muito fácil. Ainda, são disponibilizadas ferramentas para o recolhimento de doações à distância, através de cartão de crédito, transferência bancária, boleto e PIX.

Este último é a modalidade mais “recomendada” e conta com um tutorial elaborado pela igreja para auxiliar os fiéis que desconhecem como utilizar o sistema de pagamento instantâneo. Os comprovantes devem ser enviados por WhatsApp ou levados diretamente à igreja a fim de que o fiel demonstre sua “honra e consideração a Deus” (UNIVERSAL, 2025).

O preço a ser pago para a satisfação dos desejos na IURD é monetizado. Daí a importância em sua pregação de temas como sacrifício do dinheiro, ofertas de amor, pois dar o dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida (CAMPOS, 1999, p.363).

Por fim, a IURD também mantém o Portal Arca Center, que é uma loja online, com diversos produtos como livros, roupas, acessórios, DVDs, ampliando, assim, a oferta de serviços religiosos e bens simbólicos¹⁷. Além da atuação via e-commerce, a Arca Center possui três lojas físicas, em São Paulo, Brasília e no Rio de Janeiro.

Observo que a igreja criou uma rede de comunicação integrada, visto que estes diferentes meios de comunicação, seus respectivos veículos, aplicativos se complementam e amplificam o alcance das informações, criando uma ampla campanha de publicidade da IURD e do grupo Record, muitas vezes borrando as fronteiras entre a mídia secular e a religiosa.

À vista disso, Mariano (1999) argumenta que a IURD tem movimentado um lucrativo “mercado de salvação”, no qual os fiéis são incentivados a comprar livros, CDs, DVDs, souvenirs, canais por assinaturas, cursos, curas, prosperidade e um

¹⁷ Há que se ponderar, contudo, que entre o catolicismo, o comércio de bens religiosos também se fez presente, vide a venda de indulgências, cartas que prometiam o perdão dos pecados, durante a Idade Média. A precificação de relíquias sagradas, como imagens, para financiar obras da Igreja Católica propiciou a corrupção entre o alto clero e incentivou a Reforma Protestante.

lugar no céu. Tudo oferecido através de persuasivas propagandas:

Na Universal se vende tudo. camisetas, CDs, DVDs, óleos e rosas místicas capazes de libertar da embriaguez e de muitos outros males, viagens para Israel e muito mais. Gerenciam-se igrejas com métodos modernos de administração. Criam-se empresas que orbitam em torno de atividades religiosas, como produtoras, gravadoras, agências de turismo, editoras, livrarias (MARIANO, 1999, p.15).

Ademais, compondo as estratégias de comunicação da igreja, ressalto que o emprego de uma linguagem direta e contundente também é uma realidade nos templos cujos bispos e pastores seguem o mesmo script independentemente da região em que a igreja esteja localizada. De maneira geral, é apresentada a pregação, seguida de testemunhos e a convocação para ofertas (LAZARRI JÚNIOR, 2012).

Além das mídias próprias, a IURD também aluga horários na programação de outras emissoras, tornando-se um dos maiores anunciantes do país. Para ilustrar, em 2018, a igreja dispunha de uma verba de R\$ 800 milhões para investir em mídia televisiva. Do montante, cerca de R\$ 500 milhões foram destinados à própria Record, que aluga a programação da madrugada para a igreja. O restante foi dividido entre Bandeirantes, Canal 21 (também do grupo Band), RedeTV, CNT e TV Gazeta de São Paulo.

Das cinco principais redes de TV do Brasil, ao menos duas – Band e RedeTV – não teriam condições de sobreviver sem o dinheiro da Universal e outras igreja evangélicas. “Se eu não vender horário para igreja, quebro”, admitiu Marcelo de Carvalho, sócio e vice-presidente da RedeTV (NASCIMENTO, 2019, p.252).

Assim torna-se perceptível que, embora a Rede Record seja a face mais visível do poder midiático da IURD, é apenas uma pequena parte dele (MENDONÇA, 2008). Edir Macedo é responsável por liderar um império religioso-midiático e mais uma gama de empreendimentos em diferentes áreas como editoras, gráficas, gravadoras, agência de viagem, planos de saúde, ações do Banco Digimais (antigo Banco Renner) focado na oferta de crédito consignado e financiamento de veículos. O bispo, que controla “com mãos de ferro” todas as decisões administrativas e teológicas da IURD, possui patrimônio estimado em mais de 2 bilhões de reais (NASCIMENTO, 2019).

A Universal leva imensa vantagem sobre as demais, já que, com exceção da Deus é Amor, nenhuma outra grande denominação evangélica dispõe de poder eclesiástico e administrativo tão centralizado, absoluto e despótico. Vantagem em razão do fato de que a centralização administrativa dos recursos e esforços de toda a denominação faculta à liderança eclesiástica

a realização estratégica de grandes investimentos na aquisição e construção de imóveis, na compra de emissoras de rádio e TV, na criação de editoras, jornais, revistas, no sustento de grande número de pastores e missionários, na abertura de templos, no estabelecimento de novas frentes de evangelização (MARIANO, 1999, p. 06).

De acordo com Pereira (2019) o modelo de administração centralizador adotado pela Universal permite classificá-la como uma “igreja-empresa”, porém, com regalias importantes frente a outros segmentos, como a baixa regulação estatal e a isenção de impostos. Outra estratégia corporativa utilizada pela IURD é o treinamento de suas lideranças, obreiros e pastores, buscando que eles também divulguem o trabalho desenvolvido pela igreja. É como se a IURD evangelizasse seus membros, tornando-os “promotores de vendas” da denominação (PEREIRA, 2019).

A organização da IURD segue o modelo empresarial, sendo Edir Macedo uma espécie de CEO. A partir dele é estabelecida uma cadeia de funções que devem ser desempenhadas pelos bispos e pastores. O molde é o mesmo adotado por grandes corporações, isto é, a criação de um organograma, com cargos e atribuições para cada membro. Além disso, o patrimônio da igreja e de Edir Macedo se misturam, similar à relação de um empreendedor e sua empresa (CASTELLI, 2025).

Grande parte de seus sócios também são bispos, pastores, obreiros e familiares. As empresas sob o comando de Macedo geram aproximadamente 22 mil empregos diretos e 60 mil indiretos, sem incluir os líderes religiosos – pastores e bispos. A igreja, contudo, rechaça a vinculação com os diversos empreendimentos, atribuindo “a velhas mentiras publicadas na imprensa” e afirma que o único bem de Macedo é a TV Record, da qual não recebe salário, não tem retirada de lucros, vivendo apenas do trabalho religioso, que nos anos 1990 lhe garantia um contracheque de 8 mil dólares mensais (NASCIMENTO, 2019).

Apesar de todas as polêmicas envolvendo o nome da igreja, o poder exercido pela instituição, nos múltiplos campos em que está inserida¹⁸, não dá sinais de que irá esmorecer ou como definiu Macedo: “a Universal é como omelete, quanto mais você bate, mais ela cresce”.

¹⁸ Em 2015, pesquisa Datafolha identificou que a Universal era a quinta instituição de maior prestígio entre os brasileiros, com 35% das citações, atrás apenas da imprensa, redes sociais, Igreja Católica e Forças Armadas (NASCIMENTO, 2019).

2.1.1 “O Bispo Onde Está o Poder”

A Universal também chama atenção por sua exitosa participação no cenário político, constituindo-se como o maior expoente religioso na política brasileira (CERQUEIRA, 2021). Desde o início, Macedo classificou a incursão na vida legislativa como uma forma de aumentar o prestígio da igreja, atrair mais fiéis e, conseqüentemente, multiplicar as doações.

Macedo avaliou a investida como mais uma estratégia de alicerçar o crescimento de seu rebanho. Em conversas informais com colaboradores próximos, o bispo costumava ressaltar a importância e o valor na sociedade de quem tem dinheiro e poder político o que, em si, não era nenhuma novidade. Mas queria deixar claro para seus liderados que não bastava apenas a instituição conseguir recursos. “Fama de rico e valente se desmente”, ele dizia, e estimava que o dinheiro poderia impulsionar a pessoa no ranking da sociedade, mas só até determinado degrau. O mesmo ocorre com o poder político. Mas a dobradinha dinheiro e poder político é imbatível: juntos possibilitam o alcance de outro patamar. Sustentava que a atuação política motivaria a participação dos fiéis, aumentaria a capacidade de mobilização da igreja e, conseqüentemente, a arrecadação (NASCIMENTO, 2019, p.58).

Através da coleta de assinaturas em templos da Universal, em 2005, a igreja criou o seu próprio partido Republicanos, que hoje conta com 44 deputados federais, quatro senadores, 433 prefeitos e mais de quinhentos mil filiados.

Embora o Republicanos não possua apenas lideranças da Universal em seus quadros, a exemplo do atual governador de São Paulo Tarcísio de Freitas, o fato de a igreja gerenciar a sua própria sigla tem contribuído para aumentar a influência da IURD na política nacional, já que o partido tem possibilitado uma atuação mais coesa quando comparada às demais igrejas que compõem a Bancada Evangélica, como a Assembleia de Deus, denominação que possui o maior número de representantes no poder Legislativo, porém espalhados em várias siglas (LEITE, 2019).

Atualmente, o comando do Republicanos está nas mãos do deputado federal Marcos Pereira, bispo licenciado da IURD. Outros nomes de destaque são o também deputado federal Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo e bispo licenciado da IURD, e a deputada estadual Edna Macedo, irmã de Edir. Nota-se, assim, que apesar de publicamente o partido negar qualquer interferência da igreja e a igreja negar qualquer interferência da legenda, a liderança partidária recai em figuras que também são centrais na Universal.

“A IURD garante seu poder ao ocupar os principais postos da direção do partido, assegurando uma estrutura hierárquica partidária da mesa forma que ocorre na eclesiástica” (CERQUEIRA, 2021, p.02).

De acordo com Nascimento (2019), esta estratégia também tem sido empregada por Macedo a fim de que ele se perpetue no comando da igreja, o que tem conseguido há quase 50 anos. A IURD possui três instâncias hierárquicas: o Conselho Mundial de Bispos, o Conselho de Bispos do Brasil e o Conselho de Pastores. Todos eles são concentrados em um governo verticalizado que coíbe a autonomia de pastores. Estes são impedidos de divulgar informações sobre a igreja e constantemente transferidos de ministérios a fim de não aumentarem a sua influência a ponto de abalar a hegemonia do bispo. Além do mais, os pastores não são escolhidos pelos fiéis e não gerenciam os recursos que são arrecadados nos templos.

Além de escolher a dedo quem defenderia os interesses da igreja, Macedo passaria a incluir na lista de candidatos ao Legislativo nomes com cargo de destaque na Universal, pessoas que de algum modo poderiam peitá-lo. A manobra do bispo consistia em alijar eventuais rivais, fritando-os com o canto da séria do poder político, com uma candidatura ungida pelo apoio da igreja. Distante do dia a dia e envolvido com questões políticas em plenários, o sujeito perderia o vínculo com os fiéis (NASCIMENTO, 2019, p.58).

Investigando os mecanismos empregados pela Universal para criar capital político, Oro (2003) destaca que uma vez lançados, os candidatos usam os cultos e o aparato midiático da igreja para fazer proselitismo, na maioria das vezes, dentro dos parâmetros da legislação eleitoral. O inverso também se observa: matéria publicada no site do Republicanos, em 17 de julho de 2025, mancheta: “Igreja Universal completa 48 anos de crescimento espiritual e social”. Em virtude da data, o texto repercute o trabalho assistencial realizado pela igreja, chegando a ser homenageado pela Câmara dos Deputados, cujo deputado federal Hugo Motta, atual presidente da Casa, também é filiado ao Republicanos.

Outra estratégia utilizada pela IURD é a conversão da participação política em um trabalho missionário, isto é: “o rechaço do mau presente na política deve ser substituído pelo bem, ou seja, por pessoas convertidas ao Evangelho, por “verdadeiros cristãos”, por “homens de Deus” (ORO, 2003, p.58).

Pesquisa “Novo Nascimento – Os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política” realizada durante a campanha presidencial de 1994, identificou que

enquanto entre diferentes denominações evangélicas, 39% diziam orar por um candidato, entre fiéis da Universal esse número subia para 56% (REVISTA PIAUÍ, 2022). Tais mecanismos acabam por exercer uma grande influência sob os votos dos fiéis, embora, seja equivocado sugerir uma unicidade do “voto evangélico”, ou seja, como se todas os evangélicos seguissem uma mesma direção ideológica.

Contudo, face ao crescimento do número de evangélicos no país, chegando a quase um terço dos brasileiros, há uma disputa cada vez mais acirrada pelo “voto evangélico”, que pode ser decisivo para os resultados das urnas, vide as eleições presidenciais de 2018. Naquele ano, a eleição de Bolsonaro juntamente à composição de um Congresso de viés eminentemente conservador sustenta a interpretação de que a maioria do eleitorado brasileiro chancelou nas urnas a chegada ao poder da extrema-direita.

Apesar dos discursos antiglobalistas das extremas-direitas, diferentes situações nacionais estão em sintonia transnacional por ressonâncias nas pautas e na produção dos inimigos (comunistas, progressistas, estatistas etc.). Entre alguns exemplos, destacam-se as questões relativas aos costumes que visam à contenção de comportamentos mais liberais (sexualidade e gênero) e à restrição dos vínculos familiares (como a não aceitação do casamento igualitário e da adoção de crianças por casais homoafetivos); o negacionismo da ciência a partir de argumentos da fé; a sustentação de políticas econômicas contrapostas a políticas estatais de caráter redistributivo; as políticas securitárias que contribuem para o autoritarismo de governos eleitos pelo voto popular; além do crescimento do populismo de direita (ALMEIDA; FRESTON, 2021, p.02).

Classifico o bolsonarismo com um fenômeno reacionário, de extrema-direita, tendo em vista as práticas e discursos negacionistas histórico-científicos¹⁹, os reiterados ataques aos direitos humanos, substituídos por um conservadorismo moral e a tentativa de emplacar uma agenda ultraliberal. Além disso, destaca-se um plano de governo ancorado no ódio e ressentimento ao invés da solidariedade e luta por justiça (SOLANO, 2018).

“Com o golpe parlamentar contra a presidente Dilma Rousseff, em 2016, o Brasil fechava as cortinas da chamada onda rosa no continente e virava palco para uma das experiências mais danosas ao já frágil Estado democrático de direito” (GHERMAN, 2023, p.67).

¹⁹ São muitos os exemplos possíveis, mas registro dois: as frequentes declarações revisionistas sobre a ditadura civil-militar bem como as falas antivacina na pandemia de Covid-19, que resultou em mais de 700 mil mortes no Brasil. Importante sublinhar que o posicionamento oficial da IURD via mídia impressa buscava ratificar todas as medidas defendidas pelo Governo Bolsonaro, exceto quanto ao uso de máscaras. A igreja se mostrava favorável à utilização do acessório, enquanto o presidente era avesso a seu uso.

O mesmo pode ser observado na trajetória da IURD, de seu líder Edir Macedo e de seu partido Republicanos, que no anseio de estar ao “lado do poder”, têm moldado os seus posicionamentos, mantendo a política de “boa vizinhança” com o poder Executivo, conforme discuto a partir de agora.

Desde a primeira eleição direta para a Presidência da República, em 1989, a Universal apoiou todos os ocupantes do Palácio do Planalto, fossem de centro, esquerda ou de direita, embora, ao longo das últimas três décadas tenha sido mais simpatizante a gestões conservadoras.

Juntando-se a uma de suas maiores rivais, Rede Globo, a IURD deu forte apoio à eleição de Fernando Collor de Mello, membro do PRN (Partido da Reconstrução Nacional)²⁰. Entre as principais afinidades dos discursos neoliberais propagados pela igreja e o representante da centro-direita, encontrava-se a exaltação do individualismo²¹ em detrimento ao senso de coletividade, enquanto ferramenta de combate às opressões e de transformação social, tal como vislumbrado por bell hooks (2017).

Collor disputava o pleito com o líder sindical, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que por seus posicionamentos mais críticos às mazelas sociais, despertou o temor da igreja. “A mídia iurdiana propagandeava que caso Lula fosse eleito determinaria o fechamento da Universal, causando pânico nos fiéis e induzindo o voto em Fernando Collor” (NASCIMENTO, 2019, p.259).

Após ocupar a cadeira, Collor se manteve distante de Edir Macedo. Acusações de corrupção, tráfico de influências levaram ao impeachment de Collor no fim de 1992. Edir Macedo não demorou em explicar espiritualmente a queda do presidente. Segundo ele, ao dificultar novas concessões de rádio e TV e evitar a proximidade com a IURD, Collor havia ido contra um “ungido de Deus”, o que gerou sua queda (Mariano apud MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

Nas eleições seguintes, de 1994, a cúpula da IURD optou por Fernando Henrique Cardoso, cujo oponente também era Lula. O apoio ao tucano foi acompanhado da seguinte condição: não rever as concessões de rádio e TV adquiridas pela Universal, principalmente, a da Record (MARTINS; OLIVEIRA,

²⁰ O PRN foi renomeado para PTC (Partido Trabalhista Cristão), em 2000 e, posteriormente, para Agir em 2021.

²¹ O governo Collor adotou uma série de medidas econômicas recomendadas por países do Norte Global às nações do Sul Global, durante o Consenso de Washington, em 1989. Entre as práticas adotadas por Collor destaca-se o bloqueio dos saques nas cadernetas de poupança como tentativas para o controle da inflação (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

2024).

Para minar o candidato do espectro da esquerda as mídias vinculadas à igreja tentaram convencer seus seguidores que, se eleito, Lula iria legalizar o aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo, pautas que já amedrontavam os segmentos evangélicos.

Foi assim com Fernando Collor, em 1989, e com Fernando Henrique Cardoso, em 1994 e 1998. Nessas três eleições presidenciais, contra um mesmo adversário, Luiz Inácio Lula da Silva, a opção se apresentava com um evidente viés ideológico – a preferência por candidatos mais conservadores no campo moral e menos críticos às mazelas do capitalismo [...] Edir Macedo enfatizava que a eleição seria decidida entre ‘os candidatos de Deus e os do diabo’. Na disputa de 1989, ele já havia dito que Lula era o candidato do demônio, e caso eleito, perseguiria os evangélicos (NASCIMENTO, 2019, p.276).

Nas eleições de 1998, a IURD manteve o apoio a Fernando Henrique Cardoso, mas não de maneira tão incisiva. Duas discordâncias levaram ao receio da igreja: a falta de intervenção do governo nas investigações da Receita Federal e do Banco Central sobre as contas da IURD e de suas lideranças e a aprovação do Plano Nacional de Direitos Humanos, documento que previa, entre outras garantias, o respeito à diversidade sexual (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

A escalada da crise econômica durante o governo FHC dificultou o caminho para o candidato escolhido pelo presidente como seu sucessor, José Serra. Tendo em vista este cálculo político, a Universal aliou-se ao seu antigo desafeto, Lula nas eleições de 2002, que por sua vez, também adotou um tom mais moderado a fim de obter a adesão da elite econômica e de lideranças religiosas (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

Nos estados e prefeituras, a igreja tem repetido a mesma estratégia fisiologista, isto é, apoia candidatos que lideram as corridas eleitorais e se aproxima ainda mais quando estes conquistam as cadeiras. À vista disso, Nascimento (2019) e Camurça (2020) avaliam que Macedo é “um homem pragmático”, pois “o bispo está onde está o poder”.

O petista retribuiu o apoio, ampliando as concessões de rádio e TV da igreja. Em 2007, Macedo inaugurou a Record News, emissora vinculada ao grupo Record, dedicada exclusivamente ao jornalismo. O lançamento contou com a participação de Lula (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

Com a relação azeitada, a igreja embarcou na campanha de Dilma Rousseff, escolhida pela sigla para ser sucessora de Lula, sob a promessa de dar

continuidade aos mandatos do sindicalista. Dilma foi retratada pela mídia iurdiana como uma representante da moral evangélica. Marcelo Crivella, personagem da IURD que mais alcançou projeção depois do tio, chegou a assinar um artigo na edição nº 969 da Folha Universal intitulado: “7 razões para votar em Dilma”. Entre os pontos levantados, Crivella disse que a candidata respeitaria “os valores cristãos de defesa da vida e da família” (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

Dilma foi eleita para o primeiro mandato nas eleições de 2010. Como retribuição, Crivella foi escolhido para comandar o Ministério da Pesca, entre 2012 e 2014, momento em que saiu para concorrer ao governo de seu estado natal, Rio de Janeiro, sendo substituído por Eduardo Lopes, pastor também vinculado à Universal (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

Cabe pontuar que, neste intervalo, em 2013, as ruas do país foram tomadas por uma série de mobilizações populares que ficaram conhecidas como “Jornadas de Junho”. As manifestações foram registradas em mais de 500 cidades sob dura repressão de forças policiais. Embora tenham começado na capital paulista, com um protesto de jovens contra o aumento de R\$ 0,20 na passagem de ônibus, os atos cresceram, incorporando outros segmentos da sociedade – grupos à direita e à esquerda.

Por conseguinte, novas e múltiplas pautas foram apresentadas desde “queremos escolas, metros, trens, ônibus, barcas e hospitais padrão FIFA” – em oposição à realização da Copa do Mundo no Brasil em 2014 a cartazes que cobravam “onde está a ossada de Amarildo?”²².

A massa de manifestantes era composta por setores heterogêneos e de pautas um tanto quanto difusas. De um lado, setores da esquerda, representados por movimentos estudantis, sindicatos, organizações e partidos políticos, questionavam as reformas oriundas de um modelo clássico da democracia de matriz liberal; de outro, a direita também passaria a ocupar as ruas, espaço tradicionalmente ocupado por movimentos democráticos e progressistas, representada por organizações nacionalistas extremistas, jovens pertencentes ao Movimento Brasil Livre - MBL, defensores do retorno da monarquia, saudosistas do período ditatorial, grupos religiosos conservadores e cidadãos de classe média contribuiriam para o fortalecimento de um genérico sentimento anticorrupção (LEMOS, 2024, p.62).

Face à heterogeneidade das reivindicações, até hoje, os sentidos de junho de 2013 permanecem em disputa, sendo considerado um ponto de inflexão ou “mal-

²² O ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza foi sequestrado, torturado e assassinado por policiais militares da UPP da Rocinha em 14 julho de 2013. Em março de 2019, a Justiça do Rio absolveu quatro dos 12 policiais militares acusados pelo desaparecimento de Amarildo.

estar” na democracia brasileira, que como sugere Avritzer (2018) tem se construído através de movimentos pendulares.

Segundo o autor, a democracia brasileira tem oscilado entre períodos de expansão de direitos, maior inclusão, participação, nos quais soberania popular é respeitada e outros momentos marcados por retrocessos e autoritarismos, onde avanços de garantias constitucionais não só são barrados, como aparentes conquistas são desmanteladas em um piscar de olhos, haja vista que não configuram uma tradição sólida de direitos consolidados, mas um “arranjo intraelites”, sustentado na ideia de cordialidade e estruturas não institucionais de tolerância.

Não conseguimos, entre 1946 e 2017 no Brasil, estabelecer uma estrutura razoável de vigência de direitos civis, supostamente aqueles que seriam os fundamentais na estruturação da ordem liberal democrática. Entender os problemas para a construção de uma ordem liberal e democrática no Brasil significa, antes de mais nada, entender o funcionamento dos elementos judiciais e civis no país. O processo de elaboração de Constituições no país, entre 1946 e 1988 ou mesmo antes, não trouxe um *aggiornamento* mínimo em relação à vigência de direitos capaz de consolidar a ordem democrático-liberal. Assim, depois de certo período democrático, gera-se um período antidemocrático ou de tonalidade autoritária (AVRITZER, 2018, p.278, grifo do autor).

Um dos poucos consensos é que o período deu lastro para a disseminação de um discurso antipolítica, contra corrupção, inflamados pela Operação Lava Jato²³, instaurada no ano seguinte. Apesar disso, Dilma foi reeleita, derrotando Aécio Neves no segundo turno, que imediatamente questionou o resultado das urnas, atacando a lisura do processo eleitoral e a soberania popular, visto que Dilma recebeu mais de 54 milhões de votos²⁴.

Até 2013, todos os indicadores de curto prazo apontavam para a consolidação e o fortalecimento da democracia no país. Nos quase cinco anos que vão de junho de 2013 a 2018, houve uma completa inversão de condições, com a produção de um “mal-estar” na democracia. Tal “mal-estar” começou com manifestações importantes, ainda em 2013, por melhores políticas públicas, potencializadoras de um conjunto de ações que dificilmente contribuíram para o fortalecimento da democracia. Entre elas, valeria a pena destacar a hostilização pública de membros do sistema

²³ Iniciada em março de 2014, a Operação Lava Jato foi a maior investigação sobre corrupção realizada no Brasil. A força-tarefa cumpriu mais de mil mandados de busca e apreensão, prisão temporária, prisão preventiva e condução coercitiva, e descobriu um megasquema de corrupção na Petrobras envolvendo políticos de diferentes partidos e outras empresas públicas e privadas.

²⁴ O Brasil possui forte traço não eleitoral. O Império e a República Velha podem ser considerados momentos nos quais o arranjo político não contava com praticamente nenhum componente eleitoral. Assim, de fato, começamos a falar em eleições como definidoras do governo e das políticas no Brasil a partir de 1930. Porém, é sabido que não são apenas as eleições que determinam os rumos da permanência de presidentes no exercício do poder, visto que na sociedade brasileira, os processos de impeachment têm sido motivados por interesses políticos e econômicos (AVRITZER, 2018).

político e a concentração da atenção da sociedade em questões ligadas à corrupção, que acabaram sendo tratadas de forma anti-institucional e antipolítica pela Operação Lava Jato (AVRITZER, 2018, p.247).

Embora não tenha contado com a adesão da igreja durante a corrida eleitoral em busca do segundo mandato, Dilma contemplou a Universal ao escolher o deputado federal e pastor da IURD, George Hilton para comandar o Ministério dos Esportes. A pasta possuía grande visibilidade, já que em 2016, ocorreriam os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

O segundo governo Dilma foi marcado por grande instabilidade econômica, política e descontentamento popular. Para manter certa governabilidade, a presidenta se aproximou de setores conservadores, a exemplo da indicação de Joaquim Levy para chefiar o Ministério da Economia, o que desagradou setores progressistas (LEMOS, 2024). Diversos pedidos de impeachment foram protocolados no Congresso Nacional na tentativa de destituir a presidenta, sendo um deles aceito pelo, então, deputado federal Eduardo Cunha, em abril de 2016.

Os governos à esquerda que dominaram a cena política latino-americana, no entanto, começaram a declinar nos anos 2010 devido às acusações de corrupção e também como consequência de pequenas rupturas com o *status quo* social, econômico e cultural, devido às políticas redistributivas, inclusivas e de diversidade colocadas em prática por esses governos. As políticas de proteção social tenderam a empoderar os mais pobres, produzindo pressão e revolta das classes médias e alta, o que gerou reações regressivas e de afirmação das distinções sociais (ALMEIDA; FRESTON, 2021, p.01).

Membro da Assembleia de Deus, Cunha chegou à presidência da Câmara dos Deputados com apoio da Bancada Evangélica e partidos de centro, sem acenos do poder Executivo que, inclusive, não se manifestou frente ao processo instaurado pelo Conselho de Ética da Casa contra ele, por quebra de decoro (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

Como retaliação, Cunha acolheu a denúncia formulada pelos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Jr. e Janaína Paschoal por supostos crimes de responsabilidade contra a Lei Orçamentária praticados por Dilma (MARTINS; OLIVEIRA, 2024). Vale lembrar, contudo, que a alegadas “pedaladas fiscais” foi um recurso utilizado por outros presidentes e governadores que não tiveram o mesmo destino, inclusive, pelo seu vice, Michel Temer, responsável por assumir a cadeira na sequência.

O afastamento de Dilma foi aprovado pela maioria da Câmara dos Deputados,

formada, sobretudo, por homens brancos, cisgênero, heterossexuais e cristãos. Durante a votação, os parlamentares justificaram o posicionamento com os argumentos mais diversos: “pela pátria”, “pela defesa do petróleo”, “pelo aniversário da minha cidade”, “pelos corretores de seguros do Brasil”.

Diante de uma presidenta com a autoridade corroída, crescia a sedução dos autoritarismos. Nada mais fácil do que culpar o outro quando não gostamos do que vemos em nós. Em vez de encarar o próprio rosto, cobre-se a imagem perturbadora com a face dos inimigos, que dali em diante se tornarão alvos da frustração e do ressentimento. Aqueles que encontram na adesão aos discursos autoritários uma possibilidade de ascensão, esquecem-se da lição mais básica: a de que não há controle quando se aposta no pior. Se o ódio é a identidade de consenso, não há identidade, já que o ódio não permite o reconhecimento do outro como alguém que compartilha um mundo. E, portanto, alguém com quem é preciso negociar. Só há chance se enfrentarmos conflitos e contradições com a cara que temos. É com esses Brasis que o Brasil precisa se haver (BRUM, 2019, p.86).

Contudo, chamo a atenção para a defesa da “família”, “Deus” e “propriedade” presente na maioria dos votos, demonstrando a real face daquele que foi considerado pelo DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar) o Congresso Nacional mais conservador no período pós-1964, com o aumento de parlamentares militares, ruralistas e religiosos (DIP, 2018).

Na esteira dos absurdos, levantando um pedaço de papel amarrotado - o que demonstra planejamento - Jair Bolsonaro, em seu sexto mandato como deputado, dirigiu seu voto à memória de Carlos Alberto Brilhante Ustra, coronel do Exército, ex-chefe no Departamento de Operações de Informação do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), em São Paulo. O espaço sediou sessões de tortura e assassinatos de centenas de pessoas durante o regime militar²⁵.

Além da cobertura misógina da mídia hegemônica, o golpe²⁶ que levou ao afastamento da presidenta, em 2016, também contou com o apoio do então, Partido Republicano Brasileiro vinculado à Universal, que ingressou no governo interino e ilegítimo de Temer, vindo o líder da sigla, Marcos Pereira comandar o Ministério da Indústria e Comércio.

Em reportagem veiculada na época, Marcos Pereira, presidente do PRB

²⁵ Com 22 anos, compondo frentes dos movimentos estudantis opositores aos anos de chumbo, como o Comando de Libertação Nacional (COLINA), Dilma Rousseff foi presa e torturada.

²⁶ Aproximadamente 10 dias após a retirada de Dilma Rousseff do Palácio do Planalto, foram revelados, pela Folha de S. Paulo, áudios resultantes da interceptação do diálogo entre o, então, senador e ministro do Planejamento, Romero Jucá (MDB) e o empresário Sérgio Machado, da Transpetro. Na conversa, torna-se evidente que o pedido de impeachment foi arquitetado para barrar as investigações sobre o esquema de propinas da Petrobras.

naquele momento, afirmou que os vinte e dois deputados federais de seu partido e o senador Marcelo Crivella haviam decidido, por unanimidade, votar a favor do *impeachment* de Dilma. Era a oficialização de uma ruptura, uma vez que durante os anos entre os anos de 2003 e 2016, a IURD ocupou importantes espaços nos governos petistas. Estava claro o desembarque dos parlamentares iurdianos de um governo que estava se esfacelando (MARTINS; OLIVEIRA, 2024, p.143).

A simpatia do partido também pode ser observada no aval a projetos cuja finalidade era o desmantelamento de políticas de seguridade social, a exemplo do “teto de gastos” (Emenda Constitucional nº 95). Uma das primeiras medidas anunciadas por Temer foi o congelamento de investimentos públicos em áreas essenciais como saúde e educação por 20 anos, sob a justificativa de “equilibrar” as contas públicas. A proposição contou com os votos favoráveis de toda a bancada do partido da Universal.

É necessário pontuar que na tentativa de manter privilégios, fornecidos por um estado de origem oligárquica, as elites econômicas têm, majoritariamente, se oposto à formulação de políticas compensatórias, que garantam proteção social, e, portanto, corroborem para impulsionar maior igualdade entre as classes sociais no Brasil. Foi assim com o golpe contra a presidenta Dilma, momento em que os grupos dominantes mais uma vez mudaram a direção do pêndulo democrático no Brasil (AVRITZER, 2018).

Não à toa, no mesmo dia em que chegou ao governo, Michel Temer extinguiu o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, entre outras pastas, através do estabelecimento da Medida Provisória nº 726.

Quando pensamos o governo Temer, ele se propôs, desde o seu primeiro dia, a desfazer a relação entre programa eleito e política pública. Temer assumiu a presidência no dia 12 de maio de 2016 com uma agenda completamente própria ou pelo menos diferente do programa da chapa pela qual foi eleito, agenda expressa pela Medida Provisória nº 726, de 12 de maio de 2016. O primeiro objetivo da medida foi negar qualquer relação entre o novo governo e uma pauta de direitos sociais e de diversidade cultural, sexual ou de qualquer outro tipo que continuasse a tradição de ampliação de direitos instituída pela Constituição de 1988. A medida provisória extinguiu todas as secretarias especiais ligadas a direitos, como a das mulheres ou da igualdade racial, extinguiu o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o da Cultura (reestabelecido depois). Assim, o *impeachment* e a Medida Provisória nº 726 representaram um movimento de retorno no pêndulo democrático descrito, no que diz respeito à relação entre a vontade do eleitorado e as políticas públicas, pêndulo este que geralmente se movimenta quando as forças do mercado se sentem contrariadas (AVRITZER, 2018, p.286).

O Republicanos também tem atuado na defesa de pautas conservadoras

como a proibição do aborto (mesmo para os casos previstos por lei), entre outras ofensivas em relação a direitos da população LGBTQIA+ (DIP, 2018).

Na esteira, a Reforma Trabalhista, aprovada durante o governo Temer, responsável por aumentar a informalidade no país, entre outros retrocessos de direitos trabalhistas, também contou com a anuência da maioria dos deputados da PRB. Demonstra-se, assim, um alinhamento do partido, braço político da IURD, com medidas austeras e neoliberais (LEMOS, 2024).

Tais constatações ratificam o apoio da IURD a projetos conservadores na perspectiva das relações e papéis de gênero bem como reforçam o alinhamento da igreja a valores neoliberais. Porém, esta adesão não fica restrita a iniciativas de terceiros, ou seja, a IURD não apenas avaliza medidas criadas por outros agentes como também desenvolve os seus próprios programas responsáveis por reafirmar estereótipos de gênero e incutir uma subjetividade neoliberal (BROWN, 2019), a exemplo do *Godllywood Girls*, objeto de estudo desta tese.

Nas eleições majoritárias de 2018, inicialmente, o PRB integrou a coligação que apoiava Geraldo Alckmin²⁷, apostando na polarização entre tucanos e petistas, predominante nas últimas duas décadas. Contudo, mediante as píffias intenções de votos alcançadas pelo representante do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), Edir Macedo declarou por meio de rede social, às vésperas do primeiro turno, apoio à eleição de Jair Bolsonaro.

Embora se declare católico, Jair Bolsonaro realizou diversos acenos ao eleitorado evangélico. Em 2016, ele chegou ao ser batizado pelo pastor da Assembleia de Deus, Everaldo – o mesmo que concorreu ao Palácio do Planalto em 2014 - no Rio Jordão. Na campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro adotou o slogan “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”. Já ocupando a presidência, indicou o pastor presbiteriano André Mendonça para ministro do STF (Supremo Tribunal Federal), entre outras reverências ao setor.

Bolsonaro não foi eleito apesar da coleção de hegemonias que só muito recentemente afetam a sensibilidade dos liberais, mas por causa dela. Sua eleição, nesse sentido, é um grito de resistência em nome de valores que mantiveram uma parte das pessoas humanas no topo da cadeia alimentar, as mesmas que hoje se sentem ameaçadas. Sua vitória nas urnas brasileiras alinha-se à uma vitória de outros espécimes políticos que também exploram a crescente insegurança diante de um mundo humano em mutação. Essa mutação é marcada por dois fenômenos simultâneos: a

²⁷ Em março de 2022, o ex-governador de São Paulo se filiou ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). A mudança foi fundamental para a formação da coligação “Brasil da Esperança”, que viria a disputar as eleições presidenciais de 2022. Alckmin foi eleito vice-presidente ao lado de Luiz Inácio Lula da Silva.

pressão daqueles que são considerados representantes das humanidades periféricas da sociedade como mulheres, pessoas LGBTQIA+s, indígenas, negros, etc. para ocupar os centros de poder e a pressão representada pela profunda alteração do planeta por ação humana. Ambos os fenômenos anunciam um presente-futuro movediço para parte das bases de apoio dos déspotas eleitos na segunda década do século (BRUM, 2021, p.35).

A rejeição ao segundo colocado nas pesquisas, Fernando Haddad²⁸ era motivada, principalmente, pelo ressentimento já que quando esteve à frente do Ministério da Educação, entre 2005 e 2012, o petista recusou a proposta apresentada pela igreja de criar uma universidade própria. Alguns anos mais tarde, o governo Temer liberou a entrada da IURD no campo educacional (NASCIMENTO, 2019).

Com o passar do tempo, as relações entre Macedo e Bolsonaro tornaram-se ainda mais próximas e públicas, já que a TV Record foi a primeira emissora a qual o presidente recém-eleito concedeu entrevista. Entretanto, é importante evidenciar que tais interações amistosas aconteceram sob um contexto mais amplo em que as relações do ex-chefe do Executivo com os meios de comunicação hegemônicos, como Rede Globo, Folha de S. Paulo, O Estadão, foram marcadas por tensões e violências de diferentes ordens.

Recebendo apoio dos pastores Edir Macedo e Silas Malafaia, Bolsonaro angariou sólida aproximação com os setores mais conservadores da sociedade. Sob o manto do conservadorismo, da defesa da família tradicional e do pensamento cristão, construiu a base para a sua vitória nas urnas em 2018, mesmo sem consolidar em seu plano de governo e em seus discursos temas essenciais ao desenvolvimento do país (LEMOS, 2024, p.64).

Nas campanhas eleitorais de 2018 e 2022, Bolsonaro privilegiou as redes sociais como espaço de diálogo com os eleitores e compartilhamento de notícias falsas ao passo que deslegitimou o trabalho da imprensa, acusando os veículos de persegui-lo bem como a sua família. Durante a corrida para a presidência da República, a Record chegou a ser considerada como uma espécie de “porta-voz” de Bolsonaro.

A afirmação tem lastro: durante a campanha de 2018, Bolsonaro não compareceu a maioria dos debates eleitorais como a última sabatina antes do primeiro

²⁸ Naquele momento, Lula liderava as intenções de voto, mas o petista sofreu uma condenação criminal por corrupção passiva e lavagem de dinheiro proferida pelo juiz titular da 13ª Vara Federal de Curitiba, e confirmada pela 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, fez com que o candidato fosse preso e se tornasse inelegível por enquadramento na Lei da Ficha Limpa.

turno, promovida pela Rede Globo. Entretanto, a alegação de que não poderia participar do debate, pois não dispunha de autorização médica devendo permanecer em repouso, após sofrer um ataque à faca em Juiz de Fora, não o impediu de conceder entrevista exclusiva à Record.

A emissora de Macedo exibiu a conversa no mesmo dia e horário da sabatina. Além da TV aberta, a entrevista foi transmitida no Facebook, Twitter e YouTube simultaneamente. Após diversas críticas de adversários e movimentos progressistas, alegando o favorecimento do candidato de extrema-direita, o bispo negou qualquer tentativa de influenciar a disputa eleitoral e voltou a defender que a IURD e a Record são independentes. Porém, reportagem da Folha de S. Paulo, datada de 24 de outubro de 2018, reafirma o contrário.

À época, jornalistas da emissora declararam que estavam incomodados com a censura imposta por parte da direção²⁹. De acordo com as orientações repassados aos profissionais, pautas críticas a Bolsonaro deveriam ser engavetadas às vésperas do segundo turno. Já matérias que enaltescessem o candidato tinham permissão para integrar a programação (FOLHA DE S. PAULO, 2018).

A Record tem sido privilegiada pela estrutura de poder de Bolsonaro, seus assessores e filhos – seja na condição de candidato à frente das pesquisas, seja, recentemente, na de presidente eleito. Privilégio obtido em detrimento de outras emissoras, no qual a TV da IURD funciona como porta-voz do núcleo do poder imperante (CAMURÇA, 2020, p.59).

A Folha Universal também contribuiu para o resultado. Durante toda a corrida presidencial, o jornal compartilhou conteúdos que se alinhavam às pautas defendidas por Jair Bolsonaro. Sem citar o nome do candidato, através de editoriais e assuntos abordados em supostas “matérias”³⁰ era possível captar a convergência entre o discurso de Bolsonaro e o propagado pela IURD como a associação da esquerda à corrupção e a promoção de um projeto que destruiria os valores cristãos, cuja base seria a “ideologia de gênero”, disseminada, principalmente, nas escolas brasileiras, conforme discorro mais adiante.

Também em 2018, ocorre no Brasil, o I Congresso Antifeminista Brasileiro (MARTINEZ, 2020). Naquele ano, foi possível identificar também o crescimento do

²⁹ Um dos casos mais emblemáticos foi o afastamento do jornalista Paulo Henrique Amorim, responsável pela apresentação do programa “Domingo Espetacular”, após expressar críticas a Bolsonaro e Sérgio Moro, contrariando, assim, a linha editorial da emissora.

³⁰ Emprego o termo “matérias” para enfatizar que, embora sejam apresentadas desta forma pela Universal, não considero que são textos que seguem os critérios de produção e redação jornalísticos como a apuração das informações.

discurso antifeminista entre parlamentares mulheres. A representação feminina na Câmara dos Deputados saltou de 10% para 15% impulsionada, principalmente, pela eleição de candidatas vinculadas a partidos de direita e extrema-direita. A participação de mulheres conservadoras na política tem sido mobilizada em prol de projetos que vão contra direitos das próprias mulheres (GALETTI, 2024).

Macedo compareceu à posse de Bolsonaro à presidência, em 2018 e foi o único líder religioso que esteve no palanque presencial no desfile de 7 de setembro de 2019, data que ficou marcada como mais um episódio em que o ex-mandatário desferiu uma série de ataques à democracia brasileira. Em discursos na Esplanada dos Ministérios e na avenida Paulista, Bolsonaro afirmou que só sairia da presidência “preso ou morto” e exaltou a desobediência civil contra os demais poderes (BBC BRASIL, 2019).

Simultaneamente, a mídia iurdiana permanecia na ofensiva contra o Partido dos Trabalhadores. Novo texto publicado na Folha Universal com a manchete: “Fernando Haddad é condenado a pagar indenização ao Bispo Macedo”³¹ afirma que o candidato derrotado desrespeitou “todos os brasileiros católicos e evangélicos que não queriam de volta ao poder um partido político que tem como projeto a destruição dos valores cristãos, como a família, a honra e a decência” (MARTINS; OLIVEIRA; 2024).

Ainda, naquele ano, devido à dificuldade de Bolsonaro recolher assinaturas para criar um novo partido, Aliança pelo Brasil, o bispo ofereceu passar uma lista em seus templos para atingir a adesão necessária. Em mais um aceno explícito da igreja ao líder da extrema-direita, Macedo chegou a ungir Bolsonaro, durante culto realizado no Templo de Salomão. Na frente de milhares de fiéis, o bispo declarou que “Deus escolheu Bolsonaro” para a tarefa de construir um “novo Brasil”.

Em contrapartida, reportagem publicada pela Folha de S. Paulo em parceria com a Agência Pública de Jornalismo Investigativo em novembro de 2019, demonstrou que o Ministério Público Federal, mesmo notificado de que o prazo para sentenciar Macedo por lavagem de dinheiro iria prescrever, não encaminhou o processo e não justificou a demora para dar andamento ao caso (AGÊNCIA

³¹ Durante a campanha eleitoral, no dia dedicado à padroeira do Brasil, na porta da Basílica de Nossa Senhora, em Aparecida, Haddad afirmou que a candidatura de Jair Bolsonaro era um casamento do neoliberalismo desalmado – representado pelas ideias do economista Paulo Guedes – com o fundamentalismo charlatão de Macedo. “Sabe o que está por trás dessa aliança? Em latim chama auri sacra fames. Fome de dinheiro”.

PÚBLICA, 2019).

Outro levantamento, também realizado pela Agência Pública de Jornalismo Investigativo, constatou que, apesar dos discursos de austeridade propagados pela equipe econômica comandada por Paulo Guedes, entre janeiro de 2019 a maio de 2020, a SECOM (Secretaria de Comunicação da Presidência) gastou mais de R\$ 30 milhões em anúncios veiculados em rádios e TVs de líderes religiosos que apoiaram Jair Bolsonaro, sendo que a maior parte do valor pago - mais de R\$ 28 milhões - foi destinada para campanhas publicitárias veiculadas nos meios de comunicação pertencentes ao Grupo Record.

Sob a gestão de Bolsonaro, as verbas publicitárias repassadas à TV Record aumentaram exponencialmente: quase 800%. Em consonância, matéria publicada pela Folha de S. Paulo, em novembro de 2019, com base em dados do TCU (Tribunal de Contas da União) identificou que a Rede ficou com 42% dos investimentos do governo federal em publicidade na TV aberta no primeiro semestre daquele ano. Estima-se que tenham sido injetados de R\$150 milhões a R\$200 milhões na emissora enquanto a Rede Globo, líder em audiência, recebeu 16% dos recursos (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

Ao relegar a Rede Global, a principal emissora do país em audiência, a um segundo plano, Bolsonaro agradava ao aliado de última hora, Edir Macedo, e à parte expressiva de seu eleitorado. Bolsonaristas tachavam a Globo de 'comunista' por suas telenovelas tratarem de temas como homossexualidade, transgêneros e famílias não tradicionais (NASCIMENTO, 2019, p.292).

Por outro lado, a maioria dos deputados do Republicanos aprovou a Reforma da Previdência (Emenda Constitucional nº 103) implementada durante o governo de Bolsonaro. As novas regras entraram em vigor em 2022, e aumentaram ainda mais as exigências para o acesso à aposentadoria no país, expandindo a cada ano o tempo de contribuição e a idade mínima.

Uma das reformas mais significativas foi a da Previdência, que buscou reduzir os gastos públicos a longo prazo. Embora justificada pela necessidade de sustentabilidade financeira, essa reforma é prejudicial aos trabalhadores mais pobres e vulneráveis. O governo Bolsonaro frequentemente defendeu a descentralização das políticas sociais, passando a responsabilidade para estados e municípios, o que, na prática, pode resultar em menor uniformidade e alcance das políticas devido às variações na capacidade administrativa e financeira das regiões (LEMOS, 2024, p.65).

Outro fruto colhido pelo IURD, foi a isenção de impostos sobre valores

recebidos por líderes religiosos. Já antevendo a derrota e buscando fidelizar o apoio de evangélicos, a medida publicada por Bolsonaro, em julho de 2022, considerava que valores pagos pelas igrejas a seus "ministros de confissão religiosa" não poderiam ser considerados salários. Assim, estariam isentos de cobrança de contribuições previdenciárias, por exemplo³².

Assim, muitas igrejas evangélicas que pregam a TP têm um papel ativo no apoio a Bolsonaro. Esse apoio não é apenas religioso, mas também político, promovendo uma agenda que inclui valores conservadores e uma visão econômica que favorece a redução do Estado [...] nesses moldes, a igreja assume sua subserviência a um projeto de poder inclinado à legitimação do autoritarismo e ao desprezo aos reais problemas da nação (LEMOS, 2024, p.67).

Próximo da ida às urnas, nas últimas eleições presidenciais de 2022, Edir Macedo reafirmou o apoio à reeleição de Jair Bolsonaro. Esta foi a primeira vez em mais de trinta anos que a igreja apoiou um presidencial que não logrou êxito (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

Atuando como um "cabo eleitoral", durante a campanha muitos dos conteúdos publicados pela Folha Universal reforçavam os discursos de Bolsonaro como a incompatibilidade entre "ser cristão e ser de esquerda", os "perigos do comunismo" e a tentativa de associar uma possível vitória de Lula ao fim do cristianismo. Próximo da votação, o veículo subiu o tom contra o candidato petista, publicando diversas "matérias" como: "Panfleto do PT tenta enganar eleitor evangélico"; "Por que Lula tem fama de Ladrão?: veja as razões" (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

O jornal buscava a todo custo macular a imagem do candidato que outrora havia sido um aliado da igreja. Ao analisarmos as edições do jornal lançadas ao longo de todo o ano de 2022, observamos que o apoio à candidatura de Jair Bolsonaro ocorreu pelas pautas das matérias publicadas, pelas críticas diretas a Lula e pelos elogios às políticas públicas do governo Bolsonaro. O apoio dado ao candidato foi consistente, visto se tratar de um jornal de enorme tiragem e distribuição para os mais diversos rincões do Brasil (MARTINS; OLIVEIRA, 2024, p.149).

Em artigo, publicado na Folha Universal, em 16 de setembro de 2022, intitulado: "Bispo Macedo respondeu a internauta: o senhor vai apoiar quem para presidente?", o fundador da IURD alegou "que não impõe a seus membros que votem em um ou outro candidato", mas pediu "consciência" ao avaliar que "pautas apoiadas pela esquerda são incompatíveis com o pensamento evangélico e conflitam com princípios bíblicos":

A legalização do aborto indiscriminado, a implantação da ideologia de

³² Em janeiro de 2024, o presidente Lula suspendeu a isenção de impostos a pastores concedida por Bolsonaro no fim do mandato.

gênero nas escolas, a instrumentalização do ensino com pautas socialistas, a perseguição religiosa, a descriminalização das drogas, o estímulo à invasão de terras e o constante ataque à estrutura familiar tradicional, formada por pai, mãe e filhos (UNIVERSAL, 2022).

Apesar do apoio da Universal e de outros setores dominantes como o agronegócio a Bolsonaro, Lula formou uma frente ampla que lhe garantiu a vitória, obtendo 50,9% dos votos no segundo turno. Menos de uma semana após o resultado do pleito, que foi o mais acirrado desde a redemocratização, Edir Macedo em sua conta pessoal no Instagram, publicou vídeo dizendo que Lula havia sido eleito por Deus e por este motivo, os fiéis de sua igreja não deveriam guardar mágoa. A declaração foi rebatida pela, então, presidenta PT e hoje ministra de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, que afirmou “dispensar o perdão do bispo” (MARTINS; OLIVEIRA, 2024).

Neste terceiro mandato de Lula, a IURD tem adotado uma postura cautelosa, ao mesmo tempo que tenta uma aproximação, mantém certo distanciamento, já visando as eleições de 2026. Apesar da maior parcimônia, a troca de “favores” permanece. A bancada de parlamentares da igreja foi favorável à Reforma Tributária (PEC 45/19) proposta pelo governo federal, aprovada na Câmara em julho de 2023.

Por sua vez, o Republicanos conta com um representante no ministério de Lula: Silvio Costa Filho, que comanda a pasta de Portos e Aeroportos. Ainda não se sabe qual será o posicionamento da igreja nas eleições presidenciais de 2026, cujo desenho já começa a se delinear, mas isto não quer dizer que a denominação não esteja se movimentando.

Segundo apurações do jornalista Gilberto Nascimento, do Intercept Brasil, a IURD tem criado uma série de podcasts voltados aos fiéis que integram o Arimateia, centro de formação política da igreja. Fundado em 2018 – mesmo ano que a extrema-direita foi escolhida para liderar o país - o grupo Arimateia tem como bandeira “conscientizar as pessoas sobre a importância de exercerem seus direitos, escolhendo representantes políticos de bom caráter e de boa índole” (UNIVERSAL, 2018).

O projeto tem cerca de 28 mil voluntários em todo o Brasil e a liderança do bispo Alessandro Paschoall, que nas produções tem enfatizado a importância de os cristãos se mobilizarem contra projetos de lei que “atentem” a fé e a moral.

Idealizado pela Universal com o objetivo de propagar a conscientização à cidadania, o Grupo Arimateia é responsável pela difusão do compromisso e deveres sociais de cada indivíduo quanto cidadão, além de assegurar a

preservação dos valores cristãos que, constantemente, sofre ameaças entre ideologias e regimes políticos concentrados em interesses contrários ao bem do coletivo (UNIVERSAL, 2020).

A iniciativa converge com o “plano de poder” descrito já em livro por Macedo. Na obra, que assina com o administrador de empresas Carlos Oliveira, o bispo afirma que tem o objetivo de cooperar para a construção de uma nação cristã, o que segundo ele, seria uma vontade de Deus e cuja responsabilidade de implementação é, sobretudo, dos evangélicos³³. A partir trocadilho “demo-crático”, o líder da Universal defende que enquanto a teocracia seria um regime no qual Deus estaria na gestão da vida, a democracia, enquanto uma forma de gestão exercida por muitas pessoas, pode levar à ruína (TEIXEIRA, 2018).

No entendimento de Macedo, cabe aos evangélicos não só “votarem com consciência”, alinhados aos valores cristãos, mas também ocupar os espaços do Legislativo e Executivo nas três esferas – municipal, estadual e federal, disputando um projeto de sociedade:

Os cristãos não devem apenas discutir, mas principalmente procurar participar de modo a colaborar para a desenvoltura de uma boa política nacional e, sobretudo, com o projeto de nação idealizado por Deus para o seu povo (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p.25)

Enquanto isso, em Brasília, Lula tem dito que concorrerá ao quarto mandato, e do outro lado, face a condenação de Jair Bolsonaro por participação na elaboração de um plano de golpe após as eleições de 2022³⁴, setores conservadores se dividem entre sete potenciais pré-candidaturas. De todo modo, se optar pela mesma estratégia empregada nas últimas três décadas, a Universal definirá seu favorito apenas na reta final da disputa, de acordo com o que for mais conveniente aos interesses da igreja.

Contudo, para além do fisiologismo esquadrihado, é possível notar que nas últimas três décadas, a Universal tem repercutido discursos avessos à agenda da igualdade de gênero e diversidade sexual. Ainda que a igreja permita que mulheres usem maquiagem, calças e cortem o cabelo, diferentemente de outras

³³ Esta compreensão alinha-se à Teologia do Domínio que busca a expansão da influência teocrática em diferentes áreas da vida. Entre os pressupostos, está a predestinação dos cristãos em ocupar os postos de poder como presidências, ministérios, parlamentos, municípios, supremas cortes (LEMOS, 2024).

³⁴ O ex-presidente foi condenado a 27 anos e 3 meses de prisão por organização criminosa armada; tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito; golpe de Estado; dano qualificado pela violência e ameaça grave; e deterioração de patrimônio tombado. Bolsonaro tornou-se o primeiro ex-presidente do Brasil a ser condenado por golpe de Estado.

neopentecostais como a Assembleia de Deus e Deus é Amor, também tenha se posicionado favorável ao uso de métodos contraceptivos, a IURD tem alertado os fiéis sobre uma suposta articulação entre movimentos sociais e governos de esquerda cuja finalidade seria destruir os “valores cristãos”.

O caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) não é diferente. Embora a igreja tenha demonstrado ao longo das últimas décadas que seus interesses corporativos são centrais em suas decisões políticas, ela jamais abandonou as pautas morais e o projeto de cristianização da sociedade. Nesse sentido, sua ação política é pautada tanto por um pragmatismo que visa sempre a obtenção de dividendos políticos e sociais; quanto pela defesa dos valores cristãos e pela disputa da moralidade pública (NASCIMENTO, 2019).

Tais posicionamentos permitem verificar que a igreja tem desempenhado um papel importante na construção de uma ofensiva antigênero no Brasil. Tal movimento reacionário baseia-se na produção de um conjunto de ações e discursos que buscam combater e deslegitimar pautas e políticas relacionadas à igualdade de gênero e diversidade sexual (TESSER, 2023).

De articulação transnacional e contando a participação de diferentes segmentos sociais, como grupos evangélicos, a ofensiva antigênero visa minar os avanços conquistados no campo dos direitos humanos (BIROLI, 2018). No próximo capítulo, discorro sobre a atuação de grupos religiosos na edificação deste movimento conservador que busca frear a agenda da igualdade e diversidade de gênero no país, destacando a atuação da Igreja Universal.

Veremos que uma das principais bandeiras que têm mobilizado tais grupos é a exclusão das discussões de gênero dos currículos escolares. Pauta que a IURD não só tem ajudado a entoar em seus diversos veículos de comunicação, contribuindo para a disseminação do fantasma do gênero (BUTLER, 2024) como também tem capitalizado, haja vista a criação de uma série de iniciativas que promovem uma educação de gênero, como o programa *Godllywood Girls*.

2. A ATUAÇÃO DE MOVIMENTOS RELIGIOSOS CONSERVADORES NA CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA ANTIGÊNERO NO BRASIL

Será que é sequer possível dizer *quantos* dos medos contemporâneos se concentram no terreno do gênero? Ou explicar como a demonização do gênero encobre e desvia a atenção de ansiedades legítimas? Judith Butler, Quem tem medo do gênero?, 2024.

Neste capítulo, discuto a atuação de grupos religiosos conservadores na formulação de uma agenda antigênero no Brasil. Destaco a incursão de tais segmentos no campo educacional, buscando frear quaisquer tentativas que buscassem incluir as discussões de gênero nos currículos escolares. Através de matérias publicadas na Folha Universal, examino a posição da IURD face à disseminação de uma suposta “ideologia de gênero”, principal argumento empregado por setores conservadores para barrar as discussões de gênero nas escolas.

Tal investigação tem como finalidade captar qual tem sido o papel da igreja na ofensiva contra a educação de gênero nas escolas brasileiras. Na sequência, apresento o *Godllywood Girls*, programa criado pela Universal, responsável por promover um letramento de gênero de viés conservador para garotas durante a infância e adolescência.

Durante grande parte do século 20, o pensamento hegemônico nas Ciências Sociais considerava que a religião perderia espaço nas sociedades modernas, ficando restrita aos ambientes privados. Pensadores clássicos como Max Weber, Emile Durkheim, Karl Marx, argumentaram que na medida em que os processos de racionalização e secularização caminhassem, a religião deixaria de ser uma dimensão importante para compreensão da esfera pública.

No entanto, desde o final da década de 1980, as discussões sobre laicidade e secularização cresceram e se complexificaram devido, sobretudo, ao fortalecimento da Teologia da Libertação³⁵ e do pentecostalismo na América Latina (MARIANO, 2011; CAMPOS, 1999).

Com isto, o lugar das religiões na contemporaneidade tem sido repensado. A teoria da secularização, cuja compreensão atrelava o surgimento de uma sociedade

³⁵ A Teologia da Libertação surgiu nos bancos da igreja católica na década de 1960 e tem como finalidade instigar uma análise crítica da realidade social, buscando instruir a população empobrecida na luta por direitos.

com rígidas fronteiras entre religião e política como consequência de processos de modernização e racionalização, passou a ser revista. Uma das principais críticas atribuídas a essa visão recaiu sobre o entendimento acerca da incompatibilidade entre modernidade e religião.

Nos anos 1960 acreditava-se na inevitabilidade do processo de secularização. Acreditava-se no fim da religião e que, na vida urbana e industrial, não mais haveria lugar para a religião. Os templos, catedrais e organizações religiosas iriam se tornar em túmulos de Deus. Nesse caso, o pentecostalismo era tido tão somente um estertor de uma religião moribunda ante a chegada da era da maturidade do espírito humano. Entretanto, o crescimento do movimento pentecostal, das seitas fundamentalistas e dos cultos animistas no continente mostraram a fragilidade do paradigma da secularização, fruto da modernidade (CAMPOS, 1999, p.359).

Evidencia-se que a teoria da secularização parte de uma interpretação unilinear e colonialista da mudança social, isto é, essa aceção ao conceber a Europa como modelo de organização social a ser seguido, acredita que na medida em que as sociedades se desenvolvessem economicamente, avançassem rumo ao progresso e avanços tecnológicos, a religião tenderia a perder seu espaço para o conhecimento científico, invariavelmente (SILVA e RODRIGUES, 2016).

Além disso, ressalta-se a compreensão equivocada acerca do princípio da laicidade, que não significa a ausência ou combate a religião, mas sim a inexistência de uma religião oficial por parte do estado, de modo que nenhuma denominação seja preterida em relação a outra, onde todas as manifestações religiosas e cidadãos possuem a mesma liberdade de culto, sem privilégios ou discriminações.

Contrária a essa perspectiva universalizante, entendo que o processo de secularização deve ser pensado à luz das características históricas e culturais de cada país, ou seja, é preciso considerar que os movimentos seculares são heterogêneos, assumem características particulares em cada realidade social, não desenvolvendo-se igualmente em todo o mundo (MARIANO, 2011).

Afinal, conforme argumenta Berger (2017), apesar de ter ocorrido movimentos de secularização em diversas partes do mundo, a exemplo da Europa e Estados Unidos – tomados como referências - também temos acompanhado a emergência de movimentos contrassecularizantes nestas regiões, atrelados em grande medida à ascensão de governos autoritários, a exemplo da eleição de Donald Trump para a Casa Branca, o que também tem influenciado as paisagens político-religiosas de outros países, incluindo o Brasil.

Na verdade, ele [governo Trump] deve ser pensado como um momento e um dos epicentros da emergência da direita e da extrema-direita política na cena internacional, que está em forte sintonia com os processos político-religiosos na América Latina, por meio, principalmente, do segmento cristão evangélico, mas não restrito a ele. Além dos cristãos evangélicos, setores conservadores católicos, sionistas (cristãos e judeus), espíritas e de outros segmentos religiosos também têm tido papel fundamental na potencialização da direita religiosa no continente (ALMEIDA; FRESTON, 2021, p.02).

Diante disso, partilho do entendimento da professora Nina Rosas (2023) de que se almejamos decolonizar as discussões sobre secularização e dessecularização, mais do que apontar o “derramamento” da religião na política e vice-versa, torna-se oportuno pensar no “emaranhamento”, ou seja, na mútua construção das realidades religiosa e política visto que “a religião é constituinte e não estrangeira à vida pública” (ROSAS, 2023, p.30).

A relação entre religião e política não é um fenômeno recente no Brasil, tampouco a incursão de grupos evangélicos na esfera pública. Se por um lado, é verdade que a Igreja Católica³⁶ manteve o domínio do estado por séculos, por outro, também é possível identificar a instauração de um “ativismo político evangélico conservador” a partir da Constituinte (MARIANO, 2023).

Desde lá, o grupo que mais tem feito barulho entre o segmento - que vale lembrar é diverso³⁷ - é o alinhado à direita. A convergência ao conservadorismo foi descortinada nas eleições presidenciais de 2018 e 2022, haja vista que o grupo depositou o dobro de votos no candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro em comparação aos adversários Fernando Haddad e Lula, nos respectivos anos³⁸.

³⁶ A separação entre Igreja e Estado foi formalizada em 1890, com a Proclamação da República e a instituição do estado laico, responsável por estabelecer a liberdade de culto e a não intervenção do Estado em assuntos religiosos. Porém, cabe salientar que os objetos religiosos como crucifixos, bíblias ainda permanecem em instituições públicas, sendo naturalizados por uma população majoritariamente cristã.

³⁷ É fundamental registrar que tais coletivos religiosos que têm adentrado cada vez mais os espaços públicos não são homogêneos. Dentro do segmento evangélico, há iniciativas dissidentes de modo que inferir que todo religioso que professa esta fé é conservador, além de não corresponder à realidade, tende a reproduzir preconceitos. Movimento Negro Evangélico, Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Mulheres EIG – Evangélicas pela Igualdade de Gênero e Evangélicas pela Legalização do Aborto são alguns exemplos de grupos evangélicos progressistas. Contudo, considerando os objetivos desta pesquisa, as reflexões são centradas na articulação de grupos que atuam sob a perspectiva conservadora.

³⁸ No final de 2018, faltando quatro dias para o segundo turno das eleições presidenciais, a Bancada Evangélica lançou o “Manifesto à Nação – O Brasil para os Brasileiros”. O documento buscou defender uma “maioria cristã”, contrapondo-se ao que denominava como uma “ditadura da minoria”. O manifesto com 60 páginas e é estruturado em quatro eixos: modernização do Estado, segurança jurídica, segurança fiscal e revolução na educação, o que perpassa a expurgo de “valores comunistas” e a defesa da meritocracia (CAMPOS; SEVERO; AZEVEDO, 2024).

Também é possível constatar a dificuldade do presidente Lula em aumentar o índice de popularidade entre evangélicos neste terceiro mandato.

Além disso, como ressalta Mariano (2023) esta parcela conservadora dispõe de suporte institucional, capilaridade social, controle dos meios de comunicação e de partidos, a exemplo da Universal, cujo grande empreendimento gerenciado pela igreja formado por uma vasta rede de negócios, busquei apresentar no capítulo anterior. Desde a entrada na política institucional, tais grupos evangélicos conservadores têm defendido pautas como o anticomunismo, antipluralismo, contra o avanço de políticas públicas e concessão de direitos a mulheres e população LGBTQIA+.

Pouco afeitos à vida político-partidária do país durante décadas, os evangélicos entraram abertamente na disputa eleitoral temerosos de que a Constituição devolvesse à Igreja Católica antigos e exclusivos privilégios. Temiam também que a nova carta incluísse a defesa dos homossexuais, dos comunistas, das feministas, da liberalização do aborto, do uso de drogas e de outros temas contrários à moral pregada por suas igrejas (PRANDI; SANTOS, 2017, p.188)

Observa-se que, ao mesmo tempo que o segmento evangélico defendeu estrategicamente a laicidade do estado e o pluralismo religioso, como forma de contrapor-se à hegemonia católica, mais recentemente passou a desqualificá-la, associando-a a uma “ideologia de esquerda” (MONTEIRO, 2016; PRANDI; SANTOS, 2017; MARIANO, 2023).

A representação mais cabal é a Frente Parlamentar Evangélica, mais conhecida como “Bancada Evangélica”. Formalizado em 2003, o grupo que não é ideologicamente homogêneo, mas em sua maioria, é conservador (PRANDI; SANTOS, 2017) tem ampliado a passos largos sua participação no Congresso Nacional³⁹. Juntamente com parlamentares católicos conservadores, deputados e senadores integrantes da Bancada Evangélica compõem a “Frente Cristã”, segmento responsável por levantar pautas morais, incluindo a construção de uma agenda antigênero.

Atualmente, a Bancada Evangélica é composta por 228 membros, sendo 202 deputados federais e 26 senadores. Apesar de contar com representantes de 15

³⁹ Importante acrescentar que o crescimento também se observa nas demais casas legislativas e poderes. Em 2020, o Tribunal Superior Eleitoral registrou o maior número de candidaturas vinculadas à religião na história das eleições municipais no Brasil, sendo a IURD a denominação com maior número de concorrentes. Em âmbito nacional, nas últimas eleições de 2022, o número de candidatos religiosos saltou 31% em comparação a 2018.

partidos, o PL (Partido Liberal) e o Republicanos (partido da Igreja Universal) lideram com 84 e 34 congressistas, respectivamente. Somente 26 parlamentares integrantes da Bancada são vinculados a partidos de centro-esquerda, representando 11%.

Em fevereiro de 2025, o grupo que é formado majoritariamente por homens, elegeu um novo líder. Foi a primeira vez que a Bancada Evangélica realizou votação, em células de papel, para escolher quem estaria à frente. Desde a sua fundação, a liderança do bloco foi definida por consenso.

Neste ano, o escolhido foi o deputado federal Gilberto Nascimento do PSD (Partido Social Democrático). O parlamentar tem extensa trajetória na política paulista, onde também foi vereador e deputado estadual. Congressista vinculado à Assembleia de Deus, durante discurso de posse, o novo presidente garantiu que sua gestão se guiará pelos “princípios cristãos, a fé e os valores da família e da vida” (FOLHA DE S. PAULO, 2025).

Analisando a atuação da Bancada Evangélica, Dip (2018) verificou que, entre 2014 e 2017, grande parte dos projetos assinados pelos parlamentares versava sobre costumes e temas morais, ou seja, princípios e normas que buscam orientar o comportamento dos indivíduos. Cabe ressaltar que a abordagem de “demandas moralistas” também é impulsionada por características que sedimentaram a sociedade brasileira, como a lógica patrimonialista, o que dificulta separar a esfera política da moralidade privada (FAORO, 1997).

No período, a Bancada Evangélica propôs 208 projetos de lei, sendo que 77 combatiam a diversidade de gênero e o acesso a direitos reprodutivos ao passo que defendiam a oferta de ensino religioso confessional nas escolas, a presença de igrejas nas discussões sobre segurança pública e na definição das políticas sobre drogas, além da interferência religiosa na pesquisa científica (DIP, 2018).

Complementando, Vital da Cunha (2023) expõe que outra estratégia empregada por integrantes da Bancada Evangélica tem sido a ocupação de comissões estratégicas diante de seus interesses temáticos como a Comissão de Constituição e Justiça, por onde passam todos os projetos que tramitam no Congresso Nacional.

As proposições referentes a valores demonstram uma postura fortemente vinculada a princípios conservadores, que podem ser entendidos como um projeto social de caráter conservador na medida em que buscam estabelecer, através da atuação no espaço público, a extensão de seus valores a todo o conjunto da sociedade (MAIA, 2012, p. 211).

Com o avanço de pautas progressistas voltadas ao gênero e sexualidade durante o primeiro mandato da presidenta Dilma, as divergências entre a Bancada Evangélica e o poder Executivo se radicalizaram, reforçando a inclinação do grupo à direita e, conseqüentemente, a aversão à esquerda, simbolizada pelo Partido dos Trabalhadores (DIP, 2018; MARIANO, 2023; VITAL DA CUNHA, 2023).

Os seguintes fatos exemplificam: em 2013, o deputado federal Marcos Feliciano (PL)⁴⁰, pastor da Assembleia de Deus e uma das figuras mais expressivas da Bancada Evangélica foi eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal com o discurso de defender “os verdadeiros direitos humanos”.

Acumulando uma série de declarações consideradas racistas, misóginas e LGBTfóbicas, o parlamentar defendeu, à época, o ensino obrigatório do criacionismo nas escolas brasileiras⁴¹. Como resposta ao crescente fundamentalismo religioso, foram criados a FPT (Frente Parlamentar de Terreiros)⁴², em 2011, e o MEEL (Movimento Estratégico pelo Estado Laico), em 2013.

A laicidade emergia no movimento social e em partidos de esquerda como um “antídoto” contra o “veneno” que parecia se materializar nas forças religiosas que se pronunciavam na sociedade, com destaque para as evangélicas de perfil conservador. Nesse sentido, as eleições de 2010 e os eventos imediatamente ocorridos na política nacional pareciam inaugurar uma nova atuação de religiosos: ostensiva e mais orgânica (VITAL DA CUNHA, 2023, p.10).

Em 2014, 74% da população brasileira ansiava por mudanças, mas “não em direção ao futuro”, o desejo era por uma recuperação da ordem social através de medidas que gerassem maior estabilidade, principalmente, nas áreas da segurança pública e da economia bem como o retorno de valores tradicionais, já que o mundo - traduzido na civilização ocidental⁴³ - estaria em franca derrocada, com a perda de referenciais morais (VITAL DA CUNHA, 2023).

Também naquele ano, surgiu a primeira candidatura abertamente

⁴⁰ À época, Marco Feliciano era filiado ao PSC. Em 2022, o partido se incorporou ao Podemos.

⁴¹ Ainda ocupando uma das cadeiras na Câmara dos Deputados, em 2024, durante audiência pública para discutir o possível fim da escala de trabalho 6x1, Feliciano pediu obstrução declarando que a proposta de diminuição da jornada é uma “excrecência” e afirmou que em países como os Estados Unidos e o Japão “todas as pessoas trabalham até a exaustão para verem a prosperidade” (FOLHA DE S. PAULO, 2024).

⁴² Analisando a atuação da FPT, a professora Christina Vital da Cunha identificou um grande distanciamento à Bancada Evangélica. De acordo com ela, a FPT era composta integralmente por deputados filiados a partidos de esquerda e centro esquerda e suas principais pautas eram o combate à violência racial e religiosa, a defesa da cultura afro-brasileira e do território afro religioso.

⁴³ Na obra “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente”, o escritor palestino Edward Said discute a construção da hegemonia por parte das sociedades ocidentais, tornando-as referenciais para todas as partes do mundo.

confessional à presidência da República na figura do Pastor Everaldo. Representante da Assembleia de Deus, a maior denominação evangélica do Brasil, Pastor Everaldo foi o nome escolhido pelo PSC (Partido Social Cristão). Se o desempenho nas urnas não foi o esperado, ficando em quinto lugar, o personagem contribuiu para aumentar a visibilidade de pautas moralistas como a contrariedade ao aborto, ao reconhecimento de uniões homoafetivas e o apoio a redução da maioria penal.

As pautas defendidas pela maioria dos parlamentares evangélicos nem sempre versam sobre questões religiosas (DIP, 2018), porém, o segmento tem abordado reais problemas e ansiedades da sociedade brasileira como os alarmantes índices de violência sob o véu de uma moralidade cristã conservadora, propondo soluções simplistas e, na maioria das vezes, sem amparo no conhecimento científico e em arcabouços institucionais.

A estratégia tem nexos já que como explica Durkheim (1996) a religião desempenha um papel primordial na formação e manutenção da moralidade na sociedade, pois opera como um sistema simbólico que reforça valores e normas compartilhados pelos indivíduos, promovendo a coesão social e o senso de pertencimento. “Não pode haver sociedade que não tenha a necessidade de manter e revigorar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade” (DURKHEIM, 1996, p.472).

À vista disso, ao buscar o (re)estabelecimento de uma moralidade cristã conservadora, tais grupos em conjunto com demais segmentos dominantes estão tentando barrar avanços implementados por movimentos democratizadores (TILLY, 2013; AVRITZER, 2018) decorrentes de intensa mobilização de coletivos sociais e entidades, a exemplo dos movimentos feministas, LGBTQIA+, negros, indígenas, entre outros⁴⁴.

O ativismo político pentecostal, de um lado, reage ao que considera ameaças secularistas e a seus valores, representadas por pluralização sociocultural, avanço de movimentos feministas e LGBTQs, políticas e decisões judiciais na área de direitos humanos, sexuais e reprodutivos, ativismo judicial, discriminação midiática e estatal. De outro, visa conquistar hegemonia cultural, social e política, por meio de expansão religiosa e da ocupação evangélica do Parlamento, do Judiciário, do governo, das mídias sociais, em defesa da “maioria cristã”, de seus pleitos e interesses

⁴⁴ Saliento que no desenvolvimento desta pesquisa, os movimentos feministas e LGBTQIA+ são concebidos como diversos, o que permite situar suas respectivas atuações em um campo mais amplo, marcadas por alianças e conflitos (PAOLI, 1991).

institucionais (MARIANO, 2023, p.16).

Tais grupos subalternizados têm disputado a agenda pública e exposto o autoritarismo social latente na sociedade brasileira (CHAUÍ, 2000) ao questionarem quem é o sujeito de direitos privilegiado no transcorrer da história, tensionando, assim, a suposta “paz democrática”, sustentada por uma violência cotidiana e institucionalizada (BALLESTRIN, 2022; REZENDE, 2018; BIROLI, 2023).

Desde a promulgação da Constituição de 1988, e especialmente, a partir dos anos 2000, com a “guinada à esquerda” (também conhecida como onda rosa) houve progressos significativos⁴⁵ – o que não quer dizer que tenham sido consensuais e pacíficos - a nível das políticas públicas voltadas às mulheres e população LGBTQIA+ em alguns países latino-americanos, incluindo o Brasil.

Alguns exemplos são os avanços no reconhecimento e acesso a direitos civis, políticos, sociais bem como a promulgação de leis voltadas ao combate de múltiplas formas de violência. De maneira geral, se viu a ampliação de políticas públicas de proteção social alinhadas à defesa dos direitos humanos. Especificamente, no Brasil, foram aprovadas a exigência de cota de gênero para os partidos, a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio⁴⁶, em 1995, 2006 e 2015, respectivamente. Também foram implementadas a liberação da união civil homoafetiva, em 2011, e a adoção homoparental, em 2015.

Tais mecanismos ganham ainda mais relevância considerando as concepções de justiça e democracia sustentadas pelas elites no Brasil, que tendem a minar processos redistributivos de poder, que visem amplificar direitos no país (AVRITZER, 2018). Soma-se a isso, o passado colonial que se reinventa cotidianamente, sustentando processos de exclusão sob os quais gênero e pertencimento étnico-racial são fatores determinantes (BALLESTRIN, 2018).

Frente a este cenário, Schilling e Boto (2018) evidenciam que no Brasil impera uma disputa em torno do significado dos “direitos humanos”, de quem são os “sujeitos de direitos”. Segundo as autoras, há uma dificuldade de se entender o que

⁴⁵ Sem desconsiderar os limites que tais processos possuem, os interpreto como movimentos redistributivos de poder, já que como apontado pela professora Lua Lamberti de Abreu, primeira mestra travesti formada pela UEM, ainda que arcabouços institucionais sejam insuficientes, eles são “tudo que temos”, ou seja, fundamentais nas lutas travadas pelo respeito à vida.

⁴⁶ Contudo, compartilho das inquietações de Françoise Vergès que questiona os limites do “feminismo civilizatório”, sob qual o estado na função de proteger mulheres, apontando sobretudo, a fragilidade das políticas para mulheres pertencentes a grupos mais vulnerabilizados como negras, indígenas, transexuais, imigrantes.

são direitos e quem pode ser contemplado por eles, ou seja, quais são as vidas que importam. Refletindo sobre os dilemas em torno da igualdade e diferença, a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, as pesquisadoras reforçam a necessidade de pensarmos sobre quais vidas são passíveis de reconhecimento:

Permanece muito viva a ideia de que os direitos humanos seriam “para alguns”, talvez para “humanos direitos”; e que deles estariam excluídas populações que se afastam de uma norma dominante ou que não falam a nossa língua, não rezam aos mesmos deuses, não se comportam como determinado no marco de uma dada sociedade (SCHILLING e BOTO, 2018, p.32).

Frente aos avanços, a Bancada Evangélica reagiu. Entre as respostas, cito a tentativa de emplacar o Estatuto da Família (PL 6.583/2013), que reconhece como família apenas o núcleo formado a partir da união entre *um homem e uma mulher* por meio de casamento ou união estável ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes. Destaco que tal projeto visava restringir a apenas casais heterossexuais o acesso a direitos civis como casamento, adoção bem como cercear a inclusão em políticas governamentais⁴⁷.

A partir dos anos 1980, os movimentos feministas e LGBTQ+ se expandiram e encontraram oportunidades para influenciar as políticas públicas, em um ambiente internacional e nacional relativamente favorável – pela expansão do sistema internacional de direitos humanos e pela democratização e consolidação da democracia no país. Eles o fizeram em conflito com atores conservadores, em coalizões plurais e contenciosas (em particular nos governos do PT), mas também em coalizões convergentes, nas quais visões antifeministas encontraram guarida em um projeto de extrema-direita (BIROLI, 2023, p. 21).

Outra ofensiva que surgiu no período foi o PL nº 5069/2013 de autoria do, então, deputado federal Eduardo Cunha. A medida visava alterar a Lei 12.845/2013, que dispõe sobre atendimento a vítima de violência sexual e o Código Penal, dificultando o acesso ao aborto mesmo nos casos previstos em lei⁴⁸ na rede pública de saúde.

O texto estabelecia que a interrupção da gravidez só poderia ser realizada após a vítima de violência sexual registrar boletim de ocorrência em uma delegacia e fazer exame de corpo delito. Além disso, previa penas maiores para profissionais de

⁴⁷ Para o aprofundamento deste assunto, recomendo a leitura do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da UEL: “Direitos para quem?": o caráter descivilizacional do PL 6583/13 perante a luta pela definição de família”, de autoria da cientista social e bacharela em Direito, Vivian Matsumoto da Silva.

⁴⁸ No Brasil, o aborto é permitido legalmente em três situações específicas: quando há risco de vida para a gestante, em casos de anencefalia fetal e quando a gravidez é resultante de estupro.

saúde que realizassem o procedimento, principalmente, se a vítima fosse menor de idade, ainda que acompanhada de seus responsáveis.

Também no período ressurgiram as discussões em torno do Estatuto do Nascituro (PL 478/2007) que defende os direitos do feto desde a concepção, converte o aborto em crime hediondo e estabelece penas de um a três anos de detenção para quem “causar culposamente a morte do nascituro” e de um a dois anos para quem “induzir mulher grávida a praticar aborto ou oferecer-lhe ocasião para que a pratique” (DIP, 2018).

Em 2024, as discussões voltaram à Casa. O ex-presidente da Bancada Evangélica, deputado Sóstenes Cavalcante (PL) encaminhou projeto de lei que equipara o aborto ao crime de homicídio, mesmo em situações resguardadas na legislação atual (PL 1904/24). A matéria foi nomeada por setores progressistas de “PL da Gravidez Infantil” por atingir, principalmente, crianças vítimas de estupro, que podem ficar proibidas de realizar o aborto depois de 22 semanas de gestação.

Ainda compondo as articulações dos segmentos religiosos conservadores na construção de uma agenda antigênero destaca a tentativa de barrar o debate sobre gênero e sexualidade no PNE (Plano Nacional de Educação), assunto que retomarei no próximo tópico.

Por ora, observo que, embora ainda haja muitos desafios a serem enfrentados em prol da igualdade de gênero e diversidade sexual como a legalização do aborto, políticas de combate à violência focalizadas nos diferentes perfis de mulheridades, fato é que nos últimos 30 anos, após a vigência de ditaduras militares e a abertura de processos de redemocratização na América Latina, novas formas de socialização e sociabilidades ganharam mais visibilidade, passando a questionar valores tradicionais responsáveis por reproduzirem, entre outras hierarquias, papéis tradicionais de gênero e padrões de conduta embasados nestes estereótipos (CARRANZA, 2020; BIROLI, 2023).

Por sua vez, o fortalecimento de movimentos sociais de viés progressista foi acompanhado da expansão e maior organicidade de grupos conservadores, muitos deles com vinculação religiosa, que passaram a ocupar a esfera pública através do ingresso na política partidária, em organizações da sociedade civil, meios de comunicação e, mais recentemente, nas redes sociais.

O efeito pode ter sido, sim, a ampliação dos conflitos, mas porque um dos resultados dessas lutas foi a desnaturalização de hierarquias e barbaridades cometidas em nome da ordem familiar, da nação etc. A

estratégia reativa dos atores conservadores e antidemocráticos tem sido relativamente simples, e, talvez por isso, mobilizadora: afirmam que a realidade é o que é, que “sempre foi assim” e que as demandas por mudanças são estrangeiras em relação aos valores “da maioria” (BIROLI, 2023, p.23).

Portanto, sob a pecha de restaurar “a moral e bons costumes cristãos” torna-se evidente a articulação de grupos religiosos, que buscam defender uma moralidade sexual reguladora. De ambos os lados, tais segmentos têm sido capazes de mobilizar legalmente atores e instâncias para disputar o conceito de família e o direcionamento de políticas públicas, incluindo a educação de gênero nos currículos escolares. “Políticas de gênero e para a família se tornaram arena de ação coletiva significativa, tanto progressista como conservadora” (BIROLI, 2023, p.21).

Nota-se que a recusa à educação de gênero tem como principal argumento a defesa de um modelo tradicional de família. Porém, cabe ressaltar que mesmo sob o arranjo heteronormativo, o desenho de família tem se alterado. Entretanto, não há um aprofundamento por parte dos grupos conservadores das efetivas razões que têm levado a mudanças no desenho das famílias brasileiras como a queda na taxa de natalidade⁴⁹, casamentos mais tardios e menos duradouros, maior participação das mulheres no mercado de trabalho remunerado ao mesmo tempo em que o neoliberalismo desregulamentou as relações trabalhistas, diminuindo as garantias sociais. Os argumentos apresentados têm a intenção de moralizar, julgar e deslegitimar outros modelos familiares tomados como “decadentes” e “desintegrados” (BIROLI, 2023).

Para Carranza (2020) tais “alteridades reativas” procuram rechaçar quaisquer transformações nos padrões hegemônicos ao passo que anseiam legitimar o status quo, defender o *establishment* (família, moralidade, tradição, nação), o que pode ser observado em máximas como: “cristianismo sim, feminismo não, cristianismo sim, ideologia de gênero não”.

Não obstante, Burity (2015) também argumenta que a partir de 2014, evangélicos têm intensificado a mobilização para a aprovação de uma agenda moral no Brasil, cujos principais ataques são direcionados aos direitos humanos, a efetividade de políticas que visam às igualdades de gênero, étnico-racial e o

⁴⁹ Entretanto, é necessário salientar que nem todos os extratos sociais vivenciam as mudanças da mesma forma, já que enquanto a queda na taxa de natalidade e aumento nos níveis de escolarização são vivenciados por mulheres de classes médias altas, entre as mais pobres, as taxas de natalidade seguem mais altas bem como os índices de gravidez na adolescência e os arranjos familiares mais comuns é de mães solo (BIROLI, 2023).

reconhecimento da diversidade sexual.

Através de tais ofensivas, atores religiosos rechaçam conquistas democráticas que permitem incluir na arena política camadas historicamente excluídas da sociedade. Sem uma liderança única, mas com pensamentos e ações convergentes, a onda conservadora foge ao controle das elites políticas e religiosas e envereda-se para um movimento de re-hegemonização do campo evangélico, se alinhando as propostas neoliberais e conservadoras (BURITY, 2015).

Biroli (2020) chama atenção para o caráter transnacional da ofensiva que tem no centro da disputa a ideia de que as demandas em prol da igualdade de gênero e diversidade sexual constituem uma ameaça para a “família” e as “crianças”. Dito de outro modo, tais grupos conservadores consideram que há uma conspiração global, encabeçada pela ONU (Organização das Nações Unidas), União Europeia, governos de esquerda, movimentos feministas e LGBT para “destruir a família”.

Nesta amálgama, posicionamentos contrários a educação de gênero nas escolas têm ganhado força, por ser considerada um mecanismo para corromper moralmente as crianças em diferentes partes do mundo⁵⁰ (BIROLI, 2018; BUTLER; 2024). A seguir buscarei demonstrar como este “ativismo político evangélico conservador” (MARIANO, 2023) tem se articulado para tentar barrar a inclusão das discussões de gênero nos currículos escolares, destacando o posicionamento da Universal neste campo.

2.1. AS DISPUTAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO DE GÊNERO

Em diversas partes do mundo, o campo da educação de gênero têm sido objeto de intensas disputas. Grupos progressistas e conservadores conflitam não apenas entre os sentidos, mas também entre espaços em que tal temática deve - ou não - estar presente. Nesta seara, as escolas e, conseqüentemente, a construção das políticas educacionais e currículos ganham centralidade.

Vicente (2024) aponta que em meio a disputas ideológicas que afetam a implementação de políticas educacionais, a educação sexual torna-se um dos campos mais vulneráveis a interferências de grupos conservadores. Na maioria das

⁵⁰ Espanha, França, Polônia, Romênia e, na América Latina, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, México e Costa Rica são exemplos.

vezes, tais segmentos buscam cercear o debate sobre a sexualidade à esfera privada, concentrando a discussão a uma dimensão estritamente biológica e, conseqüentemente, ignorando a pluralidade de vivências.

No Brasil, não existe uma legislação que regule a educação de gênero nas escolas, sendo o MEC (Ministério da Educação), responsável pela produção de documentos que norteiem a abordagem das temáticas em diferentes aspectos que envolvem o processo de ensino aprendizagem, desde os cursos de licenciatura, voltados à formação de professores, aos conteúdos que chegarão às salas de aula do ensino básico.

No início do século 20, as questões de sexualidade e educação sexual eram incluídas entre os temas a serem tratados pelo currículo escolar. A discussão sobre a inclusão desta temática no currículo escolar é antiga e relativamente permanente, o mesmo não se pode dizer da proposição de políticas públicas federais na área da educação específicas sobre o tema, menos ainda se considerarmos a inclusão de novos sujeitos que reivindicam políticas específicas ligadas ao reconhecimento da diversidade sexual (VIANNA; UNBEHAUM, 2016, p.63).

A falta de uma legislação que torne a educação de gênero um conteúdo obrigatório, a exemplo da Lei nº 10.639 e Lei nº 11.645, que tornam estabelecem o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, certamente dificulta o trato das questões de gênero nas escolas. Isto porque, a abordagem fica condicionada aos espectros ideológicos tanto dos agentes que ocupam o MEC, entre um governo e outro, bem como das equipes pedagógicas e professores (VICENTE, 2024).

Contudo, embora não haja uma lei que determine a educação de gênero, há alguns documentos propostos pelo estado brasileiro, nas últimas três décadas, que buscaram abordar a temática⁵¹. Tais documentos representam, a meu ver, tentativas encampadas, sobretudo, a partir dos governos de Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma para incluir as discussões de gênero e sexualidade nas escolas brasileiras, visto que como apontado esta demanda é central na agenda mais ampla em prol da igualdade e diversidade de gênero, levantada nos últimos 30 anos, mediante a emergência de movimentos democratizantes (TILLY, 2013; AVRITZER, 2018; BALLESTRIN, 2022).

Especialmente após a Constituição Federal de 1988, a escola passou a

⁵¹ Na década de 1920, registravam-se propostas de inclusão da educação sexual nas escolas públicas para crianças a partir de 11 anos, influenciadas pelas correntes higienistas (VIANNA; UNBEHAUM, 2016, p.63).

assumir a função de cuidar da sexualidade de crianças e adolescentes a fim de manter e normatizar os comportamentos sexuais dentro dos padrões sociais (Altmann, 2001; Figueiró, 1998). Nesse período por pressão social do movimento feminista – em relação às desigualdades que afetavam as mulheres brasileiras –, passa a ganhar força no debate sobre direitos. A retomada efetiva da inclusão da sexualidade no currículo deu-se a partir de 1995 com a pressão de movimentos de mulheres e com as sucessivas respostas do governo de Fernando Henrique Cardoso aos compromissos internacionais relativos a uma agenda de gênero e sexualidade assumidos pelo estado brasileiro (VIANNA; UNBEHAUM, 2016, p.71).

Entretanto, tais documentos, que tem como finalidade servir como base para as proposições realizadas em âmbitos estaduais e municipais, constituindo, assim, um aparato legal e referencial teórico para o professor conduzir as discussões de gênero em sala de aula, têm causado “extraordinário alarde” (BUTLER, 2024) entre setores conservadores da sociedade brasileira, que articularam uma espécie de “cruzada” contra organismos internacionais, órgãos governamentais, escolas e professores.

Tais ofensivas, que contaram com a participação de representantes religiosos eminentemente cristãos, mas também de outros setores como o grande empresariado e conquistaram grande adesão entre parte significativa da população brasileira, relevam mais uma manifestação da “resistência sociopática” das classes dominantes e médias à mudança social (FERNANDES, 1967).

A seguir, procuro elaborar este cenário de disputas em torno da educação de gênero nas escolas brasileiras, a partir de propostas e contrapropostas, ou seja, marcado por períodos em que diretrizes e programas institucionais sinalizavam a inclusão da temática em sala de aula, e outros momentos caracterizados pela suspensão dos debates e tentativas de silenciamento.

Uma das primeiras tentativas de regulamentar a educação de gênero nas escolas brasileiras ocorreu em 1994, através da criação de Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade pelo Ministério da Educação.

O documento formulado no contexto do Pronaica (Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente) destaca a importância da educação sexual nos espaços escolares a fim de diminuir a incidência de gravidez na adolescência e de doenças sexualmente transmissíveis.

Mas a resolução expande os objetivos, apresentando a sexualidade não apenas na dimensão biológica, também como fenômeno sociocultural e psicológico, englobando, assim, tanto a saúde sexual e reprodutiva, como a sexualidade

enquanto expressão humana e coletiva, orientada por valores e normas que se modificam a depender das culturas, locais e tempos históricos (BRASIL, MEC, 1994).

Diante disso, o documento ressalta a necessidade de estudar o contexto em que as escolas estão inseridas e instiga uma reflexão crítica sobre valores e comportamentos que possam ensejar preconceitos e violências. Por sua vez, a função do sexo não é restrita à finalidade reprodutiva, mas também como fonte de prazer, afeto e autoconhecimento.

Ademais, a diretriz contempla a dimensão ética da sexualidade, abordando a perspectiva do indivíduo na relação com o outro e explorando o corpo não apenas na dimensão biológica, mas também como uma construção histórica e social. “O corpo não é apenas um veículo por meio do qual a pessoa se faz presente no outro e no mundo, mas é também aquilo através do qual o outro e o mundo se fazem presentes na pessoa” (BRASIL, MEC, 1994).

O segundo documento que abordou a educação de gênero no ambiente escolar foram os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) lançado em 1997. O documento, publicado logo após a aprovação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) estabelece o respeito aos direitos humanos, incluindo a igualdade de gênero, como um dos princípios da educação básica.

Segundo o documento, a inclusão da educação de gênero nos currículos “tem como propósito combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação” (BRASIL, MEC, 1998, p. 352).

Destaca-se, portanto, a explícita referência ao desenvolvimento de atividades que cooperem para desconstruir a visão patriarcal, que fundamenta relações hierárquicas entre homens e mulheres, ao mesmo tempo em que defende a promoção da igualdade de gênero. Porém, o documento ainda estava orientado na visão binária de gênero de modo que não aprofundou as discussões sobre sexualidades dissidentes.

Assim, é possível afirmar, até aquele momento, que a ênfase estava na redução da sexualidade à heterossexualidade e destacar a restrita menção da homossexualidade nos PCN e o silenciamento da discriminação sofrida pela população LGBT (VIANNA; UNBEHAUM, 2016, p.82).

Elaborado em dez volumes, o último deles intitulado “Orientação sexual”,

definiu as questões de gênero como um dos temas transversais⁵². É interessante notar que no documento, o termo “orientação sexual” utilizado para designar atração emocional, romântica e/ou sexual de uma pessoa por outra, adquiri um significado mais amplo:

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro (BRASIL, MEC, 1998, p. 03).

Vicente (2024) aponta que a inclusão da educação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, foi motivada pelo crescimento nas taxas de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes. O desconhecimento sobre as temáticas revelava a necessidade de implementar ações preventivas e a escola tornou-se um espaço fundamental para a divulgação de informações.

Além disso, visou atender princípios estabelecidos no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)⁵³ e na LDB⁵⁴, reforçados por compromissos internacionais assumidos pelo estado brasileiro, sob a gestão de Fernando Henrique de Cardoso, na Conferência de Cairo e na Conferência de Pequim, realizadas em 1994 e 1995, respectivamente (VICENTE, 2024).

Entre as estratégias para a melhoria da qualidade de vida da população, na Conferência de Cairo, o Brasil comprometeu-se com a promoção de ações voltadas à igualdade de gênero, eliminação da violência contra as mulheres, garantia de direitos reprodutivos, redução da mortalidade materna e infantil. Já na Conferência de Pequim, entre outras responsabilidades, o estado brasileiro assumiu a tarefa de incentivar e oportunizar a participação de mulheres na política (VICENTE, 2024).

Pode-se afirmar, com cautela, que a participação do governo brasileiro e dos distintos sujeitos coletivos, organizados nas várias Conferências Internacionais, ao longo de 1990, favoreceu a constituição de um novo

⁵² Correspondem a questões sociais relevantes que devem ser abordadas de forma integrada em todas as disciplinas do currículo escolar.

⁵³ Estabelecido em 1990, o ECA afirma que é direito de toda criança e adolescente à liberdade de opinião, expressão e de crença.

⁵⁴ Promulgada em 1996, a LDB define entre os princípios que devem basear o ensino: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e respeito à liberdade e apreço à tolerância.

pacto educacional voltado à introdução das desigualdades socioculturais, mesmo que orientado ao cumprimento de outras metas de universalização de acesso e de elevação da escolaridade, a flexibilização dos currículos, entre outros, direcionadas por agências multilaterais internacionais. No entanto, não se pode deixar de observar a influência da esfera da saúde na educação, ao contextualizar a introdução do gênero nas políticas públicas de educação, com especial visibilidade mais recente para as demandas em torno da diversidade sexual. Foi nesse setor, na esteira da educação sexual, com foco na prevenção de DSTs e HIV/Aids que o debate se fez visível e viável, para depois ser então inserido nas demandas realizadas por setores da sociedade civil junto à área da educação (VIANNA; UNBEHAUM, 2016, p.73).

Outro apontamento em relação ao documento é que ele diferencia o papel da família e da escola em relação à educação sexual, reforçando que enquanto a primeira guia as discussões com base em valores, inclusive, religiosos, a segunda possibilita a discussão a partir de diferentes pontos de vista.

A escola não substitui nem concorre com a família, mas possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de valores. Em nenhuma situação cabe à escola julgar a educação que cada família oferece a seus filhos. Como um processo de intervenção pedagógica, tem por objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados, sem invadir a intimidade nem direcionar o comportamento dos alunos (BRASIL, MEC, 1997).

Assim como as Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam a educação sexual na perspectiva das relações de gênero, ou seja, enquanto um fenômeno multifacetado, perpassado por dimensões biológicas, mas também históricas, sociológicas, culturais e psicológicas.

“Nos PCN a orientação sexual tem como premissa transmitir conteúdos que versam sobre o corpo, o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados nos relacionamentos” (VICENTE, 2024, p.06).

Entretanto, o lançamento da normativa não foi acompanhado de investimentos na formação docente que propiciassem aos educadores os conhecimentos necessários para a abordagem dos conteúdos em sala de aula (VICENTE, 2024).

Em 2003, durante o primeiro governo Lula, foi criado o SPE (Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas). Ainda vigente, a iniciativa constitui uma parceria entre o Ministério da Saúde e Ministério da Educação com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas)

e tem como finalidade realizar ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva entre adolescentes e jovens.

Com isso, espera-se contribuir para a redução da infecção pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), entre outras doenças sexualmente transmissíveis, e erradicar a evasão escolar causada pela gravidez indesejada na faixa etária de 10 a 24 anos. Embora o foco esteja na prevenção e promoção da saúde, o projeto também inclui a discussão sobre relações de gênero, sexualidade e orientação sexual no “Guia para a formação de profissionais de saúde e educação”.

Em 2006, foi publicado o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, que entre seus objetivos, apresenta a inserção no currículo escolar de temáticas relativas a gênero como identidade de gênero e orientação sexual, entre outras diversidades.

Fomentar a inclusão, no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros, bem como todas as formas de discriminação e violações de direitos, assegurando a formação continuada dos(as) trabalhadores(as) da educação para lidar criticamente com esses temas (BRASIL, MEC, 2007, grifo meu).

O documento, se apoia em outras diretrizes nacionais e internacionais, a exemplo do Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos, busca afirmar o papel do estado brasileiro na defesa dos direitos humanos. Assim, o marco define como meta promover ações educativas que incentivem profissionais da educação a atuarem na defesa de direitos de grupos subalternizados como mulheres, gays, lésbicas, transgêneros, transexuais e bissexuais.

Além da educação formal, a normativa procura fomentar a atuação dos meios de comunicação na perspectiva da educação em direitos humanos, sendo um de seus princípios o respeito às diferenças de etnia, raça, pessoas com deficiência, cultura, gênero, orientação sexual, política e religiosa. Por sua vez, o Plano Nacional de Educação, com vigência entre 2001 e 2010, estabeleceu como metas consolidar o PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático), estabelecendo entre seus critérios a adequada abordagem das questões de gênero.

Também recomendou a inclusão das discussões de gênero nas diretrizes curriculares dos cursos de licenciatura e, ainda, fixou como meta a equidade entre os sexos no número de matrículas, em nítido aceno aos movimentos feministas e LGBTQIA+. Porém, a abordagem focalizou mais os impactos das desigualdades de

gênero no acesso à educação formal, não avançando na inclusão da temática nos currículos (VIANNA; UNBEHAUM, 2016).

Desde a década de 1970, tais coletivos têm atuado mais intensamente para a extinção de assimetrias de gênero em diferentes campos, incluindo não só o acesso à educação, mas também a permanência com equidade, já que as múltiplas violências de gênero, registradas dentro e fora do ambiente escolar, têm levado ao baixo desempenho e abandono.

De maneira gradual, os níveis de escolarização de meninas têm aumentado significativamente nos últimos anos, caminhando à paridade. Dados do Censo 2023, identificaram que garotas representam 49,4% das matrículas na educação básica, o que equivale a 47,3 milhões de estudantes (IBGE, 2023).

De acordo com a pesquisa, na educação infantil, as meninas são 48,7% (4,6 milhões). No ensino fundamental, elas correspondem a 48,5% (7 milhões) nos anos iniciais (1º ao 5º) e contam com esse mesmo percentual (5,7 milhões) nos anos finais (6º a 9º). Já no ensino médio, pela primeira vez, elas passaram a ser maioria, atingindo 50,9% das matrículas (3,9 milhões).

Conseqüentemente, a inserção de mulheres no mercado de trabalho formal também tem crescido. Segundo mapeamento da Fundação Carlos Chagas, entre 1976 e 2007, o número de mulheres desenvolvendo atividades remuneradas, com vínculo empregatício, saltou 85% no país. Entre 2001 e 2013, a quantidade de mulheres empregadas com carteira assinada aumentou 33,9% enquanto entre os homens, o salto registrado foi de 28,1% (FCC, 2013).

Sob grande resistência, nota-se a maior participação de mulheres em nichos de trabalho antes considerados eminentemente masculinos, a exemplo das engenharias. Porém cabe pontuar que, além da desigualdade salarial⁵⁵, a presença da mão de obra feminina continua majoritária em setores vinculados à economia do cuidado, incluindo atividades como assistência social, educação, saúde, serviços domésticos, ou seja, em áreas historicamente concebidas como “mais femininas” (ROSEMBERG; POMPEU; MONTENEGRO, 1990).

⁵⁵ A desigualdade salarial entre homens e mulheres é um problema persistente no mercado de trabalho brasileiro, com mulheres ganhando, em média, cerca de 20% a menos do que homens, segundo diversos levantamentos. A diferença salarial se manifesta em diferentes níveis hierárquicos e categorias profissionais, sendo mais acentuada em cargos de gerência, e para mulheres negras. Levantamento do DIEESE identificou que, em 2024, o recebimento médio das mulheres brasileiras, foi cerca de 22% menor do que o dos homens, com uma diferença de R\$ 762 por mês. No caso das mulheres negras, na comparação com os homens brancos, a disparidade é ainda maior, chegando a 53,49% a menos.

Também é necessário destacar que a inserção no mercado de trabalho formal constitui uma das principais pautas de movimentos feministas hegemônicos, já que como observado por Lélia Gonzalez (2020) a força de trabalho de mulheres negras tem sido historicamente explorada em postos com menor prestígio social, condicionados a salários mais baixos e a informalidade, inclusive, para que mulheres brancas possam sair do ambiente doméstico e venham a exercer profissões regulamentadas no espaço público.

Questão da exploração das trabalhadoras domésticas majoritariamente negras por suas empregadoras tampouco foi bem recebida na agenda do movimento de libertação das mulheres; argumentava-se que ao receberem remuneração elas estariam “liberadas” para o engajamento na luta das mulheres (GONZALEZ, 2020, p.164).

Em suma, condicionadas ao “duplo nó”⁵⁶, ou seja, ao sexismo e racismo, mulheres negras têm sua força de trabalho apropriada, seus corpos e subjetividades violentados desde o período colonial. E a despeito de serem uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento econômico nacional, constituem o segmento da população que menos acessam direitos.

Por sua vez, o avanço nos níveis de escolarização e empregabilidade dentre a comunidade LGBTQIA+ tem enfrentado maiores resistências. Dados reunidos no dossiê Registro Nacional de Mortes de Pessoas Trans no Brasil em 2024: da Expectativa de Morte a um Olhar para a Presença Viva de Estudantes Trans na Educação Básica Brasileira, organizado pela Rede Trans Brasil, demonstram que, no ano passado, o país contava com pelo menos 9 mil estudantes trans matriculados em escolas estaduais (REDE TRANS BRASIL, 2024).

Tratam-se de matrículas de estudantes com o nome social⁵⁷ em 14 estados e no Distrito Federal. Dentre os estados analisados, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte tem o maior número de matrículas. O levantamento mostra também que apenas em cinco estados e no Distrito Federal, o número de matrículas com nome social aumentou entre 2023 e 2024, sendo: Santa Catarina, Mato Grosso, Rio de

⁵⁶ Lélia Gonzalez (2020) evidenciou três representações hegemônicas sobre a mulher negra a saber: “mulata como empreendimento”, “empregada doméstica – mucama permitida” e “mãe preta”. Tais imagens demonstram que a objetificação do corpo da mulher negra, repressão ainda mais evidente durante o carnaval, caminha juntamente com animalização. Sob esta lógica dominante, mulheres negras são esvaziadas de suas histórias, passando a ser concebidas somente na dimensão biológica, como corpos mais suscetíveis a exploração e violências diversas.

⁵⁷ O nome social é o nome que a pessoa travesti ou transexual prefere ser chamada. O uso do nome social é um direito garantido desde 2018, pela portaria 33/2018 do Ministério da Educação, que autoriza o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares da educação básica, para alunos maiores de 18 anos.

Janeiro, Distrito Federal, São Paulo e no Espírito Santo (REDE TRANS BRASIL, 2024).

Dados da pesquisa Censo Trans também conduzido pela Rede Trans Brasil mostram que de um grupo selecionado de 1,1 mil mulheres trans, a maior parte, 63,9% não possuíam o ensino médio completo. Dentre elas, 34,7% não chegaram a concluir sequer o ensino fundamental. Sendo precoce e violentamente evadidos dos bancos escolares, a presença de estudantes trans no ensino superior ainda é extremamente baixa, representando apenas 0,3% das matrículas em universidades federais, por exemplo (REDE TRANS BRASIL, 2024).

Mediante à exclusão, instituições de ensino superior federais e estaduais têm discutido a implementação de cotas para pessoas trans, travestis e não binárias, a exemplo da UEL, que neste ano, instaurou um grupo de trabalho para avaliar o estabelecimento das ações afirmativas específicas para esta parcela da população. Conforme aponta a socióloga, Ursula Brevilheri, na coluna “Por uma universidade travesti”, publicada no Portal Verdade, veículo do Coletivo de Sindicatos, mais do que ultrapassar uma barreira institucional, a proposição de cotas trans nas universidades é uma luta pelo direito à vida:

É muito provável que você não esteja costumado a ver uma pessoa trans no seu dia a dia, exatamente porque não convive conosco e acredita que somos de outro mundo. Não somos! Trabalhamos, pagamos impostos, somos também parte da cidade. Desta forma, convocar a discussão sobre cotas para pessoas trans é reivindicar o direito de existirmos (PORTAL VERDADE, 2025).

Em 2003, com a criação da SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade)⁵⁸ é possível observar o fortalecimento das questões de gênero nas políticas educacionais (VIANNA; UNBEHAUM, 2016). Já em 2004, é lançado o projeto "Escola sem Homofobia" uma frente do programa “Brasil sem Homofobia”.

A iniciativa do governo brasileiro, em parceria com organizações não governamentais, previa a distribuição de cartilhas, vídeos e outros recursos didáticos, visando orientar professores nas discussões sobre diversidade sexual e de gênero em sala de aula. Como sugere o nome, o “Kit Anti-Homofobia”, objetivava desconstruir preconceitos, visando a inclusão da população LGBTQIA+. Com o projeto, o governo Lula tentou responder a cobrança de movimentos sociais, que

⁵⁸ A partir de 2011 essa secretaria passou a ser denominada SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão).

reivindicavam reconhecimento e estabelecimento de políticas públicas especializadas (VICENTE, 2024).

Entretanto, como alertam Silva, Ribeiro e Paulini (2023) a reação ao projeto “Escola sem Homofobia” pode ser considerada uma das primeiras ofensivas mais organizadas contra a educação de gênero na última década. Pejorativamente nomeado de “kit gay”, o ataque alcançou grande visibilidade em todo o país, tornando-se, inclusive, um catalisador de votos.

O material foi apresentado em audiência pública no Congresso Nacional, no final de 2010. Na ocasião, o então, deputado Jair Bolsonaro, ocupou a tribuna para anunciar, o que classificou como um “escândalo”. Folheando uma das cartilhas e ocultando a informação de que o público-alvo eram alunos do ensino médio, o parlamentar bradou que crianças e adolescentes receberiam um “kit gay”, responsável por “estimular o homossexualismo e a promiscuidade” (AGÊNCIA PÚBLICA, 2018).

No geral, durante sua atuação na Câmara dos Deputados, entre 1991 e 2018, Jair Bolsonaro se posicionou contra qualquer política pública que incorporasse questões de gênero e sexualidade na esfera pública e no espaço escolar. No período em que esteve na presidência, entre 2019 e 2022, o posicionamento se manteve. A gestão de Bolsonaro foi marcada pelo desmantelamento de diversas políticas fundamentais como a redução do orçamento destinado a programas de saúde reprodutiva e combate à mortalidade materna (LEMOS, 2024).

Soma-se ao quadro, o desinvestimento em ações voltadas à igualdade de gênero e combate à violência contra a mulher. A Secretaria de Políticas para as Mulheres foi rebaixada, sendo incorporada ao Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos, o que dificultou a sua autonomia na promoção de políticas públicas específicas para mulheres. Diversos destinados à participação da mulher no mercado de trabalho e na ciência e tecnologia foram descontinuados (LEMOS, 2024).

As fragilidades presentes no plano de governo de Bolsonaro podem ser analisadas a partir da baixa ênfase dada a questões essenciais, como os direitos das mulheres, o combate à violência doméstica e a proteção aos direitos humanos. A ausência de menções a termos como “gênero” também indica uma falta de compromisso com políticas voltadas para a igualdade de gênero e os direitos da população LGBTQIA+. Já as palavras “Deus” e “família” aparecem com frequência no plano de governo de Jair Bolsonaro. Tais termos refletem a ênfase atribuída a valores tradicionais e conservadores. A defesa da família, muitas vezes entendida como a família nuclear tradicional, e a invocação de Deus são pilares centrais da retórica

de Bolsonaro, direcionados a um eleitorado que valoriza fortemente esses aspectos (LEMOS, 2024, p.65).

Tais ações demonstram que, em consonância com outras partes do mundo que também passaram pela ascensão de governos populistas de extrema-direita, o governo de Jair Bolsonaro contribuiu para institucionalizar uma agenda declaradamente antigênero.

A partir de 2019, com a chegada de Jair Bolsonaro ao poder, a ideologia antigênero foi transportada para a gramática do Estado, como já acontecia na Hungria, Polônia, Rússia e Turquia. O Brasil também se tornou um nodo e laboratório de conectividade da ultradireita, por intermédio do qual as trocas em torno da política antigênero foram decididamente significativas (CORRÊA; PRADO, 2024, p.02).

Com o discurso viralizado nas redes sociais e igual atenção da mídia hegemônica, não demorou para que se alastrasse por toda a sociedade brasileira a ideia de que o governo petista distribuiria cartilhas para incentivar práticas homoafetivas e a sexualização precoce de crianças e adolescentes.

Pressionada pela Bancada Evangélica, que classificou o material como “doutrinador” e base para a implementação de uma suposta “ditadura gay”, a presidenta Dilma Rousseff vetou o projeto em 2011. Não parece-me coincidência que o ataque à educação de gênero tenha ganhado maior projeção no Brasil exatamente no período em que, pela primeira vez, o país conta com uma mulher na presidência.

Também não me soa como um acaso, neste mesmo período, em que os discursos antigênero começam a ganhar força no país, a IURD ter implementado o programa *Godllywood* a intenção de combater “valores errados” e “resgatar a essência feminina” (UNIVERSAL, 2019).

O avanço do conservadorismo no poder Executivo e Legislativo, mas também entre a população tem, em grande parte, contribuído para o retrocesso na implementação de políticas de educação de gênero e diversidade sexual nas escolas públicas (SILVA et al, 2023, p.09).

Em 2010, através da CONAE (Conferência Nacional de Educação) começaram as movimentações para a construção do Plano Nacional de Educação (2014-2024). Com o início da tramitação na Câmara dos Deputados, o documento tornou-se alvo de setores conservadores que não mediram esforços para vetar a presença do “gênero” entre os conteúdos educacionais.

Brito Júnior (2024) investigou a escalada da ofensiva, que foi recrudescendo e

culminou na supressão de temática. O pesquisador aponta que até o final de 2012, o texto tramitou sem grandes dificuldades e questionamentos sobre a menção às questões de gênero e sexualidade. Não houve, por exemplo, divergências em relação ao desenvolvimento do Colóquio Educação e Diversidade Sexual durante a CONAE, sob a condução da ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos).

Entre as deliberações da CONAE, foi firmado o compromisso de construção de uma proposta pedagógica sobre gênero e diversidade sexual, voltada a todas as modalidades e níveis da educação básica, que eliminasse conteúdos sexistas e discriminatórios. Também foi estabelecido o desenvolvimento de materiais didáticos que instruísem adolescentes e jovens sobre o acesso a direitos sexuais e reprodutivos (CONAE, 2010).

A primeira ingerência no documento ocorreu na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado que questionou a flexão de gênero de palavras contidas no documento, sugerindo a adequação dos termos em favor da adoção do masculino plural como expressão de uma suposta neutralidade de gênero na língua portuguesa (BRITO JÚNIOR, 2024).

Em seguida, a Comissão Especial instaurada pela Câmara dos Deputados, em 2011, para elaborar parecer sobre o projeto de lei, sugeriu mudanças no texto, propondo a “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação” suprimindo, então, as menções aos termos “gênero” e “orientação sexual”.

Vale destacar que, a despeito das dezenas de orientações da CONAE, os conceitos apareciam apenas uma vez no projeto enviado pelo poder Executivo à Casa. A menção constava na estratégia 3.9 da meta 3, com a seguinte redação: “implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação à orientação sexual ou à identidade de gênero, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão” (BRITO JÚNIOR, 2024).

No final de 2013, ao chegar na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado, o relator senador Álvaro Dias, ratificou a retirada das expressões “gênero”, “sexualidade” e “orientação sexual” do texto, diluídas no “combate a quaisquer tipos de discriminação”.

No entanto, o debate em torno da votação dos Planos Estaduais e Municipais de Educação, tem sofrido um tratamento distorcido e politicamente nefasto em relação às questões de gênero e diversidade

sexual. Com base no discurso de setores religiosos conservadores advogam-se a supressão das palavras gênero, diversidade e orientação sexual nos Planos Estaduais e Municipais de Educação. Para justificar essa exclusão, utilizam o pseudoconceito da “ideologia de gênero”, que ensinaria as crianças a não ter pertencimento identitário e acabaria com as famílias, criando um verdadeiro pânico em relação a essa temática. Pânico injustificado porque gênero não é uma ideologia, é um conceito que procura ampliar o debate sobre a qualidade da educação; democrática e acolhedora de todos e todas independente de seu pertencimento racial, étnico, religioso ou de gênero. A intenção não é ensinar como ser menino ou ser menina ou acabar com a família como uma instituição, mas acolher todas as formas de ser menino ou menina ou qualquer modelo de organização familiar (VIANNA; UNBEHAUM, 2016, p.63).

A articulação da Bancada Evangélica teve grande peso para que as discussões de gênero fossem retiradas do Plano Nacional de Educação. Entre os argumentos, a Frente associou a temática a promoção de uma suposta “ideologia de gênero”, argumento que não possui reconhecimento científico, mas que tem sido ferozmente empregado para barrar a agenda em prol da igualdade e diversidade de gênero, com ênfase no cerceamento do debate sobre gênero e sexualidade nas escolas.

Em 2014, durante a tramitação do PNE no Congresso Nacional, parlamentares evangélicos e católicos se uniram em uma missão que se tornaria uma de suas maiores bandeiras nos próximos anos: a exclusão dos debates sobre gênero nas escolas de todo o país. Na época, era possível encontrar militantes pró-vida gritando “não ao gênero” diante de assembleias legislativas [...] os parlamentares proibiram votações, protestaram e encabeçaram batalhas com o objetivo de retirar o termo “gênero” dos planos municipais e estaduais (DIP, 2018, p.101).

Dito de outro modo, no âmbito dos ataques à educação de gênero, certamente, o uso do sintagma⁵⁹ “ideologia de gênero” (JUNQUEIRA, 2018) é o mais recorrente e, portanto, o que conquistou maior projeção seja entre grupos religiosos conservadores, mas não só, visto que estes têm se alinhado com outros segmentos antidemocráticos, a fim de censurar a discussão sobre gênero nas escolas.

A religião é importante nessas disputas. Os atores políticos conservadores ativam estratégias para impor a moralidade religiosa como moralidade pública. Isso ocorre em uma temporalidade específica, na qual a reação aos avanços produzidos por movimentos feministas e LGBTQ é um fator fundamental. Vale observar que políticos e partidos evangélicos, que são importantes nessa dinâmica, expandiram sua atuação com os processos de democratização na região. São atores desses regimes, isto é, se fizeram

⁵⁹ Segundo Junqueira (2018) sintagmas não são conceitos científicos, mas correspondem a “grotescas formulações paródicas ou até fantasmáticas”, nas quais a retórica reacionária se sustenta, a fim de promover polêmicas e ameaças contra atores e instituições inclinados a implementar legislações, políticas sociais ou pedagógicas que pareçam contrariar os interesses de grupos e instituições que se colocam como arautos da família e dos valores morais e religiosos tradicionais (JUNQUEIRA, 2017, p. 28).

justamente em ambientes políticos mais plurais, mas têm, em alianças com outros setores conservadores, religiosos ou não, operado em detrimento do pluralismo ético, contribuindo para a erosão das democracias (BIROLI, 2018, p.08).

A “ideologia de gênero”, segundo segmentos conservadores, tem a tarefa de destruir “valores da sociedade ocidental cristã”, sobretudo, a família patriarcal – composta por mãe, pai e filhos. Esta pretensa ameaça tem sido utilizada para convencer a população a rechaçar a discussão de temas relativos a gênero e diversidade sexual nos espaços escolares. Dito de outro modo, para o discurso conservador, gênero e sexualidade foram convertidos em “grandes inimigos” a serem combatidos (SILVA et al, 2023).

Empreendedores morais contra a “ideologia de gênero” dão forma a grupos conservadores que buscam distanciar movimentos feministas, LGBTQIA+ e seus apoiadores dos debates e instâncias voltadas a definição de políticas públicas, delineando, assim, a ideia de um Estado como espaço masculino e heterossexual, portanto refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão de direitos e cidadania àqueles e àquelas que consideram ameaçar sua concepção de mundo tradicional (BUTLER, 2024).

Porém, cabe evidenciar que, embora seja associada a grupos evangélicos, as primeiras menções a existência de uma suposta “ideologia de gênero” surgem na década de 1980, no interior Igreja Católica, mais especificamente, nos textos do então cardeal Joseph Aloisius Ratzinger, que viria ser tornar Papa Bento XVI, no íterim de 2005 a 2013⁶⁰.

Em seu último livro, cujo título já dá pistas “Quem tem medo do gênero”, Butler (2024) analisa como o tema se tornou central em discursos conservadores. A autora, que também foi alvo da ofensiva antigênero durante sua passagem pelo Brasil em 2018, decifra o fortalecimento do movimento antigênero ao redor do mundo a partir do cerceamento a direitos reprodutivos e sexuais, via debates legislativos, e através da atuação de grupos católicos e evangélicos conservadores.

Para Butler (2024), o “movimento contra a ideologia de gênero” trata o gênero como “monólito”, unívoco, o que demonstra, no “mínimo”, que os agentes que combatem o gênero desconhecem os debates sobre o termo, que nem de longe são

⁶⁰ Tais posicionamentos foram ratificados por declarações do Papa Francisco que, em 2015, chegou a comparar a força aniquiladora da “teoria de gênero” a armas nucleares e classificou a exigência das discussões de gênero nos currículos como uma tentativa de “colonização ideológica” (BUTLER, 2024).

consensuais:

Algumas pessoas suspeitam que “gênero é uma maneira de discutir a condição de desigualdade das mulheres ou supõem que a palavra é um sinônimo de “mulheres”. Outras pensam se tratar de uma maneira disfarçada de se referir a “homossexualidade”. Outras, ainda, presumem que “gênero” é mais uma forma de dizer “sexo”, embora algumas feministas tenham feito a distinção entre as duas coisas, associando o “sexo” à biologia ou à atribuição legal no momento do nascimento e o “gênero” às formas socioculturais do *tornar-se*. Ao mesmo tempo, as feministas e parte dos especialistas em estudos de gênero discordam entre si em relação a quais definições e distinções estão corretas. A miríade de debates em curso a respeito da palavra mostra que nenhuma abordagem para definir ou compreender o gênero é dominante (BUTLER, 2024, p.10, grifo da autora).

De acordo com Butler (2024) o “fantasma do gênero” tem adquirido as mais variadas feições como uma ameaça à soberania nacional, um perigo que pode levar a extinção da humanidade e a um futuro sem gênero. Simultaneamente, as campanhas que visam manter o gênero longe das salas de aula, acusam uma tentativa de doutrinação que visa ensinar crianças a “se tornarem” gays, além de apontarem um estímulo à pedofilia. Vale salientar que não há dados e pesquisas que vinculem pedofilia e orientação sexual, sendo este um argumento utilizado para desqualificar a comunidade LGBTQIA+ e travar o acesso a direitos como a adoção de crianças por casais do mesmo sexo.

Butler (2024) argumenta que há motivos legítimos para que as pessoas se sintam inseguras como a emergência climática, as guerras, economias neoliberais que privam a população de serviços básicos, o racismo sistêmico, os índices estarrecedores de violência policial, contra mulheres e população LGBTQIA+, mas entre a direita, um dos principais medos tem sido a contestação do poder patriarcal e da família heteronormativa, que é importante acrescentar, tem sido a base para reprodução do sistema capitalista, valendo-se, inclusive, do trabalho doméstico e de cuidado não remunerado de mulheres.

Será que é sequer possível dizer *quantos* dos medos contemporâneos se concentram no terreno do gênero? Ou explicar como a demonização do gênero encobre e desvia a atenção de ansiedades legítimas quanto à destruição climática, à precariedade econômica intensificada, à guerra, às toxinas ambientais e à violência policial – medos de que, sem dúvida, temos razão em sentir ou cogitar? Quando o “gênero” absorve uma série de medos e se torna um fantasma totalizante para a direita contemporânea, as variadas condições que de fato dão origem a esses medos perdem seus nomes (BUTLER, 2024, p.11, grifo da autora).

Assim, de acordo com a autora, colocar o “fantasma do gênero em circulação” é uma forma dos poderes dominantes (estado, igrejas, movimentos

políticos) de conter as pessoas, mantendo-as na inércia, e direcionando sua frustração e ódio em relação às camadas vulneráveis, afinal, o que pode ser mais ofensivo do que mexer com a “sagrada família?” Esta estratégia fica evidente na organização do programa “Escola Sem Partido”, iniciativa que também se alicerçou na narrativa de uma suposta “ideologia de gênero”, e sobre a qual reflito a seguir.

Embora tenha sido criado em 2004, pelo advogado e procurador do estado de São Paulo, Miguel Francisco Urbano Nagib, o programa “Escola Sem Partido” alcançou maior notoriedade a partir de 2014, momento em que começaram a surgir propostas de projeto de lei sobre o tema no Congresso Nacional, assembleias legislativas e câmaras municipais (SANTOS et al, 2021).

Novamente, a Bancada Evangélica desempenhou um papel importante, tornando-se um dos principais entusiastas do programa “Escola Sem Partido”, juntamente com outros grupos neoliberais, a exemplo do MBL (Movimento Brasil Livre). “Deputados evangélicos desataram a acusar os governos petistas e as políticas educacionais propostas por eles de “doutrinação ideológica”, de difundir o “marxismo cultural” e a “ideologia de gênero”, de perseguir cristãos (MARIANO, 2023, p.17).

As primeiras matérias surgiram no estado e município de Rio de Janeiro, propostas – não por acaso - pelo, então deputado estadual Flávio Bolsonaro e o vereador Carlos Bolsonaro, respectivamente (SANTOS et al, 2021).

O propósito inicial era combater a suposta “doutrinação comunista” nas escolas e universidades. Mas na tentativa de aumentar a adesão ao projeto aglutinando diferentes segmentos da sociedade, foram incorporadas outras bandeiras como o rechaço à “ideologia de gênero” e prevalência de valores familiares e morais sobre a educação formal, principalmente, no que diz respeito a temas como gênero e sexualidade (SANTOS et al, 2021).

Contando com uma grande capilaridade, o programa “Escola Sem Partido” contribuiu para divulgar a ideia de que a educação brasileira estava atravessada por uma pretensa “ideologia de gênero”. Entre as ações, o programa defende que sejam fixados cartazes em escolas de todo o país, apontando caminhos para a denúncia de professores que supostamente utilizam a sala de aula para fazer proselitismo político e ideológico.

Observo, assim, que mesmo sem a aprovação pelas casas legislativas, ao fazer barulho nas redes sociais e pautar o debate o público, o “Escola Sem Partido”

cooperou para afastar as discussões de gênero do cotidiano escolar país afora, já que muitos professores recorreram a autocensura como preservação, para evitar a perseguição estimulada pelo programa.

Santos et al (2021) identificaram nove projetos de lei em tramitação cuja finalidade é implementar o programa “Escola Sem Partido”. O mais antigo foi protocolado em 2014 e o mais recente em 2020. Apesar de seguirem o mesmo teor persecutório, os projetos apresentam algumas diferenças na redação ao mesmo tempo em que se complementam reforçando a soberania familiar ante ao espaço escolar.

De maneira geral, é possível identificar proposições que procuram incluir o “Escola Sem Partido” na LDB, aumentando as chances de judicialização de professores que, porventura, trabalharem as temáticas em sala de aula, correndo o risco de serem imputados criminalmente. Também há projetos focalizados na produção de livros didáticos, proibindo a distribuição de materiais que discutam a temática da orientação sexual e outros que visam condicionar a discussão das questões de gênero em sala de aula à autorização prévia dos pais ou demais responsáveis legais (SANTOS et al, 2021).

Contudo, uma característica recorrente nos textos, de acordo com os pesquisadores, é vedação da transversalidade ou “técnicas subliminares” no ensino de gênero. Conforme exposto anteriormente, os temas transversais foram utilizados para tratar as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Neste sentido, é defendida a regulamentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais sob um viés familista, atribuindo aos pais o papel de serem os principais combatentes da “ideologia de gênero”.

O que se pretende é uma armadilha para impedir que tais temas sejam tratados de forma a respeitar às pluralidades e diversidades presentes em sala de aula; sendo possível então, somente abordagens que naturalizem ainda mais a exclusão e a marginalização daqueles que não se enquadram na perspectiva heterossexual, branca e cristã da tradição moralista brasileira (SANTOS et al, 2021, p.240).

A despeito de apresentar a neutralidade como um de seus fundamentos, os conchavos realizados pelo programa para cooptar mais simpatizantes demonstram, que na prática, o programa tem lado. Santos et al (2021) apontam que, inicialmente, o “Escola Sem Partido” aliou-se ao Instituto Ultraliberal Millenium. Em artigo publicado no site do Instituto, em 2009, Miguel Nagib chegou a afirmar que os

problemas da educação brasileira são decorrentes da falta de deferência à propriedade privada e a meritocracia.

Outra evidência que desmonta o argumento da neutralidade é que o programa tenta “impor que a escola trabalhe dentro de valores morais e religiosos dos pais dos estudantes (desde que seja a “moral cristã”), fazendo com que tudo que esteja fora dessa moral seja ignorado, expulso ou invisibilizado” (SANTOS et al, 2021, p.234).

Ainda, comumente os projetos de lei que versam sobre o programa “Escola Sem Partido” defendem a ideia normativa de família, baseada no arranjo heterossexual e validada pela moralidade cristã. De maneira geral, tais proposições argumentam que as experiências voltadas à educação de gênero disseminados ao redor do mundo e que os últimos governos tentaram implementar no Brasil negam a família brasileira cristão concebida como o único modelo correto e, portanto, como o que deve ser seguido (SANTOS et al, 2021, p.234).

Enquanto o país se debatia: de um lado, segmentos conservadores alardeavam sobre uma suposta “ideologia de gênero”, de outro, as redes sociais e ruas de diversas cidades eram tomadas pela “Primavera das Mulheres”, mobilização em resposta ao aumento das violências e retrocessos de direitos, principalmente, reprodutivos, a Igreja Universal expande o programa *Godllywood* (MARTINEZ, 2020).

Naquele momento, a IURD passa a admitir não só a participação de meninas que não necessariamente frequentam os bancos da igreja com também funda uma escola, a *Godllywood School*, para sediar as aulas do programa. Ainda, amplia a faixa etária, criando um grupo para mulheres a partir de 18 anos, o já mencionado *Godllywood Autoajuda* (MARTINEZ, 2020).

Por fim, outro ataque à educação de gênero pode ser constatado no processo de construção da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Em sua primeira e segunda versões, o texto contemplava as questões de gênero. Apesar de ainda mantidos como temas transversais, o documento definia que assuntos relacionados à sexualidade, orientação sexual e diversidade de gênero deveriam ser discutidos no chão da escola.

Além de referenciados entre as competências gerais, tais assuntos foram previstos nas três etapas do ensino básico - educação infantil, ensino fundamental e ensino médio – e como objetivos de aprendizagem de diferentes componentes

curriculares – Arte, Educação Física, Ciências, Biologia, Sociologia.

A primeira versão da BNCC foi elaborada por uma equipe de professores indicados pelo CONSED (Conselho Nacional de Secretários de Educação), UNDIME (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação) e pesquisadores associados a 35 universidades. Com o intuito de produzir um documento que agregasse toda a diversidade étnico-racial, religiosa, de gênero pulsante no país, o grupo se orientou pelos currículos estaduais e do Distrito Federal.

A divulgação da primeira versão da BNCC, é importante lembrar, ocorreu em setembro de 2015, três meses antes da instauração do pedido de afastamento da presidenta Dilma pela Câmara dos Deputados. Incorporando olhares de diferentes segmentos da sociedade, que puderam enviar sugestões ao documento, na segunda versão do texto a discussão de gênero e diversidade sexual é ampliada, figurando, inclusive, entre o componente curricular de Ensino Religioso⁶¹.

“Havia não somente menções aos termos gênero, orientação sexual e as múltiplas dimensões da sexualidade como também uma visão mais crítica e reflexiva sobre a diversidade sexual” (SILVA et al, 2021).

Contudo, na ressaca da maré conservadora, que também passou a comandar o poder Executivo, na figura do governo ilegítimo de Michel Temer, a terceira e última versão da BNCC, homologada em 2017 suprimiu a expressão “orientação sexual”, ficando – mais uma vez – os debates sobre gênero limitados a “respeito à diversidade”⁶². À época, o ministro da Educação, Mendonça Filho, justificou a retirada alegando que a temática de gênero era “controvérsia”. O órgão se comprometeu a elaborar um documento específico sobre o assunto, mas a promessa não se concretizou.

“As discussões relacionadas ao gênero e à sexualidade são subentendidas e reprimidas, enquanto questões como cor, raça, cultura e história são evidenciadas (SILVA et al, 2023, p. 16).

Comparando a versão final da BNCC com o PCN de 1997, Vicente (2023) descortina um “profundo cerceamento em torno da temática”. Outro retrocesso

⁶¹ Objetivos de aprendizagem para Ensino Religioso no 9º ano do ensino fundamental: Elaborar questionamentos referentes a existência humana e as situações limites que integram a vida, articulados as questões socioambientais, geopolíticas, culturais, religiosas, de gênero e sexualidade, dentre outras (BRASIL, 2016, p. 485).

⁶² A versão oficial da BNCC a menção explícita da temática sexualidade sobrevém muito timidamente apenas no componente de ciências e restrita ao contexto do oitavo ano do Ensino Fundamental: Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (BRASIL, 2017b, p. 349).

constatado diz respeito a educação sexual que aparece apenas pelo viés biologizante.

“Embora mencione a necessidade de evidenciar as múltiplas dimensões da sexualidade humana, a análise da BNCC em sua integralidade revela uma perspectiva de educação sexual centrada na dimensão biológica com vistas a minimizar problemas de saúde pública” (VICENTE, 2024, p.232).

Concordo com o argumento de Silva et al (2023) de que ao suprimir termos como “identidade de gênero”, “orientação sexual” dos documentos, o pensamento conservador é validado.

Aquilo que vinha sendo construído como parâmetros para uma educação sexual efetiva, foi quebrado, devido às inferências de políticos que se dizem religiosos e colocaram suas ideologias frente aos dados que comprovam como é necessária a ação da escola quando trata do tema educação sexual (SILVA et al, 2023, p.09).

Diante do exposto, é perceptível que a agenda antigênero tem se fortalecido no campo educacional, alcançando maior projeção a partir de 2010, mesmo período em que a Universal criou sua própria escola exclusiva para meninas.

2.1.1. A Igreja Universal e a “ideologia de gênero”

Embora tenha criado um programa – e uma escola - para ensinar meninas a viverem “agradando a Deus”, a Universal não se furtou de propagar o pânico moral em torno das discussões sobre uma pretensa “ideologia de gênero”, acusando as escolas de estarem promovendo uma campanha de “sexualização precoce” de crianças e adolescentes. Para aprofundar a análise sobre o posicionamento da igreja sobre a “ideologia de gênero”, analiso quatro supostas “matérias” publicadas na Folha Universal.

Para a identificação dos textos, realizei a busca pelo termo “ideologia de gênero” na versão online do veículo. Selecionei as publicações entre 2018 e 2023, considerando que neste período as discussões sobre a pretensa “ideologia de gênero” estavam mais latentes na sociedade brasileira, tornando-se uma bandeira para a eleição de Jair Bolsonaro e posteriormente uma agenda de governo.

Desde meados dos anos 2000, o repúdio ao “gênero” vinha propagando-se na sociedade, com maior intensidade no campo dos debates educacionais a partir de 2013 e, com especial vigor, no processo eleitoral de 2018. Concomitantemente, propostas legislativas para suprimir a “perspectiva de gênero” na educação proliferavam, de maneira incessante, em estados,

municípios e no Congresso Nacional. O alcance e o impacto dessa propagação mudaram de escala a partir do momento em que Bolsonaro anunciou no discurso de posse que o combate à ideologia de gênero seria uma das prioridades de seu governo. A institucionalização não só alterou a dinâmica espacial e temporal da ofensiva, como, sobretudo, impactou o desenho e a implementação de políticas públicas particularmente nos campos de direitos humanos, educação e política externa (CÔRREA; PRADO, 2024, p.04).

A primeira delas publicada em setembro de 2018, às vésperas das eleições presidenciais, intitulada “Porque a identidade de gênero não deve ser ensinada nas escolas” é assinada pela “redação”. Apresentando dados sem referenciá-los, a IURD parte da crítica à qualidade do ensino ofertado pelas escolas, o que segundo a igreja, pode ser constatado pela quantidade de “analfabetos funcionais”, para argumentar que os colégios não possuem “competência” para discutir temas complexos como a identidade de gênero (UNIVERSAL, 2018).

Apesar de apresentar uma conceituação adequada ao termo “identidade de gênero”, com base em uma perspectiva sócio-histórica, já no segundo parágrafo, o conceito é substituído por “ideologia de gênero”, apresentando-os como sinônimos, conforme exemplifica o trecho abaixo:

O tema “identidade de gênero” ou “ideologia de gênero” tem sido abordado com crianças de diferentes maneiras em todo o país. Muitos currículos escolares (materiais que servem de guias para o trabalho dos professores) recomendam que o assunto seja tratado em salas de aula com alunos a partir de quatro anos de idade. Livros infantis citando o assunto também estão disponíveis nas escolas (UNIVERSAL, 2018).

Destaco que o texto explora recursos do campo jornalístico como entrevistas com diferentes fontes a fim de tentar aumentar a sua legitimidade. A primeira entrevista apresentada é com uma professora da rede estadual de São Paulo, cuja identidade não foi revelada para, segundo a IURD, “preservar a sua imagem”.

Nota-se que a igreja se vale do sigilo de fonte, direito garantido pela Constituição Federal de 1988 aos jornalistas. A docente não identificada argumenta que sob condições de trabalho precárias, abordar “um assunto tão complexo” como a “ideologia de gênero” não seria possível.

Na sequência, é apresentada uma segunda entrevista com o ultracatólico, presidente do Observatório Interamericano de Biopolítica, Felipe Nery. Crítico ferrenho da suposta “ideologia de gênero”, Nery diz que debater o assunto em sala de aula só contribuiria para “confundir” as crianças e adolescentes. Nas redes sociais, o influencer de extrema-direita acumula diversos posts nos quais defende a

ideia de que uma família só pode ser composta por um homem e uma mulher, definidos como pai e mãe, segundo a biologia.

No texto veiculado pela IURD, Nery chega a citar o artigo 26 da Declaração Universal de Direitos Humanos, que diz que os pais têm prioridade na escolha do tipo de educação que será ministrada a seus filhos para defender que discutir gênero nas escolas iria contra a ONU, além de sugerir que os países em que incluíram as questões de gênero nos currículos, só “tiveram resultados negativos”.

O movimento antigênero baseia-se fortemente em argumentos pseudocientíficos, apresentando-se como defensor da racionalidade e de políticas baseadas em evidências, enquanto acusa feministas e ativistas LGBTQ+ de promoverem agendas ideológicas (GRAFF; KOROLCZUK, 2021, p. 23).

Cabe destacar que a informação difundida pela IURD é uma falácia, já que a UNESCO tem se posicionado a favor da educação de gênero nas escolas. Em, 2016, a agência reforçou o entendimento de que aprofundar o debate sobre e gênero e sexualidade contribui para uma educação mais equitativa e de qualidade, além de cooperar no combate à violência contra mulheres e população LGBTQIA+ não só nos ambientes escolares, mas na sociedade amplamente.

O órgão reforçou, ainda, que o Brasil é signatário da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Entre os 17 objetivos globais da agenda, está a garantia de ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes, e a promoção da educação para a igualdade de gênero e os direitos humanos⁶³.

O texto publicado pela Universal traz, ainda, uma fala de Damares Alves, que viria a ser ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no governo de Jair Bolsonaro, de 2019 a 2022, e atual senadora pelo Republicanos, partido da IURD, defendendo que a discussão sobre a identidade de gênero “não poderia acontecer”, pois traria sérios prejuízos não só para as crianças, mas para a sociedade como um todo, já que “uma criança uma confusa, seria um adulto confuso e um líder confuso”.

Importante lembrar que a atuação de Damares Alves, a frente do Ministério da

⁶³ Ratificando o posicionamento, em 2019, a UNESCO publicou edição revisada das Orientações Técnicas Internacionais de Educação em Sexualidade, cuja primeira versão é de 2009. O documento visa auxiliar os governos a implementarem programas de educação abrangente em gênero e sexualidade, tanto dentro como fora do ambiente escolar. Tais ações devem ter como principais objetivos construir conhecimentos, valores e atitudes que possibilitem aos jovens tomarem decisões conscientes sobre seus relacionamentos, saúde sexual e reprodutiva, além de promover a igualdade de gênero e prevenir a violência.

Mulher, da Família e dos Direitos Humanos foi, no mínimo, desastrosa. Na linha de frente do extremismo bolsonarista, Damares desmantelou comissões, conselhos, bloqueou políticas de combate à homofobia, ao racismo e à violência contra a população trans (MARIANO, 2023).

Ao lado de Ernesto Araújo, então ministro das Relações Exteriores, Damares Alves articulou-se com entidades transnacionais católicas e evangélicas ultraconservadoras. Ainda, com o apoio da Bancada Evangélica, facilitou a atuação do *Capitol Ministries*, grupo cristão norte-americano criado para evangelizar lideranças políticas no Congresso Nacional (MARIANO, 2023).

Um dia após sua posse, momento em que afirmou “o estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã”, em um vídeo que circulou nas redes sociais, Damares Alves enfatizou que o Brasil estava em uma “nova era” em que “menina veste rosa e menino veste azul”⁶⁴. Diante da repercussão da fala, a ministra defendeu o mesmo posicionamento, repercutido pela Universal um ano antes, que se tratava do combate à “ideologia de gênero”.

Ainda, no texto, a igreja referencia uma declaração de Allan Josephson, professor e chefe da seção de Psiquiatria Infantil e Adolescente da Universidade Louisville⁶⁵, em Washington, na qual ele afirma que crianças não têm capacidade “para escolher” a sua identidade sexual da mesma forma que “não possuem habilidade para dirigir um carro”.

Além das diversas informações falsas, é possível verificar um viés colonialista no texto na medida em que diminui a potencialidade o Brasil em levantar a discussão sobre a educação de gênero em comparação a outros países. O ensaio conclui reafirmando que o assunto deve ser circunscrito a esfera privada, sob a tutela exclusiva dos pais.

Se nem os escoceses, membros do Reino Unido, conseguiram sucesso na tentativa, nem os norte-americanos estão dispostos a levar o controverso assunto às escolas, por que o Brasil quer fazer isso? Sendo que nem os temas essenciais são ensinados satisfatoriamente? Diante disso, é realmente incompreensível que o Ensino no Brasil vise abordar um tema tão confuso com crianças que não estão preparadas cognitivamente para discutir o tema. Não seria mais eficiente deixar o assunto ser tratado pelos

⁶⁴ Assim como grande parte das declarações antigênero de representantes do governo Bolsonaro, esta ideia veio de fora, foi inventada pelo grupo “Manif pour Tous” na França em 2013. De maneira geral, tais falas vinculadas a agentes e entidades da extrema-direita religiosa originária na Europa, Estados Unidos são transportadas para o Brasil desconsiderando as especificidades sócio-históricas do país (CÔRREA; PRADO, 2024).

⁶⁵ Em 2019, a Universidade demitiu o professor por promover desinformação sobre o uso de terapia hormonal e cirurgia de redesignação de gênero em crianças.

pais? Afinal, eles conhecem bem seus filhos e devem se dedicar totalmente a eles (UNIVERSAL, 2018).

O segundo texto intitulado “Pais, cuidado: ideologia de gênero chegou aos desenhos animados” também assinado pela “redação” foi publicado pela IURD em janeiro de 2019, ou seja, sob o governo de Jair Bolsonaro⁶⁶. O texto divulgado pela igreja elenca uma série de produções audiovisuais infantis desenvolvidas por canais por assinatura como Disney, Nickelodeon e Cartoon Network.

A Universal afirma que a produção “Star vs. as Forças do Mal” promove a “ideologia de gênero” por exibir o primeiro beijo homoafetivo em um desenho animado da Disney. O texto segue em tom alarmista apresentando os desenhos “The Loud House” e “Steven Universo”, alegando que eles “retratam casamentos homossexuais”.

A IURD também critica a classificação da maioria dos desenhos como “indicação livre”, já que não poderiam, no entendimento da igreja, ser assistidos por crianças de qualquer idade. Segundo a Universal, “algumas questões ligadas ao gênero devem ser discutidas. A questão é a maneira como isso é feito e por quem” (UNIVERSAL, 2019).

Seguindo o mesmo raciocínio do texto anterior, a Universal argumenta que “incluir questões de gênero em conteúdos destinados ao público infantil pode atrapalhar o desenvolvimento de crianças e adolescentes” (UNIVERSAL, 2019).

O ensaio finaliza chamando atenção dos pais para que acompanhem os conteúdos que seus filhos têm assistido, para evitar “prejuízos causados por programas de televisão irresponsáveis” e reitera que “a educação sobre esses assuntos deve ser realizada pela família, pois é ela quem melhor conhece suas crianças e têm maior capacidade de decidir quando e como deve ser feita” (UNIVERSAL, 2019).

O terceiro texto “Nosso objetivo é esmagar a heterossexualidade” também com a autoria “redação” foi publicado em agosto de 2019. Igualmente apresentado como uma “notícia”, o ensaio afirma que o grupo britânico “Educar e Celebrar”, responsável por promover ações de combate ao preconceito contra a população LGBTQIA+ em diversos países, estaria treinando professores para “quebrar” a

⁶⁶ Já eleito, mas antes de tomar posse, em novembro de 2018, Bolsonaro disse que não havia definido quem iria escolher para comandar o Ministério da Educação, por se tratar de um “ministério complicado”. Ainda, referindo-se a uma questão do ENEM de 2018, ele disse que a prova estava impregnada de “ideologia de gênero.

heterossexualidade e, instigando, assim, a “erotização” das crianças. O texto apresenta uma entrevista com psicóloga Marisa Lobo autodeclarada “cristã, pró-vida”, autora do livro “Ideologia de gênero da educação”:

Marisa Lobo é um caso emblemático de propagação da cruzada antigênero, entre outras razões, porque seus discursos e visibilidade conferem legitimidade às demandas de profissionais que reivindicam o direito ao exercício profissional da psicologia baseado na fé religiosa. Da sua atuação tem se desdobrado iniciativas de cursos de formação em psicologia cristã e, mais especialmente, ações judiciais que pugnam pela revogação do veto da associação da fé religiosa ao exercício profissional tal como expresso pelo Código de Ética Profissional. Marisa Lobo tem realizado cursos de formação sobre os riscos da “ideologia de gênero” em diversas cidades brasileiras, cujo público é formado, sobretudo, por profissionais que atuam em dispositivos voltados para a garantia de direitos de crianças, como a escola (LIONÇO; ALVES; MATTIELLO; FREIRE, 2018, p.603).

No texto publicado pela IURD, Lobo defende que a discussão sobre gênero inequivocamente leva a abordar a sexualidade e esta não poderia ser debatida com crianças a partir de 12 anos, segundo o ECA, de modo que ao tratar a “ideologia de gênero” seria uma forma de “sexualização” precoce dos pequenos.

Assim, torna-se papel dos pais acompanhar de perto o que está sendo transmitido aos seus filhos. Isso tanto na escola quanto nas redes sociais, na televisão ou em qualquer outro lugar. Você sabia que já há até mesmo desenhos animados infantis transmitindo a ideologia de gênero? (UNIVERSAL, 2019).

Já o quarto texto, publicado em junho de 2023, já sob o governo Lula, é nomeado “ONU recomenda que aulas de educação sexual sejam obrigatórias no Reino Unido”. O artigo assinado pela jornalista Yasmin Lindo se propõe a explicar o que há nas “entrelinhas” da sugestão do órgão de incluir temas como diversidade sexual a alunos de todas as idades.

De acordo com a ideia divulgada pela igreja a justificativa de que a educação de gênero tem como principal finalidade erradicar violências não passaria de um subterfúgio para a “doutrinação” dos alunos. Segundo a Universal, o respeito à diversidade não tem sido garantido quando se trata dos valores cristãos, que “tem sido cada vez mais excluídos da sociedade” (UNIVERSAL, 2023).

Torna-se evidente que ao ecoar vozes antidemocráticas, inclusive, de representantes que atuaram diretamente no desmonte de políticas públicas voltadas às mulheres e comunidade LGBTQIA+, a Universal tem participado das disputas que permeiam os movimentos democratizantes e desdemocratizantes, pelos quais a democracia brasileira tem se estruturado (AVRITZER, 2018). A atuação da igreja

tem inclinado para o conservadorismo, ou seja, convergindo e amplificando os ataques a pautas reivindicadas por tais grupos como a exclusão das questões de gênero nos currículos escolares. Mas não “só” isso, a Universal criou a sua própria escola para ensinar gênero com base em papéis tradicionais, conforme apresento a seguir.

2.1.1.1. *Godllywood Girls* e o “resgate da essência feminina”

Em 2011, mesmo ano em que a Bancada Evangélica com apoio de outros setores dominantes no Congresso Nacional, barrou a distribuição de materiais didáticos contra a homofobia nas escolas brasileiras, simbolizando uma derrota expressiva não só para o governo Dilma, mas também para segmentos progressistas que defendem uma educação atenta à igualdade e diversidade de gênero, a IURD lança o programa *Godllywood* sob a coordenação de Cristiane Cardoso, primogênita de Edir Macedo e Ester Bezerra.

Antes de chegar ao Brasil, em 2010, foram criadas as primeiras turmas no Estados Unidos⁶⁷, país no qual Cristiane Cardoso juntamente com o marido, Renato Cardoso, administravam as atividades da IURD⁶⁸. Inicialmente, o projeto não era uma iniciativa institucional. Cristiane começou a se reunir com meninas e adolescentes entre quatorze e dezessete anos para a escrita de diários. Durante os encontros, atividades semanais como o desenvolvimento de trabalho voluntário, leitura de um livro eram combinadas e posteriormente relatadas em um blog chamado *Sisterhood*. O texto era acompanhado de uma foto da tarefa cumprida (TEIXEIRA, 2018).

Apenas três meses após os primeiros depoimentos, meninas de outros países, inclusive latinos, começaram a enviar pedidos para que o programa chegasse até elas. A procura crescente pelas tarefas fez com que Cristiane apresentasse o projeto para a cúpula da IURD no Brasil (TEIXEIRA, 2018).

⁶⁷ Eric Kramer no texto “A expansão da Igreja Universal do Reino de Deus nos Estados Unidos” (2003) identificou que a estratégia missionária no país é atingir a população hispânica imigrante e de baixa renda.

⁶⁸ Cristiane e Renato Cardoso se casaram quando ela tinha 17 anos. Em seu blog, ela escreve que sempre quis se casar com um “homem de Deus” e relata que a fim de ser atendida chegou a oferecer uma joia em uma Campanha da Fogueira Santa, período em que fiéis da IURD realizam “sacrifícios financeiros” em prol de algum pedido. As reivindicações são depositadas em envelopes e levadas por bispos e pastores ao Monte Sinai. Além dos Estados Unidos, o casal foi responsável por organizar atividades missionárias da IURD em países da Europa e África do Sul.

A iniciativa, que hoje está presente em mais de 55 países e reúne cerca de 50 mil participantes, surge com a principal finalidade de “resgatar a essência feminina”. De acordo com o dicionário Aurélio, “resgatar” significa recuperar, reestabelecer, ou seja, exprime a ideia de algo que, por alguma razão, se perdeu.

Já a “essência feminina” pode ser compreendida, de acordo com a igreja, como um conjunto de características e valores inerentes à mulher, como benevolência, intuição, sensibilidade, pacifismo, discrição, entre outras. Para justificar tais “qualidades femininas”, a Universal cita personagens bíblicas como “a mulher virtuosa”, “Rute”, “Maria”, “Raabe”, enquanto exemplos a serem seguidos. As características destacadas, no entanto, legitimam estigmas e assimetrias de gênero (BANDINI, 2015).

Mas porque, de acordo com a IURD, seria necessário “resgatar a essência feminina?” Porque o mundo estaria em decadência, com “valores invertidos”, mulheres desejando desempenhar o mesmo papel dos homens e a família perdendo sua importância, inclusive, perante as crianças.

Apesar disso, o programa declara-se como “não ideológico”. O seu nome une God (Deus) e Hollywood – criando em tradução literal o “Hollywood de Deus”. O intuito é “levantar a bandeira da Santidade ao Senhor” ao mesmo tempo em que se opõe ao modo de vida hollywoodiano, pois a igreja o entende como “produtor da promiscuidade feminina”⁶⁹.

Assim como Hollywood tem usado seus poderes para degradar a nossa sociedade, nós podemos usar o poder que Deus tem nos dado, Seu Espírito, para guiar moças a uma sociedade diferente. Se as moças são ensinadas a serem mulheres de Deus, então a sociedade terá mães, filhas, companheiras de trabalho, famílias e mulheres melhores, que valorizam as coisas boas da vida. Moças que se guardam até o casamento, que sabem como cuidar de uma casa e também seguir uma carreira, que não estarão seguindo as *sexy* e ruins tendências da moda, e sim as direções de Deus (UNIVERSAL, 2023).

Conforme aponta Mannheim (1981) ao tratar o “outro” como ideológico e, portanto, como aquele que falseia a realidade, o sujeito se coloca como legítimo detentor da verdade. Logo, em substituição aos valores hollywoodianos, a Universal propõe os “valores de Deus”. A iniciativa é organizada por faixas etárias: o grupo *Godllywood Girls* é destinado para meninas de 6 a 15 anos, sendo que este é

⁶⁹ Segundo Mulvey (1975), através do cinema *mainstream* de Hollywood é possível identificar duas representações femininas recorrentes: o da mulher submissa, dócil, que se restringe ao ambiente doméstico e papel reprodutivo e o da mulher hipersexualizada, convertendo os corpos de mulheres a objetos eróticos.

subdividido entre “Lindas” e “Queridas”. Já o *Godllywood Autoajuda* é voltado para mulheres maiores de idade.

De acordo com Cristiane, as justificativas para o surgimento da iniciativa são diversas ou “transreligiosas”⁷⁰, contemplando problemas sociais e, conseqüentemente, apresentados como “mundanos” - a exemplo da gravidez na adolescência, ou seja, a IURD se vale de um argumento também empregado pelos governos para inserir a educação de gênero nas escolas (combate à gravidez precoce) com o intuito de promover discussões de gênero para crianças e adolescentes através da igreja.

Porém, as principais motivações para a criação do programa são de ordem individual e espiritual⁷¹, como o cuidado com a própria aparência e a necessidade de as participantes adotarem comportamentos que estabeleçam e reafirmem seu vínculo com Deus. Em entrevista concedida à Folha Universal, logo após o lançamento do grupo em território nacional, a liderança anunciou:

Surgiu quando eu estava em trabalho missionário no Texas, buscando inspiração para ajudar o maior número possível de jovens. Eu percebi que as adolescentes engravidavam muito cedo. Por isso, comecei a fazer reunião com elas, época em que surgiu o *Sisterhood*. Em princípio, o grupo era para atender somente a necessidade local dos Estados Unidos, mas em um mês tivemos tantos testemunhos que chamou a atenção do meu pai. Ele decidiu expandir esse trabalho para os outros países, indicando esposas que teriam o perfil para participar deste projeto, que tem como meta fazer das jovens, mulheres de Deus, e também ganhar almas por meio delas (UNIVERSAL, 2023).

Até 2016, o programa era restrito às fiéis da IURD, porém a partir daquele ano visando a expansão do público, passou a aceitar meninas e mulheres de todas as idades que “não estão preocupadas com status”, mas sim interessadas em “fazer a vontade de Deus acima de tudo, mesmo que isso lhe custe seus achismos, jeitos de ser, personalidade, moda, fama, popularidade e até amizades” (UNIVERSAL, 2019).

Desde o início, as redes sociais têm sido fundamentais para a organização do

⁷⁰ Campos e Souza (2017) avaliam que Cristiane Cardoso elabora uma linguagem que é capaz de superar as fronteiras entre os mundos religioso e secular, conseguindo, assim, a adesão não só de mulheres integrantes da IURD, também de outras que não, necessariamente, possuem vínculo com a Igreja, mas que visitam seu blog, acompanham os programas televisivos e livros de sua autoria.

⁷¹ Segundo Durkheim (1996) existem várias noções que caracterizam o fenômeno religioso, como a crença no sobrenatural, o sentimento de mistério e a ideia de divindade. Para o autor a distinção entre sagrado e profano é fundamental para compreensão da religião. “O característico do fenômeno religioso é que ele supõe sempre uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras (DURKHEIM, 1996, p. 24).

programa. Atualmente, o perfil no Instagram intitulado “*Godllywood Oficial*” possui 960 mil seguidores enquanto a página do *Godllywood* no Facebook reúne 318 mil seguidores. Já no YouTube, o “*Godllywood Canal – vídeos para sua edificação*” concentra 289 mil inscritos. As páginas *Godllywood School* no Instagram, Facebook e YouTube possuem 86 mil, 25 mil e 2 mil inscritos, respectivamente.

Até o final de 2024, a foto do casal Cristiane e Renato Cardoso estampava o oficial do *Godllywood* no Instagram. A rede social também é utilizada para compartilhar o cotidiano dos dois, ou seja, além dos trabalhos institucionais, são divulgadas imagens de viagens pessoais como a realizada em virtude dos 31 anos juntos. Mas, por que partilhar tais experiências de cunho privado na página do programa? Avalio que a estratégia de comunicação adotada reforça a imagem de “casal exemplar” bem como a visão “familista de empreendedorismo”, encampada pela IURD, um mecanismo fundamental para a manutenção do sistema neoliberal e da moral conservadora (MARCHESI; RESENDE, 2021).



Figura 3. Perfil programa *Godllywood* no Instagram - Fonte: Instagram/Reprodução

Ainda, nas páginas são divulgadas diversas informações como abertura de novas turmas, registros das reuniões em foto e vídeo, entre outros conteúdos que reforçam as mensagens transmitidas durante os encontros. As postagens são abertas para comentários e repostagens, o que permite que a divulgação do programa e, por conseguinte, seus discursos sejam amplificados pelos seguidores.

As redes sociais também foram primordiais para estruturar a lógica dos desafios propostos pelo programa. As participantes deviam seguir um calendário semanal com atividades diárias. As tarefas estabeleciam privações diversas como não ingerir açúcar, fritura, carne vermelha, ir para escola ou trabalho de saia, ler

algumas páginas de um livro por dia, realizar trabalho voluntário, entre outras. Ainda, as garotas eram motivadas a compartilharem os êxitos conquistados a partir da realização dos desafios em seus perfis pessoais utilizando hashtags.

Com o advento do uso das redes sociais como fonte central de promoção e espraçamento das atividades promovidas pelo *Godllywood*, a internet emerge como principal mecanismo de divulgação e universalização das práticas. As reuniões passam a ser transmitidas por vídeos pelo canal do programa no site Youtube. As provas e realizações das tarefas são compartilhadas pelas participantes de vários lugares do Brasil e do mundo, tornando possível observar, pelos discursos publicados e pelas fotos, a generalização de um modelo performativo do feminino; tal generalização emerge marcada por um movimento de subjetivação presente na performance de selfies nas redes sociais. Esse movimento acrescentou à linguagem do desafio técnicas para tornar visível a disposição individual e o envolvimento coletivo com as tarefas e a conquista, fazendo do corpo a imagem do testemunho. A exposição da imagem gera disposição para cumprimento dos objetivos em questão e comprovação do cumprimento dos desafios; as selfies constituem uma nova linguagem de controle e estímulo mútuo, bem como de interação entre aqueles que estiverem em rede (TEIXEIRA, 2014, p.249).

O programa *Godllywood* possui uma marca própria através da qual são comercializados bonés, camisetas, colares, pulseiras, porta-joias, chaveiros e diários. O *Godllywood* também possui uma identidade visual, o que também é uma estratégia do ambiente corporativo, empregada para representar e diferenciar as marcas e seus respectivos produtos.

3.1.1.1.1. *Godllywood School: “uma escola para a vida”*

Em 2015, a IURD criou a “*Godllywood School – uma escola para a vida*”. A abertura da escola marca um novo passo importante para o programa *Godllywood Girls*, que além da presença nas redes sociais, também passa a contar com uma sede física. Embora o espaço não integre o sistema de ensino formal, ele opera na mesma lógica, o que reforça a atuação da IURD na promoção de discursos de cunho pedagógico que visam estabelecer parâmetros para a constituição do “ser mulher” (ALTIVO, 2016; TEIXEIRA, 2018).

Ressalto também que o espaço no mesmo período em que a opinião pública era tomada por discussões vinculadas ao programa “Escola Sem Partido”. Na *Godllywood School* são ofertadas aulas semanais de duas horas sobre: “amizades, comportamento, os perigos das redes sociais, modinhas, o valor da família e muitos outros assuntos”. O trecho a seguir expõe quais foram às motivações que levaram a

IURD a fundar a escola:

Vivemos em uma sociedade de valores invertidos e de princípios morais e éticos praticamente esquecidos. Onde muitas vezes o certo é considerado errado, e o errado, certo. Quem tem mais sofrido as consequências desse mundo considerado “moderno”, tem sido as nossas crianças e nossas jovens. Por essa razão, a *Godllywood School* foi criada justamente para contribuir com o resgate de valores e princípios ensinados pelo próprio Deus, em sua palavra (UNIVERSAL, 2019).

A escola dispõe de um apartamento de 200 metros quadrados, contemplando todos os cômodos de uma casa de alto padrão: sala, quartos, banheiros, cozinha, escritório, jardim de inverno, biblioteca. Estes possuem móveis e eletrodomésticos que são utilizados para “ensinar as meninas como uma mulher deve habitar uma casa”.



Figura 4. “No quarto da Godllywood School, as meninas aprendem a organizar um quarto da maneira ideal com uma competição bem divertida. Também usamos esse cômodo para ensinar noções de passar roupa, pregar botão e temos uma aula toda especial sobre a feminilidade” - Fonte: Universal/Reprodução



Figura 5. “O cineminha da Godllywood School é destinado para as aulas audiovisuais. Através de vídeos e slides abordamos temas como o perigo das redes sociais, estilos de vida, puberdade, higiene pessoal, tipos de roupa adequados para cada faixa etária, o comportamento diante das pessoas e acima de tudo como manter uma fé definida no Senhor Jesus” - Fonte: Universal/Reprodução



Figura 6. Na cozinha da Godllywood School as meninas tem refeições a cada aula, no intuito de aprender bons modos à mesa, e valorizar momentos assim em família. Aqui elas também aprendem fazer bolinhos para um chá da tarde com as amigas, e noções básicas de como ajudar os pais nos afazeres da casa” - Fonte: Universal/Reprodução

Buscando passar lições sobre o que é “ser mulher”, as turmas da *Godllywood School* são compostas por 30 meninas que recebem treinamentos, através dos quais aprendem a fazer trabalhos domésticos, têm aulas sobre gastronomia, administração de despesas voltadas para o ambiente privado e familiar. Na formatura, as famílias das garotas são chamadas para um chá, cujas alunas são responsáveis por organizarem as mesas, os talheres, xícaras e preparar chás, bolos.

O curso abre inscrição para novas turmas todos os meses, uma taxa de R\$200,00 é cobrada para que as meninas possam participar. Ainda na página institucional do programa, o texto de divulgação da escola questiona: “Matemática, Português, História, Inglês. Todas essas matérias são muito importantes para educação de nossas crianças não é mesmo? Mas, e se existisse uma escola que ensinasse as meninas a fazerem escolhas certas em suas vidas?” (UNIVERSAL, 2019).

Ao final de cada aula, as meninas levam lições para casa que deverão ser realizadas e apresentadas no encontro seguinte. É importante salientar que, a IURD reforça que, face às rotinas cada vez mais corridas enfrentadas pelos pais, a finalidade da escola é ajudá-los na criação das filhas, sobretudo, para que elas se tornem “mulheres de Deus”.

As aulas também podem ser acompanhadas pela Univer Ensino (plataforma de ensino criada pela IURD). Na página, é possível frequentar as duas fases do programa, a primeira voltada para meninas de 6 a 10 anos e a segunda para as garotas de 11 a 15 anos. Ambos os cursos possuem 15h e 40 minutos de duração cada. A carga horária é distribuída entre três temporadas, sendo que cada uma delas contempla oito aulas, totalizando 42 vídeos. Cada uma das fases é vendida pelo valor de R\$ 129,90. Após o preenchimento de um cadastro, que solicita informações pessoais e pagamento da taxa de inscrição, o acesso à plataforma é liberado (UNIVER ENSINO, 2025).

Além das videoaulas, as participantes contam com apostilas que contemplam os assuntos discutidos em cada encontro. O curso é catalogado na área de “educação” e, de fato, está estruturado conforme o modelo educacional vigente nas escolas regulares. Na divulgação, há o uso do termo “grade curricular” para retratar os temas que serão debatidos.

Todos os vídeos dramatizam uma sala de aula. Aline Munhoz⁷², escritora de livros infantis desempenha o papel de professora. Ao final de cada encontro, as garotas devem realizar avaliações com o intuito de “reforçar o conteúdo aprendido”. Cada questionário possui oito perguntas. Na versão online, a plataforma só possibilita avançar para a aula seguinte após a conclusão da prova, que permite com que a participante acompanhe os erros e acertos, em uma espécie de gabarito. Ao final do curso, as participantes poderão emitir um certificado.

Diante do exposto, algumas observações e perguntas são inescapáveis: ao mesmo tempo em que a IURD tem ecoado o discurso alarmista acerca da “ideologia de gênero”, defendendo que as discussões devem ficar restritas às famílias, através do programa o *Godllywood Girls*, a denominação tem promovido um letramento de gênero.

Mas, se de acordo com a IURD, as discussões de gênero devem ficar fora das escolas, porque a igreja cria uma série de iniciativas com nítido foco na aprendizagem de gênero, incluindo uma própria escola a fim de “resgatar a essência feminina” e “ensinar” garotas a viver de modo que “agradem” a Deus? Qual seria a diferença? É sobre estas questões que busco refletir nos próximos capítulos.

⁷² Em biografia no site da Unipro, Aline Munhoz é apresentada da seguinte forma: “Nascida em São Paulo, Aline Munhoz enfrentou muitos problemas internos, familiares e sentimentais durante a adolescência, mas, depois de conhecer a Deus, sua vida foi transformada. Hoje, a autora de *Mundo de Aline*, *Manual de estilos para garotas* e *Meu Scrapbook (Lindas e Queridas)* também é “professora” da *Godllywood School* (uma escola para meninas de 6 a 15 anos que busca resgatar valores antigos). Com sua experiência, tem ensinado meninas e adolescentes sobre o valor e a importância da família, das amizades e de um relacionamento com Deus”.

3. IURD: UM EMPREENHIMENTO MASCULINISTA

A violência é tão constituinte do que é ser uma mulher nisso que chamamos mundo com ossos, órgãos e sangue. Compreendemos o que somos pela ameaça aos nossos corpos. Ser mulher é ser um corpo que não se sente seguro em lugar algum. Eliane Brum, *Banheiro Ôkotó: uma viagem à Amazônia, centro do mundo*, 2021.

Neste capítulo, apresento a organização do trabalho religioso na Universal, que segue a divisão sexual do trabalho. Também pontuo as tecnologias de gênero (LAURETIS, 1994) desenvolvidas pela igreja, evidenciando que tais programas compartilham de uma retórica comum: a idealização do passado acompanhado do rechaço a mudanças nos papéis e relações de gênero, estas últimas são concebidas como “ameaças” pela igreja.

Ainda, analiso que através do *Godllywood Girls*, a IURD reafirma discursos assentados em uma interpretação dominante da cultura cristã ocidental, que tendem a reproduzir desigualdades e violências de gênero. Para esta verificação emprego a análise das videoaulas do programa triangulando com informações coletadas nas mídias institucionais da igreja.

Convido-lhe a um exercício: ao ouvir a palavra “Deus”, qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça? No imaginário cristão ocidental, a figura hegemônica de Deus corresponde a um homem branco, de cabelos longos, considerado “pai-todo-poderoso”⁷³. Isto quer dizer que a representação do máximo poder divino, segundo a interpretação hegemônica, está centrada nas mãos de um homem, sendo este, inclusive, responsável pela criação da humanidade a sua imagem e semelhança.

Logo, compreendendo que os discursos religiosos contribuem para o estabelecimento de um “regime de verdade”, ou seja, para a definição de um conjunto de regras e práticas que determinam o que é considerado verdadeiro em uma determinada sociedade, afetando os modos como os sujeitos percebem o mundo e a si mesmos (FOUCAULT, 1979) a compreensão da realidade passa a ser moldada a partir de relações raciais e de gênero verticalizadas.

Verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de

⁷³ Importante dizer que esta visão vem sendo tensionada por teólogas feministas como a professora Ivone Gebara. Tais pensadoras propõem outras interpretações sobre o cristianismo desnaturalizando e tensionando a visão dominante patriarcal.

verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p. 12).

Dito de outro modo, a cultura cristã ocidental, aqui entendida como o catolicismo e o protestantismo sem desconsiderar as ramificações de ambas as doutrinas, modelou papéis sociais distintos para homens e mulheres “santificando a opressão masculina e a inferiorização feminina” (BANDINI, 2005, p.01).

A tradição cristã ocidental, ao naturalizar e cristalizar textos bíblicos, estabelece uma suposta harmonia teológica falocêntrica⁷⁴ (GEBARA, 2020) através da qual hierarquias de gênero não só são criadas e expandidas como também sacralizadas (BANDINI, 2015). Na mesma direção, Scott (1990) compreende que a religião, através de suas doutrinas, rituais, tradições e discursos, tem contribuído para estabelecer relações diferenciadas entre os gêneros.

Tais apontamentos são facilmente localizados na organização da Universal, cuja distribuição do trabalho evangelizador é concentrada em três figuras: obreiros, pastores e bispos. Estes agentes ocupam lugares distintos dentro dos templos, sendo divididos entre átrio e altar (TEIXEIRA, 2018).

O primeiro corresponde ao serviço de apoio aos fiéis. Na maioria das vezes, este acompanhamento é realizado por obreiras e obreiros, responsáveis por estabelecer o contato inicial com as pessoas que procuram a igreja e por direcioná-las ao atendimento pastoral.

Além de auxiliar na evangelização, os obreiros são responsáveis pela limpeza das igrejas e organização dos cultos. Este trabalho é realizado de modo voluntário. A igreja concede apenas uma ajuda de custo mediante solicitação. O regimento da IURD permite que as mulheres ocupem este espaço⁷⁵, ou seja, desenvolvam o papel de obreiras.

As mulheres têm mais espaço para atuar como obreiras, auxiliando no desempenho ministerial dos pastores. Para isso, não são poucas as exigências. A seguir precisa ser convertida, ‘curada’, ‘libertada dos

⁷⁴ O falocentrismo corresponde a uma forma de enxergar o mundo na qual a organização social está centrada simbolicamente no falo, que corresponde ao órgão sexual masculino. Esta visão reforça a dominação masculina e a inferioridade de mulheres, sustentando estruturas patriarcais.

⁷⁵ A Universal permite que mulheres sejam pastoras, mas em quase meio século de fundação, há pouquíssimos casos de mulheres ocupando o posto. Além disso, elas não usufruem dos mesmos direitos e deveres dos homens-pastores (BANDINI, 2015).

demônios' e 'batizada com o Espírito Santo', além de ter um bom comportamento e testemunhos favoráveis de outros fiéis (NASCIMENTO, 2019, p.222).

Já o altar é considerado o lugar de maior prestígio, onde se realiza o sacerdócio. O local é reservado somente a homens - pastores e bispos. A possibilidade de mulheres alcançarem posições mais altas na organização do trabalho religioso é condicionada ao casamento com um pastor ou bispo. A união é interpretada como a comprovação do "chamado" de Deus para o casal servir ao altar (TEIXEIRA, 2021; NASCIMENTO, 2019).

Diferentemente da tradição católica, também é necessário que o homem se case para chegar ao topo da hierarquia iurdiana, que corresponde ao bispado. Entretanto, este não é o único pré-requisito, a nomeação só é concedida, após a análise minuciosa de sua trajetória no posto anterior, de pastor.

Por sua vez, para se tornar esposa de um pastor também há uma preparação. As mulheres devem passar por reuniões quinzenais dirigidas pelas esposas dos bispos a fim de que conheçam as responsabilidades que assumirão no cotidiano das igrejas. Todas as funções são subordinadas a orientações do marido (BANDINI, 2015).

Os homens que desejam construir uma carreira pastoral também são instruídos sobre qual perfil de mulher devem escolher, visto que o sucesso do casamento está intrinsecamente vinculado a expansão da igreja. Por exemplo, no artigo "Homem de Deus quanto à idade e à raça", publicado em 2012, Edir Macedo aconselhou aos homens que desejassem seguir a "obra de Deus" (se tornarem pastores e bispos) a não se casarem com uma mulher de "raça diferente", alegando que seus filhos estariam subjugados à discriminação racial, principalmente, em países do Norte Global⁷⁶ (NASCIMENTO, 2019).

À vista disso, evidencio que ao invés de combater o racismo, a estratégia adotada pela IURD é tentar ditar não só o caráter heteronormativo, mas também o perfil étnico-racial dos relacionamentos. Com isso, a igreja espera controlar as taxas de natalidade, diminuindo as chances de nascerem pessoas para além da branquitude, que estabeleceu-se como "norma" (MOMBAÇA, 2021; BENTO; 2022).

⁷⁶ Fora do território brasileiro, a IURD instalou-se primeiro em Portugal, em 1989. Ainda na Europa, a igreja tem presença significativa na Espanha e Reino Unido. Na América do Sul e do Norte, a Universal já possui templos em todos os países. Ao passo que no continente africano está principalmente nos países de língua portuguesa.

Os pais não teriam como evitar “rejeições ou críticas por parte dos coleguinhas nas escolas nos países onde eles poderão estar pregando o Evangelho”. O bispo disse que não ser contrário à miscigenação, mas considerava essa orientação necessária para “uma melhor aceitação por sociedades estrangeiras”. Revelava ter constatado esse problema com crianças na Universal no exterior (NASCIMENTO, 2019, p.220).

Além disso, considero que o discurso demonstra mais um mecanismo de biopolítica empregado pela IURD. Com base no pensamento foucaultiano, biopolítica corresponde ao desenvolvimento de práticas reguladoras por parte de instituições estatais e da sociedade civil, que visam direcionar aspectos da vida coletiva como as taxas de fecundidade, natalidade, longevidade e mortalidade. Trata-se de um poder que consiste em fazer viver e deixar morrer (FOUCAULT, 2012).

Promovendo um diálogo entre a filosofia ocidental e intelectuais afro-diaspóricos, Sueli Carneiro (2023) demonstra a existência de um “dispositivo de racialidade” no Brasil que, ao articular poderes, saberes e modos de subjetivação, produz formas de assujeitamento e exclusão sobre a população negra enquanto reproduz a hegemonia branca nos espaços de poder.

Para a autora, o racismo opera como um dispositivo de poder em sociedades de passado escravocrata e permanece sustentando desigualdades de classe e raça até hoje. Dito de outro modo, o racismo tem um papel central na formação da sociedade brasileira desde o período colonial e segue impactando a estrutura de classes, aprisionando a população negra nas camadas mais baixas da sociedade e garantindo privilégios à branquitude.

Segundo Carneiro (2023) esse dispositivo instaura uma “ontologia da diferença” ao promover uma divisão entre o “eu” e o “outro”, na qual o “eu” se afirma a partir da negação e da inferiorização do “outro”. Ao se afirmar como naturalmente superior, o “eu” se coloca como parâmetro de humanidade e ideal de ser. Assim, o “outro” – que no Brasil personifica negros e indígenas - passa a ser tanto considerado irracional, incapaz de alcançar a moralidade, a cultura e a civilização, enclausurado no estatuto do não-ser.

Por isso, o dispositivo de racialidade, segundo Carneiro “também produz uma dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal, e a brancura será sua representação” (CARNEIRO, 2023, p.31). Dessa dualidade resulta a desumanização do “outro”, que acaba por legitimar políticas de extermínio daqueles considerados indesejáveis.

No ensaio, Macedo também desincentiva o casamento com mulheres mais velhas, exceto para aqueles homens que fossem “suficientemente maduros” e “experientes na vida para não se deixar influenciar pelas mulheres”. Segundo o bispo, a diferença de idade entre o casal não deveria ultrapassar dois anos. Além da manipulação, o “risco para o homem de Deus” seria a traição já, que segundo Macedo:

A mulher normalmente envelhece mais cedo que o homem, e quando ela chega à meia-idade, o marido, por sua vez, está maduro, mas não tão envelhecido quanto ela. E a experiência tem mostrado que é muito mais difícil, mas não impossível, manter a fidelidade conjugal [...] ela, que por natureza já tem o instinto de ser “mandona”, acaba por se colocar no lugar da mãe do marido” (MACEDO apud NASCIMENTO, 2019).

Na IURD, existe um rigoroso controle exercido por um complexo sistema hierárquico, onde os bispos supervisionam um grupo de pastores e igrejas a níveis regionais, estaduais e nacional. Já os pastores, que na maioria das vezes emergem dos bancos da igreja, são responsáveis por cuidar da sua congregação. O trabalho desempenhado por pastores e bispos é remunerado pela IURD. Os valores dependem de diversos fatores como a localização e porte da igreja.

Mas há uma diferença significativa, já que enquanto o salário base de um pastor é de R\$ 2 mil, a remuneração bruta de bispo parte de R\$ 15 mil (NASCIMENTO, 2019). Além das quantias fixas, a igreja também paga um bônus mediante desempenho aos bispos e pastores, o que ratifica o modelo de gestão empresarial adotado pela Universal, que instiga a competição entre os funcionários (pastores e bispos), recompensando aqueles que entregam melhores resultados.

Sem formação específica, os pastores que mais se destacavam eram aqueles com duas qualidades essenciais para o trabalho na Universal: capacidade de canalizar ofertas expressivas e talento para entreter a congregação e mantê-la em correntes de oração. Em qualquer lugar, o culto funcionava da mesma maneira. O pastor quase sempre gritava e exigia a participação da plateia, e o culto culminava na sessão de exorcismo (NASCIMENTO, 2019, p.54).

Com a ascensão de pastor para bispo, a sua companheira também recebe um novo título: “dona”. Estas mulheres realizam, majoritariamente, ações assistencialistas junto à comunidade onde a igreja está localizada. Ofertam palestras e cursos com foco em assuntos classificados como “femininos”, a exemplo de dicas de comportamento e relacionamentos.

A história da Igreja Universal é marcada pelo trabalho oculto feminino,

porém, a identidade sobre as representações sociais é predominante masculina, de maneira que as atividades produzidas limitam as capacidades femininas, tornando-as invisíveis perante ao homem (GALLO, 2014, p.04).

Contudo, Teixeira (2021) argumenta que a autorização para que estas mulheres falem de assuntos do “universo feminino” leva a relativizar a dinâmica da divisão sexual do trabalho, uma vez que possibilita que elas “acionem a dimensão da retórica e da revelação divina, ainda que isso ocorra por intermédio do casamento” (TEIXEIRA, 2021, p.240).

A IURD não remunera o trabalho desenvolvido pelas parceiras de pastores e bispos e, ainda, proíbe que tenham vínculo empregatício. Com isso, estas mulheres ficam totalmente dependentes do marido, ou de terceiros, para sobreviver. Sem recursos próprios, elas estão ainda mais vulneráveis a abusos, já que a dependência financeira é um dos fatores que levam a dificuldade de romper ciclos de violência (BANDINI, 2015).

A privação econômica não reforça somente uma relação de poder entre marido e esposa, mas influencia o lugar que a mulher ocupará na sociedade, visto que ela é impedida de realizar projetos individuais, privada de desenvolver suas habilidades pessoais e coletivas, permanecendo na invisibilidade (BANDINI, 2015).

Evidencia-se, portanto, que já na organização do trabalho evangelizador, a IURD reproduz uma hierarquia de gênero, cabendo as mulheres permanecerem nos bastidores, com total discricção, a exemplo de Ester Bezerra, companheira de Edir Macedo, que ao longo de quase meio século não tem participado das decisões da igreja.

Edir Macedo manifestou preconceitos e estereótipos ao estabelecer normas de comportamento para as mulheres dos bispos e pastores da Universal. O perfil ideal de esposa, segundo Macedo, seria a que fica em casa, cuidando dos filhos. Ele não queria, nem permitiu, que mulheres de pastores fossem chamadas automaticamente de ‘pastoras’, como costuma ocorrer em algumas denominações. A mulher, de acordo com o líder da Universal, pode levar o marido ‘a conquistas extraordinárias’, mas também a ‘derrotas e fracassos terríveis’ por isso não deve se intrometer na direção da Igreja. ‘Ela cuida da casa, não o marido. Ela educa seus filhos; Ihes ensina o que devem saber [...] na Igreja, todavia, a autoridade pertence ao marido, que está no altar’. A mulher deve se manter numa posição ‘bem discreta, tal qual mulher sábia e sensata’ e falar o estritamente necessário (NASCIMENTO, 2019, p.222).

Pelo contrário, nas poucas vezes em que subiu ao altar, Ester Bezerra defendeu que mulheres devem renunciar seus desejos para apoiar os projetos do marido. Na biografia “A dama da fé”, lançada em 2016, ela narra episódios de sua

vida ao lado de Edir Macedo. Segundo sinopse da obra:

A mulher de confiança que resistiu a tantas batalhas em nome de sua fé. A esposa que assume e vence seus erros na condução do seu lar e na criação de seus filhos. Os segredos de quem se tornou, com discrição e poucas palavras, o suporte vital para a trajetória de uma das igrejas mais atuantes do planeta. Lições de confiança e de amor, de perseverança e de fé. Uma emocionante jornada de renúncia e persistência” (UNIVERSAL, 2020).

O livro foi distribuído gratuitamente em reuniões do programa *Godllywood Autoajuda*, realizadas no Templo de Salomão, também para detentas de diferentes regiões do país através do projeto UNP (Universal nos Presídios) (UNIVERSAL, 2020). A iniciativa está presente em unidades prisionais de todo o Brasil e tem o objetivo de fornecer “apoio espiritual” através de cultos e acompanhamento individual de internos e seus familiares, também oferta cursos profissionalizantes e ações sociais como doações de alimentos, kits de higiene pessoal, exemplares de bíblias, além de atividades culturais e de lazer.



Figura 7. Tenda para divulgação do programa Universal nos Presídios disposto no Calçadão de Londrina em 12 de abril de 2024 – Fonte: A autora

Através do projeto Universal nos Presídios, a igreja também tem levado o programa *Godllywood* a mulheres privadas de liberdade. São instalados telões para que elas possam acompanhar as reuniões que ocorrem no Templo de Salomão, conforme demonstra imagem abaixo:



Figura 8. Reunião do programa Godllywood Girls transmitida para mulheres em privação de liberdade, presidio localizado em Roraima – Foto: Godllywood/Reprodução Instagram

Ademais, Bandini (2015) identificou outro dado importante que reafirma o ostracismo a qual as mulheres de pastores e bispos são submetidas na IURD. A pesquisadora verificou que quando a igreja vai apresentar o casal à comunidade que irá liderar, adota o seguinte modelo: “este é o pastor fulano de tal e sua esposa”, ou seja, não é dito o nome da mulher. A “mulher sem nome” passa a ser conhecida e chamada pelos membros apenas como “mulher do pastor”.

Assim, a multiplicidade de influências, relações e contextos que formam a identidade dos indivíduos (LAHIRE, 2002) são ocultadas por apenas um dos papéis que é desempenhado por estas mulheres – não à toa – o casamento e sob a supremacia masculina (SAFFIOTI, 1987).

Para Leonildo Campos (1999) a postura belicosa frente a outras religiões, principalmente, o catolicismo e as de matriz africana também contribui para afastar as mulheres dos postos de liderança da IURD, já que segundo a cúpula da instituição, elas seriam “menos propensas” ao enfrentamento, o que por sua vez, constitui a “Universal como um empreendimento masculino”. Tanto é que, embora Macedo não tenha dado sinais de que pretende deixar o comando da igreja tão cedo, o mais cotado a assumir o posto é o seu gênero, Renato Cardoso, o “segundo homem” de maior visibilidade na IURD, atualmente (NASCIMENTO, 2019).

À vista disso, acrescento que mais do que um “empreendimento masculino”, onde a liderança é exercida apenas por homens, a IURD tem se apresentado como um empreendimento masculinista (CAMILO, 2023) uma vez que tem criado um conjunto de tecnologias de gênero (LAURETIS, 1994) que buscam reafirmar a superioridade de homens sobre mulheres ao mesmo tempo que defendem a ideia de que “os valores masculinos” estariam em crise, sendo necessário restabelecê-los.

Enquanto “cabeças do relacionamento”, os homens são motivados a se tornarem mais seguros e a recuperarem o respeito que teriam perdido na sociedade. Este papel fica sob a responsabilidade, principalmente, de Renato Cardoso, que sustenta que o “homem forte” reconhece as suas fraquezas, o que inclui a agressividade, ciúmes e consumo da pornografia e busca combatê-las, tornando-se um marido e pai melhor. O ideário de homem propagado pela IURD reproduz, portanto, características associadas a masculinidade hegemônica, como a dedicação ao trabalho, tomando para si a função de proteger a família e a mulher. Frequentemente, o discurso de Renato Cardoso é direcionado a instruir os homens nos desafios de convivência com as mulheres modernas, em um cenário de crescente enfraquecimento da presença masculina no núcleo familiar (ALTIVO, 2016, p.177).

Brown (2019) sugere que o imbricamento do neoliberalismo e conservadorismo sustenta premissas como “Deus, família, nação e livre iniciativa”. A autora identifica um ressentimento masculino e branco mobilizado diante das mudanças promovidas pelas políticas sociais direcionadas aos grupos historicamente desfavorecidos. Tais valores partilhados pela IURD remetem à defesa de uma masculinidade hegemônica⁷⁷ e revelam - mais uma vez - a emissão de um discurso muito alinhado com a extrema-direita, conforme exploro a seguir.

⁷⁷ Segundo Raewyn Connell (2005) há diferentes modos de ser homem, o que enseja a construção de diferentes tipos de masculinidade. Entre eles, o modelo de masculinidade hegemônica ensina aos homens se comportarem de forma autoritária, racional, independente, homofóbica, agressiva e sexualmente viril a fim de que sejam validados socialmente.

3.1. IURD E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO

Cristiane e Renato Cardoso se conheceram nos bancos da igreja. Renato começou a frequentar a IURD aos trezes anos, contrariando os pais católicos, que chegaram a expulsá-lo de casa após a conversão. Desde o início, a família de Renato se opôs ao relacionamento, sob a alegação de que não aceitaria o envolvimento do filho com a filha do homem mais “corrupto e mentiroso do país”. Mesmo sem as bênçãos dos pais do noivo, as alianças foram trocadas em 1991. A época, Cristiane e Renato eram bem jovens, tinham 18 e 19 anos, respectivamente (TEIXEIRA, 2018).

A pouca idade, contudo, não foi um impeditivo para que o casal recebesse a missão de expandir as atividades da IURD em diversos países como Estados Unidos, África do Sul e Inglaterra. Entre a abertura de uma igreja e outra, Cristiane e Renato conheceram Felipe, um menino português de quatro anos acolhido pela casa de custódia que a Universal mantinha em Portugal (TEIXEIRA, 2018).

Apesar da resistência de Renato, que não queria ter filhos, o casal adotou o garoto, tornando-se o único filho dos dois. Assim como Edir Macedo, que realizou vasectomia após o nascimento de Viviane, sua filha caçula, Renato Cardoso também fez o procedimento e tem defendido a intervenção, alegando que se trata de um sacrifício em prol da prosperidade. Junto aos fiéis, a IURD tem incentivado a vasectomia e adoção como medidas de controle da criminalidade e combate à pobreza (TEIXEIRA, 2022).

Renato Cardoso também relata que optou pela vasectomia muito jovem, em idade que nenhum especialista ou urologista recomendaria, por se tratar de uma decisão difícil que, mesmo com grandes chances de reversão, pode comprometer bastante a ocorrência de gravidez por intercurso sexual. Mas nunca se arrependeu de sua decisão, sempre se sentiu completo em seu casamento, e em seu trabalho. Quando decidiu, juntamente com Cristiane, que era o momento de a família ter um filho, eles optaram pela adoção [...] Renato faz uma defesa da vasectomia dizendo se tratar de uma escolha que deve ser orientada por Deus, um sacrifício em prol do Reino de Deus, isso porque um homem pode gerar um filho toda vez que tiver uma relação sexual, se a relação ocorrer com outra mulher, esse potencial reprodutor da masculinidade “constrói o caos na humanidade, crianças e adolescentes abandonados que acabam cooptados pela criminalidade, tudo porque o homem não tem consciência de que sempre que transa pode gerar um filho e foge da sua responsabilidade de pai [...] Renato Cardoso comenta a ilustração, dizendo que muitos problemas teriam sido evitados no Brasil se o país não tivesse um histórico de uma superpopulação que cresceu desordenadamente sem nenhum planejamento, espalhando a pobreza e a desigualdade (TEIXEIRA, 2022, p.761).

Cristiane e Renato Cardoso personificam o ideal de “casal-exemplar” da IURD, ou seja, marido e mulher convertidos e trabalhando juntos na obra de Deus (CAMPOS e SOUZA, 2017). O casal é reconhecido por exercer o “pastorado dos gêneros” (TEIXEIRA, 2018) já que juntos ofertam uma série de palestras e cursos, a exemplo da “Terapia do Amor”, programa voltado ao aconselhamento de homens e mulheres para que tenham sucesso na vida afetiva. As reuniões acontecem todas as quintas-feiras no Templo de Salomão e são transmitidas pela Univer Vídeo.

A dupla promete ensinar a prática do “amor inteligente”, com o intuito de que os casais melhorem a convivência, ultrapassando adversidades que, invariavelmente, possam surgir na vida a dois. Além disso, Cristiane e Renato Cardoso apresentam o programa “Minuto do Casamento Blindado”, que vai ao ar diariamente às 12h na TV Record.

Trata-se de um recorte do projeto mais amplo *The Love School*, ou seja, “Escola do amor”, criado em 2021. Durante os encontros, Cristiane e Renato recebem casais - apenas heterossexuais - que enfrentaram problemas no relacionamento para testemunharem a transformação após a entrada na igreja. Com base nas histórias partilhadas, as lideranças da IURD, apontam “erros” que levam as relações a fracassarem. O programa com duração de uma hora é veiculado todos os sábados, 12h, na TV Record, no PlayPlus⁷⁸, YouTube e Facebook.

Diversos quadros integram a programação como “Escola do Amor Responde”, que possibilita ao público enviar perguntas para Cristiane e Renato Cardoso (as perguntas e respostas também são veiculadas em formato podcast, conforme apontado no capítulo 1). Embora a produção seja apresentada pelo casal, é Renato que se destaca na frente às câmeras:

Todos os assuntos abordados têm o respaldo de matérias jornalísticas, algumas com personagens fictícias, ou até mesmo verídicas, pesquisas de opinião, como forma de criar confiabilidade ao telespectador. O casal permanece junto, um ao lado do outro durante todo o programa, ora sentado, ora em pé, e comenta sobre o tema – de fato, os dois mais do que comentam, orientam sobre os depoimentos de outros casais que escrevem ao programa pedindo ajuda aos “professores” (como eles se autodenominam). É Renato quem, na maior parte das vezes, introduz o assunto e estende a fala, muito mais do que Cristiane. O papel dela é mais de coparticipante nesse processo. O lugar de coparticipante refere-se ao fato de Cristiane estar o tempo todo em estado de sujeição ao seu marido. Ela participa ativamente do programa, dá a sua opinião, argumenta com os convidados, mas nunca aborta a fala do seu marido para dar voz à sua. Mas o contrário acontece com frequência (COSTA, 2017, p.85).

⁷⁸ Plataforma de streaming lançada pelo Grupo Record, que oferece conteúdo audiovisual sob demanda e transmissões ao vivo da Record TV.

O programa se expande para além das telas e reúne outras atividades como o evento *The Love Walk – A Caminhada do Amor*, que tem os objetivos de fortalecer os relacionamentos, promover o diálogo entre casais, além de “ajudar” solteiros a se conhecerem melhor. Também possui o *Cruzeiro The Love School*, viagem de tema romântico com a presença de Cristiane e Renato Cardoso, e uma marca de produtos customizados na Arca Center.

O casal também assina uma série de livros como: “Namoro blindado: o seu relacionamento à prova de coração partido”; “Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio”; “120 minutos para blindar seu casamento”; “Casamento blindado 2.0” e “Diário do amor inteligente”. Os títulos figuram entre os mais vendidos da Unipro, editora da Universal.

Graças a esses projetos e ao aumento de visibilidade, Renato e Cristiane viram seu prestígio na igreja crescer. Jovens, procurando passar uma imagem de sucesso profissional e beleza física, tornaram-se um casal popstar. Serão herdeiros de uma legião de fiéis, além de fortuna e influência política. Popular na TV e nas redes sociais com suas receitas amorosas, o casal também atrai não seguidores da Universal. O discurso do jovem bispo é recheado de mensagens de autoajuda e incentivos ao empreendedorismo. Com a experiência trazida da Europa e dos Estados Unidos, ele agregou ares de modernidade à igreja, sobressaindo os antigos pregadores e dirigentes, com métodos convencionais e ultrapassados. Atento às novas exigências, ele sugere uma renovação no modelo de gestão (COSTA, 2017, p.92).

Ainda com o recorte de gênero, a Universal desenvolve o projeto “Escola de Mães – onde pais são bem-vindos”. Recentemente incorporado pelo *Godllywood Autoajuda*, o curso tem como finalidade “capacitar pais emocional e espiritualmente na educação dos filhos” (UNIVER ENSINO, 2025). Cada palestra é complementada com um “praticando”, atividade relacionada ao tema para ser realizada pelos pais ao longo do mês. Além das reuniões no Templo de Salomão, é possível realizar o curso à distância na Univer Ensino sob o pagamento de uma taxa no valor de R\$ 79,90.

Com o excesso de informações e as influências modernas, criar filhos tornou-se um desafio crescente. Muitos pais se sentem inseguros e insatisfeitos com o comportamento dos filhos, que frequentemente ignoram seus conselhos [...]. **No entanto, acreditamos que existem métodos mais eficazes de relacionamento familiar, abordados neste curso teórico e prático, baseado na Palavra de Deus. O instinto materno é importante, mas educar bem requer conhecimento sobre o desenvolvimento infantil. Pais informados estarão mais preparados para orientar seus filhos diante dos perigos do mundo moderno** (UNIVER VÍDEO, 2025, grifo meu).

Assim como o *Godllywood Girls*, ambos os projetos – Escola do Amor e

Escola de Mães - também empregam uma estética que remete a uma sala de aula e se organizam tal como o processo de ensino de aprendizagem, em formato de aulas, com materiais didáticos e avaliações ao final de cada módulo, o que reforça o caráter disciplinar dos discursos (FOUCAULT, 2012).

A Universal também promove o Projeto Raabe: rompendo com o silêncio”, que visa orientar mulheres que sofreram violência física ou psicológica ou que estão em relacionamentos abusivos. Através da iniciativa, a igreja direciona as vítimas para atendimento psicológico e jurídico, se necessário. Ainda, são oferecidos palestras e cursos de autoconhecimento, nos quais o modelo de conduta feminina defendido pela igreja é apresentado como a “solução” para evitar episódios de violência doméstica (MARTINEZ, 2017). Destaca-se a escolha da personagem bíblica “Raabe” para nomear o projeto:

O nome do projeto foi inspirado na personagem bíblica Raabe, uma prostituta sem rumo, com medo do que o futuro lhe reservava. Ela sabia que sua cidade, Jericó, seria invadida por hebreus, o povo de Deus e que não haveria escapatória. Quando se viu diante de espiões hebreus, ao invés de denunciá-los, usou de misericórdia e acolheu-os, escondendo-os. Uma pessoa que não se valorizava, discriminada, percebeu o seu valor e passou a ter um papel importante na história da humanidade (UNIVERSAL, 2019).

Além de uma moralização da violência, a fé e autovalorização são os principais caminhos apontados para que as mulheres rompam com a opressão sofrida (MARTINEZ, 2017). Importante ressaltar o quanto este discurso é perigoso e tem gerado graves consequências. Ao pesquisar a incidência da violência doméstica entre mulheres evangélicas, Vilhena (2010) observou que o principal recurso no combate às opressões não tem passado pelo estado e as decorrentes políticas públicas implementadas, mas sim pelo “poder” da oração⁷⁹.

Na maioria das vezes, a violência é interpretada como uma fraqueza do homem, uma espécie de “investida do demônio” de modo que denunciar seus agressores, levam as mulheres a se sentirem culpadas, como se estivessem traindo não apenas o companheiro, mas também o seu pastor, igreja e o próprio Deus. A denúncia é vista como falta de fé na provisão e na promessa divina de conversão-transformação de seu cônjuge (VILHENA, 2010, p.03).

Relatório da pesquisa “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, divulgado em fevereiro de 2025 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Instituto Datafolha, mostra que a violência de gênero, no último ano, atingiu o maior

⁷⁹ Para o aprofundamento do tema, recomendo a leitura do livro-reportagem “O grito de Eva: a violência doméstica em lares cristãos” da jornalista Marília de Camargo. O exemplar traz relatos de vítimas e expõe o papel das igrejas na perpetuação da subjugação feminina.

índice desde o início da série histórica, em 2016. Apesar disso, 47,4% das mulheres vítimas de violência grave afirmam não terem feito nada diante da agressão, mas 6% procuraram a igreja. Dentre as entrevistadas, 42,7% das mulheres que se identificaram como evangélicas sofreram violência ao longo da vida, contra 35% das autodeclaradas católicas.

Embora haja uma recriminação pública à violência por parte das igrejas, internamente há um questionamento sobre a fé e fidelidade da mulher: “esta expressão religiosa [cristianismo] tem apoiado a subordinação da mulher a partir das doutrinas que legitimam e sacralizam o sacrifício e o sofrimento” (GEBARA, 2000, p.15).

Por sua vez, o programa *Intellimen: formando homens melhores*” corresponde a “versão masculina” do *Godllywood*. O projeto, que une as palavras em inglês *intelligent* (inteligentes) e *men* (homens) é liderado por Renato Cardoso e foca no desenvolvimento pessoal. As primeiras reuniões da iniciativa chegaram a reunir 10 mil homens no Templo de Salomão. Para ingressar no grupo, o primeiro passo é aderir ao seguinte manifesto:

Ser homem antigamente era algo muito simples. Você aprendia duas coisas desde cedo: lutar para se defender e caçar para se alimentar. Quem fazia isso muito bem, se dava muito bem. E levava a garota para casa. Esse era o critério básico quando o pai considerava um rapaz para casar com sua filha. E ela também. Em muitos casos, amor era secundário. Você não ouvia mulheres detalhando uma longa lista de atributos que queriam no futuro marido: “Ele tem que ser carinhoso, bem-humorado, gostar de passear, romântico, atencioso, cheirar bem, amar os animais, me aceitar como eu sou, me pegar no colo quando eu estiver cansada, notar quando eu mudar o meu cabelo, sensível, bom de conversa, amigo, se vestir bem. Nada disso. “Você pode e está pronto para me proteger com a sua vida? Pode me sustentar tão bem quanto ou melhor que o meu pai? Então ponha um anel aqui”. Simples assim. **Ser homem no século 21 já é outra história. O mundo mudou. As mulheres mudaram. E muitos homens ainda estão com a cabeça lá atrás. O resultado disso está aí para ser assistido em 3D: homens deslocados, despreparados e desacreditados** (PROJETO INTELLIMEN, 2025, grifo meu).

Como o *Godllywood*, a iniciativa se estrutura através do cumprimento de 52 desafios, sendo um por semana ao longo de um ano. Assim que cumpridas as metas devem ser divulgadas nas redes sociais acompanhadas de hashtags, como *#euacreditointellimen*, *#desafiointellimeneufiz*. O primeiro desafio é a escolha de um “parceiro oficial”, ou seja, outro homem participante do projeto que acompanhará o novato nesta jornada rumo ao “aperfeiçoamento” e constante “atualização” de si, construindo-se um homem de acordo com as demandas do século 21.

Conforme salienta Teixeira (2022) ao empregar as redes sociais para expor a participação no programa e o cumprimento de desafios, os programas *Godllywood* e *Intellimen* propiciam o testemunho e confissão de si com base no pensamento foucaultiano acerca da construção da subjetividade e reflexividade dos sujeitos calçadas na produção de uma consciência de si que é produzida mediante forças exteriores.

A interação dos *desafios* do *Intellimen* com as redes sociais dá um novo estatuto prático à tecnologia da confissão, isso porque, nesse caso, seu princípio técnico fundamental deixa de ser o segredo e internalização, e passa a ser a publicidade e a exterioridade. Ao traduzir exterioridade, a tecnologia da confissão, reservada à cena do confessor católico, da relação exclusiva com um sacerdote, do segredo não revelado sob juramento divino, passa a ser exercitada sob a gramática de outra tecnologia cristã, o testemunho de si (TEIXEIRA, 2022, p.751).

O programa também possui a frente *IntelliMen Academy*, voltado a garotos de 9 a 14 anos. O curso é dividido em duas fases: a teórica, nomeada “Alpha” e a prática “Beta”⁸⁰. Durante o programa são ofertadas oficinas sobre os seguintes tópicos: o que é ser homem?; disciplina consciente; responsabilidade; como se vestir; higiene pessoal; comportamento; condicionamento físico; liderança; crescimento pessoal. Os encontros acontecem no Templo de Salomão.

Observa-se que, embora voltados para a mesma faixa etária, o *Godllywood Girls* apresenta às meninas conhecimentos para a gestão doméstica e familiar, já o *IntelliMen Academy* expõe aos garotos saberes que visam prepará-los para o mercado de trabalho. Destaco as noções de “liderança” repassadas aos meninos, reafirmando posições distintas que homens e mulheres devem assumir na estrutura social.

⁸⁰ Em contextos sociais e de cultura da internet, os termos "macho alfa" e "macho beta" são frequentemente usados para descrever diferentes tipos de masculinidade. "Macho alfa" é retratado como dominante e bem-sucedido. Ele é visto como um líder natural, competitivo e que busca validação externa. Já o "macho beta" é visto como passivo, reservado, submisso e menos assertivo.



Figura 9. Versão “masculina” do Godllywood Girls, o programa Intellimen Academy é voltado para meninos de 7 a 14 anos. As aulas ocorrem no Templo de Salomão e buscam ensinar noções de disciplina, liderança, crescimento pessoal e profissional e finanças – Foto: Intellimen Academy /Reprodução Instagram

No início de cada oficina, os meninos recebem um resumo da aula com o intuito de que revisem o conteúdo ao final do curso. Além disso, são repassados deveres de casa, que deverão ser entregues ao instrutor na aula seguinte. Novamente constata-se o discurso de cunho pedagógico e disciplinador. O objetivo final, nas palavras da IURD é:

Desenvolver nesses garotos um caráter íntegro através do ensinamento da palavra de Deus e de atividades práticas, **buscando formar homens exemplares em uma sociedade que tem corrompido os valores masculinos** (PROJETO INTELLIMEN, 2025, grifo meu).

É interessante notar que a identidade visual do projeto remete ao brasão de forças policiais. Além disso, os participantes são chamados de “cadetes”, em analogia aos alunos que frequentam escolas militares para se tornarem oficiais em algum dos segmentos das Forças Armadas, seja Exército, Marinha ou Aeronáutica.

Importante dizer que esta não é a única aproximação entre a Universal e as forças de segurança pública. Além do já mencionado projeto Universal nos Presídios, em 2018 – mesmo ano em que os discursos punitivistas⁸¹ sobre segurança ganharam maior projeção com a ascensão da extrema-direita, a IURD inaugurou o projeto “Universal nas Forças Policiais”, a UFP. Atualmente, o grupo é coordenador por um pastor Roni Negreiros, que possui formação e atuação como Major-capelão na Polícia Militar do Maranhão (UNIVERSAL, 2024).

O lançamento ocorreu no Centro Cultural de Jerusalém, misturando elementos judaicos, a bandeira do estado de Israel e as vestimentas militares, em evidente referência a gramática bolsonarista, que também se apropriou de tais símbolos, frequentemente vistos em atos antidemocráticos.

Através do projeto, a Universal tem promovido cultos, cafés da manhã, correntes de orações, além de participar de eventos de policiais militares, bombeiros, agentes da Polícia Federal, Exército e Aeronáutica como as solenidades de troca de comando das instituições. Segundo a IURD, a finalidade da UFP é oferecer assistência psicológica e espiritual as forças de segurança pública (UNIVERSAL, 2024).

O projeto tem sido alvo de diversas polêmicas, incluindo denúncias de policiais militares que relatam serem obrigados a participar dos cultos da Universal sob a punição de responderem a um procedimento interno disciplinar caso não compareçam⁸². Teixeira (2022) observa que a frente tem ofertado palestras sobre ética e “valores masculinos” que precisam ser preservados. Embora algumas mulheres integrem o projeto como voluntárias e se dediquem o trabalho de evangelização a outras mulheres integrantes das forças de segurança pública, o grupo é composto, majoritariamente, por homens.

⁸¹ Esta abordagem de segurança pública prioriza a punição severa como principal resposta à criminalidade. O foco está na ampliação do tempo das penas, construção de mais prisões e recrudescimento da violência policial que passa a ser chancelada para que se mantenha a ordem.

⁸² Para mais informações, sugiro a leitura da reportagem “Tropa Cooptada” do jornalista Gilberto Nascimento veiculada pelo The Intercept Brasil.



Figura 10. Integrantes da Capelania UFP participam da recepção de novos policiais militares na cidade de São Gabriel do Oeste, Mato Grosso do Sul, em agosto de 2025 – Foto: UFP/Reprodução Instagram

Torna-se evidente o esforço da IURD em difundir discursos de cunho pedagógico, que mesclam referências bíblicas, noções de gestão empresarial e a indústria de autoajuda (ALTIVO, 2016). O desenvolvimento de tais tecnologias de gênero (LAURETIS, 1994), responsáveis pela criação de representações sobre a vida amorosa, a família, o papel da mulher e do homem, torna a Universal uma referência na produção de “materialidades discursivas” (FOUCAULT, 2008) que sustentarão noções de masculinidades⁸³ e feminilidades.

⁸³ Para o aprofundamento deste assunto recomendo a leitura do ensaio “Masculinidade e pentecostalismo como tecnologia neoliberal” de autoria de Jacqueline Moraes Teixeira. A professora

O sistema de sexo-gênero, enfim, é uma desconstrução sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status, dentro de uma hierarquia social) a indivíduos dentro da sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então, o fato de alguém ser representado ou representar como masculino e feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais. Assim, a proposição de que a representação de gênero é sua construção, sendo cada termo a um tempo o produto e o processo do outro, pode ser reexpressa com mais exatidão: a construção do gênero é tanto produto quanto o processo de sua representação (LAURETIS, 1994, p.212).

Porém, como exposto a maioria dos programas é voltado para mulheres, o que não é ocasional, visto que entre as igrejas pentecostais e neopentecostais, elas representam a maioria, chegando a 56% dos fiéis. Na IURD, a representação feminina chega a 81% face a 19% de homens, segundo levantamento do ISER (Instituto de Estudos da Religião).

Ainda segundo dados do Censo 2022, a maioria dos evangélicos no Brasil é formada por negros (61%). Também destaca-se a presença significativa de adolescentes e jovens. Na faixa etária entre 10 e 14 anos, eles representam 31,6% e entre 15 a 19 anos, são 28,9%. Ainda, a maior parte dos fiéis recebem até um salário-mínimo por mês (63%) (IBGE, 2022). A partir do cruzamento de tais dados é possível traçar o perfil mais recorrente do público das igrejas evangélicas: mulheres negras de baixa renda. É, sobretudo, este segmento que os projetos com recorte de gênero criados pela IURD tentam conquistar a adesão.

De acordo com Machado e Mariz (1997) as motivações mais frequentes para mulheres procurarem as igrejas são: desavenças conjugais (na maioria das vezes, a traição do parceiro) e problemas de saúde de algum membro da família, ou seja, são predominantemente questões que apresentam vinculação com o ambiente doméstico e familiar. Por sua vez, as principais razões que levam homens a buscarem as instituições religiosas são dificuldades financeiras, ou seja, condição que afeta o seu papel de provedor, arraigado na sociedade brasileira de origem patriarcal (FREYRE, 2003).

Estas diferenciações ajudam a explicar a crescente e diversificada oferta de serviços espirituais e bens simbólicos pela IURD tendo estes públicos-alvo.

3.1.1. Cristiane Cardoso e a “Mulher Virtuosa”

Apesar de subordinada a autoridade do pai e marido - elemento que lhe garante legitimidade institucional - Cristiane Cardoso assume certo protagonismo dentro da IURD, principalmente, nas atividades com recorte de gênero, sendo a responsável pelo programa em estudo, *Godllywood*.

Assim, avalio que a trajetória de Cristiane Cardoso merece destaque pois, como vimos segundo na hierarquia iurdiana, o que também pode ser notado em outras igrejas evangélicas, mulheres não exercem cargos de liderança. Conforme pontuado, em igrejas pentecostais e neopentecostais, a organização das funções congregacionais segue a lógica da divisão sexual do trabalho, ou seja, são estabelecidas tarefas diferentes para homens e mulheres com base em estereótipos, o que acaba por reafirmar relações de poder dentro e fora das denominações.

Com base na política institucional, em suas pregações e escritos, Cristiane Cardoso se descreve como alguém que sempre foi “muito tímida e vivia à sombra da irmã mais nova”, Viviane Cardoso⁸⁴. Cristiane relata que o fato da irmã caçula ser uma pessoa com deficiência, a levou a assumir desde muito cedo o papel de cuidadora, o que ela atribui a sua “natureza feminina” (TEIXEIRA, 2021).

No entanto, Cristiane afirma que a sua condição de inferioridade mudou a partir do casamento. Segundo ela, apenas após a união ela se transformou de fato “em mulher”, sendo levada a descobrir sua beleza, a cuidar de si (CARDOSO, 2007). É perceptível que, apesar de vendidos como sinônimos de “empoderamento”, mesmo os papéis atribuídos às mulheres que exercem algum grau de liderança dentro da IURD – a exemplo de Cristiane - reproduzem expectativas de gênero, já que a autoridade, liberdade e realização da mulher estão submetidas a companhia de um homem.

Uma mulher pode trabalhar duro para se tornar independente e autossuficiente, e ainda assim se sentir privada de alguma coisa. O que ela realmente quer é o cuidado e a proteção de um homem; ela deseja completar um homem, mesmo que isso esteja muito bem escondido no baú do seu subconsciente (CARDOSO, 2011, p.134).

⁸⁴ A filha caçula de Macedo nasceu com uma fissura labial, conhecida genericamente como lábio leporino. Na biografia “O Bispo: A história revelada de Edir Macedo”, publicada em 2007, pelos jornalistas Douglas Tavolaro e Christina Lemos, o fundador da IURD comenta que a chegada da filha foi decisiva para seu ingresso na vida religiosa, deixando o cargo de funcionário público para atuar como pastor. Assim, o nascimento de Viviane Cardoso está intrinsecamente relacionado a criação da IURD (NASCIMENTO, 2019).

Neste sentido, Rubin (1989) avalia que para as mulheres corresponderem aos enquadramentos de gênero e sexualidade devem se submeter a padrões de feminilidade no momento histórico em que vivem, serem heterossexuais e monogâmicas dentro da instituição-casamento. Só assim elas chegariam ao topo do que a autora denomina de “pirâmide erótica”, construto que avalia como as pessoas são vistas, com base no atendimento às normativas de gênero e sexualidade.

As sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valor sexual. Os casais heterossexuais, ligados pelo casamento, estão sozinhos no topo da pirâmide erótica [...] os indivíduos cujo comportamento os situa na escala mais alta dessa hierarquia são recompensados com o reconhecimento de sua saúde mental, respeitabilidade, legitimidade, mobilidade social e física, apoio institucional e benefícios materiais (RUBIN, 1989, p.22).

Desde 2004, Cristiane escreve semanalmente para a Folha Universal, assinando a coluna “Mulher”. A partir de 2009, a seção aumentou seu espaço, transformando-se no caderno “Folha Mulher”⁸⁵. Neste ínterim, em 2007, Cristiane lançou seu primeiro livro intitulado “Melhor do que comprar sapatos”. Na obra, Cristiane visa instigar a reflexão sobre a “verdadeira essência da felicidade”. O exemplar é dividido em duas partes, a primeira nomeada “De dentro para fora” aborda temas relativos à estética e corpo da mulher. Já a segunda intitulada “De solteira à vida de casada”, traz debates sobre empreendedorismo e dicas para preservação do casamento.

De maneira geral, Cristiane apresenta o sexo é uma atividade corriqueira como “escovar os dentes” e é uma obrigação da mulher, devendo ser realizado mesmo sem o desejo. À mulher cabe sempre demonstrar o interesse pelo parceiro, pois esta é uma condição para que o relacionamento se mantenha saudável.

Deus fez você, mulher, única. Seu amor materno nunca pode ser substituído e sua beleza feminina é exclusiva. Você é a luz de sua casa – se fica doente ou viaja, sua casa se torna escura. Você consegue fazer um apartamento velho e minúsculo se tornar um “lar, doce lar”. É interessante notar que a mulher que se torna viúva consegue viver sozinha pelo resto de seus dias, mas isso raramente acontece com o homem que se torna viúvo! O homem só é completo quando tem uma mulher de Deus ao seu lado (CARDOSO, 2011, p.20).

⁸⁵ Nunes (2012) investigou a construção do fenômeno que denominou “identidade feminina” na Folha Universal. A pesquisadora observou que assuntos concernentes ao comportamento, relacionamentos e sexualidade foram mais recorrentes na publicação. A autora conclui que a escolha de Viviane Freitas e Cristiane Cardoso como colunistas reforçam não apenas determinado perfil hegemônico de mulher valorizado pela IURD, mas também a reprodução de relações consolidadas, monogâmicas construídas por elas como modelos, haja vista que seus textos compartilham depoimentos pessoais e conselhos baseados em suas trajetórias a fim de que as leitoras possam vislumbrá-las como parâmetros para suas vidas (NUNES, 2012).

Em 2011, um ano antes do lançamento do programa *Godllywood Girls* no Brasil, Cristiane lançou seu segundo livro “A mulher V: moderna à moda antiga”. Já nas primeiras páginas, é apresentado um manifesto que questiona “valores e conceitos da mulher atual”, demarcando evidente oposição a pautas reivindicadas pelos movimentos feministas⁸⁶ como o direito ao próprio corpo e a liberdade sexual.

Parece que as mulheres perderam todo o pudor e respeito próprio. Nos dias de hoje, elas chamam os homens para sair, elas os deixam ver mais do que o necessário, fazer mais do que precisam. Elas os deixam usá-las de graça [...] eu pergunto: até quando as mulheres vão continuar aceitando a degradação feminina estampada em livros, filmes, outdoors, revistas, TV, música e moda? Quer ser respeitada? Respeite-se primeiro. Quer ser valorizada? Valorize-se primeiro. Trate-se bem, como uma dama e não como uma qualquer (CARDOSO, 2011, p.15).

Em mais uma referência ao passado, o material se propõe a um “resgate do feminino” – assim como o *Godllywood*. Neste sentido, o livro opera como um manual que tem como finalidade ensinar as fiéis a se tornarem uma “mulher virtuosa” em referência à personagem bíblica descrita por Provérbios 31:10. Cada capítulo é baseado em um versículo e descreve as qualidades da “mulher virtuosa” ou apenas “mulher V”, com a expectativa de que as leitoras também se tornem uma.

Em suma, a “mulher virtuosa” é aquela que, apesar de moderna, valoriza princípios tradicionais, ou seja, deve cuidar da aparência para si e para o marido, pois esta é uma forma de transparecer o amor que ela tem pela família, também é piedosa, tem prazer em ajudar sem esperar recompensas, é eficiente na administração do lar, o que inclui tarefas domésticas e o gerenciamento financeiro. Também deve ter sempre uma “palavra de ânimo e fé” para compartilhar com o marido, a quem ela deve “surpreender” constantemente, inclusive, preparando refeições saudáveis e criativas (CARDOSO, 2011).

Ainda, de acordo com Cristiane Cardoso, a “mulher virtuosa” é aquela que é submissa aos desígnios de Deus, do pai e posteriormente do marido, deixando ser cuidada por estas autoridades masculinas. Novamente evidencia-se que as representações gênero difundidas pela IURD perpetuam um modelo dominante e estereotipado de masculinidade e feminilidade.

⁸⁶ A obra de Cristiane Cardoso dialoga com outro título “A mulher total” de autoria da escritora americana Marabel Morgan, especialista em livros de autoajuda para mulheres casadas. Originalmente publicado em 1973, o exemplar apresenta sugestões para convívio conjugal e de sexo para mulheres cristãs. A publicação é reconhecida por tecer uma intensa crítica ao crescimento das ideias feministas na sociedade estadunidense, evocando padrões de feminilidade disseminados na década de 1950. Em 2010, a tradução do material chega ao Brasil, após pedido de Cristiane Cardoso que afirmou empregá-lo em palestras que ministrava para fiéis iurdianas (TEIXEIRA, 2021).

Quando Deus criou o casamento, a intenção d'Ele era de estabelecer o homem como autoridade para que este pudesse cuidar da mulher, e não inferiorizá-la. **Submeter-se não significa tornar-se escrava ou capacho, mas, sim, permitir que nossos maridos tomem a decisão final** (CARDOSO, 2011, p.223, grifo meu).

A subordinação ao marido é apresentada às mulheres como um desígnio de Deus, isto é, a subserviência é apreendida como uma expressão da vontade divina. Neste sentido, conquistas travadas pelos movimentos feministas, responsáveis por reduzir as desigualdades de gênero, são esvaziadas de um sentido político e classificadas como ideias e atitudes que se reproduzidas irão afastar as mulheres dos “planos de Deus”.

As mulheres, como todos os seres na ordem patriarcal, devem obedecer a um padrão social pré-estabelecido, no qual as pessoas entram na dinâmica da cultura da obediência quase sem perceber que obedecem, sem ter outra opção, participando assim, de uma igualdade idealizada, jamais efetivada na vida real nem nas relações cotidianas, mas que “Deus” confirma esta ordem vigente (GEBARA, 2000, p.121).

Atualmente com 51 anos, Cristiane representa o ideal da mulher iurdiana, mas não só. Reafirma também o padrão de beleza hegemônico: é uma mulher branca, magra, de olhos verdes – bem distante do perfil de mulheres que frequenta os bancos da igreja. Cristiane usa roupas de acordo com tendências, mas sem desconsiderar a “discrição” e “valorização de si mesma” (CARDOSO, 2011).

Ela [Cristiane Cardoso] se revela uma mulher com todas as características desejadas por um homem: dócil, sábia, cuidadosa com as palavras, prudente, submissa e elegante. A igreja, da qual ela faz parte, legitima sua fala, não deixando dúvidas sobre o que se deve fazer e como deve ser o comportamento de uma mulher que pretende manter seu casamento (COSTA, 2017, p.88).

Com frequência, muda o corte de cabelo também seguindo tendências, mas sem alterar significativamente a cor, permanecendo nos últimos anos loira com mechas em tons mais claros. Está sempre maquiada e com as unhas feitas.

Sua produção conduz a mulher pentecostal a uma estética de glamourização, na qual o “*fashion*” é entendido como sinal da relação interior e direta com Deus. Estar na moda, bem-vestida ou *fashion* tornam-se símbolos da mulher iurdiana, uma mulher virtuosa (CAMPOS; SOUZA, 2017, p.492).

Cristiane Cardoso constitui, portanto, um corpus autorizado (CAMPOS; SOUZA, 2017) para estabelecer um modo de “ser mulher” que atenda as expectativas de Deus, dos homens e da sociedade.

Se muitas mulheres se sentem perdidas com a pluralidade das possibilidades do exercício do significado de ser mulher no mundo

contemporâneo, a afiliação a IURD e as suas perspectivas estritas do comportamento feminino juntamente com uma líder que exemplifica o significado disso e a uma rede de suporte que apoia a fiel em se tornar esta mulher ideal de Deus, garantem uma certeza e uma segurança não encontrada na perspectiva anterior. Os projetos, livros, programas de TV e rádio e blog da Cristiane Cardoso – e mesmo de outras líderes menores dentro da IURD - enviam para estas mulheres uma mensagem isenta de dúvidas de qual é o papel da mulher não só dentro da comunidade religiosa, mas na sociedade em geral (SOUZA, 2017, p.32).

A tentativa de construir uma imagem adequada para a “mulher cristã”, incluindo o papel que ela deve desempenhar, assuntos passíveis de seu interesse e quais não devem se dedicar têm sido um dos exercícios favoritos da Igreja Universal. É, portanto, neste campo mais amplo que identifico o programa *Godllywood Girls*. Ademais, ressalto que o livro “Mulher virtuosa” é uma das principais referências para o programa *Godllywood*.

Nas redes sociais, ex-integrantes da igreja, revelaram que jovens participantes do programa teriam sido recrutadas para se casar com pastores. A seleção fora feita por meio de fotografias de corpo inteiro enviadas aos religiosos (NASCIMENTO, 2019). Constatado que a iniciativa atua como um laboratório para a incorporação desta feminilidade guiada pela perspectiva conservadora e neoliberal que, em última instância, se traduz na “mulher virtuosa”. Estes serão os principais ensinamentos repassados às meninas que ingressam no *Godllywood Girls*, conforme veremos a seguir.

3.1.1.1. Moralidade religiosa e a idealização do passado

Como exposto, as diversas tecnologias de gênero criadas pela IURD comumente emitem discursos que remetem a uma idealização do passado. Condizente com a proposta de “recuperar a essência feminina”, a *Godllywood School* apresenta explícitas reverências ao passado ao mesmo tempo em que o “moderno” é questionado e apresentado como uma afronta à moralidade cristã. Nas palavras da igreja:

Vivemos em uma sociedade de valores invertidos e de princípios morais e éticos praticamente esquecidos, onde muitas vezes o errado é considerado certo e o certo, errado. Quem mais tem sofrido as consequências desse mundo considerado moderno são as nossas crianças e jovens. Por essa razão, a *Godllywood School* foi criada justamente para contribuir com o resgate de princípios e valores ensinados pelo próprio Deus em Sua palavra (UNIVERSAL, 2019).

Segundo Mannheim (1981) a idealização do passado é uma das principais características do pensamento conservador. Já na gênese deste “estilo de pensamento” é possível perceber uma recusa ao “novo”, já que ele surge como uma reação ao pensamento revolucionário burguês e aos ideais iluministas, a exemplo do princípio da igualdade entre os sujeitos.

O conservadorismo se torna consciente e reflexivo pela primeira vez quando outros modos de vida e pensamento aparecem em cena, contra os quais se vê obrigado a pegar em armas na luta ideológica. Esta é a primeira etapa na formação de uma ideologia definitivamente conservadora; é também uma etapa de deliberação metodológica na qual o conservadorismo tenta se tornar consciente de sua essência (MANNHEIM, 1981, p.173).

Segundo Mannheim (1981) embora o pensamento conservador moderno agregue elementos tradicionalistas⁸⁷, eles se diferem. Isto porque, o pensamento conservador não é instintivo, ao contrário disso, é consciente e intencional. Logo, a ação conservadora tem motivação política e visa garantir a estabilidade, o status quo: “contramovimento em oposição consciente ao movimento ‘progressista’ altamente organizado, coerente e sistemático” (MANNHEIM, 1981, p.157).

Assim, para o pensamento conservador, a sociedade é apreendida como um organismo enraizado de modo que o que importa é a ordem social estabelecida, sem a criação de ideários de mudança. Com forte associação ao passado, os movimentos conservadores buscam rechaçar transformações sociais que busquem alterar as estruturas de poder vigente.

Rezende (1998) e Bastos (2010) ao investigarem os progressos e retrocessos da mudança social no Brasil descortinaram a grande influência que o pensamento conservador exerce no país, para a manutenção de relações de poder, afastando possibilidades de maiores rupturas que busquem superar as múltiplas desigualdades sociais em curso.

Não à toa, durante as aulas, as meninas são alertadas constantemente sobre os “perigos” da modernidade. Um deles, segundo a IURD, é a perda das referências morais, ou seja, das pessoas que devem inspirar tanto o comportamento como os pensamentos das garotas.

Segundo a Universal, a primeira referência que as meninas devem seguir é a “mãe”, que pode ser biológica ou “aquela que faz o papel de mãe”. O “problema”, de

⁸⁷ Na obra “A força do passado na fraqueza do presente: O tradicionalismo e suas expressões”, o professor João Décio Passos, explora como o tradicionalismo religioso busca reafirmar verdades e práticas do passado como solução para os problemas do presente.

acordo com a igreja, é quando as garotas entram na adolescência e essa referência, que antes era exercida pela mãe, passa a ser “a menina popular da escola” ou “uma celebridade que elas só conhecem sob as luzes de um palco ou na tela da TV e internet”. Segundo a IURD, estas pessoas vivem de aparências e não tem “nada de bom” para ensinar as garotas, não as “desafiam a serem melhores, em um nítido incentivo ao empreendedorismo de si, assunto que aprofundarei no próximo capítulo:

Não me refiro somente às celebridades, apesar de ser uma das maiores influências hoje em dia, mas também àquela garota que convive com você, mas que é cheia de malícia, engana, envergonha e desobedece aos pais. Por que você quer ser como ela se, no fundo, sabe que esse não é o tipo de influência que faz bem? Na verdade, ela é vazia e não tem nada de bom para lhe passar [...] sabe o que é mais triste nisso tudo? É que o acontece depois que as luzes se apagam. Na maioria das vezes, são pessoas tristes, vazias, depressivas, drogadas e desesperadamente infelizes. Este lado obscuro do mundo não é revelado e quando está prestes a ser revelado, logo acendem as luzes para que os seus súditos, adolescentes e jovens fiquem cegos novamente e não consigam ver a triste realidade que estão seguindo. Não podemos deixar nos corromper por pessoas que não se esforçam para melhorar. Elas estão decididas em viver no erro, não querem mudar. Estão indo para o fundo do poço e sem que você perceba seguram no seu braço e te levam junto (QUEM TEM SIDO SEU REFERENCIAL?. UNIVER ENSINO, 2018).

O programa também apresenta o que classifica como supostos malefícios do avanço tecnológico e da popularização das redes sociais, a exemplo da fugacidade e fragilidade das relações sociais:

Quando estamos em um mesmo ambiente com outras pessoas, a maioria está no celular, mas não há comunicação visual ou verbal, somente códigos digitados no teclado. Isso nos leva a uma questão: as amizades do Facebook. Será que você conhece todos estes supostos amigos pessoalmente? Em sua grande maioria, as pessoas têm milhares de amigos internautas, mas quando precisa de alguma ajuda, não pode contar com a maioria deles (GODLLYWOOD SCHOOL. HOSPITALIDADE E COMO SE PORTAR À MESA. UNIVER ENSINO, 2018).

Ainda, a IURD pontua as consequências do uso de telas. De acordo com a igreja, os principais reflexos da hiper conexão na vida das meninas é são a perda de momentos relevantes com a família, o que levaria a um futuro arrependimento, e o cansaço pelo constante bombardeio de informações:

Porque será que ter muito conhecimento pode nos deixar cansadas, com algum tipo de aborrecimento ou dor? O problema está na falta de limites ao usar toda essa tecnologia. Muitas pessoas não têm sabido lidar com este mundo virtual e tem perdido momentos preciosos em suas vidas, e isso pode sim causar dor (GODLLYWOOD SCHOOL. HOSPITALIDADE E COMO SE PORTAR À MESA. UNIVER ENSINO, 2018).

Ainda acerca do uso de tecnologias, é interessante notar que, se por um lado, a igreja emprega intensivamente as plataformas virtuais a fim de alcançar o maior número de fiéis, por outro, ela rechaça a incorporação destas ferramentas em sala de aula. No entendimento da denominação, as tecnologias estariam tornando o processo de ensino aprendizagem “superficial”, já que os estudantes acessariam os conteúdos com alguns cliques. No fundo, o que se percebe, além da constante idealização do passado, é a reafirmação da lógica do sacrifício, já que a crítica da igreja é direcionada a suposta “falta de esforço” para se obter os conhecimentos e não propriamente ao domínio dos saberes:

Antigamente, os alunos de uma escola iam até uma biblioteca para fazer pesquisas escolares. Havia a necessidade de uma pesquisa manual, onde a bibliotecária lhes dava os livros e eles faziam a leitura buscando as informações que precisavam. Hoje, as pesquisas estão prontas com um clique no mouse do computador. Em muitos casos, o aluno nem se preocupa em ler a matéria. Sentado no sofá ou na cama, simplesmente copia e cola. Claro que isso torna as coisas mais rápidas e superficiais. Esse processo de copiar e colar impede que o aluno adquira conhecimentos, porque não aprofunda a pesquisa com leitura rica em detalhes, como antigamente. Outro exemplo claro é a dificuldade do aluno em fazer a conta na ponta do lápis ou na lousa. Enquanto os pais sabem a tabuada de cabeça, os alunos de hoje necessitam de uma calculadora para fazer uma equação matemática. Mesmo que você tenha um computador, use-o como auxiliar para estimular sua capacidade de raciocínio. Quando digitamos, dispensamos o lápis e o papel. Com isso, a probabilidade de perder a experiência com a escrita e o acerto de palavras corretas é grande. Isso acontece por causa do corretor ortográfico do teclado que corrige tudo sem percebermos (VIVENDO NO MUNDO VIRTUAL E DAS GÍRIAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Após a exposição de todas as “consequências” da modernidade, concebidas como uma vida desgredada, em desconformidade com os ensinamentos da igreja, o programa incita as garotas a repensarem quem serão suas referências e inspirações a partir dos conhecimentos partilhados em sala de aula:

Eu pergunto: quem é o seu referencial? Em quem você tem se espalhado? Será que as pessoas que você tem seguido não ligam uma luz para lhe enganar sem que você perceba que tipo de influência e até espírito está por detrás daquilo? Não me refiro apenas as celebridades, apesar de ser uma das maiores influências hoje em dia, mas aquela garota que convive com você, cheia de malícia, envergonha e desobedece aos pais, por que você quer ser como ela? Se no fundo sabe que não é o tipo de influência que lhe faz bem? (QUEM TEM SIDO SEU REFERENCIAL ?. UNIVER ENSINO, 2018).

Para esta definição, a igreja defende o princípio iurdiano da “fé inteligente” – por mais paradoxal que possa parecer. Diferentemente da fé emocional, a “fé inteligente”, cunhada por Edir Macedo, é aquela que é racional em seu exercício, ou

seja, se baseia na palavra de Deus independentemente das emoções e dos contextos em que os indivíduos estejam. Na concepção da igreja, quem opta pela “fé inteligente” é obediente à Deus, confia em suas promessas, sem se deixar abalar por interferências externas, e aplica os ensinamentos bíblicos em todas as esferas da vida:

Vocês são inteligentes, meninas, então, ao invés de usar os seus sentidos que muitas vezes lhe enganam para escolher um referencial, use a sua fé agregada a sua inteligência, buscando referenciais com conteúdo, que só acrescentarão em sua vida. Liste três qualidades e três defeitos de cada um dos seus referenciais. Após fazer esta lista, você percebe que tem algum referencial que não é bom para a sua vida? Quem você tem sido por detrás das câmeras? Quem é você quando ninguém está por perto? Quando está sozinha, longe dos seus pais? Esta autocrítica é muito importante para que você entenda um pouco mais sobre você mesma e se está se inspirando nas pessoas certas. Pessoas descentes, estruturadas, felizes, e acima de tudo com uma fé bem definida no Senhor Jesus, são pessoas dignas de serem admiradas e serem o exemplo a ser seguido (QUEM TEM SIDO SEU REFERENCIAL ?. UNIVER ENSINO, 2018).

Deus não impõe Sua vontade a nós. Ele deixa que cada uma de nós façamos a nossa escolha. E se decidimos trocar tudo que temos por Ele e o buscamos de todo o nosso coração, com sede, com querer ardente, acima de qualquer outro sonho ou desejo do coração, mais do que viver, casar, conquistar mundos e fundos, enfim, mais do que tudo que as pessoas ou este mundo podem oferecer, aí sim Ele vem e faz de você a mais feliz e rica deste mundo. Comece a sacrificar todos esses desejos e vontades, tendo sempre em mente que será por um tesouro maior. Separe um momento do seu dia, todos os dias, para fazer uma oração pedindo para que o Espírito Santo more em você e faça isso com sede e com perseverança. Tenha certeza de que, se você seguir esses passos, em breve poderá dizer: "Ah, que dia! Encontrei o maior tesouro!" (O TESOURO ESCONDIDO. UNIVER ENSINO, 2018).

Além disso, o princípio da “fé inteligente”, imune a influências terrenas, é mobilizado para que as garotas rejeitem possíveis críticas que surjam em relação a participação no programa:

Às vezes, você conta para uma amiga sobre coisas que você tenha aprendido, até mesmo aqui, com essas aulas da *Godllywood School*, coisas que você acredita que estão sendo de muita importância para a sua vida. E de repente, sua amiga vira para você e diz que acha tudo isso uma grande besteira. E então, como você reage a um comentário assim? Você se deixa influenciar pela opinião dela? Ou seja, muda de opinião só para não desagradá-la? O que isso diz sobre você? Que você é facilmente influenciada. E isso, minha amiga, não é bom (A POSTURA DE UMA JOVEM CORAJOSA. UNIVER ENSINO, 2018).

Teixeira (2018) argumenta que, na IURD, o estímulo à “fé inteligente” ocorre através da instauração de diferentes mecanismos de controle que buscam atribuir apenas ao sujeito a responsabilidade pelas suas ações. Segundo a pesquisadora, a igreja tem desenvolvido uma “política da prosperidade”, que transcende o campo econômica e visa regular condutas.

A “política da prosperidade” está estritamente vinculada a uma aprendizagem de gênero pautada no cumprimento de desafios e sacrifícios (TEIXEIRA, 2018). Esta concepção de “dar sempre o melhor de si”, estrutura todas as aulas da *Godllywood School*, nas quais insistentemente é dito às garotas que as bençãos que almejam dependem somente de suas ações:

Você precisa estar firme neste proposito, passando por cima de qualquer sentimento contrário. Você não precisa e nem deve ser igual a outras meninas. O que lhe torna diferente e única é sua fé única e firme em Deus. Muitas pessoas dizem ter fé, mas vivem querendo ser aprovadas pelos amigos, parentes e até mesmo por pessoas que não conhecem. Este tipo de atitude te faz igual a todos aqueles que não tem uma fé definida na palavra de Deus. O que você pensar e determinar é o que vai acontecer. Se você pensar coisas boas e focar nelas elas acontecerão, mas se pensar coisas ruins e focar nelas, infelizmente, é o que irá acontecer (VAI UM BOM SENSO AÍ?. UNIVER ENSINO, 2018).

Um assunto muito importante de se falar é sobre a convivência com pessoas. Você já reparou que quando temos pessoas reunidas, mesmo que em casa e no mesmo cômodo, a maioria ou todos estão no celular? Até conversam entre si, mas não há comunicação visual ou verbal, somente códigos digitados no teclado (VIVENDO NO MUNDO VIRTUAL E DAS GÍRIAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Mas, quais valores sustentam este “passado” tomado como um referencial que cria um senso de pertencimento, de continuidade e ordem, segundo a Universal? Creio que a passagem abaixo também extraída da 1ª aula da 3ª temporada ajuda a responder esta inquietação:

O brilho do mundo que apresenta e muitas vezes impõe quem deve ser os nossos referenciais e aí que mora o perigo. Essas luzinhas coloridas do mundo têm cegado muita gente, especialmente, as adolescentes. **O que era considerado ridículo e absurdo, hoje é considerado legal. O que era considerado antifamiliar, está abertamente exposto em nossa casa. O que antes era condenável, hoje é aceito em nome da moda. O mundo convence que aquela garota que veste figurinos horríveis deve ser o referencial de toda garota. Ou aquela outra que aparece praticamente nua em seus shows, sem falar naquela que disse que beijou outra mulher, diz que gostou e é considerada a tal. Vocês acham que quem desrespeita Deus explicitamente tem condições de ser um referencial para vocês?** (QUEM TEM SIDO SEU REFERENCIAL ?. UNIVER ENSINO, 2018, grifo meu).

No trecho é possível notar que a Universal contrapõe os valores considerados “modernos”, como meninas se beijando e garotos usando saia, à defesa da família, da heterossexualidade e da cisnormatividade. Jota Mombaça (2021) defende que: “é preciso nomear a norma”, já que aquilo que não se nomeia está sob o privilégio de não ser questionado. Logo, sob a ideia de um “grande nós universal” – sem trocadilhos - a branquitude, cisgeneridade e heteronormatividade são estabelecidas

como parâmetros. Tais ideários são primordiais para a cultura cristã ocidental, que se enraizou no Brasil a partir do processo de colonização e que se mantém reafirmando relações hierárquicas de gênero.

4.1.1.1.1. *Godllywood Girls e a colonialidade de gênero*

A representação hegemônica que construímos sobre a mulher, o seu papel na sociedade, é produto de múltiplos discursos que partem de diferentes lugares. Neste bojo, encontra-se a cultura cristã ocidental, elemento central para a instauração e manutenção do patriarcado. É esta concepção de gênero assentada em papéis tradicionais e hierárquicos que orientará todo o programa *Godllywood Girls*, conforme veremos a seguir.

Como explica a historiadora Mary Del Priori (2020) o patriarcado⁸⁸ – termo popularizado entre os movimentos feministas a partir da década de 1970 para denunciar as opressões e relações desiguais entre homens e mulheres – tem história. Presente em quase todas as culturas do mundo, o patriarcado configura “um sistema em que os homens têm a tarefa de alimentar e proteger a família, assumindo todas as funções fora de casa. Às mulheres cabem a organização do lar e educação dos filhos” (DEL PRIORI, 2020, p.10).

Weber (1994) assinala que o poder patriarcal baseia-se na autoridade pessoal, é constituído por um sistema de normas estabelecido pela tradição. Assim, cabe a obediência sem questionamentos e contestações. Scott (1991) explica que o patriarcado não se limita ao poder do pai, mas dos homens de maneira geral, ou seja, do masculino enquanto categoria social. Assim, o patriarcado é uma forma de organização social no qual as mulheres estão subordinadas aos homens.

Ao promover a supremacia masculina, o patriarcado estabeleceu papéis sociais distintos entre homens e mulheres, legitimando uma série de privilégios aos primeiros. Mas quando este sistema de dominação surge e como se perpetua até hoje? Segundo Del Priori (2020), a origem do patriarcado está associada a divisão sexual do trabalho, o que remonta à Pré-História.

Registros arqueológicos e comparações etnológicas, permitem identificar, que durante o período paleolítico, em sociedades localizadas entre África, Mediterrâneo,

⁸⁸ No âmbito do pensamento social brasileiro, Silvio Romero foi um dos primeiros autores a abordar a temática, influenciando as discussões de Gilberto Freyre sobre a noção e família patriarcal.

Pacífico e Américas, homens ficavam responsáveis pela caça, cortes de carne que serviam tanto para alimentação como para fabricação de utensílios ao passo que mulheres se encarregavam do cuidado com as crianças, preparo dos alimentos, manutenção do fogo, trabalho de fiação, tecelagem, cerâmica, colheita de frutos e capturas de animais de pequeno porte (DEL PRIORI, 2020).

Contudo, esta visão de que as mulheres seriam resguardadas tendo em vista à reprodução tem sido cada vez mais tensionada, afinal, como alertado pela Estação Primeira de Mangueira no samba enredo “Histórias para ninar gente grande”: há “[histórias] que a história não conta”. Isto é, a história oficial tem privilegiado as vozes e experiências de setores dominantes ao passo que oculta feitos e resistências dos setores marginalizados. Logo, a história recontada sob perspectiva falocêntrica tem tentado invisibilizar e silenciar o protagonismo de mulheres ao longo dos séculos.

Cabia só a eles a distribuição da caça? Na hora de abater e retalhar bisões, mamutes e renas, estariam os homens sozinhos ou as mulheres os ajudavam? Se fossem encarregadas de transportar alimentos e crianças de um lado para o outro, não teriam inventado cestas, cordas e instrumentos para cortar vegetais? Estariam presentes ou seriam, elas mesmas, autoras de pinturas no interior das cavernas? (DEL PRIORI, 2020, p.11).

No período neolítico, a divisão sexual do trabalho se intensificou e, em decorrência, surgiram as primeiras insinuações da vinculação da mulher ao espaço doméstico. Com o desenvolvimento da agricultura e pecuária, as mulheres permaneceram incumbidas do cuidado com as crianças e alimentos, atividades que eram feitas próximas as primeiras habitações. O sedentarismo, ou seja, a fixação em um espaço contribuiu para mais nascimentos, embora o infanticídio fosse uma forma de controle do tamanho das famílias. Tais características fundamentam a organização das primeiras sociedades consideradas complexas:

[...] mulheres se tornaram cada vez mais “mães”. Entre os filhos, uma divisão operava: somente os homens sucediam aos pais ao comando dos grupos. O desenvolvimento da agricultura foi correlato à emergência de sistemas patrilineares: as mulheres, confinadas ao espaço doméstico, à sedentarização e ao aumento da família; os homens, senhores de novas formas de poder representadas na propriedade de terras, nos rebanhos e nos estoques de alimentos, além de portarem as armas vistas nas tumbas e terem o cavalo, signo de prestígio associado ao comando (DEL PRIORI, 2020, p.12).

Isto posto, como este tipo de organização social chega ao Brasil? Quando os portugueses invadiram o Brasil havia cerca de 3 milhões de indígenas que viviam da

caça, pesca, coleta e agricultura rudimentar. Cada comunidade produzia o necessário para a sua própria subsistência. A divisão do trabalho seguia critérios sexuais, mas também etários, atribuindo tarefas distintas para homens e mulheres, crianças, adultos e anciãos.

As mulheres indígenas acumulavam uma série de tarefas. Desde o plantio, a colheita, caça, pesca, fabricação de utensílios domésticos, tecidos, cuidados das crianças e dos mais velhos, entre outros trabalhos. Delas também dependia parte significativa do sustento das comunidades. Antes da invasão, os casamentos constituam alianças entre aldeias e tinham a intenção de reforçar os laços de parentesco. Não havia a ideia de indissociabilidade do vínculo, posteriormente pregada pela Igreja Católica.

As regras, em geral, eram bem simples: desejando se unir, o homem se dirigia a uma mulher e perguntava sobre sua vontade de casar. Se a resposta fosse positiva, pedia-se a permissão do pai ou do parente mais próximo. Permissão dada, os “noivos” se consideravam “casados”. Não havia cerimônia e, se ficassem fartos do convívio, consideravam a relação desfeita. Ambos podiam imediatamente procurar novos parceiros (DEL PRIORI, 2020, p.14).

No entanto, a conduta sexual feminina após o casamento já era um ponto de tensão. Se antes do enlace, havia maior liberdade e a virgindade não era um critério, após a união, o homem que fosse traído pela companheira podia expulsar ou até mesmo matar a mulher. Mas como é sabido, a chegada dos europeus à América, modificou completamente a realidade dos povos originários. Os colonizadores justificavam a dominação exercida contra as populações indígenas classificando-os como “inferiores”, o que contribuiu para o surgimento do conceito de raça:

A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos (QUIJANO, 2005, p. 117)

Inicialmente, os portugueses não tinham o interesse de povoar as terras, forçando indígenas a trabalharem na extração do pau-brasil. Mais adiante, com medo de perder o território para os franceses, que também buscavam expandir o seu domínio, o estado português começa o processo de colonização sob grande resistência dos povos originários.

Lugones (2020) aponta que a “colonialidade” não refere-se somente a classificação racial, mas diz respeito a um fenômeno mais amplo, no qual o gênero

também é um aspecto fundamental. A partir da “colonialidade do gênero”, a socióloga argentina chama atenção para a “indiferença” às violências sofridas por mulheres, principalmente, as de grupos subalternizados. Negligência que, segundo a autora, é perpetrada, inclusive, por homens que fogem ao padrão dominante branco-cristão-heterossexual, sendo ao mesmo tempo vítimas e opressores.

Este fenômeno é perceptível desde a instauração do projeto colonial, embora frequentemente seja ocultado por leituras que tendem a romantizar o violento processo de miscigenação sob o qual a “identidade brasileira” foi forjada⁸⁹. Com a desculpa de que não havia mulheres europeias suficientes para a constituição de famílias, a formação das capitanias se valeu, em grande medida, de violência sexual cometida contra os corpos de mulheres indígenas perpetrada pelos colonizadores⁹⁰.

O mesmo pode se dizer de mulheres negras escravizadas. A professora Lilia Moritz Schwarcz na obra “Sobre o autoritarismo brasileiro” evidencia que a banalização da violência sexual contra a mulher está atrelada ao projeto colonial, sustentado na mão de obra compulsória de indígenas e africanos, o que contribuiu para a concentração de poder nas mãos de poucos e para o aprofundamento de múltiplas desigualdades (SCHWARCZ, 2019).

Como aponta a historiadora, o horror da escravização atingiu homens e mulheres de formas distintas, em números e formas. A maior parte da população escravizada trazida para o Brasil era composta por homens (70%). Enquanto eles eram comprados, vendidos, leiloados, penhorados, o corpo feminino, mais escasso, compunha a lógica interna do “comércio de almas”, ou seja, “mulheres indígenas e negras, além terem a mão de obra explorada na casa-grande, na agricultura, nas cidades e mineração, também serviam a seus proprietários como instrumentos de prazer e gozo” (SCHWARCZ, 2019, p.194).

O cruel processo de colonização levou ao genocídio e etnocídio de diversos povos indígenas e africanos. Além disso, estabeleceu as estruturas hierárquicas e definiu a moral sob as quais a sociedade brasileira foi construída. O cristianismo foi fundamental para a expansão do projeto de colonização já que estabeleceu as

⁸⁹ Lélia Gonzalez (2020) critica as ideias de “democracia racial”, “mestiçagem”, “cordialidade” e demais categorias concebidas como mecanismos que tentam forjar uma identidade nacional justificando desigualdades étnico-raciais.

⁹⁰ Rita Segato (2012) chama atenção entrada do “discurso igualitário da modernidade” em comunidades originárias, a relações de poder tornam-se ainda mais intensas, visto que os homens ao serem mediadores entre seus respectivos grupos e “o mundo exterior” passam a ter sua autoridade inflada, aumentando, a exposição das mulheres ao risco de violências.

bases culturais para o exercício da dominação.

A fim de garantir a soberania da metrópole na colônia, o estado português contou com o auxílio da Igreja Católica no desenvolvimento de políticas de povoamento baseadas no controle e padronização dos comportamentos. Uma das mais latentes é a instauração de uma sociedade patriarcal, que legitima a submissão da mulher e exclui identidades e sexualidades dissidentes.

A partir da colonização, as ideias de raça, gênero e classe foram sendo construídas junto da moral judaico-cristã que corroborou para que uma estrutura de poder e saber e de controle de corpos, sexualidades e intimidades fosse engendrada por algumas estruturas sociais, religiosas, jurídicas e epistemológicas [...] indígenas e negros ficavam no limiar entre o humano e não-humano, entre o civilizado e o selvagem. Em muitos momentos foram de fato considerados sujeitos sem alma ou nem eram humanos, por isso deveriam ser batizados e catequizados à força para serem integrados à Igreja e à civilidade. Considerados com uma sexualidade voraz e selvagem, seus corpos foram ao mesmo tempo massacrados, usados e explorados para diversos fins, seja para trabalho pesado ou prazer sexual (SCHMITZ, 2023, p.201).

Sob esta lógica, os ideais de feminilidade e masculinidade são hierarquizados, o que leva entre outros reflexos, a associação de mulheres a valores e comportamentos considerados irracionais, frequentemente elas são vinculadas à fragilidade, emoção, submissão. Porém como explica Saffioti (1987) a “suposta fragilidade do corpo da mulher” é decorrente de discursos que visam produzir subjetividades e enquadrar condutas:

Os homens devem vestir a máscara do macho, da mesma forma que as mulheres devem vestir a máscara de submissas. O uso de máscaras significava a repressão de todos os desejos que caminham em outra direção. Não obstante, a sociedade atinge alto grau de êxito neste processo repressivo, que modela homens e mulheres para relações assimétricas, desiguais, de dominador e dominada (SAFFIOTI, 1987, p.40).

O livro de Gênesis, base para a fé cristã, onde se narra a criação do mundo e da humanidade, diz: “E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem” (Velho Testamento, Gênesis 2, 22). O trecho refere-se a Adão e Eva, os primeiros humanos criados por Deus a sua imagem e semelhança. De acordo com a tradição cristã ocidental, enquanto Deus teria criado Adão a partir do pó, Eva teria surgido de uma costela de Adão. Nota-se que segundo esta vertente hegemônica do cristianismo, a primeira invenção humana de Deus teria sido o homem, a mulher surge a partir dele, para complementá-lo.

Esta noção hierárquica cria as bases para a dominação e inferioridade de mulheres, disfarçadas por uma sacralidade, tornando, assim, a submissão

inquestionável e a perpetuando até hoje. A história de Adão e Eva também sustenta a ideia dominante que se tem sobre o corpo e sexualidade da mulher no imaginário social.

Segundo a narrativa cristã, Adão e Eva viviam no Jardim do Éden, um paraíso onde não havia dor, sofrimento ou pecado. Deus teria os apresentado com a liberdade de comer de todas as árvores do Jardim, exceto uma: a árvore do conhecimento do bem e do mal sob a pena de experimentarem a morte, tanto física quanto espiritual. Uma serpente, descrita como astuta e manipuladora (representação do diabo), tentou Eva a comer do fruto proibido. Ela não só teria aceitado como também oferecido a Adão. A desobediência nomeada como a “Queda” representa o fim da inocência levando à expulsão de ambos do paraíso.

Eva se torna, assim, a personificação do pecado: a mulher que seria a causa da degradação de um homem, motivo do fim da pureza e da inocência e a materialização da desobediência a Deus.

O mito de Eva enquanto uma mulher transgressora cooperou para difundir a ideia de que as mulheres deveriam ser tratadas com desconfiança. Esta visão foi muito difundida pelo cristianismo durante a Idade Média, em especial, através do pensamento de Santo Agostinho e Tomás de Aquino, que por considerarem a mulher incapaz intelectualmente, defendiam o domínio masculino. De acordo com esta perspectiva, o controle do corpo da mulher não era uma imposição, mas decorrente da própria natureza (DEL PRIORI, 2020).

A “caça às bruxas”, entre os séculos 15 e 17, fez com que mulheres fossem perseguidas, queimadas em fogueiras, acusadas de feitiçaria. As condutas consideradas desviantes, sobretudo, no que diz respeito ao exercício da sexualidade tinha como parâmetro a moralidade cristã (FEDERICI, 2017).

Esta concepção de que a mulher representava um perigo e deveria obedecer ao homem foi reproduzida pelos colonizadores em terras brasileiras, vide o sermão do Padre Antônio Silva: “como o intento do demônio é fazer na terra todo o mal que pode, por isso conserva as mulheres, porque elas são de todo o mal o instrumento” (Antônio da Silva. Sermões da tarde de domingo da Quaresma, Pernambuco, 1763 apud DEL PRIORE, 2020, p.114).

Segundo Bandini (2025) o Concílio de Trento, vigente durante o período colonial reforçou valores religiosos como o sacramento matrimonial e a superioridade masculina, submetendo a mulher a autoridade masculina seja do pai,

marido ou padre. “No Brasil, os comportamentos femininos caracterizavam-se como “virtuosos” e resultantes de um padrão moral imposto pela ação conjunta entre a Igreja Católica, o Estado e o patriarcado” (BANDINI, 2005, p.74).

Mas esta não é a única passagem em o cristianismo opera como um elemento estruturante do patriarcado. “A mulher, na história do cristianismo encontra bem pouca (in)formação positiva a partir da qual possa alimentar uma concepção não patriarcal de si mesma e de suas relações com o masculino” (LEMOS, 2013, p.203).

Para a Igreja Católica, Maria é outra personagem que evoca um ideal de feminilidade baseado em quatro dogmas: maternidade divina, virgindade, imaculada concepção (compreensão de que a virgem Maria foi preservada do pecado original desde o momento de sua concepção) e assunção (elevação ao céu em corpo e alma). Por sua vez, no protestantismo – de onde parte a Igreja Universal – a noção de inferioridade da mulher, útil apenas para a reprodução, também se sobressaiu:

Para Lutero, as mulheres haviam sido criadas somente com o propósito de servirem aos homens e ser suas ajudantes. A desigualdade na questão da autoridade era uma estrutural mental enraizada também no mundo protestante. Não faltaram, na Europa do Norte, como no mundo ibérico, manuais orientando-as o obedecer ao marido, jamais dispor de seus bens sem consentimento dele e não se levantar da mesa sem sua anuência (DEL PRIORI, 2020, p.18).

Durante as aulas da *Godllywood School*, a IURD defende a narrativa de Adão e Eva, afirmando às meninas que Deus criou o homem e a mulher para viverem juntos através do casamento, e que a felicidade de ambos, depende disso, da formação de “um só corpo”. A mulher, argumenta a igreja, deve estar ao lado do homem para apoiá-lo incondicionalmente.

O casamento é um marco que deve ser buscado pela mulher, mas que deve ser sempre mediado pela espera em Deus. casamento é apresentado como foco para a vida da mulher; é a partir dele que o destino da mulher será traçado. Tal traço é semelhante ao pensamento comum sobre as mulheres e o casamento presente em tantas outras redes sociais (TEIXEIRA, 2012, p.66).

Ainda, segundo a Universal, homens e mulheres são “naturalmente diferentes” e, portanto, possuem papéis distintos, porém, muitas mulheres estariam rejeitando esta condição “dada por Deus” e tentando ocupar os mesmos espaços e posições que os homens, conforme demonstra fragmento da 5ª aula da 3ª temporada:

Quando Deus criou a mulher, Ele não a criou só para fazer companhia para o homem. O plano de Deus para a mulher fica bem definido quando observamos de onde ela foi formada. Ela foi feita da parte mais forte do corpo de Adão, o osso. Ela foi tirada da costela, para mostrar que deve sempre estar ao lado dele. Assim como a costela envolve e protege os órgãos vitais, a mulher também tem a capacidade de apoiar, compreender, admirar e estimular o crescimento, além de outras qualidades. Porém, muitas mulheres hoje em dia têm desprezado qualidades tão lindas dadas por Deus e têm buscado ser cada vez mais parecidas com o homem, que tem qualidades bem diferentes da mulher (QUAL É O SEU PAPEL? UNIVER ENSINO, 2018).

A responsabilidade por esta “inversão” de papéis, segundo a igreja, é o “movimento feminista”. Entretanto, no transcorrer das aulas ofertadas pela *Godllywood School*, é possível verificar que a IURD não rejeita completamente as conquistas advindas dos movimentos feministas. A igreja valida apenas aquelas encampadas, sobretudo, pelo feminismo neoliberal como a obtenção de melhores salários e colocações mais altas no mercado de trabalho, perspectiva que acaba por reforçar desigualdades na medida em que não questiona estruturas de poder.

Quando o movimento feminista surgiu, ele tinha um objetivo: fazer o homem e a mulher terem os mesmos direitos. Com o passar do tempo, a mulher foi ganhando espaço e passou a ter os mesmos cargos e funções na sociedade. Até aí, tudo bem, não vemos nada de errado nisso, nada mais justo. Acontece que hoje, o conceito de feminismo foi totalmente mudado (QUAL É O SEU PAPEL? UNIVER ENSINO, 2018).

Rottenberg (2018) explica que sob o “feminismo neoliberal”, as fronteiras entre o espaço público e privado são embaralhadas e ocorre uma ênfase ao constante autoaprimoramento visando o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais. Trata-se, em suma, da retórica em torno de uma “mulher multitarefa”, que acumula jornadas de trabalho dentro e fora de casa, conciliando de maneira equilibrada o cuidado consigo mesma, da família, da casa e da carreira.

[...] temos testemunhado o surgimento de uma nova variante do feminismo, que gira centralmente em torno da noção de um feliz equilíbrio entre trabalho e família. O equilíbrio não foi apenas incorporado à imaginação social como um bem cultural, mas ajudou a gerar um novo modelo de feminilidade emancipada: uma profissional capaz de equilibrar uma carreira de sucesso com uma vida familiar satisfatória. Um 'feliz equilíbrio trabalho-família', em outras palavras, está sendo (re)apresentado não apenas como um ideal normativo para as mulheres, mas como um ideal feminista progressivo (ROTTENBERG, 2018, p.03)

Por outro lado, o programa anuncia uma explícita crítica a outras perspectivas feministas que questionam a inferioridade da mulher em outros campos – para além

do mercado:

A mulher quer fazer tudo o que o homem faz. E não estamos falando de direitos, não. Hoje em dia, a mulher quer provar para o homem que é tão poderosa quanto ele, que, ainda que o homem tome uma atitude errada, ainda assim ela quer copiar tal atitude para dizer que pode fazer o mesmo do que ele e que não está abaixo dele. E, ao invés de então ser valorizada, que foi a razão do movimento feminista ter sido criado, ela tem se desvalorizado ainda mais. E será que isso tem feito a mulher mais feliz? Será que a mulher tem sido mais amada, mais realizada com essas atitudes? É claro que não. **A mulher precisa do homem e o homem da mulher. Quando os dois entendem bem seus papéis e os executam com alegria, aí sim, podem desfrutar de tudo que Deus tinha planejado para o ser humano desde a criação. A força da mulher não está em competir com o homem ou querer ser como ele. A sua força está justamente em suas diferenças. Até porque, será que um homem quer alguém que pareça um outro homem para viver com ele?** (QUAL É O SEU PAPEL? UNIVER ENSINO, 2018, grifo meu).

O ideal defendido junto às meninas é o da “mulher virtuosa” – o mesmo sobre o qual Cristiane escreveu um livro - e cuja obra é citada durante as aulas:

A Palavra de Deus descreve uma mulher que era extremamente admirável. É a mulher de Provérbios 31, a mulher virtuosa. Ela não se parece em nada com o homem, mas ainda assim é forte, louvável, e seu marido não tem olhos para outra mulher. Mulher forte que reconhecia o poder que tinha em suas mãos e usava esse poder para o bem, para abençoar todos ao seu redor. Seu marido e seus filhos não a pisavam, não a maltratavam, mas por sua força, doçura e feminilidade era louvada por toda a sua família. Somente a mulher que entende e cumpre o papel dado por Deus é uma mulher feliz e admirável (QUAL É O SEU PAPEL? UNIVER ENSINO, 2018).

Noto que partindo da narrativa de Adão e Eva, a Universal sugere às garotas que homens e mulheres foram criados para ocupar lugares simetricamente diferentes. O homem foi subjugado ao trabalho, para promover condições de subsistência ao lar. Já à mulher, liderada pelo homem, cabe organizar o ambiente doméstico, sendo a “arquiteta dos relacionamentos” (CARDOSO, 2011).

“Se o homem foi criado da natureza e Eva surgiu da costela de Adão, como resultado da maldição, homem e mulher foram sujeitados aos elementos de onde foram criados: o homem ficou sujeito à terra e a mulher ao homem” (CARDOSO, 2011, p.119).

Esta vinculação da mulher ao espaço doméstico é abordada já na 1ª aula da 1ª temporada da *Godllywood School* ofertada às garotas e reiterada diversas vezes ao longo do programa. O encontro inaugural denominado “Hospitalidade e como se portar à mesa”, fornece instruções de como as meninas devem receber uma visita, aprendendo a servi-la e a decorar o espaço a fim de que demonstrem receptividade

e afeto:

A hospitalidade é a maneira educada, repleta de carinho e afeto que está presente em nossas palavras, atos e em todos os detalhes que demonstram a consideração e felicidade que sentimos ao receber uma pessoa querida. Você sabia que o Senhor Jesus sempre foi hospitaleiro? Ele expressou amor e carinho em gestos diários. O senhor Jesus sempre foi hospitaleiro e supriu as necessidades de quem chegava pertinho dele. Multiplicou pães e peixes, ofereceu amor, perdão, curou, libertou. Ele sempre se preocupou com o próximo. Nós como meninas especiais devemos seguir o seu exemplo (GODLLYWOOD SCHOOL. HOSPITALIDADE E COMO SE PORTAR À MESA. UNIVER ENSINO, 2018).

Observa-se que a IURD parte da parábola bíblica da multiplicação de pães e peixes, para orientar um processo de subjetivação (FOUCAULT, 2008) no qual as mulheres são associadas à docilidade e ternura.

Vamos começar com um exemplo: sua mãe precisou sair para comprar pão na padaria da esquina e avisa você que volta logo. Alguns minutos depois que ela saiu, a campainha tocou e você viu que é a sua avó. O que fazer? Você a recebe carinhosamente e mostra um lugar confortável para ela se sentar. Ofereça-lhe algo para beber ou comer e fique conversando com ela. Logo, sua mãe vai chegar e ver que está tudo sob controle (GODLLYWOOD SCHOOL. HOSPITALIDADE E COMO SE PORTAR À MESA. UNIVER ENSINO, 2018).

A este respeito, Bourdieu (2009) pontua que os sentidos atribuídos ao corpo são construídos com base em um sistema de diferenciação sustentado pela divisão sexual do trabalho. Esta oposição entre “masculino” e “feminino” naturaliza no corpo determinadas posturas, reproduzindo, assim, habilidades que são consideradas inatas aos homens e outras que são vistas como exclusivas de mulheres. Enquanto o homem “é viril e objetivo”, a mulher bem-educada “é aquela que não comete qualquer inconveniência, nem com sua cabeça, nem com suas mãos, nem com seus pés” (BOURDIEU, 2009, p.115).

Assim, o conjunto de categorias modeladoras do corpo da mulher seriam “discrição”, “leveza”, “emoção”. Sua dimensão de ação estaria no ambiente privado, ao passo que o homem, dotado de atributos como “retórica”, “coragem”, “razão”, teria sua dimensão de ação voltada para o espaço público, para a interação social e comando.

Logo, durante todo o programa, as meninas são orientadas a procurar as mães para retirar dúvidas sobre a organização da casa, preparação de receitas, entre outras tarefas que compreendem o trabalho doméstico. Em nenhum momento, é citado o pai, irmãos ou qualquer referência masculina. Há uma nítida e exclusiva associação entre a mulher e o trabalho doméstico, conforme exemplifica os trechos

abaixo:

Os pães devem estar próximos à manteiga, requeijão e geleias. O mesmo vale para o iogurte e os cereais. Se preferir, peça para sua mãe cortar as frutas, como mamão, melancia e melão. Corte as uvas em pequenos galhinhos. Além disso, não coloque mais coisas do que o espaço da mesa permite [...] enquanto a mamãe cozinha, você pode lavar a louça utilizada no preparo. Isso agiliza todo o processo de limpeza. Você faz companhia e ainda pode aprender umas receitinhas. Com a louça lavada, você e sua mãe tem mais espaço para limpar a pia. Saiba como surpreender a sua mãe, da próxima vez que ela começar a limpar o fogão, diga a ela que você pode ajudá-la, depois de frias tire todas as bocas do fogão, deixe todas as bocas bem lavadinhas (GODLLYWOOD SCHOOL. HOSPITALIDADE E COMO SE PORTAR À MESA. UNIVER ENSINO, 2018).

Algumas de vocês já sabem cozinhar e outras já até fazem a refeição para toda a família. O mais importante é que, sabendo ou não cozinhar, todas podem muito bem ajudar a mamãe a arrumar aquela baguncinha que virou a cozinha após o preparo da refeição (GODLLYWOOD SCHOOL. ORGANIZAÇÃO DA COZINHA E DO SEU INTERIOR. UNIVER ENSINO, 2018).

Além de apontar às garotas qual deve ser a disposição dos talheres, copos, guardanapo, alimentos e bebidas à mesa, a aula também estabelece regras que devem ser observadas pelas meninas na hora de sentarem e se servirem. Elas são ensinadas que devem chamar a todos para a refeição e aguardar até que se acomodem para só depois se sentarem, não deixando de guardar os lugares dos pais à mesa, pois este reconhecimento seria uma forma de “honrá-los”.

Aguarde até que todos se dirijam à mesa e espere a anfitriã orientar qual será o seu lugar. Todos nós temos um lugar que gostamos de nos sentar à mesa ou no sofá. Não é assim na sua casa? Seu pai ou sua mãe tem um lugar que é só deles. Quando você mostra à sua visita o lugar específico do seu pai ou de sua mãe, está valorizando-os e mostrando o quanto são importantes para você. Isso faz parte da honra aos pais. É uma atitude pequena, mas que mostra seu carinho e consideração para com eles. Sente-se na cadeira com as costas eretas, sem se debruçar sobre a mesa. Não encoste os braços e os cotovelos na borda da mesa. Apenas o punho pode ficar levemente encostado na superfície. Por fim, pegue o guardanapo, dobre-o de forma delicada e coloque-o no seu colo (GODLLYWOOD SCHOOL. HOSPITALIDADE E COMO SE PORTAR À MESA. UNIVER ENSINO, 2018).

Observo a promoção de uma “obediência sacralizada”, baseada em mandamentos bíblicos, que passam a ser utilizados para legitimar uma disciplina familiar. Através do *Godllywood*, os ensinamentos bíblicos transcendem os templos da IURD e se relacionam diretamente com o cotidiano, com a construção de um *ethos* feminino que se espraia e visa ditar condutas a serem seguidas em todas as esferas sociais (CAMPOS e SOUZA, 2017).

Ainda, é orientado às meninas que é obrigatório “orar e agradecer o alimento”.

Elas também devem colocar “pequenas porções” para evitar que ocorram “acidentes” como a possibilidade de que a comida caía do prato. Além disso, são apresentados cuidados que elas devem tomar na hora de lavar a louça:

Aguarde a vez para se servir. Isso demonstra respeito pelos outros e procure não falar sobre a comida enquanto se serve para não cair saliva nos alimentos. Coloque pequenas porções de cada alimento para que o prato não fique cheio de comida. Isso dificulta na hora de cortar algo e parte da comida pode cair fora do prato. Comece a comer quando a pessoa que está te recebendo iniciar ou convidar, ou ainda quando seus companheiros à mesa também começarem [...] tome cuidado para não riscar a louça, usando o lado não abrasivo da esponja. Quando se porta bem a mesa está passando uma boa imagem para as pessoas, respeitando o espaço de cada um e mostrando educação (GODLLYWOOD SCHOOL. HOSPITALIDADE E COMO SE PORTAR À MESA. UNIVER ENSINO, 2018).

Na 1ª aula da 2ª temporada intitulada “Organização da cozinha e do seu interior”, as dicas para o cuidado do cômodo são aprofundadas. Nesta, as meninas aprendem sugestões sobre como organizar diferentes alimentos dentro da geladeira, armários e dispensa. Também recebem instruções sobre como limpar o fogão. Neste encontro, a professora acrescenta que é fundamental que “as meninas aprendam a cozinhar para ajudar as mães no preparo das refeições” (GODLLYWOOD SCHOOL. ORGANIZAÇÃO DA COZINHA E DO SEU INTERIOR. UNIVER ENSINO, 2018).

Outro ponto importante é que a IURD apresenta às meninas a analogia de que assim como a casa deve ser organizada, o “nosso interior” também deve ser “limpo”, o que se dará através da oração. Há uma nítida tentativa de associar o desenvolvimento de tarefas domésticas ao contato com o divino.

Dito de outro modo, o trabalho doméstico é apresentado não só como uma forma de demonstrar afeto, mas torna-se também uma ferramenta para que elas estejam mais próximas de Deus e no propósito de espalharem a sua palavra. A limpeza da casa, organização dos armários, lavar a louça, entre outras tarefas domésticas, são apresentadas como formas de agradar a Deus:

Com Deus, tudo funciona em perfeita harmonia e organização. Jamais veremos o sol nascer à noite. Sabe por quê? Porque toda a criação de Deus obedece à sua perfeita direção. Por isso, são disciplinados e obedientes. Portanto, quando olhamos para tudo o que ele criou, temos o prazer e nossos olhos se agradam, porque sua criação transmite a ordem, a disciplina e a organização Dele. Assim acontece com aqueles que o amam e o colocam como primeiro em suas vidas. Essas pessoas fazem tudo para mostrar o Senhor Jesus em suas atitudes, inclusive dentro de suas próprias casas. Uma casa organizada, onde tudo está no seu devido lugar, mostra que a pessoa é disciplinada com suas coisas (GODLLYWOOD SCHOOL. ORGANIZAÇÃO DA COZINHA E DO SEU INTERIOR. UNIVER ENSINO, 2018).

Você observou que o segredo para fazer uma boa limpeza e arrumação é tirar tudo de dentro do armário e da geladeira, para que se possa assim limpar e colocar tudo em seu devido lugar? Assim é com o nosso interior. Enquanto não colocamos para fora e nos esvaziarmos de tudo aquilo que nos faz mal, não é possível arrumar o nosso interior com o que é bom. O certo é nos livrarmos de pensamentos e sentimentos que não são bons para nós, para que os mesmos sejam substituídos por coisas boas. Se houver mágoas, sentimentos de tristeza, raiva, complexos dentro de você, coloque tudo para fora numa oração a Deus, rejeitando todos esses sentimentos, e você verá que o próprio Deus fará uma limpeza dentro de você e só colocará coisas boas no lugar (GODLLYWOOD SCHOOL. ORGANIZAÇÃO DA COZINHA E DO SEU INTERIOR. UNIVER ENSINO, 2018).

A 3ª aula da 1ª temporada intitulada “Organização e disciplina” também é voltada à organização do ambiente doméstico. A professora argumenta que a criação de Deus transmite ordem e, portanto, aqueles que o amam e o colocam em primeiro lugar, também devem prezar pela arrumação. Durante o encontro, são repassadas dicas para a limpeza do quarto, que englobam varrer o chão e tapetes todos os dias juntamente com a retirada de pó dos móveis.

Já a janela deve ser limpa a cada 15 dias, e uma vez por mês é necessário retirar todos os itens do guarda-roupa para limpá-lo, passando um pano com vinagre e desinfetante para deixar o móvel e as peças perfumadas. A disposição das roupas e sapatos também é um ponto de atenção durante a aula, como demonstra passagem a seguir:

Separar por tipo de roupa e cor facilita a nossa vida, pois assim nós acharemos as roupas que precisamos com mais rapidez. Pendure calças, saias, camisas, casacos e jaquetas. Os cabides de madeira ou acolchoados são os melhores para pendurar as suas roupas. Ganhe espaço extra usando cabides mais finos. Antes de guardar seus sapatos, passe um pano úmido no solado para retirar a sujeira. Depois, deixe-os um pouco ao ar livre para arejar. Pronto, agora você pode guardá-los. Uma dica interessante para ganhar espaço é guardá-los com a parte da frente alternada (GODLLYWOOD SCHOOL. ORGANIZAÇÃO E DISCIPLINA. UNIVER ENSINO, 2018).

A aula também compartilha sugestões de como arrumar a cama e o material escolar. Conforme podemos observar no excerto seguinte, reforça-se a ideia de que a disposição do ambiente e objetos, se arrumados ou não, contribui para formar a imagem que será criada sobre a menina, levando a adotar uma postura auto vigilante:

Como é agradável entrar em um quarto onde o material escolar está organizado, as roupas limpas estão dobradas ou penduradas nos cabides, as roupas sujas estão no cesto para serem lavadas, e os sapatos estão no seu devido lugar e jamais espalhados embaixo da cama. O que seu quarto diz a seu respeito? Bagunçada? Suja? Desorganizada? (GODLLYWOOD SCHOOL. ORGANIZAÇÃO E DISCIPLINA. UNIVER ENSINO, 2018).

Marchesi et al (2021) constataram que, amparada na Teologia da Prosperidade, a IURD, estimula um modelo de família-empresa, no qual a mulher exerce duplo papel. Isto quer dizer que, ao mesmo tempo em que ela é orientada a ser submissa ao marido, a mulher também exerce uma centralidade na organização familiar. Este protagonismo da mulher na estrutura familiar fica evidente, entre outras passagens, na 5ª aula da 3ª temporada. No encontro, as meninas são instigadas a refletir sobre qual é o seu papel e responsabilidade no mundo.

Segundo a IURD, as “meninas de Deus”, devem assumir diversas funções ao longo da vida. A primeira delas é o papel de “filhas”, o que estabelece uma série de obrigações com os pais, já que, segundo a igreja, o respeito à família está se perdendo. Assim, valendo-se da insegurança estimulada pelo “fantasma do gênero” (BUTLER, 2024), a igreja defende a hierarquia familiar, a subordinação dos filhos aos pais pela vertente da autoridade e do medo:

O que vemos acontecer constantemente nos dias de hoje é que as filhas quando chegam a uma certa idade, não querem mais se submeter as orientações da mãe, a tratam como uma rival e não a respeitam sem se dar conta de que a maneira que tratam suas mães trará consequências sérias para sua própria vida (GODLLYWOOD SCHOOL. UM VALOR INESTIMÁVEL. UNIVER ENSINO, 2018).

O segundo papel que as “meninas de Deus” deve cumprir, de acordo com a Universal, é o de “alunas”. Neste ponto, cabe algumas observações. Primeiramente, constato uma desprofissionalização em relação à carreira docente, apresentada como uma vocação. Nota-se que, para a IURD, a autoridade do professor é concedida por Deus e não consequência de anos de estudo. Considero que este posicionamento de conceber a docência como um “chamado divino” também demonstra a convergência da IURD com a racionalidade neoliberal e os movimentos conservadores.

Isto porque, esta visão que romantiza a docência, amplamente criticada pelos profissionais da educação, além de negligenciar um longo processo formativo, tende a fragilizar a busca por direitos de uma categoria que tem sofrido com a intensa precarização das condições de trabalho, o que se desdobra em baixos salários, aumento da violência no ambiente escolar, altos índices de adoecimento físico e mental. São Paulo e Paraná são exemplos de estados, que sob as respectivas gestões conservadoras de Tarcísio de Freitas e Ratinho Júnior, têm cada vez mais avançado em contratações temporárias, instauração de parcerias público-privadas para a administração das escolas, promovendo, assim, um desmonte da educação

pública.

Ademais, expressamente a Universal condiciona a autonomia do professor à validação dos pais. Esta compreensão deturpa a gestão democrática da educação, estabelecida na LDB. Não obstante, como apontado esta incitação à vigilância do professor tem sido uma característica dos movimentos conservadores – a exemplo do “Escola Sem Partido” - que postulam a incessante observação tanto dos conteúdos como da conduta docente em sala de aula:

É claro que sabemos que nem todos os professores são fáceis, alguns agem de uma maneira um tanto injusta. Muitas vezes nos irritamos com suas atividades, ainda assim devemos respeito aos nossos professores. Porém, se algum professor lhe desrespeita de alguma forma ele está abusando de sua autoridade. Neste caso, você não deve se submeter, deve procurar ajuda com seus superiores, que irá corrigi-lo (GODLLYWOOD SCHOOL. QUAL É O SEU PAPEL. UNIVER ENSINO, 2018).

O terceiro papel que as garotas devem exercer é o de “amiga”. Segundo a IURD, a “verdadeira amiga é aquela que coloca Deus em primeiro lugar, pois só assim, ela saberá ser fiel e confiável” (GODLLYWOOD SCHOOL. UM VALOR INESTIMÁVEL. UNIVER ENSINO, 2018).

Por fim, de acordo com a igreja, o papel “mais importante” que as meninas devem desempenhar é o “de mulher”. Mais uma vez, a IURD estabelece como funções da mulher “apoiar, compreender, admirar e estimular o crescimento do homem” (GODLLYWOOD SCHOOL. UM VALOR INESTIMÁVEL. UNIVER ENSINO, 2018).

Judith Butler (2020) afirma que o gênero é formado por um conjunto de atos e discursos que são repetidos ao longo do tempo. Para a autora, a identidade de gênero estabelece performances, ou seja, gestos, falas, papéis que são constituídos e legitimados socialmente e, portanto, mudam mediante o tempo e espaço, ou seja, são produtos históricos.

Logo, a pensadora corrobora para enxergarmos o gênero enquanto performance na medida em que os sujeitos reproduzem normas que lhes são impostas com base na cultura dominante, esta impõe práticas reconhecidas como femininas (como o trabalho doméstico no caso das mulheres) e outras consideradas masculinas (ser o provedor), ambas sustentadas por uma visão binária que, por sua vez, é determinada pelo sexo biológico.

Assim, o gênero, segundo Butler (2020), é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida,

a qual se cristaliza no tempo, produzindo uma aparência natural. As reflexões de Butler (2019) corroboram para pensarmos sobre a materialidade do corpo e o estabelecimento de um projeto que tem como finalidade última a construção de “mulher virtuosa”, almejada pelo programa *Godllywood*.

Este aprendizado dá-se por meio do corpo, logo, é essencial compor um conjunto de aulas com técnicas para se modificar a postura, controlar o peso, as roupas e o cuidado de si. A docilidade do corpo é o caminho para se aprender a ser mulher, e assim garantir que a família prospere (TEIXEIRA, 2012, p.67).

Concepção esta que já é repassada as garotas desde a infância e adolescência, ou seja, é perceptível que para a Universal, o gênero é “aprendido” através de programas disciplinadores, sendo o *Godllywood* um deles. A igreja não mede esforços para ensinar papéis de gênero com base na visão de mundo binária compartilhada pela igreja.

O programa *Godllywood* seria, portanto, um espaço no qual se pratica, se pensa e, por conseguinte, se constrói o gênero, processo que se dá através de seus eventos e cursos e, substancialmente, do uso das novas tecnologias de internet e da circulação das performances dos desafios nas redes sociais. A Mulher V, resultado esperado mediante o cumprimento de tantos desafios, não seria a causa ou o código motriz de movimentação dessa rede, mas sim o resultado de um processo de gendramento e de compartilhamento de imagens sobre si (TEIXEIRA, 2014, p.251).

Recorrendo a teoria foucaultiana, Butler (2020) mergulha o conceito de gênero no campo de discussões sobre poder ao compreender que o corpo está subordinado a uma discursividade que o define e regula. Diante disso, os corpos só ganham sentido quando eles são relacionados a discursos que os enquadram a um gênero.

Para Butler (2020) os corpos são interpretados com base em significados culturais a todo momento. Isto quer dizer que, segundo a autora, o sexo também é um efeito do discurso que são inscritos desde o nascimento, momento em que arbitrariamente se define “é menina” ou “é menino”. A partir disso, um conjunto de expectativas e normas são atribuídas para este indivíduo sobre seus desejos, comportamentos, a maneira de se vestir, os brinquedos que terá, a profissão que seguirá, entre outros múltiplos aspectos que o constituem. Por conseguinte, a repetição contínua de tais performances incutirão as identidades.

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico

separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política da superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno e externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora (BUTLER, 2020, p.235).

Considerar que o gênero, a identidade da “mulher” é reflexo da repetição de valores e gestos considerados “femininos” com base na cultura dominante, significa dizer que “ser mulher” é um movimento que nada tem de natural. Longe disso, a incorporação de signos de feminilidade - marcas distintivas e valorizadas para as mulheres - ocorre por meio forças normalizadoras.

O movimento de “torna-se” mulher foi escopo das reflexões de Simone de Beauvoir em “O segundo sexo”, publicado originalmente em 1949. Na obra, a teórica francesa dirige seus esforços a entender a “condição da mulher” sob um mundo masculino. Beauvoir (1980) compreende que a mulher corresponde ao “segundo sexo”, pois é um objeto ao passo que o homem se coloca como “sujeito”.

Deste modo, a mulher tem sua capacidade de agência e liberdade alienadas, sendo reduzida ao que “o homem decide que ela seja” (BEAUVOIR, 1980). Para a autora, o feminino é concebido como o “outro”, continuamente inferiorizado por meio de uma socialização sexista que, por seu turno, é impressa nos corpos e subjetividades das mulheres. Com isso, as representações hegemônicas criadas sobre a mulher (também dela por ela mesma) a circunscrevem a este imaginário desenvolvido por terceiros, ou seja, as condições de se fazer sujeito, de tornar-se “mulher” são pré-determinadas, subordinadas neste caldo cultural.

Embora Butler (2020) divirja de Beauvoir (1980) em aspectos como o existencialismo, ambas enxergam o gênero como uma estrutura dinâmica e, diante disso, sugerem que a construção das identidades, dos gêneros estão condicionados por regimes culturais e de poder que firmam imposições aos sexos. Ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural ou seria a “naturalidade” constituída mediante os atos performativos discursivamente compelidos, que produzem no corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas? (BUTLER, 2020, p.245).

Saffioti (1987) também entende que a “identidade social” da mulher e do

homem são definidas através de papéis que a sociedade espera que sejam cumpridos por cada sexo: “a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar uma mulher, da mesma forma que escolhe os terrenos em que pode atuar um homem” (SAFFIOTI, 1987, p.08).

Desta forma, a autora compreende que é através da educação que os indivíduos se “tornam” homens e mulheres. De acordo com a autora, através de processos educativos há a naturalização de fenômenos socioculturais, atendendo interesses de grupos dominantes que não medem esforços para manter os seus privilégios:

Dada a desvalorização social do espaço doméstico, os poderes têm interesse em instaurar a crença de que este papel sempre foi desempenhado por mulheres. Para a solidificação desta crença nada melhor do que retirar desta atribuição de papéis sua dimensão sociocultural. Ao se afirmar que sempre e em todos os lugares as mulheres se ocuparam do espaço doméstico, eliminam-se as diferenciações históricas e ressaltam-se as características “naturais” destas funções. Tais papéis passam a se inscrever na “natureza feminina”. Desta forma, a ideologia cumpre uma de suas mais importantes finalidades, ou seja, a de mascarar a realidade (SAFFIOTI, 1987, p.11).

De acordo com a IURD, à mulher cabe ser o sustento do homem, seu principal apoio e estímulo para que ele alcance o sucesso. Portanto, apesar de a mulher assumir relevância no discurso urdiano, ela ainda está relacionada ao ambiente doméstico, a estrutura familiar, devendo atuar de maneira suplementar, auxiliando o homem.

Logo, esta concepção além de reforçar a subordinação da mulher através de preceitos bíblicos, se alinha a lógica neoliberal que, por sua vez, responsabiliza os indivíduos e as famílias pelo sucesso financeiro, e melhoria da qualidade de vida, independentemente das circunstâncias (DENORA, 2025).

À vista disso, noto que a IURD, através do programa *Godllywood Girls*, tem propagado um ideal de feminilidade assentado em papéis tradicionais de gênero, em oposição aos movimentos feministas, ao mesmo tempo em que produz processos de subjetivação orientados por uma feminilidade de perspectiva neoliberal (MARTINEZ, 2020), o que permite visualizar a igreja como uma aliada importante na sustentação do conservadorismo e de uma visão hegemônica sobre a cultura cristã ocidental.

4. A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE CHEGA ÀS MENINAS

Do ponto de vista do feminismo, apostar no fracasso tem sido melhor do que apostar no sucesso. Jack Halberstam. *A arte queer do fracasso*, 2023.

Seguindo com a análise das videoaulas do programa *Godllywood*, neste momento aprofundarei as reflexões sobre a construção de um ideário de feminilidade conservadora, responsável por legitimar papéis tradicionais de gênero e promover uma racionalidade neoliberal (BROWN, 2019) As aulas foram ofertadas durante o ano de 2018 no Templo de Salomão, porém como pontuado anteriormente, o material está gravado e disponibilizado para acompanhamento na Univer Ensino.

Durante a análise das videoaulas foi possível verificar que a 7ª aula da 1ª temporada nomeada “Finanças” estabelece regras para que as meninas utilizem o dinheiro de “forma inteligente e consciente”. Entre as recomendações, a igreja instrui que não se deve gastar mais do que se recebe e pontua a importância de ter um caderno para registro de todas as entradas e saídas de recursos:

Por exemplo, se você ganha 50 reais por mês de seus pais e deseja comprar uma roupa que custa 100 reais, como fazer? Você sempre fará a conta de subtração da entrada com a saída. O valor que sobrar, você colocará na casa do “fiquei com”. A primeira vez que fizer, irá copiar o valor no total geral. E com esse valor, sempre fará a soma com o valor que estiver no “fiquei com”. Dessa forma, para juntar o valor e comprar a roupa que custa 100 reais, você precisa juntar três meses de mesada para comprar à vista (GODLLYWOOD SCHOOL. FINANÇAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Abaixo compartilho a planilha apresentada pela Universal às garotas durante a respectiva aula:



Figura 11. Planilha apresentada às garotas pela IURD durante a 7ª aula da 1ª temporada nomeada “Finanças” – Foto: Godllywood School/Reprodução

Como demonstrado na imagem acima, as meninas também são instruídas sobre o pagamento do dízimo. Segundo a IURD, a oferta do dízimo deve ser a primeira preocupação das famílias, pois ao “honrar a parte que pertence a Deus”, ele garantirá saúde e empenho para o trabalho, o que, por sua vez, possibilitará o consumo, ou seja, compra de todos os objetos desejados com disciplina e no tempo adequado.

Separar o nosso dízimo que sempre será a nossa primeira parte de tudo que recebemos. Afinal, é sempre Deus que nos trará a condição de termos o que temos. É dele que vem o pão nosso de cada dia, pois ele que dá força e disposição e para os nossos pais irem à luta, trabalhar e ter tudo que temos. Quando somos fiéis aos 10% que pertencem a Deus, os 90% renderão muito mais em nossas mãos, pois existe uma linda promessa para isso. Sendo fiel a Deus com o nosso dízimo, conseguiremos prosperar e multiplicar o nosso dinheiro para podermos comprar tudo que quisermos com inteligência e consciência (GODLLYWOOD SCHOOL. FINANÇAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Já na infância, as garotas são ensinadas que o dízimo opera como um multiplicador de recursos. “Em alguns templos da Universal, era comum as pessoas receberem, em troca de cédulas de dinheiro verdadeiras, “xerox abençoadas” de notas para serem guardadas na carteira a fim de propiciar a multiplicação de riquezas” (NASCIMENTO, 2019, p.63).

O lema da Teologia da Prosperidade é “vida em abundância”, o que perpassa o extrato bancário. De acordo com a corrente, tanto a prosperidade material como a saúde física são direitos divinos para todos os cristãos que praticam a sua fé corretamente. Por sua vez, a fé em Deus deve se manifestar através de doações financeiras as igrejas, pois só assim será possível atrair as bênçãos. Logo, quanto mais generoso for o fiel e, conseqüentemente, o montante doado à igreja, maior será a prece alcançada (CASTELLI, 2025).

Na IURD, o pagamento do dízimo tem caráter compulsório, ou seja, é uma obrigação dos fiéis. Segundo a Universal, aqueles que não reservam 10% de todo rendimento para doar mensalmente estão condenados ao inferno. Esta ameaça ficou escrachada em um famoso vídeo vazado de uma reunião de Edir Macedo com seus bispos. No encontro, ele instrui os líderes sobre quais táticas devem ser empregadas para aumentar as doações e chega a dizer “ou dá ou desce” (CASTELLI, 2025).

Nos cultos, o pagamento do dízimo é realizado de maneira anônima, através de envelopes não identificados, ou seja, apenas o próprio fiel e Deus têm

conhecimento sobre o valor. Deste modo, a ostentação via consumo torna-se o caminho para a demonstração das bênçãos recebidas. A competição e a constante tentativa de se igualar e/ou superar um aos outros, exerce grande influência entre os fiéis (CASTELLI, 2025).

A comparação, centrada no poder de compra, inicia já com os próprios bispos, que exibem um alto padrão de vida. A partir desta lógica, instaura-se um “sistema de distinção invejosa da fé”, em que as pessoas possam a concorrer entre si para mostrar quem é mais fiel a Deus e, conseqüentemente, quem tem mais sucesso pessoal.

Os indivíduos que ocupam os postos mais altos da hierarquia iurdiana, os bispos, devem ser também homens e mulheres prósperos materialmente; e para se manterem seu status e proeminência honorífica devem demonstrar o quão ricos são e, logo, abençoados por Deus (CASTELLI, 2025, p.10).

Conforme já mencionado, a IURD escolhe regiões centrais das cidades para estabelecer seus templos, geralmente com estruturas impactantes. Mas, se a maior parte dos fiéis é oriunda das periferias porque optar por estes locais e pelas construções imponentes? A estratégia da Igreja Universal é fomentar uma ambição entre os fiéis, para que tenham o desejo de ascender e pertencer àquele meio social mais abastado, onde estão os templos (ABREU, 2022).

Além do dízimo, os fiéis são constantemente encorajados a doar valores adicionais. Quanto maior a bênção pedida, maior deverá ser o investimento. Um dos momentos mais aguardados pela comunidade iurdiana é o destinado à “Fogueira Santa”, cerimônia coletiva, na qual os crentes são convidados a “superarem seus limites em busca da transformação de vida. O sacrifício espiritual e a entrega de vida são acompanhados pelo sacrifício material – que, diga-se de passagem, é pequeno quando a pessoa entrega todo seu ser” (UNIVERSAL, 2023).

Neste momento, os fiéis são desafiados a multiplicarem a “aposta”, apresentando provas inequívocas de seu comprometimento com Deus. Evocando que “nada é impossível” para os verdadeiramente crentes, os religiosos incitam a doação de todo o salário, entre outros bens de maior valor. Empregando a lógica de leilões, esta campanha ocorre em dias próximos ao pagamento do salário e é o momento em que a IURD mais arrecada (CASTELLI, 2025).

O pastor incentivava o crente a passar pela prova do fogo. “Você pega todo o salário que você recebeu hoje. Vai subir nesse altar, passar por esse fogo. Você quer ver a glória de Deus na sua vida? Vem aqui e pega teu envelope. Você vai fazer teu sacrifício. Até 430 reais. Ou 1 milhão, 100 mil, 50 mil, 20

mil, 10 mil. É sacrifício. Se não for sacrifício, nem sobe aqui. [...] se for pra fazer apenas uma tentativa, então pega o teu dinheiro e joga no bicho, joga na Loto, joga na Sena, mas não faz, não dá aqui não porque não vai acontecer nada. Tem que ser sacrifício verdadeiro. Porque Deus é verdadeiro” (NASCIMENTO, 2019, p.278).

Igrejas que empregam a Teologia da Prosperidade, como a IURD, defendem que o fiel não deve ter uma vida marcada por sofrimento para, então, receber o conforto e a salvação na vida eterna, a prosperidade deve ser alcançada aqui e agora. Para isso, deve-se estabelecer uma espécie de acordo comercial, em que o fiel através de doações demonstra sua fé e estabelece uma espécie de “sociedade” com Deus (CASTELLI, 2025).

No próprio entendimento de Edir Macedo, as bases da “sociedade com Deus” são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; o que é dele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria) passa a nos pertencer. Passamos a ser participantes de tudo o que é de Deus (MACEDO, 2005).

Adota-se, assim, a premissa “é dando que se recebe”, ou seja, ao fiel cabe o pagamento do dízimo, a crença em Deus, a profetização de bênçãos para sua vida. Já Deus assumiria a responsabilidade de concretizar todas suas promessas, caso todas as condições do acordo forem cumpridas. É evidente a perspectiva mercantil, onde as duas partes (fiéis e Deus) possuem direitos e obrigações (MARIANO, 1999).

Este discurso não atraiu apenas setores menos favorecidos, mas outros segmentos que desejavam recorrer a um poder extramundano para manter seus patrimônios e garantir a perenidade de seus negócios. Destacam-se, nestes grupos, empresários, artistas, atletas e celebridades, que possuem alto poder de influência na sociedade, auxiliando na evangelização de um número cada vez maior de fiéis (MARIANO, 1999).

Assim, a Universal apregoa que Deus conhece o coração dos fiéis e aqueles que estão dispostos a contribuir serão abençoados. Também defende que Deus ama o trabalho e recompensa os seus filhos que se dedicarem a ele. Nas aulas da *Godllywood School*, é possível verificar a intensa defesa do trabalho apresentado sob a gramática neoliberal, ou seja, há uma constante ênfase à dedicação, disciplina, superação de si mesmo exaltados como virtudes e justificados por uma passagem do Antigo Testamento: “é dom de Deus que o homem possa comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho” (GODLLYWOOD SCHOOL.

FINANÇAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Ainda, nas aulas há uma explícita chancela à meritocracia, uma vez que a igreja assegura às garotas que através do “foco total” nos estudos, elas conseguirão uma boa inserção no mercado de trabalho, atingirão o sucesso profissional e assim, serão recompensadas por todo esforço. Reitero o uso constante de termos como “sacrífico”, “dedicação” e “disciplina”⁹¹. A igreja chega a elaborar um comparativo entre a “excelência de Deus” e o imperativo de constante aperfeiçoamento que deve ser alçando pelas meninas, para que tenham “bom desempenho” em todas as esferas da vida:

Para que você possa projetar um futuro profissional com excelência é necessário que tenha uma disciplina nos estudos e focar naquilo que faz para que seja diferenciada pelo ótimo trabalho. Esse é um ótimo testemunho para mostrar quem Deus é. Por acaso existe neste universo algo feito por ele que não seja de eximia excelência? Assim, também seus filhos devem seguir os seus passos e serem os melhores em tudo que fazem, mas para isso é necessário sacrifício e dedicação (GODLLYWOOD SCHOOL. FINANÇAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Se, por outro lado, você acreditar que é capaz, sacrificar-se estudando, deixando de fazer outras coisas e focar naquele curso, certamente será aprovada. E a consequência é: por acreditar em você, se empenhou e alcançou o seu objetivo. Veja que a insegurança é algo ruim e só te trará mal. Você é capaz de fazer tudo e bem-feito. É linda porque é a imagem e semelhança de Deus. Então, por que continuar a se desprezar e menosprezar? (GODLLYWOOD SCHOOL. DE ONDE VEM A INSEGURANÇA. UNIVER ENSINO, 2018).

De acordo com Weber (2007), a ética protestante e, especialmente, o ascetismo intramundano, desenvolvido pelos calvinistas, além de valorizar a disciplina e a racionalidade, buscava a salvação através do trabalho. Tais elementos foram preponderantes para acumulação do capital. Alemanha e Inglaterra tinham um capitalismo mais difundido; em contrapartida, em países católicos, como Portugal e Espanha, o capitalismo estava mais atrasado (WEBER, 2007).

Isto quer dizer que, o calvinismo por meio da ideia de predestinação divina, contribuiu para a formação do *ethos* burguês, assentado no culto ao trabalho e obtenção de máximo lucro. Nota-se que, a partir da perspectiva calvinista, a prosperidade econômica é reflexo de uma escolha de Deus. A riqueza passou a ser

⁹¹ De acordo com Giddens (2003) a palavra “disciplina” sofreu uma mudança de significado. “Em seu sentido original, referia-se a um processo de aprendizagem e era considerado um traço dos “disciplinados”. Entretanto nas forças armadas passou a ser aplicado tão ordinariamente quanto é hoje, mais relacionado como um modo global de regulamentação do que com o próprio processo de instrução” (GIDDENS, 2003, p.175).

justificada pela moral e ética religiosa.

Embora haja divergências entre a visão calvinista e a iurdiana, principalmente, no que tange à usura, nota-se uma semelhança no sentido de que a IURD mede a prosperidade financeira dos fiéis como sinais de bençãos alcançadas, além de instigar fortemente o enriquecimento (ABREU, 2022).

Com base na “fé inteligente” criada pela IURD e difundida entre as garotas, não basta apenas crer, é necessário planejar e agir em busca de soluções e conquista de resultados. Neste regime de fé movida pela razão e não pela emoção, a valorização do trabalho e a disciplina torna-se uma característica preponderante como também demonstra a passagem abaixo:

Sempre queremos adquirir algo novo, seja um par de sapatos, um brinquedo, um celular, mas para isso é necessário um planejamento para que possamos comprar tudo que queremos [...] Deus quer que tenhamos do bom e do melhor em nossas vidas, mas o dinheiro não vai cair do céu. É preciso estudar, planejar e saber usar o seu dinheiro com sabedoria para que possa desfrutar de tudo que Deus promete em sua palavra (GODLLYWOOD SCHOOL. FINANÇAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Na obra “Vigiar e punir”, originalmente publicada em 1975, Michel Foucault busca identificar quais são as táticas empregadas para o exercício do poder na sociedade contemporânea. O filósofo observou que a repressão não ocorre apenas de maneira centralizada, por meio do estado, mas sim de maneira difusa. Isto quer dizer que, o exercício do poder não ocorre apenas de “cima para baixo”, ao contrário disso, se dá de forma circular e ascendente.

Para Foucault (2012), o poder opera em situações concretas e se espalha por todo o tecido social. O autor compreende a vigência de “micropoderes”, advindos de diversas instituições atuantes na sociedade como as escolas, hospitais, prisões e igrejas. Tais ambientes acabam por submeter todas as pessoas, em menor ou maior grau, a um tipo específico de disciplina.

A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global da dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si [...] **O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares** (FOUCAULT, 2012, p.88, grifo meu).

De acordo com Foucault (2008) este novo tipo de poder que surge na

modernidade e que, portanto, não está mais associado à ideia de soberania, tem caráter disciplinador e incide, principalmente, sobre o corpo, tornando-o como um objeto manipulável, uma máquina que pode ser controlada e melhorada, até que se torne mais obediente e produtivo. Logo, o exercício do poder possui intrínseca vinculação com o desenvolvimento do capitalismo. A disciplina intenta aprimorar e adestrar os corpos tendo em vista extrair o máximo de utilidade econômica.

Para Foucault (2008), o corpo possui uma dimensão concreta, física. Não se trata de uma matéria inerte, ao contrário disso, ela é moldada por técnicas disciplinares. Isto quer dizer que, o corpo se transforma em decorrência das relações de poder as quais é exposto e que, por sua vez, compreendem tecnologias políticas e históricas desenvolvidas por diferentes instituições.

“A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo, em termos econômicos de utilidade, e diminui essas mesmas forças, em termos políticos de obediência” (FOUCAULT, 2012, p. 133).

De acordo com o autor, o corpo opera como espécie de uma superfície, um caminho para os processos de subjetivação, ou seja, a incorporação de padrões de pensamento e comportamento, influenciando as formas de enxergar e agir no mundo dos indivíduos. O pensador não nega a possibilidade dos sujeitos se rebelarem e resistirem, porém, a insurgência também tende a ser recriminada seja por meio do isolamento, condenação ou aprisionamento.

Logo, a subjetividade, isto é, o movimento de “torna-se” sujeito, não é algo dado ou fixo, mas sim reflexo de um processo dinâmico e marcado por relações de dominação ao longo da história. O corpo adquire evidente finalidade política.

“A ‘alma’, também denominada de consciência, psique, subjetividade, jamais é uma realidade preexistente sobre a qual atuam os mecanismos punitivos; antes, somente é constituída como alma porque há um investimento político sobre o corpo” (FOUCAULT, 2012, p. 29).

Giddens (2003) também argumenta o quanto o exercício do poder ocorre através do controle do corpo, visando maior produtividade, a observação e avaliação dos indivíduos em suas “qualidades e medidas”. Para tanto, é estabelecido controle rigoroso do tempo e do espaço, esta “compartimentação” tem como uma de suas principais finalidades evitar que se formem mobilizações que venham a questionar o sistema de exploração a qual os sujeitos estão submetidos.

“A disposição dos corpos nos espaços devia corresponder às exigências técnicas da produção. Mas essa “articulação do espaço de produção” também pode ser comprovadamente impregnada de poder disciplinar” (GIDDENS, 2003, p.173).

Logo, a disciplina objetiva tornar o corpo dócil e eficiente, estabelecer o que pode e o que não se pode fazer. Este poder disciplinar não ocorre apenas através da coerção, mas também por meio da vigilância, do controle rigoroso do tempo, controle dos movimentos, conforme demonstra da 7ª aula da 2ª temporada cujo título já enfatiza: “Segredo dos pais e a organização do tempo”. Neste encontro, as garotas aprendem como estruturar a rotina, de domingo a domingo, cronometrando a carga horária de cada atividade a fim de que obtenham “melhores” resultados:

Tinha que arrumar seu quarto, mas a preguiça tomou todo o seu tempo. Precisava organizar seu material escolar, mas quando viu, estava perdendo tempo folheando páginas de um diário ou um álbum de fotos e nem percebeu que o seu tempo foi todo embora. Porém, dispensa o seu tempo para assistir uma novela, fica horas no videogame, no joguinho de celular, nas conversas pelo aplicativo, e o dia vai embora sem você adicionar nada de bom em sua mente. Perdeu para o tempo, perdeu para a distração. Deixou de ler a bíblia, mas teve tempo para reclamar, fazer fofquinhas e conversas fiadas com as colegas. Que tal fazer com que os minutos sejam seus amigos? Separe um tempo de 30 minutos no começo da semana e planeje os objetivos que deseja alcançar nos próximos sete dias. Faça uma lista das suas prioridades e tenha como objetivos cumpri-las. Não se distraia com nada até que sua meta seja alcançada. É necessário cronometrar o tempo para não se perder nele, por exemplo, arrumar seu quarto em 30 minutos, arrumar sua gaveta de roupas em 30 minutos, organizar seus materiais escolares em 45 minutos, hidratar os seus cabelos por 1 hora, fazer as unhas em 45 minutos. No caso de um livro de 100 páginas, leia pelo menos 50 páginas por dia. Na segunda-feira, arrume o quarto, na terça-feira arrumar as gavetas de roupas, na quarta-feira, organizar os materiais escolares, na quinta-feira, hidratar os cabelos, sexta-feira, fazer as unhas, no sábado e domingo, ler o livro de 100 páginas. Desta forma, você dominará o tempo e terá uma semana produtiva, pois fará as suas metas serem alcançadas e isso lhe fará bem (GODOLLYWOOD SCHOOL. SEGREDO DOS PAIS E ORGANIZAÇÃO DO TEMPO. UNIVER ENSINO, 2018).

Giddens (2003) pontua que a cronometragem do tempo destinado às atividades tem como premissa “a coordenação do corpo e do gesto” garantindo a instrumentalização e treinamento de todo o corpo sem margem para o ócio e o descanso:

O uso eficiente do corpo significa que nada permanece ocioso ou em uso; a atenção deve ser totalmente concentrada no ato em que o indivíduo está envolvido. Um corpo disciplinado é um corpo treinado: neste sentido, poderíamos dizer persiste a aceção tradicional de “disciplina” (GIDDENS, 2003, p.175).

Acerca da divisão do tempo e a distribuição de tarefas, o programa ensina às

meninas que todas as pessoas dispõem do mesmo tempo e que aquelas que não conseguem cumprir todas as atividades previstas é por “falta de organização”. É oportuno destacar que em nenhum momento há uma discussão sobre as jornadas extenuantes, sobrecarga de trabalho doméstico que recai, sobretudo, a mulheres, tampouco o tempo dedicado ao deslocamento, principalmente, entre camadas da população que dependem do transporte público. Dito de outro modo, não há uma menção às múltiplas desigualdades sociais que impactam da disponibilidade de tempo:

Deus nos presenteou com 24 horas, todo mundo tem essas horas por dia. Não existe alguém com 23 horas e outros com 25. O problema é que algumas pessoas sabem usar as horas e outras as desperdiçam. Este desperdício é falta de organização. Por exemplo, você acorda e sabe que tem muita coisa para fazer, mas no final do dia, não conseguiu fazer nada do que pensou. Tinha que estudar para prova, mas se dispersou nos pensamentos. Tem que arrumar seu quarto, mas a preguiça toma todo o seu tempo. Precisa organizar o seu material escolar, mas quando vê está folheando um álbum de fotos e nem percebeu que o seu tempo foi todo embora. Dispensa o seu tempo para assistir uma novela, fica horas no videogame, nos joguinhos de celular, nas conversas pelo aplicativo e o dia vai embora sem você adicionar nada em sua mente (GODLLYWOOD SCHOOL. SEGREDO DOS PAIS E ORGANIZAÇÃO DO TEMPO. UNIVER ENSINO, 2018).

Para a disciplina dos corpos, a vigilância torna-se um dos mecanismos mais importantes. Isto porque, o autocontrole dos gestos é fabricado não apenas pela força, mas pela sensação de estar sendo observado. A partir da vigilância, o poder se torna uma maquinaria múltipla, automática e anônima (FOUCAULT, 2012).

O “olhar vigilante” é fundamental para a instauração do poder disciplinar, visto que sua finalidade é vigiar e controlar os indivíduos em cada instante do seu cotidiano. Todos são obrigados a seguir as normas sob pena de sofrerem punições. O objetivo das sanções é, portanto, a correção, a normalização dos sujeitos e a consequente eliminação das práticas consideradas desviantes.

A partir da ideia do panóptico, Foucault (2012) concebe a instauração de um sistema de vigilância contínua e sutil na sociedade contemporânea, onde o indivíduo internaliza as normas e se autocontrola como se estivesse sempre sendo observado, mesmo na ausência de um vigilante real, ou seja, o que importa são os indivíduos sentirem-se vigiados, mesmo quando não estão.

Este controle é perceptível na organização do programa *Godllywood Girls*, que a todo momento instrui às participantes como elas devem se portar e pensar tendo como base os ensinamentos repassados durante as aulas, pois Deus estaria

observando e o menor desvio poderia causar consequências tanto no plano espiritual como material.

Para definir se uma conduta é adequada ou não, a igreja indica que a menina deve agir de acordo com a sua “consciência” e que esta deve guiar-se pelo “temor a Deus”, sendo ele o “radar” para que estabeleçam seu comportamento, escolham suas amizades, relacionamentos, conversas e até pensamentos, conforme ilustram trechos extraídos das aulas e transcritos abaixo⁹²:

Toda vez que você estiver prestes a fazer algo e dentro de você houver um desassossego, agitada, inquieta, sentindo um certo medo, isso é a sua consciência avisando que aquilo não é bom, pois se fosse bom, por que estaríamos incomodadas? Essa consciência associada ao temor a Deus, ou seja, associada ao respeito para não fazer nada que possa desagradá-lo, é o nosso radar. Para que saibamos escolher as nossas amizades, as nossas conversas e nosso proceder quando estamos em público ou sozinhas (GODLLYWOOD SCHOOL. UMA CONVERSA ENTRE AMIGAS, 2018).

Veja como escolhas certas fazem toda a diferença em nossas vidas. Já percebeu como todos os dias que temos de tomar decisões em nossas vidas? Desde a hora que acordamos e decidir qual roupa vamos usar até escolher desobedecer ou não aos nossos pais por conta de algo que nos proibiram de fazer. Algumas escolhas podem mudar totalmente o rumo de nossas vidas e devemos ter muito cuidado com elas. Querendo ou não, cada escolha que fizer em minha vida trará uma consequência. Se minha escolha for boa, uma consequência boa. Se for uma escolha má, uma consequência má. Temos algo dentro de nós que nos ajuda a fazer as escolhas certas, a nossa consciência. Normalmente, ela nos avisa se algo que estamos fazendo é certo ou não. Quando decidimos fazer o que é certo, mantemos a nossa consciência tranquila, em paz e acima de tudo, limpa diante de Deus (GODLLYWOOD SCHOOL. UMA CONVERSA ENTRE AMIGAS, UNIVER ENSINO, 2018).

Suponhamos que você goste muito de moda e você passe o dia inteiro pensando, pesquisando fotos, sites de roupas e coisas do tipo. Imediatamente, sua mente ficará sintonizada nisso e até quando você quiser pensar em outras coisas ou se concentrar para uma prova ou em uma reunião na igreja, tudo o que virá à sua mente serão aquelas imagens que você colocou diante dos seus olhos, o dia todo ou por muitos dias (GODLLYWOOD SCHOOL. DIANTE DOS MEUS OLHOS. UNIVER ENSINO, 2018).

Toda vez que você pensar se aquela festa, evento ou acontecimento é ou não apropriado para você, faça as seguintes perguntas: será que tem alguma coisa que estou fazendo nessa festa de que posso me arrepender depois? Será que alguma dessas atitudes que estou tomando aqui pesarão na minha consciência mais tarde? O que os meus olhos têm visto nessa festa? Tem deixado a minha mente pura? A boa consciência é o que nos dá força para nos achegarmos a Deus e, de fato, desfrutar da verdadeira felicidade (GODLLYWOOD SCHOOL. DIA DE FESTA, UNIVER ENSINO, 2018).

⁹² Emprego as transcrições de maneira cadenciada seguindo a lógica da triangulação dos dados, ou seja, após assistir todas as videoaulas, compartilho exemplos que ratificam a tentativa da IURD de controlar o comportamento das meninas recorrendo a constante autovigilância já que elas estariam sendo observadas e acompanhadas por Deus.

Ainda, no âmbito dos relacionamentos, a Universal argumenta às meninas que elas estabeleçam amizades com meninos, pois há chances de “confundirem” os sentimentos, levando tanto a garota quanto o garoto a expressar interesses românticos:

E quando a sua amizade não é propriamente com uma menina, e sim com um menino? Será que uma amizade entre menina e menino pode mesmo dar certo? Vamos usar o bom senso. Quanto mais você se aproxima de um menino, mais chances tem de pelo menos uma das partes começar a ter sentimentos um pelo outro. "Ah, mas ele me entende mais do que as meninas", você pensa. Pode ser, porém, você está pronta para partir o coração dele quando ele vir que você não tem a mesma intenção que ele? E se é você quem se apaixona por ele e ele não tem os mesmos sentimentos? O bom senso nos diz que é melhor não correr o risco (GODLLYWOOD SCHOOL. VAI UM BOM SENSO AÍ? UNIVER ENSINO, 2018).

A intenção é que as meninas passem a agir de modo disciplinado, se autocontrolando a fim de evitar quaisquer punições. Assim, elas passam a ser suas próprias vigilantes, instaura-se, portanto, um controle total e contínuo:

Existem coisas que não são proibidas, porém, devemos sempre pensar: isso convém? Vale a pena? É proibido você assistir um filme? De jeito nenhum. Mas e quando aquele filme apresenta cenas em que a sua consciência sabe que é algo errado? Para que poluir a sua mente com coisas assim? Você está navegando e de repente um rapaz te chama para conversar, isso é pecado? Não, mas porque você correria o risco de falar com um rapaz que você nem sabe quem é e desconhece a suas intenções. Seus pais lhe orientam a ir na casa de certos amigos, porque desobedecer e ir escondido e correr o risco deles perderem a confiança em você? Plantemos escolhas certas para colher frutos certos (GODLLYWOOD SCHOOL. UMA CONVERSA ENTRE AMIGAS. UNIVER ENSINO, 2018).

O hábito de assistir TV em casa ou imagens e vídeos no celular. Mas não se engane, nem tudo o que você assiste pode fazer bem para você. Hoje em dia, assistir TV ou vídeos no celular é algo tão normal, não é? Mas dependendo do que se assiste, esse tipo de diversão aparentemente tão inofensivo pode trazer danos para nossa vida e até influenciar nossas decisões, nos levando a cometer erros. E você, já parou para pensar em quais tipos de coisas têm ocupado seu pensamento? Sabia que tudo o que você assiste pode influenciar na sua forma de pensar e, conseqüentemente, em suas atitudes? (GODLLYWOOD SCHOOL. DIANTE DOS MEUS OLHOS. UNIVER ENSINO, 2018).

Então, se você não quer algo ruim em sua mente, não deve colocar seus olhos diante delas. Se eu sei que ainda não é hora para namorar, beijar ou coisas desse tipo, por que ficarei colocando cenas assim diante dos meus olhos? Essas cenas ficarão voltando para a minha mente, me tentando ainda mais a fazer o que sei que não é a hora certa para ser feito. Então, evite cenas assim, pule mesmo. Se não há como pular a cena, desvie o seu olhar. Cenas ou séries que incentivam o uso de drogas e bebidas, sexo, baladas, desrespeito aos pais, como se fosse algo normal ou que faz parte da vida de qualquer adolescente, também não devem ser o tipo de coisa para ficar diante dos seus olhos. Afinal de contas, aquilo só irá despertar em você um desejo ainda maior de conhecer aquele mundo, o qual você sabe que é errado e que desagrade a Deus. Até porque o filme, a série e tudo o

que vem de Hollywood e da mídia pouquíssimas vezes mostram as consequências de viver uma vida assim. Tudo é uma falsa ilusão (GODLLYWOOD SCHOOL. DIANTE DOS MEUS OLHOS. UNIVER ENSINO, 2018).

Para você praticar o que aprendeu nesta aula, eu te pergunto: quais são os programas de TV, séries, vídeos e redes sociais que você mais acessa? Faça uma lista rápida em um pedaço de papel. Depois que você fizer essa lista, olhe para ela e responda sinceramente: existem cenas ou imagens que costumam aparecer nesses programas, vídeos que você sabe que não são bons para uma menina que teme a Deus ou para a sua idade? O que você acha que deve continuar fazendo quando essas cenas aparecem? Não assistir mais a esse programa. Não olhar para a TV e mudar de canal. Exatamente! Isso demonstra como é fundamental vocês terem consciência de que devem colocar diante de seus olhos apenas imagens boas e inspiradoras (GODLLYWOOD SCHOOL. DIANTE DOS MEUS OLHOS. UNIVER ENSINO, 2025).

Se os amigos lhe fazem mal em suas atitudes, ela se afasta deles. Se o ambiente que está frequentando não lhe traz benefícios, ela deixa de frequentar. Se o tempo na internet está tirando momentos com a família, ela reduz a navegação (GODLLYWOOD SCHOOL. UM VALOR INESTIMÁVEL. UNIVER ENSINO, 2018).

De acordo com a igreja, a única relação em que as meninas devem se “entregar completamente” é a firmada com Deus, pois só assim elas alcançarão as bênçãos que almejam:

Mas é claro, como em toda regra há uma exceção, só há uma situação em nossas vidas que devemos ser extremas e radicais: na nossa entrega ao senhor Jesus. Com Ele deve ser tudo ou nada. Isso porque com ele não há margem de erro. Sendo assim, podemos nos lançar de cabeça. E ele, como um lindo pai, nos dará em retorno o tudo dele (GODLLYWOOD SCHOOL. VÁ UM BOM SENSO AÍ?. UNIVER ENSINO, 2018).

Ainda, a Universal instrui as garotas quais são as celebrações que elas podem frequentar e quais não. A igreja questiona a legitimidade de datas reverenciadas pelo catolicismo, alegando que seus significados foram desvirtuados e esvaziados face à sanha comercial. A estratégia revela a lógica concorrencial estabelecida entre a IURD e a igreja católica. A disputa pela hegemonia do campo religioso brasileiro tem orientado os discursos e ritos da IURD desde a sua fundação.

Muitas pessoas acreditam que o Natal é uma festa cristã, já que pensam que essa data é o dia do nascimento do Senhor Jesus. Porém, o Senhor Jesus não nasceu no dia 25 de dezembro e não existem estudos bíblicos que confirmem essa data. Sendo assim, essa festa não é uma festa propriamente cristã. Mas vamos supor que essa fosse sim a data do nascimento de Jesus. Por um acaso, ele é lembrado nesta data? Quase nunca. É uma busca frenética por compras, presentes e muita comida. Isso é, para quem tem dinheiro, pois para quem não tem, não passa de uma época muito triste. Reunir a família para um jantar especial e trocar presentes com quem amamos não é errado. Porém, para que isso aconteça, não precisamos esperar o dia 25 de dezembro chegar. O certo é vivermos nesse espírito de união e amor o ano todo (GODLLYWOOD

SCHOOL. HOJE É DIA DE FESTA. UNIVER ENSINO, 2018).

Assim como no Natal, na Páscoa, muitas vezes a atenção fica somente nos ovos de chocolate. E ninguém, nem ao menos se lembra ou sabe o que é a verdadeira Páscoa. A Páscoa era a festa celebrada pelo povo de Deus, que marcava a passagem da escravidão do Egito para a liberdade na Terra Prometida. Anos depois, quando o Senhor Jesus veio à Terra, se sacrificou por nós e no terceiro dia ressuscitou. Ali, ele também estava fazendo o mesmo que no passado, nos dando a oportunidade de sermos libertos da escravidão do pecado para uma vida de liberdade em obediência à sua palavra. Esse é o verdadeiro significado da Páscoa. É errado comer ovos de chocolate? Não, eles são muito gostosos, mas há que se entender que a Páscoa nada tem a ver com eles. E a melhor maneira de celebrá-la é vivendo uma vida longe da escravidão do pecado (GODLLYWOOD SCHOOL. HOJE É DIA DE FESTA. UNIVER ENSINO, 2018).

A crítica da Universal também se estende à festa junina por ser considerada uma afronta a “fé cristã”, já que se baseia no culto de santos. As igrejas neopentecostais defendem a adoração apenas a Deus e rejeitam a idolatria a santos e demais figuras bíblicas como praticada pelo catolicismo. Ainda, a IURD critica o carnaval considerado “festa da carne” e alerta sobre os comportamentos que as garotas devem ter em lugares como praias – onde os corpos ficam mais expostos – nos passeios escolares e em encontros na casa dos amigos:

Festa da carne. Muita música, bebida, droga, mulheres seminuas ou nuas, gravidezes inesperadas. Será que uma festa em que o coração e a carne é quem mandam pode ser algo que combina com a sua fé? Combina com a pureza do seu Deus? "Eu não vou fazer nada de errado, só vou lá". Esse é o pensamento de muitas meninas que desejam ir a certos shows ou baladas. Mas nesse desejo, vemos claramente o tipo de visão espiritual que essa menina possui. O pecado ou o que é errado não se faz só com atitudes, mas com os nossos olhos também (GODLLYWOOD SCHOOL. HOJE É DIA DE FESTA. UNIVER ENSINO, 2018).

Será que é pecado ir à praia? Claro que não. Seria muito injusto não podermos desfrutar daquele mar lindo e areia gostosa. Porém, sempre tudo deve ser com pureza. Qual a sua intenção quando vai à praia? Expor o seu corpo? Tomar um banho de mar? Ficar olhando para as pessoas que estão ali? Ficar bronzeada? Quando a sua intenção é pura e agradável a Deus, não há nada de errado em curtir momentos assim, especialmente com a família (GODLLYWOOD SCHOOL. HOJE É DIA DE FESTA. UNIVER ENSINO, 2018).

Passeio escolar, passeio educativo, um passeio para aprender algo novo relacionado à matéria da escola. Festas em casa, festas sem grandes complicações. Afinal, estamos dentro de casa. Só que não. Muitas vezes, alunas usam esses passeios escolares ou promovem certas festas na própria casa ou na casa da amiga para aprontar. É namorinho ali, namorinho aqui, um que bebe uma coisinha aqui, outro ali. Algo que era para ser seguro e sem problemas se torna palco de atitudes que podem estragar a vida no todo, e às vezes atitudes impensadas levam a consequências desastrosas. Parece dramático, não é? Mas não. É assim mesmo que muitas meninas começam a se perder (GODLLYWOOD SCHOOL. HOJE É DIA DE FESTA. UNIVER ENSINO, 2018).

A Universal também demoniza outras manifestações culturais, a exemplo do Dia das Bruxas considerada “festa do mal”:

O nome dessa festa já diz muito sobre o que ela é. Essa festa teve origem entre o povo celta, que acreditava que em determinada época do ano, espíritos saíam dos cemitérios para se apossar dos vivos. Para espantar esses espíritos, o povo se vestia como se fosse um deles, ou seja, se disfarçavam de espíritos malignos para desviarem a atenção dos espíritos, daí vêm as fantasias macabras usadas nesse tipo de festa. Caso os espíritos descobrissem a mentira, as pessoas então ofereciam os doces da brincadeira "doce ou travessura", para que eles não fizessem mal algum a elas. Agora pare e pense: você acha que uma festa que tem a ver com o mal, espíritos malignos e oferendas de engano tem algo de Deus nisso? Algo para se pensar, não é? (GODLLYWOOD SCHOOL. HOJE É DIA DE FESTA. UNIVER ENSINO, 2018).

Outra premissa neoliberal defendida pela IURD às garotas é a necessidade de poupar. Como sabido, o neoliberalismo transfere a responsabilidade pela segurança financeira ao próprio indivíduo, incentivando a criação de reservas para obtenção de uma segurança financeira, ao mesmo tempo em que desmonta toda uma rede de proteção social (DANORA, 2025). Não por acaso, projetos que defendem a responsabilidade individual em oposição a garantias constitucionais, a exemplo das Reformas Trabalhista e da Previdência, receberam amplo apoio da IURD via Republicanos, conforme pontuado anteriormente.

Como você o dinheiro? Você o vê como uma forma de ter as coisas hoje e agora, ou seja, assim que recebe você vai lá e gasta tudo de uma vez? Ou você pensa no futuro também? Mesmo que este futuro seja mais distante, você pensa em economizar para ter mais e lá na frente comprar algo melhor? (GODLLYWOOD SCHOOL. FINANÇAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Seguindo a lógica da responsabilização individual e desmantelamento do aparato estatal, durante as aulas da *Godllywood School*, a IURD refere-se ao endividamento das famílias brasileiras como uma escolha decorrente apenas da falta de planejamento:

Você sabia que mais da metade da população está endividada? Sabe por quê? Porque as pessoas têm a mania de querer tudo ao mesmo tempo, o último celular do mercado, aquela bota que está todo mundo usando, a bolsinha que a blogayra anunciou, enfim, são tantos desejos, que se a pessoa não prioriza, ela acaba se endividando (GODLLYWOOD SCHOOL. FINANÇAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Esta visão evidencia a convergência da IURD à concepção neoliberal, que desconsidera aspectos macroestruturais que levam a impossibilidade de as famílias conseguirem fechar as contas no fim do mês, como o aumento das taxas de desemprego, o custo de vida e mesmo o desmonte do estado que deixa de garantir

serviços essenciais, obrigando os indivíduos a buscarem a iniciativa privada para garantir a mínima qualidade de vida – os que têm as mínimas condições para isso.

O neopentecostalismo misturado à política tende a reforçar a postura conservadora de oposição às pautas progressistas e pode promover agendas individualistas, além de manifestar a crença na meritocracia. Sobre esta última, a defesa do sucesso como resultado do esforço individual tende a obscurecer as desigualdades estruturais e as barreiras enfrentadas pelos mais pobres (LEMOS, 2024, p.77).

Com o enxugamento do estado, direitos fundamentais tornam-se privilégios para aqueles que podem pagar e a pobreza deixa de ser vista como um fenômeno socialmente produzido. Ao focar na meritocracia e individualismo, há um escamoteamento das desigualdades sociais, que passam a ser naturalizadas e consequentemente despercebidas.

A conquista de posses materiais, deste modo, estaria associada unicamente ao desempenho e trabalho do cristão. O ócio e o desprendimento em relação ao progresso econômico individual seriam sinônimos de manifestações diabólicas. Esta visão de que o baixo poder econômico é creditado ao fracasso pessoal desconsidera fatores estruturais como saúde, educação, cultura, economia e política (LEMOS, 2024, p.57).

Ao mesmo tempo, o papel do estado é reduzido bem como o seu papel na oferta de políticas essenciais como saúde, educação, assistência social, deixando grande parte da sociedade desprotegida.

Correlacionar os problemas dos fiéis aos demônios acaba por omitir as verdadeiras razões pelas quais a situação econômica e social em que se encontram é desagradável. As razões e causas da pobreza, do desemprego, das dívidas e das doenças são mascaradas e substituídas nos cultos por essas entidades malignas geradoras do mal. Para livrar-se delas, é imprescindível recorrer à Deus, ao exorcismo e às bênçãos concedidas pelos pastores (ABREU, 2022, p.77).

Além disso, sob este desenho de estado neoliberal legitimado pela IURD, reforça-se a ideia de um sujeito de direitos universal, representado pelo masculino. É este referencial “nada mais identitário” (DENORA, 2025) que é tomado para a definição de garantias, o gênero é desconsiderado e suas demandas igualmente:

Os elementos do cotidiano das mulheres são ignorados na fórmula do orçamento público porque gênero não existe como uma linguagem de fato compreendida a partir de suas realidades compartilhadas e em regra senão pela perspectiva masculina que é normalizada e instituída como a regra natural em si [...] há uma enorme politicidade nas mulheres e grupos LGBTQIA+ porque há uma enorme desconexão entre respostas institucionais e as realidades enfrentadas por esses grupos (DENORA, 2025, p.354).

Sob esta ótica, a pobreza não possui fundo político, mas é sinônimo de falta

de fé e foco. A solidariedade social é suplantada por ideias de auto responsabilização e individualização bem como pela exaltação de valores familiares (BROWN, 2019). Observa-se, assim, que tanto as práticas empresariais adotadas para o gerenciamento da IURD como a mensagem transmitida às garotas ensinam o mesmo caminho: definição de metas, cronogramas rígidos e obtenção de resultados.

Ainda, nas aulas do programa *Godllywood*, há um incentivo ao empreendedorismo⁹³ e desregulamentação do trabalho, a exemplo da 7ª aula da 1ª temporada em que a professora Aline Munhoz equipara as constantes transformações no mercado e a necessidade de investir em cursos de atualização profissional ao desenvolvimento de novas receitas em casa:

Da mesma forma acontece com a medicina, onde novos medicamentos são colocados no mercado a todo instante. Portanto, o médico deve estar sempre muito bem-informado. Esse desenvolvimento se dá em todo lugar, até mesmo em casa, quando nossa mãe inventa novas receitas e nos deliciamos com elas (GODLLYWOOD SCHOOL. FINANÇAS. UNIVER ENSINO, 2018).

No discurso da Universal, há uma grande valorização do empreendedorismo em contraponto ao trabalho assalariado. A denominação postula que os indivíduos devem obediência apenas a Deus e mais ninguém. Logo, o a escolha do empreendedorismo seria não só uma fonte de renda, mas um exercício de fé (CASTELLI, 2025; MAFRA, SWATOWISKI, SAMPAIO, 2012).

Seguindo a organização temática dos cultos, às segundas-feiras são dedicadas a discutir o planejamento financeiro dos fiéis. Um dos eventos mais esperados nesta área é o “Congresso para o sucesso”. O encontro ocorre em todos os templos e visa reunir “de empreendedores a desempregados” para o compartilhamento de dicas que gerem prosperidade financeira. Durante o encontro são discutidas as vantagens de se ter o próprio negócio frente ao trabalho com carteira assinada, também são disseminadas noções de gestão empresarial.

O que garante o sucesso profissional e financeiro de alguém? Muitos podem afirmar que são os estudos, o conhecimento proporcionado por uma universidade, sorte, boas oportunidades, indicação a cargos por parte de pessoas importantes ou até um bom emprego, mas sabemos que tudo isso é insuficiente. Afinal, quantas pessoas têm diploma de uma boa faculdade hoje, mas estão sem trabalho, e quantas têm carteira assinada e até ganham bem, mas vivem uma vida limitada? Muito mais do que dinheiro, o

⁹³ Há diversas referências ao discurso empreendedor na IURD. A Folha Universal possui uma seção denominada “Prosperidade na Essência”, em que são apresentadas dicas semanais para aqueles que desejam empreender. Para além do jornal, em todo o site da IURD bem como nas demais produções veiculadas pela igreja em canais confessionais e seculares, é notável a valorização do empreendedorismo.

ser humano anseia pela prosperidade, pela abundância e pela realização naquilo a que se propõe a fazer. Só que o que poucos sabem é que para alcançar a verdadeira satisfação e mantê-la, mesmo em meio às adversidades, é preciso contar com o poder sobrenatural da fé (UNIVERSAL, 2021).

Aos que ainda não têm condições de abrir o próprio negócio, são indicados meios para alcançar um emprego melhor, com salário mais alto, ou mesmo orientações de como ter uma causa ganha na justiça (CASTELLI, 2025). Um dos maiores símbolos da defesa do empreendedorismo é a campanha “Eu sou Universal”, que além de explorada pelas mídias da igreja, também é veiculada diariamente durante toda a programação da TV Record. A campanha traz relatos de fiéis que tiveram suas histórias totalmente transformadas, atingindo a segurança financeira graças aos ensinamentos da IURD (CASTELLI, 2025).

Reforçando a exaltação ao empreendedorismo, em suas pregações, Edir Macedo chega a discordar da ideia compartilhada pela maioria das igrejas cristãs de que Jesus teria sido um homem humilde e pobre. Em seu lugar, ele defende a hipótese de uma origem abastada. Uma prova disso estaria em Jesus ser considerado o senhor dos senhores, o rei dos reis, sinais claros de sua riqueza. Ainda, Macedo afirma que Jesus tinha um tesoureiro, Judas Iscariotes, o que seria mais uma demonstração de uma irrestrita influência (CASTELLI, 2025).

Logo, para a IURD, a finalidade de empreender não significa exclusiva e necessariamente constituir-se um grande empresário, com um vasto capital, mas antes de tudo, não ser subordinado um vínculo formal de trabalho, mesmo que isto represente sobreviver na informalidade, sem nenhuma seguridade social.

Este entendimento de como as famílias administram seus recursos releva que a IURD promove uma pedagogia empreendedora que instiga o uso racional do orçamento familiar para que se obtenha prosperidade financeira (MARCHESI et al, 2021). Logo, através do programa *Godllywood* é compartilhada uma ideia de gestão do ambiente doméstico e organização financeira das famílias, que deve guiar-se pela racionalidade econômica e contenção de gastos considerados supérfluos.

“O planejamento familiar e o encorajamento à gestão financeira pela família são quesitos continuamente evocados para que a família logre êxito e sucesso na vida financeira” (MARCHESI et al, 2021).

No curso e livro homônimos “Casamento Blindado”, assinado por Cristiane e Renato Cardoso, a gestão familiar é expressamente apresentada pela ótica

empresarial: “o casamento também tem objetivos e existe para produzir resultados” (CARDOSO; CARDOSO, 2012, p. 60). As lideranças argumentam que os casais devem criar metas para os relacionamentos. Segundo a igreja, a partir do rígido planejamento, o que envolve cuidados diários que ficam a cargo, majoritariamente, da mulher será possível evitar crises.

A mulher assume um papel preponderante na esfera privada, tendo como principal missão a manutenção dos laços familiares e a “purificação” do homem, contribuindo para que os companheiros fiquem longe de vícios, da criminalidade, do adoecimento e possam se dedicar integralmente ao trabalho (MACHADO, 1997; TEIXEIRA, 2012). Porém, quando adversidades ocorrerem é necessário encontrar soluções urgentemente, como demonstra passagem a seguir:

Há uma maneira eficaz de homens e mulheres resolverem os problemas conjugais e evitar que se repitam sem ferir ninguém no processo. Eu chamo essa maneira de tratar seu casamento como uma empresa [...] a ideia é se lembrar dos objetivos do casal e ter uma visão mais clara de onde vocês querem chegar para, assim, errar menos (CARDOSO; CARDOSO, 2012, p. 59)

Como aponta Teixeira (2018), na IURD a “política da prosperidade” não fica restrita ao âmbito financeiro, à circulação do dinheiro, mas se expande para outras instâncias da vida, sendo a família a principal delas. À vista disso, o aborto – prática recriminada pelas igrejas cristãs, chegou a ser recomendado pela IURD enquanto uma ferramenta de organização e disciplina familiar rumo à prosperidade.

Em 2007, momento em que tramitava o projeto de lei nº 1.135/916⁹⁴, o que garantiria um avanço importante em relação a descriminalização do aborto no país, Edir Macedo concedeu uma entrevista à Folha de S. Paulo, na qual apontou as razões que o levava a ser favorável pela interrupção voluntária da gravidez (TEIXEIRA, 2012).

Entre os motivos, o bispo afirma que mais doloroso do que aborto é presenciar “crianças vivendo nos lixões, sem perspectiva de futuro melhor e comissionadas por traficantes”. Também questiona aos que são contrários ao aborto, o que eles têm feito pelas crianças abandonadas, e finaliza reiterando a compreensão de que o aborto diminuiria a violência no país.

O argumento pró-aborto de Edir Macedo parece estabelecer uma estreita relação entre pobreza e expectativa de vida. O aborto deveria tornar-se uma prática legal cuja finalidade seria gerenciar o nascimento,

⁹⁴ Foi anexado ao texto, o projeto de lei nº 176/95, que trata sobre a descriminalização do aborto por livre opção da gestante até o 90º dia de gravidez e obrigava a rede pública a realizar o procedimento.

consequentemente, diminuir a pobreza, sendo admitido como uma política de planejamento familiar (TEIXEIRA, 2012, p.58).

Em 2021, o site da Universal, na seção “mitos e verdades”, que atua como uma espécie de agências de checagens para desmentir informações divulgadas sobre a igreja, informou que muitos veículos de comunicação estavam circulando “boatos afirmando que o bispo Edir Macedo seria favorável ao aborto de modo indiscriminado” (UNIVERSAL, 2021). Como resposta, a igreja reafirma que:

O Bispo Macedo NÃO defende a prática indiscriminada de aborto. Contudo, ele pondera o fato de milhares de mulheres que são vítimas de estupro, pedofilia, violência doméstica, ou gestação precoce terem de buscar clínicas de aborto clandestinas e, assim, colocar em risco a própria vida. “A fé que eu professo me impede de exaltar a hipocrisia. **O aborto não é a causa do problema, é o efeito. O problema começa antes, na falta de informação, principalmente às camadas financeiramente menos favorecidas; na falta de ações preventivas; nas inúmeras questões sociais que têm levado à destruição de lares e à banalização da família**”, afirmou o líder espiritual da Universal (UNIVERSAL, 2021, grifo meu).

Observa-se que novamente o bispo associa a prática do aborto a uma “política da prosperidade”, que deve pautar todo o planejamento familiar. Na mesma direção, a Folha Universal, no caderno Folha Mulher, tem divulgado informações sobre doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. Analisando as publicações, Teixeira (2012) constata que:

A lógica das reportagens é sempre muito semelhante: começa apresentando inúmero dado sobre a mortalidade feminina resultante da prática clandestina do aborto e o nascimento de filhos não desejados ou planejados é classificado como desastroso. Todo o enredo das reportagens baseia-se na contraposição de exemplos negativos e positivos. Os exemplos negativos são sempre associados a mulheres que, por medo ou por insistência familiar, não realizaram aborto, e que em virtude dessa escolha perderam seus empregos, não estudaram e foram abandonadas por seus maridos ou namorados. Os exemplos positivos, por sua vez, falam de mulheres que, apoiadas por seus parceiros e familiares, realizaram o aborto em clínicas clandestinas de luxo e, meses depois, foram promovidas nas empresas, casaram-se, constituíram família e passaram a se dizer felizes ao lado de seus parceiros (TEIXEIRA, 2012, p.60).

Diante disso, a IURD apresenta a mulher como a escolhida por Deus para decidir o momento mais adequado de aumentar ou não a família. Em 1997, Edir Macedo publicou o livro “Perfil da mulher de Deus”, no qual também defende o papel da mulher para a sustentação e prosperidade familiar, sendo o casamento um necessário rito de passagem. Porém, a maternidade compulsória não é pregada pela igreja, já que enquanto um “suporte” para o homem, se ela obtiver sucesso profissional, ajudará o marido a progredir, beneficiando toda a família (TEIXEIRA,

2012).

O modelo familiar sem filhos facilitaria a dedicação profissional da mulher, bem como seu apoio incondicional ao marido e a seus objetivos e carreira profissional. De alguma forma, ele ajuda no desenho desse modelo de família em que a quantidade de filhos deve diminuir para apenas um, tornando perfeitamente aceitável, inclusive, a escolha por um modelo familiar sem filhos (TEIXEIRA, 2012, p.63).

Observa-se a reafirmação do modelo patriarcal de família, pois o homem é incentivado a trabalhar, gerenciar os recursos. Já a mulher cabe a “edificação” do lar, das pessoas, o exercício do trabalho de cuidado que garante a manutenção dos corpos que servirão de mão de obra para o sistema capitalista (ALTIVO, 2016).

Conforme dito, tanto Edir Macedo como Renato Cardoso declaram ter realizado vasectomia. A prática é incentivada entre os quadros de bispos e pastores. Há declarações do bispo afirmando que a IURD se comprometeria a pagar a cirurgia para suas lideranças (TEIXEIRA, 2012). Centenas de casos chegaram à justiça. Líderes religiosos da Universal denunciaram que foram obrigados a se esterilizar. Segundo relatos, a igreja impunha a realização do procedimento para pastores que desejavam se casar.

Aqueles que se recusavam eram transferidos para templos de menor porte, localizados em regiões mais afastadas das capitais, o que representava uma redução no salário. A IURD nega as declarações, assegurando que são “criminosas”, no entanto, pedidos de indenização não param de chegar, sendo que em alguns deles a condenação já bateu nas portas da igreja⁹⁵ (UOL, 2024).

Pensar o homem como um obstáculo à construção da prosperidade como condição comum, e, conseqüentemente, colocar a vasectomia como princípio ordenador da economia política da prosperidade inverte a ação masculina sobre o mundo, que deixa de ser uma ação reprodutora para se tornar uma ação controladora. Esse controle passa a ser circunscrito em um corpo por um exercício de tomada de consciência de uma natureza que carece de uma intervenção individual. Tais tecnologias reguladoras não paralisam ou alienam a ação dos sujeitos, ao contrário, elas suscitam a produção de um sujeito que se pensa enquanto alguém que possui o controle de si, e que, sob essa justificativa, passa a agir a partir da regra, seja para se sujeitar, seja para resistir (TEIXEIRA, 2022, p.755).

Esta orientação se expande a toda membresia, já que durante os cultos, a

⁹⁵ Em 2024, A Igreja Universal do Reino de Deus foi condenada pela Justiça do Trabalho de São Paulo a pagar uma indenização de R\$ 100 mil por danos morais a um pastor que disse ter sido obrigado a realizar uma cirurgia de vasectomia. M.B.S. começou a trabalhar aos 17 anos, em 2003, para a Igreja Universal onde atuou como pastor e supervisor de produção de televisão. No ano de 2014, segundo disse à Justiça, ao anunciar que iria se casar, a Igreja o obrigou a realizar o procedimento de esterilização (UOL, 2024).

igreja chega a recomendar que, principalmente, as famílias de baixa renda (maior segmento dentro da IURD) elabore um planejamento familiar, o que inclui, a sugestão para não terem filhos, já que estes poderiam levar ao aumento da pobreza comprometendo, assim, a harmonia familiar (TEIXEIRA, 2012).

Contudo, importante destacar que, para a IURD a principal responsável pela organização familiar é a mulher, é ela quem deve gerenciar todos os métodos que conduzam à família ao sucesso.

A produção de tecnologias para o controle do nascimento baseadas num conceito diferenciador das relações de gênero permite que a concepção da prosperidade como condição comum seja acionada mediante a formulação de uma masculinidade que precisa se distanciar da necessidade de geração de uma prole consanguínea, e de uma feminilidade que precisa se distanciar do exercício da maternidade (TEIXEIRA, 2022, p.753).

Logo, este protagonismo no ambiente doméstico e aparente liberdade que é concedida a mulher em relação à vida sexual, não está relacionada ao direito ao próprio corpo, a autonomia, ao contrário disso, representam formas de dominação empregadas pela igreja, que alinhadas a outros ensinamentos visam garantir a prosperidade.

Assim, a IURD fabrica um “ser mulher”, embasado na lógica colonial-patriarcal, que aprende que ela é o centro da vida familiar e como mulher deve saber organizar a casa, realizar trabalhos domésticos, “ser feminina” e dar suporte para o marido. Nas palavras de Cristiane Cardoso:

Acredite: nós não precisamos liderar. Temos outra força, que é a influência. Com ela, podemos conseguir o que quisermos de nossos maridos. Esta influência nada mais é que a submissão feita com inteligência. Lembre-se, o homem já está “vendido” para a mulher. Ele almeja agradá-la. Por isso, o marido pode ser o cabeça, mas a mulher é o pescoço. E se for sábia, ela pode virar a cabeça para onde quiser... É tão assustador que temos que tomar cuidado com esse poder, para não destruímos a nossos maridos e a nós mesmas (CARDOSO, 2011, p.197).

Neste bojo, as meninas também são ensinadas que não devem se guiar pelo romantismo e a emoção. Evidencia-se uma tentativa de racionalização dos afetos e desejos:

Romantismo é uma ideia errada do que é amor. Amor não precisa de flores, chocolates e nenhuma atividade fantasiosa. Amor de verdade é quando um e outro sacrifica suas vontades e gostos para fazer o outro feliz. Relacionamentos incompatíveis pela idade ou sexo. O coração só se importa com o que ele sente aqui e agora. Você pode não estar namorando ou pensando em namorar por agora e isso é ótimo. Mas quando mais cedo você aprender a não deixar o seu coração te dominar, mais chances você terá de um relacionamento que lhe trará a verdadeira felicidade. Algumas dicas: reflita e escreva no seu caderno, quais ideias erradas você tinha

sobre o amor e o namoro. Como você imagina que será uma vida a dois? (GODLLYWOOD SCHOOL. VAÍ UM BOM SENSO AÍ?. UNIVER ENSINO, 2018).

Como pontuado anteriormente, para a IURD há uma evidente associação entre fé e obtenção de melhores condições de vida. Não à toa, entre as décadas de 1980 e 1990, momentos marcados pelo aprofundamento de crises econômicas e vigência de governos de perspectiva neoliberal, a igreja registrou crescimento vertiginoso (CAMPOS, 1999; MARIANO, 2003; LIMA, 2008).

Durante os governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso, o país intensificou a adoção das políticas neoliberais, o que pode ser observado pela desregulamentação dos mercados nacionais, abertura cada vez maior ao capital estrangeiro, incentivo a privatizações, diminuição do financiamento público para as políticas públicas, desmantelamento de direitos sociais, inclusive, trabalhistas, o que gerou grande rechaço do movimento sindical (LEMOS, 2024).

A pregação destinada em especial aos desempregados e excluídos encontrou um grande número de desamparados durante a crise econômica e empregatícia da década de 1990, cujas necessidades humanas e terrenas eram compreendidas e atendidas pela igreja. Os cultos apresentavam a esses fiéis uma nova forma de entender sua relação com Deus, uma interação racional que visava o progresso e o desenvolvimento pessoal e profissional amparada pelo sagrado (ABREU, 2022, p.41).

Enquanto o estado brasileiro realizava uma série de contrarreformas para se alinhar a interesses das elites nacionais e internacionais, vide a maior atuação em solo nacional de agências multilaterais como FMI (Fundo Monetário Internacional) e BM (Banco Mundial), a classe trabalhadora era lançada a incertezas e um mercado de trabalho cada vez mais informal e precarizado (LEMOS, 2024).

Neste contexto, as “soluções” para as dificuldades financeiras vendidas pela igreja atraíram muitas pessoas. Neste período, a Universal ampliou seu número de membros em 25% a cada ano (LIMA, 2008).

Com a população empobrecida e as empresas estranguladas pelo ambiente econômico desfavorável de hiperinflação e recessão, os pastores da IURD prometiam a conquista de um emprego, a promoção profissional, a cura das enfermidades e o fim das dívidas, ou seja, um cardápio que não tardou a seduzir milhares de brasileiros desesperançados (ALMEIDA, 2017, p. 20).

Segundo Lemos (2024) este modelo de administração neoliberal do estado foi mantido mesmo diante de gestões mais progressistas, embora flexibilizado em momentos de prosperidade econômica. Assim, durante seus dois primeiros

mandatos, Lula estabeleceu uma ampla coalização com as classes dominantes, comprometendo-se a dar continuidade às exigências do capital estrangeiro, mesmo com a realização de significativas conquistas sociais.

À vista disso, a ascensão das igrejas pentecostais e neopentecostais no Brasil, a partir nos anos 2000, reflete a intensificação da precarização do trabalho e a adoção de reformas neoliberais, fragilizando o estado e políticas públicas imprescindíveis para a sobrevivência, principalmente, de camadas mais vulnerabilizadas da população (LEMOS, 2024). Entre 2000 e 2010, o crescimento das igrejas seguidoras da Teologia da Prosperidade chegou a ser cinco vezes maior do que o crescimento da população brasileira no mesmo período (MARIANO, 1999; PENA; ZIENTARSKI, 2022).

Não se trata de vincular o crescimento das igrejas neopentecostais apenas ao desmantelamento de políticas públicas no país, mas certamente o avanço de dois projetos concomitantes, a saber: a implantação de governos e políticas neoliberais e a abertura de igrejas neopentecostais é um elemento que deve ser considerado, conforme apontam diversas pesquisas (LIMA, 2008, ABREU, 2022; SANTOS; VILAÇA, 2022).

Isto porque ao mesmo tempo que a Teologia da Prosperidade reproduz a ideologia neoliberal, ela também se sustenta nela, já que valoriza os mesmos preceitos, a saber: individualismo, empreendedorismo, meritocracia, fé (SANTOS; VILAÇA, 2022; LIBÂNIO; 2002).

Enquanto o neoliberalismo deposita sua fé no mercado, na autorregulação e livre iniciativa, as igrejas, de maneira geral, dependem que seus seguidores creiam na existência de uma divindade, de um reino dos céus para onde caminharão após a experiência terrena, se seguirem os valores morais em vida (CASTELLI, 2025). Ao compreender a vida próspera como resultado de um esforço individual e fé inabalável, o diabo torna-se o único responsável por todas as mazelas sociais.

A Teologia da Prosperidade é a sistemática por trás dessa característica, responsável por conectar as exigências do neoliberalismo sobre a classe trabalhadora com o amparo da fé sobrenatural (ALMEIDA, 2017).

Fato é que nas periferias, as igrejas pentecostais e neopentecostais têm assumido um papel importante não apenas no desenvolvimento de atividades assistenciais, mas também na geração de empregos, promoção de atividades culturais, entre outras ações que propiciem a sociabilidade e o senso de

pertencimento coletivo (DIP, 2018).

Há que se investigar o caráter destas atividades de maneira mais aprofundada – o que ultrapassa o escopo desta pesquisa – mas é fundamental ponderar que, frequentemente, nas bordas da sociedade, as denominações religiosas têm levado pulção de vida ao passo que o estado só chega com violência.

4. 1. O EMPREENDEDORISMO DE SI E FEMINILIDADE NEOLIBERAL

O significado do termo “neoliberalismo” tem sido ampliado para além dos planos econômico e político, onde já é muito conhecido. Autores como Foucault (2008), Brown (2019), Dardot e Laval (2016) Safatle, Júnior e Dunker (2018) estudaram o neoliberalismo como uma racionalidade governamental que atravessa e estrutura todas as esferas da vida humana, moldando identidades, comportamentos e formas de existência.

Desde a década de 1990, os estudos que se dedicam a compreender as relações entre os feminismos e o neoliberalismo também têm se aprofundado destacando, sobretudo, a cooptação de tais movimentos que passam a ser despolitizados ao passo que há a exaltação de uma cultura do consumo, do empreendedorismo de si e da meritocracia (MARTINEZ; 2020; FRASER; 2017; DENORA, 2025).

Um dos reflexos é a construção de subjetividades, que pautadas pela racionalidade neoliberal, apostam na autonomia feminina, empoderamento, liberdade de escolha, autoconfiança. Tais reivindicações sob a gramática neoliberal, perdem de vista a dimensão coletiva, as disputas por direitos e justiça, e passam a operar pela ótica estritamente individual, voltada ao consumo, não só de produtos, mas as pessoas e suas experiências também passam a ser “conteúdos consumíveis” (DENORA, 2025).

Numa virada cruel do destino, temo que o movimento pela libertação feminina tenha se enredado perigosamente com os esforços neoliberais de construir uma sociedade de livre mercado. Isto explicaria como pode ser que as ideias feministas, antes parte de uma visão radical de mundo, cada vez mais têm sido expressas em termos individualistas. Se antes feministas criticavam uma sociedade pró-carreirismo, agora aconselham as mulheres a se envolver mais nas carreiras. Um movimento que antes priorizava a solidariedade social e agora celebra empreendedores femininos. Uma perspectiva que antes valorizava o “cuidado” e a interdependência e agora encoraja o crescimento individual e a meritocracia (FRASER, 2017, s.p).

É neste campo que situo o *Godllywood Girls*, haja vista que como apontado através do programa a IURD converte princípios neoliberais em sensores de conduta. Durante as aulas, é notável uma reiterada ênfase para que as meninas tornem-se a “melhor versão” de si mesmas. Foucault (1985) discorre sobre a construção de uma “cultura de si”, marcada pela observação e domínio do corpo. Segundo o autor, já na Grécia Antiga, é possível verificar o estabelecimento de uma série de técnicas ancoradas na medicina, que visavam estabelecer o “cuidado de si”, contribuindo para a construção de processos de subjetivação.

De acordo com Foucault (1985) tais práticas foram reafirmadas pelo cristianismo na medida em que a religião focaliza a autodisciplina, a constante busca por santidade, guiada pela fé e pelos ensinamentos bíblicos, tendo em vista o objetivo de agradar a Deus e se aproximar dele. O “cuidado de si” pode ser verificado na contínua tentativa de viver de acordo com os princípios e valores cristãos.

Pode-se caracterizar brevemente essa “cultura de si” pelo fato de que a arte da existência – a *techne tou biou* sob as suas diferentes formas – nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo”; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática. Mas é necessário precisar: a ideia segundo a qual deve-se aplicar-se a si próprio, ocupar a si mesmo é, de fato, um tema bem antigo na cultura grega (FOUCAULT, 1985, p.49, grifo do autor).

À vista disso, a aula 6ª da 1ª temporada nomeada “Cuidados de uma mocinha” apresenta uma série de dicas de higiene e cuidados com o corpo. A premissa é de que através do cuidado de si será possível notar a “presença de Deus” na vida da menina:

Olha que versículo importante na palavra de Deus: "Porque para Deus somos o bom perfume de Cristo" (2 Coríntios 2:15). Aqui nesse versículo não está falando de um perfume físico que pode ser sentido com o nosso olfato, o nosso nariz. Através de um comportamento correto, todos podem sentir a presença do senhor Jesus em nós. Mas você conseguiria dar ouvidos ou ficar perto de alguém que cheira mal? Que ao abrir a boca tem um hálito muito ruim? Não, né? (GODLLYWOOD SCHOOL. FINANÇAS. UNIVER ENSINO, 2018).

O encontro inicia explicando sobre as mudanças no corpo da menina na passagem da infância para a adolescência. O programa orienta que as meninas devem atentar-se para a escolha do primeiro sutiã a fim de que ele seja “discreto” e não transpareça na blusa. Também instrui sobre higiene bucal, uso de desodorantes, absorventes e dá dicas para aliviar cólicas menstruais.

Temos que nos preocupar de estarmos sempre cheirosinhas, pois é assim que uma mocinha deve se comportar, também devemos cuidar do nosso exterior, que nada mais é do que um reflexo do que está dentro de nós. Outro tipo de beleza é aquele que se manifesta através do sorriso, revelando com muita graça, uma menina de Deus. Lembre-se, a alegria é fruto do Espírito Santo. E que maneira mais linda de demonstrarmos isso através de um belo e saudável sorriso [...] Tomar banho diariamente, mas sem demorar muito, evitando o desperdício de água. Lavar sempre as nossas mãos. Deixar os cabelos sempre bem penteados e limpinhos. E manter as unhas cortadas e limpas, impedindo que as bactérias façam morada no seu corpo (CUIDADOS DE UMA MOCINHA. UNIVER ENSINO, 2018).

Apesar de o programa abordar o ciclo menstrual, dizendo que se trata de um fenômeno natural, que indica que o corpo está saudável, a maior parte dos apontamentos são direcionados para o cuidado que as garotas devem ter para prevenir a gravidez. Esta responsabilidade é colocada apenas para as meninas, a partir de “escolhas certas”:

Iremos falar das várias mudanças que ocorrem no corpo de uma mocinha e os cuidados que cada uma deve ter, para que assim, o senhor Jesus possa ser visto em nós em todos os momentos [...] ou seja, uma vez que a menina começa a menstruar, isso significa que o corpo dela já pode gerar um bebê. Então, muito cuidado, meninas (CUIDADOS DE UMA MOCINHA. UNIVER ENSINO, 2018).

Esta ideia oculta a disseminação de direitos fundamentais como a Lei nº 9.263 de 1996, que trata do planejamento familiar. Entre as determinações, a legislação define que o planejamento familiar compreende um conjunto de ações voltados a regulação da fecundidade, que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento das famílias pela mulher, pelo homem ou pelo casal.

Ainda, o marco estabelece que o SUS (Sistema Único de Saúde) deve fornecer assistência à concepção e contracepção. É dever do Estado, através do Sistema Único de Saúde, em associação com o sistema educacional, promover o acesso a informações que assegurem o livre exercício do planejamento familiar.

Ademais, sob a cultura cristã ocidental, a sexualidade da mulher sempre foi um campo de controle. Na modernidade, discursos religiosos, médicos e jurídicos se alinharam na difusão de preconceitos, que associam características físicas a determinados valores e comportamentos. Tais concepções cunharam uma ideologia que compreende o feminino como inferior, perigoso, desconhecido, diabólico e por isso deve ser dominado (DEL PRIORE, 2020).

Os mistérios da fisiologia feminina, ligados ao ciclo da lua, ao mesmo tempo que seduziam, repugnavam os homens. Eles procuravam um responsável pelo desaparecimento do paraíso terrestre e encontraram: não foi tudo

culpa de Eva? Como não desconfiar de um ser cujo maior perigo consistia num sorriso? Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e traiçoeira, a mulher era acusada pelo outro sexo de ter introduzido sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte (DEL PRIORI, 2020, p.18).

Esta compreensão de que as emoções das mulheres ficam “incontroláveis” durante o período menstrual é ratificada pela IURD durante as aulas da *Godllywood School*:

Muitas mulheres por não conseguirem controlar estas emoções tão afloradas neste período acabam por causar muitos problemas nos relacionamentos, tomando atitudes impensadas as quais se arrependem depois. É difícil controlar nossas emoções nesta época, mas não é impossível. Quer umas dicas? Procure ficar mais quietinha, respire fundo, lembre que essa irritação e emoção é só um período e não vale a pena tomar nenhuma atitude neste estado e acima de tudo use a sua fé, peça ajuda a Deus para que ele ajude a controlar suas emoções e você vai ver como isso é eficaz (CUIDADOS DE UMA MOCINHA. UNIVER ENSINO, 2018).

A 5ª da 2ª temporada estabelece “cuidados com a saúde”. Saliento, contudo, que o entendimento de saúde é apresentado de uma maneira reducionista, focalizando a alimentação e a prática de exercícios sob uma perspectiva estética e utilitarista. A manutenção da saúde é contemplada como um requisito fundamental para o cumprimento de tarefas no dia a dia, ou seja, é uma espécie de investimento para aumentar a produtividade e não como um estímulo para o bem-estar e autocuidado.

A palavra de Deus é bem clara ao dizer que o Senhor Jesus deseja fazer morada dentro de nós. Mas como, Senhor Jesus, poderá morar dentro de nós se estamos doentinhas e com o corpo nada saudável? Manter-se com saúde é fundamental para concluir todos os seus afazeres do dia a dia. Se você não estiver se sentindo bem, não será fácil ir ao colégio e prestar atenção na aula. Bem como passear numa tarde convidativa, participar de atividades em família, ou até descansar quando sua saúde não estiver 100%. Por isso, alguns cuidados básicos são necessários para manter o bom funcionamento do seu organismo (CUIDADOS COM A SAÚDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Assim, a aula inicia apresentando às meninas uma pirâmide, composta pelos grupos alimentares como carboidratos, legumes, verduras, frutas, proteínas, gorduras e doces. Citando exemplos de cada um deles, a palestrante especifica a quantidade e frequência para o consumo. A alimentação é apresentada sob uma ótica proibicionista, tendo em vista o aumento de peso. Importante dizer que durante as aulas, identifiquei somente uma participante que não corresponde ao padrão do corpo-magro.

É perceptível que o discurso propagado durante as aulas é revestido pela gordofobia, que como aponta Jimenez (2022) corresponde a um estigma estrutural, que influencia a forma como as pessoas pensam, como se organizam e como constroem conhecimentos. De acordo com a filósofa, a suposta preocupação com a saúde é uma das principais bases da gordofobia, responsável por reafirmar a patologização do corpo gordo associando a gordura a um sinônimo de doença e, portanto, a incompetência, preguiça, improdutividade.

Muitas meninas têm problemas de saúde porque não sabem comer. Exageram nos chocolates, refrigerantes, frituras, massas, doces e pizzas. Quando essas guloseimas são consumidas diariamente temos problemas de saúde e, principalmente, com a balança. Sabia que o açúcar vira gordura e se armazena nas nossas células? Quanto menos um alimento for natural, mais provável ele virar açúcar no nosso corpo. Portanto, a decisão de cuidar da sua saúde é se alimentar de forma saudável. Que tal levar uma fruta para o lanche da escola ao invés de salgadinho? O seu corpo que é a morada de Deus vai agradecer bastante (CUIDADOS COM A SAÚDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Não basta só saber se alimentar direito, é preciso também praticar exercícios físicos. Nada de ficar horas do seu dia no computador, celular ou até na frente da TV. Aproveite as horas vagas para andar de bicicleta, jogar bola, pular corda, correr, enfim, fazer exercícios se divertindo ao mesmo tempo (CUIDADOS COM A SAÚDE. UNIVER ENSINO, 2018).

E é também muito importante lembrar que até na hora de comer tem que se usar o bom senso. Nada de exagerar na hora de comer, fazer aquele prato e nem ao menos deixar para os outros que estão à sua volta ou passar a vergonha de nem aguentar comer. Por outro lado, ser aquela pessoa que não gosta de nada também não é agradável. Equilíbrio é tudo! Cuidar da saúde e do corpo é um dever (VAI UM BOM SENSO AÍ?. UNIVER ENSINO, 2018).

Giddens (2003) explica que o exercício físico tem como objetivo o treinamento do corpo culminando na “aptidão” que corresponde a capacidade de executar determinadas tarefas:

Ideia e a prática de exercício tiveram origens religiosas, porém converteram-se num tema secular da maioria das organizações disciplinares. O exercício exige participação regular ao longo do tempo e atua sobre partes específicas do corpo. Expressa diretamente o significado do controle do corpo, em relação a outros corpos, o que é essencial para a disciplina como um todo (GIDDENS, 2003, p.178).

A aula 5ª da 1ª temporada intitulada “Uma conversa entre amigas” traz orientações para preparar um café da tarde. A intenção é que as meninas conheçam “opções de lanches fáceis que podem surpreender”. Neste momento, além de receitas, as garotas aprendem a origem do chá da tarde. A IURD parte do hábito inglês para reforçar a importância de que as famílias organizem as suas rotinas

tendo em vista priorizar seus objetivos.

Com base no conceito foucaultiano “*homo oeconomicus*”⁹⁶, Brown (2019) e Dardot e Laval (2016) argumentam que sob o neoliberalismo, os sujeitos são convertidos em “empreendedores de si”, sendo o seu próprio capital e fonte de rendimentos. Sob esta ótica, os indivíduos são os únicos responsáveis por seu fracasso ou sucesso e cada aspecto da vida é medido em termos de eficácia e produtividade. A vida torna-se um constante projeto, um vir a ser, no qual os sujeitos devem trabalhar arduamente, se aperfeiçoando e investindo todo seu tempo e esforço em uma promessa de realização pessoal.

Construção de uma nova subjetividade, o que chamamos de “subjetivação contábil e financeira”, que nada mais é do que a forma mais bem-acabada da subjetivação capitalista. Trata-se, na verdade, de produzir uma relação do sujeito individual com ele mesmo que seja homóloga à relação do capital com ele mesmo ou, mais precisamente, uma relação do sujeito com ele mesmo como um “capital humano” que deve crescer indefinidamente, isto é, um valor que deve valorizar-se cada vez mais (DARDOT; LAVAL, 2016, p.31).

Sob a racionalidade neoliberal, a busca por justiça, o incentivo à participação popular em lutas que visem garantir melhores condições de vida para além das classes dominantes perdem espaço para uma gestão tecnocrática de estado, das famílias e dos próprios indivíduos, que passam a adotar técnicas de autogestão que maximizem o seu valor no mercado (DANORA, 2025).

Esse modo de subjetivação ou “governamentalidade” neoliberal como sugere Foucault (2008), também adota a competição como norma de conduta. Isto quer dizer, que os indivíduos se concebem e agem como concorrentes em todos os campos da vida, não apenas no mercado de trabalho. Há uma corrida invisível que permeia todas as relações, inclusive, as afetivas, e que busca reconhecer não apenas quem chega primeiro, mas também quem apresenta uma alta performance rumo ao suposto sucesso. É o que reafirma o seguinte trecho da aula 7ª aula da 1ª temporada:

Especialize-se para ser perito naquilo que fizer. Acordar cedo para estudar, se dedicar aos estudos na escola e em casa. Ter disciplina para os horários seja para o entretenimento e descanso, mas também para a pontualidade dos compromissos. Não perder o foco daquilo que deseja. Se alimentar adequadamente para manter a sua saúde em dia, enfim, é um conjunto de ordens que faz a diferença em sua formação. Quando aliamos a nossa

⁹⁶ Foucault (2008) o descreve como um sujeito que se comporta como empresário de si mesmo, investindo suas habilidades e competências como capital em busca de lucro. Esse indivíduo não é apenas um trabalhador, mas um capital humano, constantemente avaliando e gerenciando sua própria vida como um empreendimento.

capacidade de raciocinar com a fé em Deus, certamente alcançaremos coisas muito grandes. O nosso bom desempenho em tudo o honra (GODLLYWOOD SCHOOL. FINANÇAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Na 8ª aula da 1ª temporada, a IURD parte de Provérbios 31:27 para assegurar às garotas que a “mulher virtuosa”, figura na qual elas devem se espelhar: “está atenta ao andamento da casa e não come o pão da preguiça”. A aula mescla instruções sobre como lavar e passar de roupas, pregar botões a busca por resultados e a “postura de uma jovem corajosa”, que sempre deve espalhar palavras de conforto e construir uma “boa imagem” de si mesma:

Sabemos que, na maioria dos casos, você não é a responsável pela sua casa, e sim sua mãe, não é mesmo? Por isso, dá uma preguicinha de fazer certas coisas, não é? Mas não custa nada, de vez em quando, ajudar sua mãe nesses afazeres, já que o resultado deles fala tanto sobre nós (GODLLYWOOD SCHOOL. A POSTURA DE UMA JOVEM CORAJOSA. UNIVER ENSINO, 2018).

As palavras de uma jovem que teme a Deus são sempre doces, animadoras e levam alegria, pois jamais são agressivas ou causam dor e angústia em alguém. Isso porque ela obedece e representa a Deus diante das demais pessoas. Da mesma forma, ao ouvir uma palavra de ofensa, devemos nos lembrar do quanto somos únicas, belas e gigantes dentro de nós, para que o que ouvimos não nos entristeça ou nos influencie em nossas atitudes (GODLLYWOOD SCHOOL. A POSTURA DE UMA JOVEM CORAJOSA. UNIVER ENSINO, 2018).

Essas tarefas feitas com cuidado e carinho ajuda a relevar mais do cuidado que temos conosco. Quando você vê uma pessoa com uma roupa toda suja e amassada, o que você pensa? Ela não sabe passar roupa, é relaxada, preguiçosa, não tem um ferro de passar (GODLLYWOOD SCHOOL. A POSTURA DE UMA JOVEM CORAJOSA. UNIVER ENSINO, 2018).

A 9ª aula da 1ª temporada também estabelece às meninas a função de serem “boas influências”. A igreja apresenta uma metáfora do chuchu e do jiló às meninas. De acordo com a IURD, as meninas não deveriam ser como o chuchu que é facilmente “influenciável”, uma vez que, em contato com outros alimentos, acaba incorporando novos sabores. Ao contrário disso, elas deveriam ser como jiló, que é “influenciador”.

Frente a isso, elas devem ser “influências positivas” em mais um aceno a linguagem corporativa e racionalidade neoliberal que evoca o otimismo e a positividade mesmo diante de um contexto marcado por profunda precarização das condições de vida:

Quando somos fortes como o jiló, a ponto de não sermos influenciadas por outras pessoas, mostramos para o mundo e para Deus que somos corajosas de lutar pelo que acreditamos e, assim, somos nós que passamos a influenciar de modo positivo, a ponto de as pessoas à nossa volta se tornarem melhores. Quando agimos assim, nossa fé se fortalece e seremos

capazes de enfrentar qualquer obstáculo, pois estamos sempre colhendo o lado bom, o lado da fé, que é uma vida de obediência à palavra de Deus. Sendo assim, não há o que temer. É Deus quem vai à frente de nós e no fim vai mostrar que valeu a pena se fazer firme no que acreditamos (GODLLYWOOD SCHOOL. A POSTURA DE UMA JOVEM CORAJOSA. UNIVER ENSINO, 2018).

Tais discursos emitidos pela IURD partem de um cenário mais amplo. As contrarreformas que se sucederam após o golpe contra a presidenta Dilma, foram acompanhadas da expansão de um discurso de responsabilização individual, ancorado em uma “indústria do aconselhamento”, percebida em cursos de mentoria, desenvolvimento pessoal, coaches que inundaram as campanhas políticas e chegaram às igrejas (RODRIGUES, 2022).

Ademais, observo que a tentativa de estabelecer parâmetros para as condutas das meninas a fim de que elas se tornem “a melhor versão” de si mesmas, amparada na lógica de resultados, também adentra o mundo digital. A 3ª aula da 1ª temporada nomeada “Comportamento, redes sociais e abuso” parte da seguinte passagem bíblica “todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm” para discutir os “perigos com a internet”.

Neste momento, a IURD apresenta como primeira preocupação as formas como as meninas poderão ser vistas por terceiros ao acessar e publicar determinados conteúdos nas redes sociais. O controle pode ser notado na medida em que busca definir princípios que orientem os modos que elas interagem e ocupam as plataformas focado - mais uma vez - na autovigilância: “você deve prestar atenção é sobre o que curte nas redes sociais. Se você curte algo, está concordando” (GODLLYWOOD SCHOOL. COMPORTAMENTO, REDES SOCIAIS E ABUSO. UNIVER ENSINO, 2018).

Não é porque todo mundo está fazendo algo que devo fazer também. Devo usar a minha inteligência e analisar se a minha atitude está de fato refletindo a imagem que quero passar a meu respeito. A jovem de Deus sabe ser discreta e é sempre cautelosa no falar e no agir. Ela não deve se deixar influenciar pelos costumes errados deste mundo e se diferencia pelo seu comportamento, seu modo de se vestir e de falar (GODLLYWOOD SCHOOL. COMPORTAMENTO, REDES SOCIAIS E ABUSO. UNIVER ENSINO, 2018).

Ao longo do encontro, uma das principais observações é sobre as “poses” que as garotas utilizam nas fotos. Segundo a igreja, “as poses podem dizer muito sobre nós” e por isso é necessário ter cautela em como os comportamentos serão interpretados. Logo, as imagens que devem ser rechaçadas pelas meninas são

aquelas que possam transmitir “rebeldia”, entre outras posturas que denotem uma suposta falta de feminilidade. Novamente, torna-se perceptível a ênfase a um ideário de feminilidade calçado em papéis tradicionais de gênero:

Às vezes, você tira selfies e não sabe o significado destas poses tão comuns nas redes sociais. As meninas das fotos podem até serem meigas, mas com estes gestos se mostram emburradas e chatas. Muitas querem passar uma imagem de rebeldia e ainda tem aquelas que seguem, imitando tudo que as outras fazem (GODLLYWOOD SCHOOL. COMPORTAMENTO, REDES SOCIAIS E ABUSO. UNIVER ENSINO, 2018).

São muitos os gestos e as poses que transmitem más interpretações, como, por exemplo, fotos com roupas inadequadas. Nunca use roupas curtas demais, apertadas e decotadas, mas sempre adequadas à moda para a sua idade e o seu tipo físico (GODLLYWOOD SCHOOL. COMPORTAMENTO, REDES SOCIAIS E ABUSO. UNIVER ENSINO, 2018).

A aula também menciona as consequências da superexposição e necessidade de adotar protocolos que visem a autopreservação como adicionar às redes sociais apenas conhecidos. Porém, o alerta vem acompanhado de uma responsabilização da menina para que ela se resguarde e, então, se mantenha segura. Esta compreensão reproduz uma visão reducionista das violências de gênero, uma vez que não expõe e, conseqüentemente, não combate as raízes das opressões, perpetuando a subordinação de mulheres:

Você precisa entender que no mundo existem pessoas boas e pessoas ruins. Às vezes, é possível perceber quando a pessoa é boa ou não, mas também podemos nos enganar. Infelizmente, o mal também existe e você precisa aprender a ver quando ele está por perto para se proteger. Hoje em dia, um dos lugares mais perigosos é a internet e as redes sociais, esse perigo se torna real e imediato se você usar essa moderna ferramenta de forma indevida. Às vezes, sem você perceber, você recebe a mensagem de alguém desconhecido que por seu perfil aparenta ser um menino educado, bonzinho, que só está procurando pessoas legais para conversar e fazer amizades, mas se você nunca viu esta pessoa porque aceitar falar com ela? Parece uma bobagem, não é? É aqui que muitas vezes, meninas como você, cometem um erro que pode trazer conseqüências muito graves (GODLLYWOOD SCHOOL. COMPORTAMENTO, REDES SOCIAIS E ABUSO. UNIVER ENSINO, 2018).

A principal recomendação às meninas é que elas deixem o celular e as senhas de acesso às redes sociais a disposição dos pais. “Sempre deixe os seus pais olharem suas redes sociais, eles devem ter acesso a todas as senhas, pois certamente saberão lhe orientar sobre os perigos e pessoas estranhas” (GODLLYWOOD SCHOOL. COMPORTAMENTO, REDES SOCIAIS E ABUSO. UNIVER ENSINO, 2018).

De maneira geral, no que diz respeito ao relacionamento com os pais, a

palestrante afirma que os pais devem saber tudo que a “menina fez e o que está pensando em fazer”. De acordo com o programa esconder quaisquer atitudes dos pais – de conversas com amigos a notas baixas – pode trazer consequências muito graves para a vida das meninas, incluindo, a insegurança em si mesma, o que irá lhe atrapalhar a alcançar os seus objetivos:

Esconder os segredos, especialmente, de nossos pais, não traz nada de bom para nós. O certo é assumir o erro, contar para os pais, pois só confessando temos as chances de receber o perdão deles e não quebrar a confiança. Errar não é problema, mas permanecer no erro e ter consequências muito ruins. É muito importante que os pais saibam da sua vida, o que você fez e está pensando em fazer. Os pais têm mais experiência do que o filho e a filha. Desta forma, saberão orientar se o que desejam lhe será bom ou não. Além disso, a opinião deles é muito importante, pois ao querer o que é melhor para os filhos, vão saber lhe dar uma direção de como agir (GODLLYWOOD SCHOOL. SEGREDO DOS PAIS E ORGANIZAÇÃO DO TEMPO. UNIVER ENSINO, 2018).

O problema é quando a atitude de esconder as coisas dos pais vira um hábito. Muitas vezes, por hábito, essa menina esconde coisas dos pais, mesmo sem estar fazendo nada de errado. Por exemplo, esconde as conversas no celular, mesmo que seja uma simples conversa com a amiga, esconde objetos que ganhou de alguém, tem medo de falar algo que aconteceu no colégio, esconde a nota baixa para que a mãe não saiba. Mas se ela não está fazendo nada de errado, por que o medo? Porque acredita que levará bronca por qualquer coisa que fizer. E por conta disso, criou o péssimo hábito de esconder tudo ou quase tudo. Quando isso acontece, a menina se torna insegura, pois desconfia de tudo. E a consequência para seu futuro é muito ruim, pois uma pessoa insegura não alcança seus objetivos (GODLLYWOOD SCHOOL. SEGREDO DOS PAIS E ORGANIZAÇÃO DO TEMPO. UNIVER ENSINO, 2018).

Algo muito importante para se lembrar é um versículo na palavra de Deus que diz que não há nada em oculto que não venha a ser revelado e um ditado popular que diz que mentira tem perna curta, ou seja, uma hora ou outra a verdade virá à tona. Será que vale a pena perder a confiança de nossos pais? Deus também pode ver todas as nossas atitudes e vai nos abençoar de acordo com a nossa fé, ou seja, a nossa obediência (GODLLYWOOD SCHOOL. SEGREDO DOS PAIS E ORGANIZAÇÃO DO TEMPO. UNIVER ENSINO, 2018).

O aconselhamento, contudo, desconsidera um elemento fundamental do combate ao abuso infantil: a maioria dos casos ocorre dentro das casas e é cometida por familiares e conhecidos das vítimas. Dados da 19ª Edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, demonstram que os crimes de estupro no Brasil bateram recorde no último ano, atingindo uma vítima a cada seis minutos (FBSP, 2024).

O país registrou 87.545 vítimas de estupro e estupro de vulnerável em 2024, o que representa o maior número da série histórica iniciada em 2011, e aponta um crescimento de 0,9% em relação a 2023. O perfil das vítimas de estupro em 2024

revela que a maior parte dos crimes foi classificada como estupro de vulnerável, já que as vítimas mais frequentes são menores de 14 anos (76,8%) (FBSP, 2024).

O levantamento também indica que a violência sexual é um crime majoritariamente intrafamiliar. De acordo com o estudo, 65,7% dos estupros registrados ocorreram na residência da vítima. A análise dos agressores mostra que 45,5% eram familiares (FBSP, 2024).

À vista disso, como descortinado por Butler (2024) esta linha de pensamento muito propagada por grupos religiosos conservadores que estabelece o combate ao abuso infantil como uma tarefa restrita às famílias, não chegando às escolas, “esquece convenientemente” da longa história de violências cometidas por lideranças religiosas.

Acusar de abuso infantil quem leciona educação sexual é projetar os males cometidos pela igreja sobre pessoas que estão tentando ensinar como o sexo funciona, porque o consentimento é importante e quais percursos existem tanto para o gênero como para a sexualidade. Essa externalização dos males é apenas um exemplo de como o fantasma do gênero atua (BUTLER, 2024, p.10).

A ênfase à ambição e a lógica de tornar-se “diferente” das demais meninas – compreendidas como aquelas que não integram o universo iurdiano também é partilhada durante as aulas:

A menina vai se diminuindo em seus próprios pensamentos, e pensa que não tem capacidade de conquistar e nem de alcançar algo maior. Sabe por quê? Ela cresce no seu corpo, mas seus pensamentos ficam estacionados. E sabe o que é pior nisso tudo? Se esse pensamento de insegurança não for arrancado de seu coração, certamente ela irá crescer e se tornar uma adulta insegura, cheia de medos, de complexos, de temores. Por isso, a primeira coisa que se deve fazer é reconhecer que é insegura. Depois, querer mudar essa situação. Ela precisa estar firme nesse propósito, passando por cima de qualquer sentimento contrário. Você não precisa e nem deve ser igual às outras meninas. Seja você mesma. Ser diferente é muito bom, porque você se torna única. Mas essa diferença que identifica você como única é o resultado da sua fé firme e definida em Deus. Vamos mudar seus pensamentos? Quando mudamos os pensamentos, mudamos nossa vida (GODLLYWOOD SCHOOL. DE ONDE VEM A INSEGURANÇA. UNIVER ENSINO, 2025).

O programa também estabelece um conjunto de regras que as meninas devem observar na hora de escolherem suas roupas. Na 3ª aula da 2ª temporada são listados cinco biotipos (ampulheta, retângulo, triângulo invertido, triângulo, oval) e as respectivas peças que mais se “adequam” aos diferentes formatos de corpo. As roupas também são apresentadas no sentido de “esconder” características que não remetam ao “padrão feminino”:

Se a área dos ombros e do peito for mais larga do que a parte inferior do seu corpo, este é o seu tipo. Para criar a ilusão de ombros mais estreitos e o quadril um pouco mais largo, aposte em estampas ou cores claras na parte inferior. Vestidos com alças, saias evasê ou rodadas, peças mais justas na parte superior do corpo e mais soltinhas embaixo (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, POSTURA E MODOS. UNIVER ENSINO, 2018).

A Universal chegou a criar um “Manual de estilo para garotas”. O exemplar foi escrito pela professora da Godllywood School, Aline Munhoz e foi lançado em 2018 pela Unipro (editora da Universal) com a intenção de ajudar as meninas a:

Verificar se o seu look combina com seu tipo físico e com a imagem que você deseja que as pessoas tenham a seu respeito. Na prática, o que você deve ter em mente é que tudo o que expomos do lado de fora, deve refletir o que temos em nosso interior (UNIVERSAL, 2019).

O livro apresenta diferenças entre os estilos “romântico”, “clássico”, “moderno” e “esportivo” e pode ser adquirido por R\$ 19,90 na Arca Center (loja da Universal), mas também pode ser encontrado em outras revendedoras seculares por valor similar, ou seja, mesmo meninas que não frequentem o programa podem acompanhar os materiais oferecidos pela *Godllywood School*. De maneira geral, as meninas são orientadas a escolher roupas largas, cumpridas, “sem exibicionismo do corpo”:

A mulher que respeita a Deus não precisa se vestir de forma sem graça, feia ou simples demais. Afinal de contas, será que o nosso Deus é assim? Claro que não. Ele é lindo, maravilhoso, cheio de vida e alegria. É só dar uma olhada à sua volta e você verá que ele teve todo cuidado de fazer a sua criação cheia de cor, com detalhes, com capricho. Então, nada mais justo do que nós, que somos a criação mais bela dele, nos vestirmos de maneira bonita, transmitindo alegria, beleza e principalmente a nossa feminilidade (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, POSTURA E MODOS. UNIVER ENSINO, 2018).

Isso significa que a mulher deve se vestir com decência, sem exibicionismo do corpo, sem ser sexy, mas sim bonita e elegante. E saiba que dentro dessa decência você pode se vestir com os mais variados looks. Basta saber que roupas favorecem o seu formato de corpo (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, POSTURA E MODOS. UNIVER ENSINO, 2018).

Além de orientar a escolha de roupas, a aula fixa comportamentos que devem ser evitados pelas meninas para que resguardem a “feminilidade” como andar devagar, ter sempre um sorriso a oferecer, adotar gestos delicados e usar esmaltes discretos:

Do que adianta se vestir bem se você se comporta, anda, senta ou gesticula de maneira impropria, afobada ou desastrada? existem comportamentos que devemos evitar. Não sentar com as pernas abertas, ou não ter cuidado ao se abaixar ou se posicionar quando estiver usando saia. E toda vez que precisar se abaixar, faça isso de forma delicada e segura. Não coloque o dedo no nariz. Além de ser algo anti-higiênico, não fica bem para uma

menina graciosa. Outra coisa que vocês não devem fazer é roer as unhas. Elas devem estar sempre bem cortadas, não muito compridas, e uma pequena base ou um esmalte discreto já fazem toda a diferença. Após comer algo em público, não lamba os dedos. Jamais boceje sem tapar a boca. É muito feio e demonstra falta de respeito e educação. Portanto, coloque sempre as mãos na frente da boca ao bocejar. E por último, não brinque com o chiclete. Além de ser anti-higiênico, não combina nada com a sua feminilidade (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, POSTURA E MODOS. UNIVER ENSINO, 2018).

Meninas como você não devem pintar as suas unhas com cores muito escuras, se deve evitar esmaltes pretos, pois eles são sempre associados à rebeldia. Se quiser passar um esmalte, pense em cores femininas como rosa, pink, branquinho, nude e tons semelhantes, pois além de serem cores femininas, nos deixam super estilosas e lindas (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, UMA BELEZA QUE SE APRENDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Inúmeras vezes vemos situações de mulheres lindíssimas que acertam em cheio em sua roupa, cabelo, maquiagem, mas seu comportamento acaba com o seu visual. Ela fala alto demais, ri alto demais, fala na hora errada, faz escândalo, faz vexame. Por outro lado, tem aquelas mulheres que são tão tímidas que também se tornam desagradáveis. Não são capazes de expressar uma opinião, falam baixo demais, acabam por nos constranger, pois não conseguem ser simpáticas. Por essa razão, o bom senso e equilíbrio devem sempre ser os nossos melhores amigos em várias situações de nossas vidas (GODLLYWOOD SCHOOL. VAI UM BOM SENSO AÍ?. UNIVER ENSINO, 2018).

De acordo com a IURD, o uso da maquiagem, acessórios e penteados também deve seguir o mesmo padrão: discrição.

A menina que é bela de dentro para fora é de uma beleza única e que não precisa de muito para ressaltar sua graciosidade, mas também deve observar a forma de se maquiar, de arrumar seus cabelos e como se vestir. A Bíblia nos ensina que a mulher pode ser muito linda, porém, se ela não tiver descrição, essa beleza pode se transformar em algo feio. É possível estarmos sempre belas e apresentáveis, mas sem exageros. O uso da maquiagem deve ressaltar a nossa beleza e não tentar criar outra pessoa, pois nem tudo combina com todas as fases da nossa vida. Usar maquiagem inadequada para a sua idade e para isso temos que ter muita atenção (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, UMA BELEZA QUE SE APRENDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Completamente, o programa também apresenta estilos que devem ser evitados pelas garotas. O primeiro deles é o “punk”, por estar associado a tudo que é “contra a paz, o tradicional ou o conservador”. A IURD diz às meninas que se seguirem estas atitudes as pessoas as quais elas amam podem se afastar delas, ou seja, há uma vinculação do afeto a exclusiva performatividade de uma feminilidade hegemônica, assentada em papéis e expectativas tradicionais de gênero:

Você vê uma menina punk na escola e pensa assim: "Olha, a menina usa cabelo rosa, tem aquela calça vermelha rasgada, com um estilo mais diferente, também vou usar isso." Mas cuidado, isso não é simplesmente questão de gosto. Será que você quer ser associada ao que esse estilo de

roupa representa? Você gostaria de passar uma imagem de alguém que é contra a paz, por exemplo? Muitas meninas começam a aderir a esse estilo, pois acham que ninguém presta atenção nelas, então precisam chamar a atenção de alguma forma (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, UMA BELEZA QUE SE APRENDE. UNIVER ENSINO, 2018).

O segundo estilo que as garotas devem se afastar, segundo a igreja, é o “emo ou gótico” por denotar tristeza, melancolia e introspeção. Primordial destacar que durante as aulas há uma banalização de transtornos mentais como a depressão, cuja superação é atrelada somente a Deus, não há qualquer menção a importância de buscar apoio de profissionais seja da área da psiquiatria ou psicologia.

Esta negligência torna-se ainda mais preocupante considerando que o adoecimento mental tem aumentado entre adolescentes. Segundo dados da Unicef, quase 16 milhões de jovens entre 10 e 19 anos têm algum transtorno mental, o que equivale a 15% das pessoas desta faixa etária.

Será que vale a pena se enquadrar em um estilo que cultua a tristeza e a pena de si mesmo? A pessoa que adere a esse estilo vai carregando a tristeza de coisas que aconteceram na história dela, às vezes na infância ou em situações do dia a dia. Ela vai se alimentando dessa tristeza, vai se tornando depressiva, as músicas que ouve são tristes e pesadas. E a tristeza vem porque elas deixam as pessoas ditarem ou se envolverem em tudo em suas vidas. Elas, como uma esponja, absorvem tudo o que dizem de ruim a elas. E não conseguem mais acreditar nas pessoas que realmente se preocupam com elas ou absorver as coisas boas que elevam a sua autoestima. Nutrir a tristeza e pesar por acontecimentos tristes que acontecem em nossas vidas não nos ajudam em nada e, de fato, podem nos levar a consequências gravíssimas que muitas vezes não têm volta. Atitudes assim só nos afastam da felicidade que no fundo queremos ter dentro de nós. Então, é importante rejeitar ao invés de nutrir pensamentos e sentimentos desse tipo. E Deus é quem vai lhe dar forças e direção para que você possa vencer essa tristeza (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, UMA BELEZA QUE SE APRENDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Toda vez que vocês se sentirem tristes ou notarem que estão fazendo coisas para chamar a atenção, ou para serem notadas, coloquem essas suas ansiedades e problemas nas mãos de Deus, através de uma oração sincera, e recebam a felicidade que Ele pode e quer dar a vocês, sempre (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, UMA BELEZA QUE SE APRENDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Significa que quem não se valoriza não alcança coisas grandes. Sabe por quê? Porque ela se contenta com o pouco, com o ruim, com o resto. Ela acredita ser um zero à esquerda, e que não tem direito de conquistar, e tampouco tem capacidade para isso. Quando a jovem compreende o seu valor, ela deixa de seguir a modinha do mundo. Não precisa se tatuar para sentir-se diferente, não precisa mentir, muito menos beber ou usar drogas que fazem mal à saúde, e muito menos se vestir indecentemente, ou imitar a rebeldia dos artistas. Sabe por quê? Ela não está mais perdida ou tendo que provar algo aos outros para entrar na turminha. E suas decisões são racionais, por isso, não depende dos outros para se sentir feliz (GODLLYWOOD SCHOOL. UM VALOR INESTIMÁVEL. UNIVER ENSINO, 2018).

Outro estilo que deve ser combatido pelas meninas, segundo a IURD, é o “piriguete”. Segundo a igreja, a “piriguete” gosta de chamar atenção e ser aplaudida por homens e meninos, além de provocar o ciúme, inveja e desprezo das demais mulheres.

Não medem esforços para mostrar o corpo, exagerar na maquiagem e conquistar os olhares de qualquer homem, independentemente da idade. E como ela se comporta? O alvo da piriguete é chamar a atenção, especialmente para o seu corpo. Tudo que é exagerado com relação à aparência dela é o que ela gosta de usar ou fazer. Ela normalmente usa roupas extremamente curtas e que marcam o corpo, decotes profundos, maquiagem exagerada, tem um comportamento escandaloso de falar alto, ficar bêbada, causar brigas com outras pessoas, entre outras coisas (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, UMA BELEZA QUE SE APRENDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Ainda, sobre as tentativas de moldar os comportamentos das meninas, o programa *Godllywood Girls* chama atenção para o vocabulário empregado por elas. Uma das principais diretrizes é não empregar gírias, pois estas “retiram toda a graciosidade da menina”. Além disso, deve-se adequar o tom da voz para que ele seja “equilibrado”.

O emprego de gírias é interpretado, segundo o programa, como uma falta de um vocabulário diverso. Além disso, de acordo com a IURD, a utilização de tais expressões sinaliza o ambiente em que ela vive, a sua personalidade e perfis de amizade.

Da mesma forma que o uso contínuo da internet faz você incorporar gírias e outros vícios de linguagem. Hoje em dia, é muito comum você ouvir pessoas usando gírias como “tipo assim”, “saquei”, “só que não”, “irado”, “nossa, meu” e muitas outras que são inventadas todos os dias e caem na boca do povo como se fossem palavras formais. Agora, você sabia que o vício de linguagem ou gírias dizem muito sobre você? Revelam quem são as suas amigas, o meio em que você vive, muito sobre a sua personalidade e determinam até o seu nível de vocabulário. Muitas vezes usam gírias porque não tem um vocabulário vasto que as permite se expressar de forma clara e direta e, então, se ve na obrigação de usar gírias, pois não encontra outras palavras para substituir. Será que o que eu digo combina com o que eu sou ou com a imagem que quero passar ao meu respeito? (GODLLYWOOD SCHOOL. VIVENDO NO MUNDO VIRTUAL E DAS GÍRIAS. UNIVER ENSINO, 2018).

A nossa maneira de falar também diz muito sobre quem somos. As gírias retiram a graciosidade de uma menina, pois muitas vezes, o que ela aparenta não condiz com o que ela fala. Alterar o nosso tom de voz quando conversamos seja para um tom mais alto ou muito baixo também não é bom, devemos ser equilibradas. A boa educação é vista em todos os detalhes e isso palavrinhas mágicas como ‘sim senhor e sim senhora’ para os mais velhos, ‘desculpe’ e ‘obrigada’. O uso de palavões também é recriminado pelo programa, pois retiraria toda a “beleza” da menina (GODLLYWOOD SCHOOL. VIVENDO NO MUNDO VIRTUAL E DAS GÍRIAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Se você vê uma moça linda entrando em um lugar e de repente começa a falar palavrões, fala alto demais, trata mal as pessoas, imediatamente, toda aquela beleza que havia do lado de fora não consegue mais ser vista e tudo que conseguimos enxergar é a feiura que sai de dentro dela. A beleza interior vem de um coração que procura agradar e fazer a vontade de Deus (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, UMA BELEZA QUE SE APRENDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Algumas inquietações surgem deste entendimento divulgado pela igreja acerca do uso de gírias e da linguagem de maneira geral. O primeiro deles é uma tentativa de homogeneizar as juventudes, negligenciando a diversidade pulsante das culturas juvenis, que possuem diferentes práticas, valores e linguagens compartilhadas por jovens em múltiplos contextos (PAIS, 2003). Logo, é questionável pressupor que o uso de gírias signifique “falta de conhecimento”.

Não obstante, conforme argumenta Grada Kilomba (2019) a linguagem é um campo de poder, moldado pelo colonialismo, no qual certas identidades são silenciadas. Isto quer dizer que, a linguagem não é neutra e carrega estruturas coloniais que definem quem pode falar. Para a autora, a linguagem enquanto um campo de batalha, molda identidades, normaliza violências e invisibiliza experiências.

No Brasil, o português foi imposto como língua oficial em documentos, para a administração e educação nas colônias enquanto línguas nativas foram duramente reprimidas. Durante o período colonial, os jesuítas utilizaram a linguagem como ferramenta fundamental para a catequização dos povos indígenas no Brasil, ou seja, a linguagem foi um dos instrumentos para a imposição da fé cristã e cultura europeia.

A língua por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma entidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana (KILOMBA, 2019, p.14).

Mais recentemente, a linguagem também virou um objeto de disputa entre grupos conservadores. Ao tensionar a universalidade da linguagem, ancorada em termos masculinos, a neolinguagem (ou linguagem inclusiva) mobilizou parlamentares e instituições religiosas, entre outros segmentos, amplificando as bases de uma retórica antigênero (RODRIGUES, BREVILHERI, NALLI, 2022).

Assim, ao referendar apenas a norma culta da linguagem, a IURD novamente reafirma seu posicionamento neste campo conservador mais amplo, que também

usa a linguagem como um instrumento de exclusão.

Ainda, as garotas são incentivadas a cultivar uma “beleza interior” que, segundo a igreja, vem de um coração que procura agradar e fazer a vontade de Deus. De acordo com a IURD, a “beleza interior” poderá ser apreendida através dos comportamentos que as garotas adotam. Contudo, as posturas que demonstrariam beleza, segundo o programa, são as que transmitem passividade, docilidade e apaziguamento:

Se mentimos, se somos rudes ou mal-humoradas, desrespeitamos as pessoas, somos mal-educadas, se guardamos mágoas contra outras pessoas, se somos indiscretas, se somos tristes e depressivas, tudo isso cancela a beleza que temos do lado de fora [...] sempre invista mais na sua beleza interior do que na sua beleza exterior. E a beleza interior vem de um coração que procura agradar e fazer a vontade de Deus. Outra coisa muito importante que todas nós devemos ter em mente é que temos que ser bonitas, e não sexy. Hoje em dia, muitas mulheres se vestem de maneira inapropriada, explorando seu corpo de tal maneira que deixam de ser valiosas (GODLLYWOOD SCHOOL. UMA BELEZA QUE SE APRENDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Reiteradamente a IURD argumenta que as meninas devem cultivar o “bom senso” seja na hora de se vestir, nas maquiagens, comportamento, escolha de amizades, hobbies. Esta disciplinarização do corpo e dos imaginários das garotas tem como finalidade a construção da “mulher virtuosa”, que corresponde a um ideário de feminilidade conservadora, assentado na performatividade de papéis tradicionais de gênero e em racionalidade neoliberal:

É incrível como a palavra de Deus é atual, não é mesmo? Foi escrita há muitos anos, mas é tão prática nos dias de hoje. É isso mesmo, bom senso tem tudo a ver com equilíbrio e sensatez. Veja no dicionário o significado da expressão “bom senso”. É a capacidade de quem toma decisões de maneira sensata, de quem age de forma ponderada e equilibrada. Forma de agir e se comportar que não é afetada pelas paixões, pautada na razão e no equilíbrio, de acordo com os padrões e a moral de uma determinada cultura. O bom senso é ser sensata, equilibrada, principalmente na hora de tomar decisões em sua vida. E na verdade, o bom senso é o que difere um ser humano do outro. Uns usam mais, outros menos. E por isso têm resultados diferentes em suas vidas. Enquanto os que usam são mais felizes, os que poucos usam sempre acabam se encrencando (GODLLYWOOD SCHOOL. VAI UM BOM SENSO AÍ? UNIVER ENSINO, 2018).

Nós percebemos que o bom senso está totalmente ligado à fé inteligente, pois nós dois usamos mais a razão, a inteligência e analisamos se aquela atitude convém ou não antes de tomá-la. Essas são atitudes de uma menina e mulher que se importam em passar uma boa imagem de si mesmas, até porque essa imagem reflete a imagem de seu criador. O equilíbrio é a chave para que possamos encontrar a medida certa de atitudes, comportamentos, ideias e relacionamentos (GODLLYWOOD SCHOOL. VAI UM BOM SENSO AÍ? UNIVER ENSINO, 2018).

Tem também outra coisa que exige bom senso: o jeito que nos vestimos e cuidamos de nosso visual. Sua amiga, ou a sua artista favorita, vestiu uma roupa que você achou que ficou super bem nela. Aí, você, que tem o corpo super diferente da sua amiga ou da sua artista favorita, tenta usar o mesmo look. Será que vai ficar bom? Nem tudo que é bonito fica bem em você, e saber analisar isso faz parte do bom senso. Maquiagens exageradas, sobancelha marcada demais e cabelos que não combinam com o tipo de pele também são coisas que o bom senso pode lhe dizer se estão adequados ou não (GODLLYWOOD SCHOOL. VAI UM BOM SENSO AÍ? UNIVER ENSINO, 2018).

Através do programa, a IURD também evoca a incorporação desta gramática neoliberal focalizando a construção de uma autoestima e autoconfiança, apresentadas com o propósito de agradar a Deus:

Não devemos ficar sujeitas à baixa ou alta autoestima. Afinal, quem sou eu para saber de verdade qual o meu verdadeiro valor? A nossa própria opinião a nosso respeito não é confiável. Imagine a de terceiros, revistas ou formadores de opinião. Afinal de contas, quem está certo? Tome um concurso de Miss Universo, por exemplo. Já reparou como as opiniões ficam divididas? Isso acontece porque cada pessoa tem uma maneira diferente de pensar. Ou seja, não é porque uma pessoa tem uma opinião negativa a seu respeito que aquilo é necessariamente verdade. Então, por que se deixar levar por isso? Só há uma opinião que verdadeiramente importa: a do nosso Criador (GODLLYWOOD SCHOOL. UM VALOR INESTIMÁVEL. UNIVER ENSINO, 2018).

O valor que Deus nos dá não se compara ao que ninguém possa pensar a nosso respeito. E é por essa razão que você jamais pode aceitar palavras de bullying, qualquer tipo de abuso, alguém que te usa ou só está com você por interesse [...] você é valiosa e não importa o que aconteça com você, o seu valor nunca vai mudar. Assim como uma nota de valor. Ela pode estar velha, amassada, suja, mas mesmo assim o seu valor não muda. Tudo o que você precisa fazer é se entregar aos pensamentos dele e não mais ficar considerando o que você pensa ou o que os outros pensam acima do que Ele pensa de você. Então, faça um teste na sua casa. Qual tem sido o pensamento sobre você mesma quando se olha no espelho? (GODLLYWOOD SCHOOL. UM VALOR INESTIMÁVEL. UNIVER ENSINO, 2018).

Sob o capitalismo neoliberal, tornaram-se cada vez mais difusos discursos que visam ensinar as pessoas a desenvolverem técnicas que lhes façam alcançar a “melhor versão” de si mesmas. Sob este modelo, “pedagogos do desenvolvimento pessoal” atuam modelos, partindo de suas experiências pessoais exitosas para a construção de ações educativas que visam supostamente guiar as pessoas a conseguirem o mesmo êxito. Nesta seara, a família Macedo tem uma série de livros e programas, voltados ao aconselhamento cujo objetivo é a fabricação de uma espiritualidade neoliberal (RODRIGUES, 2022). Constato, assim, que o programa *Godllywood Girls* reafirma este projeto político, econômico e social difundido pela igreja.

5. GODLLYWOOD SCHOOL E A CONSOLIDAÇÃO DO HETEROCAPITALISMO

Nunca esquecerei do choro e da raiva dela quando confirmamos o maltrato do meu pai. Eram lágrimas atávicas, dilacerantes, uterinas de uma mulher nascida em [1960] que não tinha conseguido evitar que uma de suas filhas fosse alcançada por essa violência dos machos que assedia a todas nós. Adaptado de Itziar Ziga, *A feliz e violenta vida de Maribel Ziga*, 2021.

No decorrer das aulas ofertadas pela *Godllywood School* são compartilhados diversos saberes e práticas visando tanto regular o exercício da sexualidade como naturalizar apenas a vivência heterossexual, convertida em “norma” (MOMBAÇA, 2021).

É sobre tais pontos que debruço-me neste momento. A análise parte de videoaulas ofertadas pelo programa em 2018, sediadas no Templo de Salomão, e disponibilizadas na Univer Ensino. Também investigo dois livros utilizados durante os encontros e sugeridos como leituras complementares às garotas, são eles: “Tecnicamente virgem – qual é o limite?” e “Sexy Girls”, ambos de autoria da escritora americana Hayley DiMarco, traduzidos e lançados no Brasil pela Unipro, editora da família Macedo.

Um valor cristão muito difundido na tradição cristã ocidental e continuamente defendido durante as aulas é a manutenção da virgindade até o casamento. Com base na ideia de que “tudo tem a sua hora”, em diversos momentos, a IURD diz que a “menina de Deus” deve se “guardar” para o casamento.

Na 6ª da 3ª temporada intitulada “Namoro do século 21”, há uma expressa crítica às formas como homens e mulheres vem se relacionando atualmente, o que segundo a igreja, tem possibilitado “mais intimidade e menos comprometimento”. Não escondendo o pesar, a igreja argumenta que o “conceito de namoro está praticamente perdido”⁹⁷. A crítica é direcionada, principalmente, às relações casuais, ao maior contato físico e a valorização das emoções em detrimento à razão, conforme ilustram as passagens abaixo:

O conceito de namoro está praticamente perdido atualmente. Olhe ao seu redor e perceba o que as pessoas estão fazendo em seus relacionamentos amorosos. E sabe por que muitos relacionamentos estão destruídos? Porque muitos têm usado o coração para tomar decisões em suas vidas

⁹⁷ Na obra “Casamento Blindado”, Cristiane e Renato Cardoso recomendam técnicas para a proteger o casamento face a relações que consideram cada vez mais efêmeras que, por sua vez, estariam degenerando os papéis “naturais” do homem e da mulher e, portanto, do marido e da esposa. Criticando o que denominam “casamento na era do Facebook”, contexto marcado por aumento de divórcios, o casal propõe um gerenciamento empresarial do casamento (ALTIVO, 2016).

amorosas. Veja o que a Bíblia diz a respeito: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?" (Jeremias 17:9) Embora o coração tenha sido o símbolo do amor em revistas, fotografias, enfeites e até num gesto das mãos, podemos dizer que ele tem feito um péssimo trabalho quando se trata de relacionamentos (GODLLYWOOD SCHOOL. NAMORO DO SÉCULO 21. UNIVER ENSINO, 2018).

Hoje em dia, as pessoas entendem que namorar pode variar entre qualquer uma dessas coisas: Ficar com alguém só para curtir, fazer sexo sem compromisso, pegar e não se apegar, mudar de status no Facebook e postar uma selfie no Instagram, fazer um teste-drive para saber se vai rolar uma química, viver entre tapas e beijos, ir morar junto só para ver no que vai dar, um passatempo. Um vai e vem sem fim entre começar e terminar, ficar com alguém enquanto não aparece outro mais interessante, ficar com alguém fixo e ao mesmo tempo com outros mais interessantes, cozinhar um relacionamento e se divertir com outras, porque se com elas não der certo, tem alguém garantido esperando, mostrar que tem alguém para não dar a impressão de estar encalhada, ter companhia nos finais de semana. Antes, só havia um nome para descrever o início do relacionamento amoroso de duas pessoas: namorar. Hoje há um monte: ficar, pegar, enrolar, sair juntos, morar junto, amizade colorida, relacionamento aberto, rolo, curtir, zoar, flertar. Ou seja, mais intimidade, menos compromisso. No passado, se um homem e uma mulher eram vistos se beijando, era praticamente certo que estavam em um compromisso sério. Hoje, o que um casal beijando quer dizer? Ninguém sabe (GODLLYWOOD SCHOOL. NAMORO DO SÉCULO 21. UNIVER ENSINO, 2018).

No passado, se um homem e uma mulher eram vistos se beijando era praticamente certo que estavam namorando, hoje, ninguém sabe. O objetivo do namoro ou do cortejo era realmente conhecer o que estava dentro da outra pessoa e não o que estava por baixo das suas roupas. Esse conhecer era feito por meio da conversa, da troca de ideias e informações. Por isso beijar, abraçar ou até segurar na mão era considerado desnecessários (GODLLYWOOD SCHOOL. NAMORO DO SÉCULO 21. UNIVER ENSINO, 2018).

Outro desacordo, com base nas aulas, é que as famílias deixaram de interferir tanto na constituição do casal, ou seja, no direcionamento de quem deveria se envolver com quem, como no acompanhamento da relação até o altar. Ainda, depreende-se do trecho a seguir, que os rapazes deveriam manter o respeito, pois antes mesmo de se comprometerem com as meninas, teriam assumido a responsabilidade junto aos seus pais.

Havia um envolvimento das famílias, pessoas maduras e de boa confiança guiavam seus filhos para um bom casamento. A aproximação dos parentes de ambos os lados fortalecia os laços familiares do futuro casal. Tanto o rapaz como a garota normalmente eram de famílias próximas, era comum se conhecerem desde a infância. Não é como hoje em que as pessoas não sabem praticamente nada sobre o passado de quem começam a namorar. Desde o início o rapaz tinha responsabilidades com os pais da moça, sabia que teria que cuidar e tratá-la bem, pois empenhou suas palavras aos pais dela. Todo o processo do cortejo, a seriedade, envolvimento das famílias, o objetivo daqueles que tinham segundas intenções, bem longe dela, isso ajudava a decidir se queriam ser marido e mulher para a vida toda (GODLLYWOOD SCHOOL. NAMORO DO SÉCULO 21. UNIVER ENSINO, 2018).

Destaco esta passagem porque reitera a visão recorrente entre os movimentos reacionários, que anula a mulher enquanto sujeito. Também é possível observar a ênfase à indissolubilidade do casamento, preceito tão valorizado já entre o cristianismo primitivo e incorporado pelo protestantismo (DANTAS, 2010).

Na obra “História da Sexualidade”, Foucault (1999) analisa como nas sociedades ocidentais, o cristianismo moldou a percepção e a experiência da sexualidade. Desde os primeiros séculos da era cristã, a sexualidade aparece em doutrinas e códigos morais. Na sociedade ocidental, o cristianismo gradativamente intensificou sistemas de controle para manter a sexualidade sob sua tutela.

A Igreja Católica elaborou uma série de prescrições que deveriam ser seguidas por todos os indivíduos indistintamente a fim de regular a vida sexual. Também foram definidos mecanismos para garantir a obediência como a prática da confissão. Com a exigência da confissão, o sexo foi convertido em prática discursiva. Através deste ritual se buscava conhecer detalhadamente a vida íntima dos fiéis (FOUCAULT, 2019; DANTAS, 2010).

Além de vasculhar informações pormenorizadas, os padres orientavam os devotos a se auto-observarem, afastando quaisquer desejos manifestados pelo corpo. Foram desenvolvidas, portanto, “tecnologias de si”, ou seja, um conjunto de práticas para que o indivíduo “governasse” a si mesmo, transformando sua conduta e identidade. Tais técnicas condicionavam os fiéis a constante autovigilância, afastando até mesmo os desejos mais sutis. Por meio da intensa autovigilância, o fiel deveria repugnar tudo que lhe parecesse vulgar (FOUCAULT, 2019).

Tudo deve ser dito. Uma dupla evolução tende a fazer da carne, a origem de todos os pecados e a deslocar o momento do ato em si para a inquietação do desejo, tão difícil de perceber e formular, pois que é um mal que atinge todo o homem e sob as mais secretas formas: “Examinai, portanto, diligentemente, todas as faculdades de vossa alma, a memória, o entendimento, a vontade. Examinai também com exatidão todos os vossos sentidos. **Examinai, ainda, todos os vossos pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações. Examinai, mesmo, até os vossos sonhos para saber se, acordados, não lhes teríeis dado o vosso consentimento.** Não creiais que nessa matéria tão melindrosa e tão perigosa, exista qualquer coisa de pequeno e de leve (FOUCAULT, 2019, p.23, grifo meu).

Nota-se que não eram apenas os atos que deveriam ser censurados, mas igualmente, a imaginação, sendo esta considerada até mais perigosa do que a prática em si, já que levava a “pecar” de maneira silenciosa. Como explorado no capítulo anterior, esta forma de controle é constantemente instigada entre as garotas

que, de acordo com a igreja, devem se afastar das “tentações”, já que Deus-pai-todo-poderoso em sua onipresença e onipotência acompanharia todos os seus passos e pensamentos.

Além disso, conforme pontuado IURD estende a prática da confissão aos pais, argumentando que elas não devem esconder nenhum detalhe de seus responsáveis. Foucault (1999) compreende que ao falar de si, o sujeito se constrói, define a sua identidade e se submete a determinadas regras. Assim, ao instigar continuamente o exercício da confissão entre as garotas, a Universal reforça o exercício de poder sob seus corpos e imaginários, garantindo que elas se adequem e legitimem a cisheteronormatividade como um regime de verdade (FOUCAULT, 2019) marcado pela repressão dos desejos, sobretudo, de mulheres.

De acordo com a IURD, a garota que vive a espera do casamento é um “tesouro escondido”. Sua recompensa, argumenta a igreja, é o encaminhamento de *um rapaz* que irá lhe valorizar. Nota-se que assim como a maioria das igrejas cristãs, a Universal concebe o casamento como o destino da mulher, o caminho para que ela obtenha realização pessoal. Todo o curso é construído tendo em vista preparar as garotas para o casamento e para o gerenciamento da vida doméstica.

A menina de Deus não fica com um hoje e outro amanhã, não se entrega para ninguém antes do antes do casamento simplesmente no afã de ser como as amigas da escola, especialmente, quando ela foi instruída por seus pais que ainda não é hora para namorar ou fazer coisas deste tipo. Esperar a pessoa adequada para namorar e a maturidade para isso é uma atitude digna de uma jovem que será muito feliz e não sofrerá com atitudes erradas. A menina que se comporta assim é como um tesouro escondido que somente a pessoa certa saberá valorizar este tesouro muito bem e terá acesso a ele. Quando fazemos a escolha certa, o próprio Deus que quer a nossa felicidade se encarrega de conduzir até aquela menina um rapaz que saberá dar valor a ela e fazê-la muito feliz, tudo na hora certa (GODLLYWOOD SCHOOL. UMA CONVERSA ENTRE AMIGAS. UNIVER ENSINO, 2018).

Embora durante as aulas, a figura da “mãe” seja constantemente lembrada como um suporte e referencial primordialmente no desempenho de atividades domésticas, a maternidade não é um tema explorado durante o programa. A ausência das discussões sobre a maternidade converge com a formulação de uma ampla “política da prosperidade” (TEIXEIRA, 2012) pela IURD que se impõe, sobretudo, ao corpo da mulher para através dela garantir uma disciplina familiar que conduza ao sucesso. “O gerenciamento do corpo da mulher desdobra-se no gerenciamento de outros corpos, na medida em que a mulher é interpretada como centro da vida familiar” (TEIXEIRA, 2014, p.237).

Ademais, segundo Foucault (2012) os processos de normalização ocorrem por meio de um sistema duplo de gratificação e sanção, no qual os indivíduos que não agem conforme as expectativas são punidos ao passo que se recompensa os que são mais bem disciplinados. Diante disso, a IURD defende que as meninas que seguirem as regras compartilhadas pela igreja terão a sua recompensa: o casamento. Ao passo que aquelas que desobedecerem sofrerão sanções materiais e imateriais. Uma das principais afrontas que as garotas podem cometer, de acordo com a Universal, versa sobre uma vida sexual desregrada o que inevitavelmente as levaria a solidão e fracasso:

O estilo perigete é bem conhecido nas escolas. São aquelas meninas que querem ficar com todos os meninos, que querem chamar a atenção de todo mundo que está em volta delas. E o que há por detrás deste comportamento? Geralmente, há muita insegurança. Ela vê uma menina popular e pensa: "Também quero ser uma menina popular. Estou vendo que ali ela chama a atenção, também quero chamar a atenção, ninguém olha pra mim, ninguém se preocupa comigo." Então, ela quer ficar com todos os meninos da escola para todos a conhecerem. Não importa o que vão falar, não se importa com a opinião de ninguém. Os meninos não a levam a sério, têm até vergonha de ficar ao lado dela, pelo que ela se tornou. Nesse momento, ela percebe que tudo na vida dela não passa de ilusão. Então, meninas, não se enganem. Não achem que essas amizades, que esse tipo de roupa, o que o mundo está oferecendo é bom, é mentira, é tudo uma grande ilusão, você só vai sofrer (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, UMA BELEZA QUE SE APRENDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Nota-se que para a IURD, fracasso é sinônimo de desordem, sofrimento, pobreza. Por sua vez, assentada na ótica neoliberal, seu antônimo "sucesso" refere-se à felicidade e riqueza. Jack Halberstam (2020) alerta para o quanto esta visão hegemônica sobre "fracasso" e "sucesso" está orientada por uma lógica ocidental. Segundo o autor, ao mesmo tempo que esta visão se guia, ela também legitima o heterocapitalismo, pois constitui um saber localizado, definido pelo homem-brancocisheteronormativo.

Halberstam (2020) adverte que a busca de felicidade e sucesso a qualquer preço depende da adequação dos indivíduos a normas punitivistas que visam disciplinar comportamentos. A divisão entre "ganhadores e perdedores" é imprescindível para o desenvolvimento do capitalismo e aquecimento da economia de mercado, geridos pela competitividade e "premiação" daqueles que "vestem a camisa" e constroem narrativas triunfantes sobre superação e progresso.

Com base nesta concepção heteronormativa, o "sucesso" possui apenas um significado, diz respeito a obtenção de capital e constituição de uma família nuclear.

Logo, sob a hetero-domesticidade, o sucesso da mulher – valorado por padrões masculinos – se resume ao binômio: casamento-maternidade, sem espaços para desvios (HALBERSTAM, 2020).

Para que esta tarefa seja executada com êxito, é necessário reafirmar um ideal de feminilidade focado na passividade, subserviência aos desejos do marido, supremacia do espaço doméstico ante o público. Este modelo dominante é repassado entre gerações, de mãe para filha – com o recorte de classe e pertencimento étnico-racial - nas escolas, meios de comunicação, igrejas, entre outros aparelhos privados de hegemonia que o reforçam esta compreensão de “sucesso feminino” ao passo que também relega à inadequação aquelas mulheres que questionam e rompem com este entendimento heterocapitalista (HALBERSTAM, 2020).

Logo, a Universal se vale da sanção normalizadora na medida em que compara, hierarquiza, exclui e corrige as “anormalidades” que são aquelas condutas que escapam à disciplina. A punição tem a premissa de ensinar, adestrar e determinar os comportamentos de modo a tornar os corpos dóceis e úteis, por meio de micro penalidades e exercícios. “Os sistemas disciplinares privilegiam as punições que são da ordem do exercício, aprendizado intensificado, multiplicado, muitas vezes repetindo” (FOUCAULT, 2012, p. 173).

Portanto, as sanções têm o duplo caráter de estimular as garotas a continuarem agindo de acordo com as regras ao passo que instiga as que estão em desacordo a buscá-las. Já as premiações possuem o objetivo de estimular aquelas que seguem a norma e permanecer nela e as que estão fora a procurar se adequar.

Durante as aulas da *Godllywood School*, a Universal também sugere como leituras complementares às garotas, os livros: “Tecnicamente virgem – qual é o limite?” e “Sexy Girls”, ambos de autoria da americana Hayley DiMarco. Juntamente com o marido e pastor, Michael DiMarco, Hayley fundou empresa *Hungry Planet*, cuja missão é: “saciar a fome espiritual do mundo moderno através da produção de livros e de novos meios de comunicação, focando questões de fé e de vida à luz da Bíblia⁹⁸”. Juntos, eles já venderam mais de 1,5 milhão de exemplares. Somente Hayley DiMarco é autora de mais de trinta livros voltados a mulheres de todas as faixas etárias, mas com foco em adolescentes.

⁹⁸ Ver: <https://hungryplanet.net/>.

Hayley DiMarco também assina a “*God Girl*”⁹⁹, inaugurada com uma linha de livros e Bíblias voltada para o empoderamento feminino, o projeto expandiu o seu público-alvo, agregando também homens que buscam o “despertar para o modo de vida de Deus”. Segundo informações institucionais, o autoaperfeiçoamento se dá através de “pequenos passos de fé contraintuitivos que desafiam o instinto natural de autoproteção”.

Trata-se de pequenas rebeliões que nos mostram um jeito melhor de viver. Caminhos que exigem a disposição de escolher o amor em vez do egoísmo, a generosidade em vez do controle e a humildade em vez do orgulho, até que a experiência prove o que a fé sempre reivindicou — menos de mim e mais dele (HUNGRY PLANET, 2025).

Observo, portanto, que há diversas aproximações entre o casal americano, Hayley e Michael DiMarco, e o brasileiro, Cristiane e Renato Cardoso – e não se resumem a aparência que, aliás, também é similar. Ambos se apresentam como um ideal de relacionamento heteronormativo que obteve sucesso no “amor e nos negócios”. Homem e mulher convertidos, caminham juntos na vida conjugal e profissional, obstinados a “ensinar” outros casais a atingirem o mesmo nível de prosperidade. Para tanto, ofertam palestras, cursos, mentorias, publicam livros destinados à família cristã e, principalmente, para mulheres cristãs.



Figura 10. Hayley DiMarco (à esquerda) e Cristiane Cardoso (à direita) representam o mesmo perfil hegemônico, são mulheres brancas, de olhos claros, loiras com o mesmo corte de cabelo. Ambas desenvolvem uma série de projetos voltados para a formação da “mulher cristã” – Fotos: Reprodução Instagram

⁹⁹ Ver: <https://www.godgirl.com/>.

Noto, assim, uma aliança entre Norte e Sul Global, de cunho político-religioso conservador, que visa legitimar noções universalizantes e restritas de ser mulher e de família, sustentadas em um ideário de feminilidade que reforça papéis tradicionais de gênero e simultaneamente incorpora e divulga valores neoliberais.

O primeiro título recomendo às meninas “Tecnicamente virgem – qual é o limite?” foi publicado originalmente em 2006 e chegou ao Brasil em 1ª edição traduzida pela Unipro, editora pertencente a Edir Macedo. Estruturado em nove capítulos, toda a obra busca estabelecer limites para a vida sexual das meninas. O livro não nega a existência do desejo, porém, visa censurá-lo, enquadrando em um padrão, a partir da “perspectiva de Deus”.

A intenção, reforça a autora, é que as meninas sigam condutas que “agradem a Deus e protejam a sua reputação”. Para isso, são compartilhadas uma série de instruções que visam demonstrar as meninas “até onde” elas poderiam ir suas experiências afetivas-sexuais para que se mantenham “puras” até o casamento, já que esta seria uma espécie de diferencial no mercado dos relacionamentos.

Tecnicamente virgem é para todas nós que ansiamos pela atenção do sexo masculino, mas, simplesmente, não sabemos até que ponto estabelecer esse limite. Queremos mais, e queremos mesmo, mas as perguntas são: até onde ir e quando? Você sente que tem guardado a fé sendo “tecnicamente virgem?” Virgindade até o casamento é o critério bíblico, certo? Mas, afinal de contas, o que implica a virgindade? (DIMARCO, 2020, p.15).

Já na introdução, podemos verificar mais uma nítida aproximação entre a obra de Hayley DiMarco e as intenções do programa *Godlywood Girls* anunciadas por Cristiane Cardoso, que como pontuado anteriormente busca “combater os valores disseminados por Hollywood”. A autora americana afirma que todas as pessoas possuem uma imagem, como “qualquer estrela de Hollywood”.

Segundo ela, todos os indivíduos, conscientemente ou não, criam “campanhas publicitárias” de si mesmo e é através destas representações que os demais definem quem eles são e como os demais devem tratá-los. À vista disso, sua tarefa é orientar garotas a “gerenciarem a sua campanha publicitária do jeito que Deus quer” (DIMARCO, 2020, p.15).

Novamente constato a exaltação de um discurso voltado a autoimagem, autopromoção, o que reforça a incorporação de uma subjetividade neoliberal orientada pela competitividade e mercantilização de todas as dimensões da vida. (BROWN, 2015). As garotas tornam-se mercadorias e a virgindade, enquanto um

marcador de pureza, é um atributo que agrega ainda mais valor neste mercado dos afetos reproduzido pela Universal.

E isso também é observado em sua vida sentimental. A menina sabe que ainda não tem idade para namorar, por isso não flerta com rapazes, não brinca de ficar com um ou outro. Ela tem consciência que isso fará dela apenas mais um número na vida deles. Quem gosta de ser um número? (GODLLYWOOD SCHOOL. UM VALOR INESTIMÁVEL. UNIVER ENSINO, 2018).

Com base nesta ideia Hayley DiMarco alerta as meninas que “se tratando da sexualidade, é preciso entender que o que você faz com rapazes tem impacto enorme na sua reputação e imagem” (DIMARCO, 2020, p.18). Ainda, a autora argumenta que há dois tipos de garotas, aquelas que anseiam por uma experiência romântica, que buscam por “rapazes que as encherão de presentes e de atenção” e as que procuram apenas diversão, para estas últimas “o sexo se tornou um passatempo”. De acordo com ela, os dois perfis de meninas acabam criando uma “propaganda sexy de si mesmas” e acabam se “envolvendo sexualmente mais do que deveriam”. As duas estradas levariam à “destruição sexual” (DIMARCO, 2020).

Foucault (2018) analisa a virgindade não apenas como a ausência de relações sexuais, mas como um campo de poder. Para o cristianismo, a virgindade é associada à pureza física e espiritual. É considerada uma virtude que deve ser cultivada a fim de se construir uma relação mais próxima com Deus. Novamente, percebe-se que o programa intenta disciplinar os corpos das meninas, na medida em que ao considerá-los como “templo de Deus” postula que devem ser resguardados, não permitindo que nada de impuro e profano adentre. Porém, não basta ser virgem, é necessário *parecer* virgem.

Já nas primeiras páginas, as garotas devem escrever, em até três linhas, qual é o limite que visualizam para a sua sexualidade. Na sequência, há outras perguntas como: “alguma vez, você já passou desse limite, por acidente ou intencionalmente?” e “você se identifica como uma garota romântica ou uma garota sexy, que está em busca de diversão?” (DIMARCO, 2020).

Ainda na introdução, antes de aprofundar as regras para que as meninas tenham controle sobre a vida sexual, a autora convida as garotas para uma oração, que é classificada como um “acordo” para que a menina conheça o que a palavra de Deus ensina a respeito do sexo:

Querido Deus e Pai, eu tenho, sim, pensamentos sobre sexo com garotos. Quero ser amada e tocada. Só não sei até onde ir, onde é longe demais.

Mas estou disposta a aprender. Desejo agradá-lo e quero permanecer pura como o senhor me pede para ser pura. Por favor, me ajude a ver em que falhei e a voltar ao caminho certo. Desejo agradá-lo e sei que posso fazer isso com a sua ajuda. Prometo levar em consideração tudo que está escrito neste livro, incluindo as partes difíceis bem como meditar na sua palavra junto com ele. Quero ser santa como o senhor é santo. Amém (DIMARCO, 2020, p.25).

Em consonância com as aulas, o livro defende o voto de “abstinência sexual total” até o casamento, pois segundo a autora, este não apenas é o plano de Deus como a única maneira confiável de evitar gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

No início de 2020, a então ministra Damares Alves anunciou a proposta de incluir a abstinência sexual como política pública de prevenção à gravidez na adolescência e outras situações de risco à saúde reprodutiva e sexual. A justificativa, segundo ela, é que “o início precoce da vida sexual, leva a comportamentos antissociais ou delinquentes e afastamento dos pais, escola e fé, entre outras consequências” (FOLHA DE S. PAULO, 2020).

Tais declarações levaram diversas entidades a se posicionarem contra a proposta. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) argumentou que a sugestão além de ineficaz, não tem respaldo científico, pois as únicas ferramentas eficazes para reduzir os índices de gravidez na adolescência são o acesso à educação e à informação, em conjunto com as ações dos serviços de saúde capacitados.

Ou seja, o discurso defendido pela IURD acerca do exercício da sexualidade, via programa *Godllywood Girls*, se respalda e ao mesmo tempo legitima posições compartilhadas por representantes da extrema-direita. Damares Alves que teve sua voz ecoada pela mídia institucional da igreja, antes mesmo de se tornar ministra, corroborando para a difusão de uma suposta “ideologia de gênero”, novamente conta com o reforço da Universal na propagação de um ideário conservador que defende um regramento para a vida sexual das meninas baseado no controle e autovigilância.

Em referência ao título “Técnicamente virgem”, o exemplar também chama atenção das meninas que buscam formas de “driblar as normas”, ditando que “carícias sexuais que não envolvem penetração, são igualmente ruins” (DIMARCO, 2020, p.28). Com uma linguagem persuasiva, a obra estabelece que as meninas devem compreender quatro conceitos interdependentes para que, com base neles, possam estabelecer os limites adequados para o exercício da sexualidade.

O primeiro deles é a “imoralidade sexual”, definida como a falta de castidade. O segundo “casta”, refere-se a pessoa que se abstém de ter relações sexuais lícitas. O terceiro conceito apresentado é “fornicação” caracterizado como prática sexual consensual entre duas pessoas que não são casadas entre si e, por fim, “relação sexual” é apresentado como o contato sexual físico entre duas pessoas que envolve os órgãos genitais de pelo menos uma delas (DIMARCO, 2020).

Há um evidente cerceamento a descoberta e conhecimento do próprio corpo. Ao contrário disso, a igreja instaura um pânico em relação à vida sexual, o que dificulta a promoção de uma educação de gênero que contribua para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes.

Satanás é o mestre de sutileza. Ele gosta de enfatizar as diferenças sutis entre as coisas de modo que fiquemos confusas e começamos a pecar sem, contudo, acharmos que estamos fazendo algo de errado. E ele nos têm confundido muito bem no que diz respeito ao sexo. Você entendeu essa última definição? Vamos ler novamente: relação sexual é o contato físico entre duas pessoas que envolve os genitais de pelo menos uma pessoa. Veja só que jogada de mestre do inimigo de Deus. Ele nos convenceu de que a relação sexual, a qual você jurou evitar, envolve apenas penetração, e somente ela, e de que coisas como masturbação mútua e sexo oral não estão inclusas na lista de pecados que Deus criou para você. Mas adivinhe: isso é uma mentira! (DIMARCO, 2020, p.35).

As supostas infrações à moralidade sexual tornam-se ainda mais rígidas ao decorrer do texto, incluindo, outros comportamentos como dançar, fazer cócegas, massagens. Todos eles são classificados como “jogos eróticos”. Quaisquer práticas, por mais sutis que sejam, mas que possam denotar um elo romântico e sexual devem ser reprimidas pelas meninas.

Se você quiser se manter obediente à palavra de Deus e não dar sinais de imoralidade sexual, fique longe de massagem nas costas. É uma mensagem distorcida para os rapazes e o primeiro passo em direção a uma ladeira escorregadia. Poupe o coração do rapaz e não o leve para um caminho que você mesma não está pronta para trilhar (DIMARCO, 2020, p.38).

Sem sinalizar as fontes, o texto chega a afirmar que ter uma vida sexual ativa leva ao envelhecimento precoce. Cabe salientar que o envelhecimento é apresentado a partir de uma perspectiva etarista, já que o associa a uma visão depreciativa sobre a aparência. Isto quer dizer, o envelhecimento é apresentado como um processo degenerativo, que tem entre seus reflexos a perda da beleza, e, portanto, deve ser combatido ao máximo. Por outro lado, o inverso também ocorre, há uma constante valorização da juventude apreendida como sinônimo de beleza. Além disso, a vida sexual ativa é compreendida como um atributo que irá reduzir o

valor das meninas no mercado:

Ficar é apenas uma forma de os rapazes conseguirem o que querem – sexo – sem qualquer compromisso. É uma maneira de transformá-la em um pedaço de carne que será mastigado e depois cuspidos. E sabe o que é pior? Isso a envelhece. É isso mesmo. Quer parecer mais velha antes da hora? Seja sexualmente ativa. **Cada relação sexual que você tem deixa marcas de uso. Assim como carro usado, o seu valor diminui a cada milha acrescentada no seu sexômetro.** Se você quer continuar bonitinha por mais tempo, então, corte o mau hábito da imoralidade sexual. Isso não apenas salvará a sua alma como também ajudará a manter uma aparência mais jovem (DIMARCO, 2020, p.27, grifo meu).

Partindo do mecanismo dos testemunhos, muito utilizado pela IURD, Hayley DiMarco (2020) conta a sua história de vida às meninas. Segundo o relato, durante a sua adolescência, ela não sabia quais eram os limites que deveria respeitar em seus relacionamentos com os meninos, mas tudo teria mudado quando uma amiga da igreja lhe explicou que não era necessário ter uma relação sexual para desagradar aos planos de Deus, quaisquer experiências que envolvessem um vínculo mais íntimo já eram suficientes.

De acordo com a autora, “abrir os olhos” levou a perder o namorado à época, já que na medida em que ela fixou limites, “simplesmente ele sumiu”, mas isso “foi a melhor coisa que aconteceu”, pois a permitiu “trilhar o caminho certo”. Hayley DiMarco conclui o testemunho, compartilhando que o namorado a telefonou, anos mais tarde em agonia, pedindo ajuda para a sua vida que estava “desmoronando”. Sem detalhar quais seriam os problemas enfrentados, ela diz que o encaminhou a uma igreja para que pudesse encontrar ajuda em uma nova jornada. “Nunca subestime o poder de fazer a coisa certa” (DIMARCO, 2020, p.25).

A lógica dos testemunhos adotada pela autora, ou seja, de recorrer a própria vivência para motivar as garotas, reforça a ideia de que é possível, afinal, se ela conseguiu, outras meninas também conseguem. Destaco também o emprego de uma linguagem coloquial e dialogada. Esta estratégia acaba por aproximar os conteúdos das participantes, conforme ilustra o seguinte trecho: “Não pense que não entendo a sua situação, porque entendo. E não pense que estou fazendo as coisas parecerem mais fáceis do que realmente são, pois sei que não são. A necessidade de satisfação sexual, de repente, parece não ser mais tão grande” (DIMARCO, 2020, p.28).

Ademais, constato que, ao longo do programa, a menina é concebida como aquela que “provoca” e, assim, cabe a ela afastar quaisquer comportamentos que

ultrapassem os limites, “confundindo” e “excitando” os meninos. A autora chega a afirmar que é “responsabilidade das meninas proteger os meninos em relação ao seu próprio corpo” (DIMARCO, 2020, p.30).

A partir de uma visão biologizante, o material defende que os meninos possuem “instintos”. Noto, assim, que reforçando o binarismo de gênero, o programa não incute apenas uma noção de feminilidade associada à submissão como também propaga uma visão de masculinidade hegemônica que tem como um de seus principais pressupostos o mito da maior aptidão sexual em comparação às mulheres.

Lembre-se de que os rapazes são seres visuais. Eles usam os olhos da mente para fantasiar todo tipo de coisa a seu respeito. Por isso, saiba que, quando começa a fazer algo sexual, como simular o ato por cima da roupa, na cabeça deles, é para valer. Eles estão tendo um verdadeiro banquete de imoralidade sexual [...] você precisa decidir o que insinua e o que não insinua. Afinal de contas, você tem idade suficiente para decidir e para arcar com as consequências das suas ações, sejam elas quais forem. Mas espero, que após ler este livro e analisar o conteúdo, você tenha um momento do tipo “venha para Jesus” e perceba o quanto relaxou com relação a sua percepção sexual (DIMARCO, 2020, p.40).

Ainda, segundo o programa, as meninas não são responsáveis apenas pelo que os meninos fazem com os seus corpos, mas também pelos modos como os enxergam e fantasiam com eles. Deste modo, quaisquer comportamentos, que possam ser lidos pela ótica da sexualização, também deve ser evitados pelas meninas. Há – graves - trechos em que o abuso sexual é naturalizado como o que compartilho abaixo – já alertando sobre gatilho e adiantando o pedido de desculpas:

Desde o rapaz de 22 anos no caixa do supermercado até o pastor de 43 anos atrás do púlpito, todos eles são homens, e todos eles são despertados pelo que veem. A coisa funciona mais ou menos assim: se você sair por aí usando aquela sua blusinha mais sexy, que mostra um pouquinho dos seus seios voluptuosos e aquela sua minissaia chiquérrima que inocentemente revela a parte de cima da sua calcinha rendada, não se surpreenda quando eu lhe disser que não só o gatinho no final do corredor estará de olho em você, mas todos os caras de 13 a 83 anos estarão tirando uma casquinha também, com água na boca. Alguns deles podem até tentar desviar o olhar, mas é um trabalho árduo. E eles então têm que lutar contra suas mentes e aquelas lembranças do seu corpo macio. Isso quer dizer que, se você andar na rua e passar por um banco cheio de senhores de 70 anos de idade, eles estarão olhando para os seus seios e lambendo os beiços. Você é tão sexy para o cara velho como para o garoto-alvo. E você acha isso nojento? Então pense no pobre pastor que tem de ficar em frente ao povo durante uma manhã inteira e falar de Deus enquanto tenta evitar olhar para os seus seios que estão pulando para fora de sua blusa. Homem é homem, então, se o que você está mostrando não está no menu, mantenha coberto (DIMARCO, 2020, p.55).

Aqui, cabe um questionamento: sob uma cultura sexista que fetichiza o corpo

de meninas¹⁰⁰ e mulheres, quem dita os pressupostos que podem caracterizar uma postura sexualizada?

Muitas vezes, a menina tira fotos fazendo biquinho, mas na verdade, a leitura que os meninos fazem não é igual a das meninas. Você pode estar passando uma imagem oposta à sua intenção. Por isso, nada de poses sensuais, são muitos os gestos e as poses que tramitem más interpretações como fotos com roupas inadequadas. Nunca use roupas curtas demais, apertadas ou decotadas (GODLLYWOOD SCHOOL. COMPORTAMENTO, REDES SOCIAIS E ABUSO. UNIVER ENSINO, 2018).

Ainda, evidencio explícita e exclusiva responsabilização das meninas pelas formas como seus corpos são vistos. Representação esta associada a suas roupas e comportamentos. Cabe lembrar que este mesmo argumento misógino tem sido frequentemente empregado para “justificar” as múltiplas violências de gênero, que cotidianamente tombam corpos de mulheres.

Não é incomum que a narrativa dominante busque “motivos” na história de vida da vítima, entre outros elementos circunstanciais, como o local em ela que estava, a roupa que usava, para tentar “explicar” a opressão. A chamada “revitimização da vítima”, além de ocultar as reais origens das violências e, conseqüentemente, não penalizar os culpados, acaba por reforçar o ideário machista de que, se porventura, algum abuso acontecer é porque a menina-mulher mesmo ciente dos perigos, não seguiu os avisos que lhe foram dados.

Instigando a interatividade com as meninas, ao final de cada um dos capítulos são apresentados exercícios que reafirmam a contínua auto-observação e evocação ao bom senso e consciência das garotas para que elas não ultrapassem limites pretensiosamente fixados por Deus, a exemplo do que reproduzo abaixo:

Faça de conta que existe alguém fotografando todos os seus movimentos. Depois, no fim do dia, toda a sua família se reunirá para assistir à apresentação: “aqui estou eu desabotoando a minha blusa. Nessa outra foto, nós estamos nos esfregando um no outro. E, na outra, estamos trocando saliva”. A vovó e a mamãe assistem a isso boquiabertas. Você se sentiria confortável em mostrar à sua família? Se não se sente bem para ficar até tarde relatando tudo o que aconteceu é porque, provavelmente, você não deveria estar fazendo aquilo (DIMARCO, 2020, p.19).

As situações são acompanhadas de desafios como: decida, neste momento, se você vai servir a Deus ao inimigo. Você vai atender o seu chamado à pureza ou se renderá aos apelos do mundo, para satisfazer a sua carne e a carne dos rapazes?

¹⁰⁰ Importante situar que enquanto escrevo esta tese, as discussões sobre adultização e exploração de crianças na internet chegam ao Congresso Nacional após denúncias do influenciador londrinense Felipe Brassanim Pereira, o Felca, viralizar nas redes sociais.

(DIMARCO, 2020, p.21).

Os desafios, por sua vez, são acompanhados de preces, que ao realizá-las, as meninas estariam pedindo perdão a Deus por supostos erros de conduta ao passo que reafirmam o compromisso com Deus para se manterem no caminho da abstinência sexual:

Pai, eu quero ser obediente ao senhor também no que diz respeito à minha vida sexual. Hoje, eu viro as costas à imoralidade sexual e me volto para a sua palavra. Purifique-me dos meus erros do passado e me ajude a permanecer firme no futuro. Sinto muito por ter me desviado. Obrigada por seu perdão (DIMARCO, 2020, p.21).

Sob a égide da cultura cristã ocidental, a sexualidade da mulher sempre foi um campo de disputa. O controle é observado pela disciplinarização dos corpos, tentativas de normatização e regulação dos desejos e exposição daqueles que infringissem o código religioso e, assim, desrespeitassem a autoridade moral e o poder político da igreja.

Dito de outro modo, na sociedade ocidental, as igrejas dedicaram grandes esforços para prescrever aos indivíduos como deveriam vivenciar a sexualidade. “Ao longo da história, a igreja cristã desenvolveu mecanismos de observação e instrumentos de controle para manter o desejo e o sexo sob sua tutela com o propósito de ampliar seus dispositivos de poder” (DANTAS, 2010, p.700).

De diferentes modos, as igrejas buscaram ampliar seu poder político através do controle da sexualidade. Em primeiro momento, o cristianismo recomendou aos fiéis renunciar a atividade sexual, negando os desejos. A virgindade adquiriu, portanto, o status de “santidade máxima”. A defesa da castidade e os supostos perigos do sexo eram disseminados junto às mulheres a quem era ensinado evitar o casamento.

Já a literatura destinada aos homens que viviam isolados em monastérios reforçava a ideia de que, mesmo distantes, as mulheres importunavam os monges em seus pensamentos e sonhos, despertando vontades da “carne” de modo que eles eram desafiados a vigiar o desejo¹⁰¹. Nesta época, diversos castigos, como a mutilação corporal eram impostos para inibir a imaginação, lutando contra quaisquer formas de erotismo que pudessem comprometer a purificação da alma (DANTAS, 2010).

¹⁰¹ Weber (2007) também discorre sobre a defesa da abstinência sexual pelas religiões como forma de alcançar a salvação ao mesmo tempo que alimenta a sensação de autovigilância e a organização metódica da vida. A religião racionaliza o comportamento social pela regulação da sexualidade.

Se para os religiosos, a restrição era evidente, para os fiéis, as orientações eram confusas. O casamento tornou-se uma opção para aqueles que eram capazes de dedicar-se à abstinência ao mesmo tempo em que o censurava. Na sociedade romana, o casamento era uma prática recorrente entre a aristocracia e permaneceu durante muito tempo restrita ao ambiente doméstico, sem interferência da igreja, ou seja, tratava-se de uma relação laica e privada, uma aliança política e comercial firmada entre as famílias (DANTAS, 2010).

O cenário começa a mudar a partir do século 12, período em que a igreja começa a interferir nas uniões conjugais, estabelecendo seu modelo de casamento, assentado na indissolubilidade e monogamia, ameaçando os desviantes à excomunhão. Deste modo, a relação tornou-se pública e religiosa. Com a sacralização do casamento, tornando-o uma instituição divina, o poder religioso aumentou. O matrimônio tornou-se um monopólio da Igreja Católica. Juntamente foi estabelecido o celibato clerical a fim de que tivessem autoridade para disciplinar a vida conjugal.

Segundo Dantas (2010) na medida em que o casamento passa a ser considerado uma união sagrada, autorizada pelo clero, tornou-se necessário regulamentá-lo. Entre as prescrições, a relação sexual passou a ser considerada obrigação do casal, mas sem a finalidade de propiciar a exploração dos desejos, já que o ato ainda era condenado por parte da igreja. Seu objetivo era restrito à reprodução e perpetuação da humanidade.

O casamento, ao preservar a sua função reprodutiva, deixou de ser um mal tolerado pela igreja e passou a ser um acontecimento divino, que vinculava o sexo à constituição e propagação da espécie humana. O casal podia entregar-se livremente um ao outro sem, no entanto, impedir a reprodução. O prazer, até então abominado, podia acompanhar a atividade sexual destinada à geração de filhos (DANTAS, 2010, p.705).

Embora o dever fosse imposto aos dois, durante a baixa Idade Média, os teólogos estabeleceram o que chamaram de “privilégio” às mulheres, poupando-as de pedir ao marido quaisquer práticas sexuais. Cabia aos homens perceberem os desejos das companheiras, mesmo de maneira silenciosa. “Ela [mulher] não precisava expor-se, uma vez que era tímida e acanhada. Não deveria passar pelo constrangimento de expressar claramente suas vontades” (DANTAS, 2010, p.706).

Porém, se o homem não notasse, a mulher se via impedida de qualquer cobrança. Para os maridos a situação era muito diferente, a eles era instigado que

reivindicassem “seu direito” ao ato sexual explicitamente. Caso a mulher negasse, era solicitada a intervenção de um confessor, que atuava como uma espécie de orientador do casal. Impossível não associar a lógica que legitima o estupro marital, que consiste em forçar a prática sexual em um relacionamento afetivo, seja namoro, união estável ou casamento.

Com a autorização da atividade sexual, a partir do casamento, a igreja desenvolveu uma série de códigos jurídicos-teológicos para regular a prática, delimitando, assim, atos e pensamentos permitidos e proibidos. As relações sexuais foram proibidas em dias sagrados, nas celebrações religiosas, aos domingos, nos períodos de menstruação, gravidez, amamentação e na quarenta após o parto.

Nesta época, também foi catalogado um conjunto de práticas consideradas libidinosas, que deveriam ser recriminadas com penitências, a exemplo de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo – retomarei este ponto mais adiante. A igreja defendia penas severas aqueles que de alguma forma ameaçassem a família e a vigência do casamento. Entretanto, se as infrações não fossem intencionais, as sanções tendiam a ser abrandadas (DANTAS, 2010).

Como descortinado, no Brasil a partir do avanço do projeto colonial, estabeleceu-se uma rígida hierarquização entre os sexos, reafirmada por mecanismos de controle do corpo e da sexualidade da mulher. A condição da mulher estava vinculada a interesses políticos, econômicos e religiosos (NUNES, 2000).

Durante os séculos 17 e 18, muitas mulheres foram internadas em mosteiros por razões que não eram necessariamente religiosas, mas por serem consideradas muito ousadas sexualmente, sedutoras e insubmissas. O século 19 é marcado por uma intensa investigação da sexualidade feminina. A princípio, considerada um enigma, a vida sexual de mulheres passou a ser patologizada e recriminada (DEL PRIORI, 2020; WEBER; 2007).

Durante todo o século 19, quando tentam fixar a mulher no casamento e na esfera doméstica, os discursos médicos constroem uma dupla imagem feminina. De um lado, colocam a mulher como um ser frágil, sensível e dependente, construindo um modelo de mulher passiva e assexuada; por outro, verifica-se o surgimento de uma representação de mulher como portadora de uma organização física e moral facilmente degenerável, dotada de um ‘excesso’ sexual a ser constantemente controlado. Nessa perspectiva procura-se patologizar qualquer comportamento feminino que não correspondesse ao ideal de esposa e mãe, tratando-o como ‘antinatural’ e ‘antissocial’ (NUNES, 2000, p.12).

Embora houvesse estudos que não negavam os desejos, a maioria das

pesquisas defendiam a hipótese de que mulheres respeitáveis não eram acometidas por paixões. Já neste período, a sexualidade feminina era tomada como uma aberração e degradação moral, ou seja, mais do que conhecer, clérigos, médicos, pedagogos estavam imbuídos a regular as condutas sexuais femininas (DEL PRIORI, 2020).

Surgiram, assim, programas de educação sexual pautados em informações deturpadas sobre a sexualidade, baseados na repressão. “Autoridades científicas se uniram a autoridades eclesiásticas para propagar conhecimentos pseudocientíficos sobre a sexualidade, disseminando a ignorância, propuseram inúmeras teorias alarmistas sobre o perigo da vida sexual” (DANTAS, 2010, p.717).

Conforme aponta Dantas (2010) entre o movimento pentecostal, as orientações sobre a vida sexual seguem a mesma direção: o controle dos desejos, preservação da virgindade até o casamento, que deve ser indissolúvel e monogâmico. Geni Núñez, indígena Guarani, psicóloga, escritora expõe a monogamia como uma imposição colonial, com raízes na moral cristã e responsável por limitar e hierarquizar as formas pelas quais os indivíduos se relacionam.

Com base na cosmologia indígena, Núñez (2023) discute o quanto a monogamia, calçada na lógica da propriedade privada, sustenta múltiplas estruturas de poder e opressão, responsáveis por objetificar a mulher. Nesta lógica, o casamento legitima e purifica o sexo, que se realizado em outras circunstâncias, torna-se um pecado. “Entre os cônjuges, o sexo é estimulado, pois consolida o vínculo conjugal e garante a unidade espiritual do casal” (DANTAS, 2010, p.723).

Manter a abstinência sexual antes do casamento é um “imperativo moral” entre as igrejas evangélicas. Aqueles que infringem devem confessar publicamente e demonstrar arrependimento. Este mecanismo reforça os limites entre práticas proibidas e permitidas, legitimando o código institucional que regula a conduta da comunidade religiosa (DANTAS, 2010).

Assim, no transcorrer de todo o curso, é evidente a negação da experiência sexual às meninas. Reafirmando estereótipos de gênero, a iniciativa postula que enquanto as meninas são mais românticas, sonhadoras e buscam um amor verdadeiro, o foco dos meninos não está em construir um relacionamento, mas exclusivamente em obter sexo:

Sexo não tem nada a ver com amor aos olhos de um rapaz. Essa é uma fantasia feminina. Para um rapaz, fazer sexo significa conseguir o que ele mais quer nesse momento — é sexo, não amor. Para ele, as duas coisas

não têm nada a ver uma com a outra. A mente dele está tão focada na satisfação física que é só nisso que ele consegue pensar. Enquanto a atração dele por você durar, você pode até pensar que estão ficando mais próximos, mais íntimos um do outro, mas a verdade é que isso só a torna menos importante e mais usada [...] mas nós, garotas, somos diferentes. Sexo não é uma coisa que fazemos e depois esquecemos. Deus nos fez um pouquinho diferentes. Ele nos fez mais sensíveis e vulneráveis. Ele nos fez de tal maneira que criamos laços afetivos por meio do sexo. Entregamos uma parte de nós a um homem. Ele entra em nós e nos tornamos uma com ele. Sentimos uma conexão, como nenhuma outra, durante o ato sexual (DIMARCO, 2020, p.50).

De acordo com o programa, os filmes e livros românticos equivalem à “pornografia feminina”, pois a partir deles, as garotas e mulheres criam a idealização de um relacionamento perfeito, o que leva, a “exigir um padrão muito alto dos rapazes” e na medida em que eles não atendem as expectativas, elas passam a “reclamar”. O romance é caracterizado como uma “preliminar sexual”, uma preparação para “o casamento para sempre”. Segundo a igreja, é através do romance, que o “apetite sexual” das garotas inicia e por isso cabe a elas - somente a elas - tomar cuidado para não se afastar da pureza.

Ser procurada, ser conquistada, receber muitos presentes. Olhar apaixonadamente nos olhos um do outro. Trocar beijos longos e lentos. Caminhar de mãos dadas. Andar de patins no Central Park. Rolar na grama. Brincar de fazer cócegas um no outro. Todas essas coisas com as quais sonhamos são colocadas na tela numa montagem feita por diretores e produtores de cinema, que realmente entendem como funciona a mente de uma mulher. É a pornografia feminina (DIMARCO, 2020, p.55).

À vista disso, o programa critica as músicas e séries *hodllywianas*, que segundo a igreja, estariam incentivando as meninas a seguirem o coração, o que não seria adequado já que a despeito de significar afeto, “o coração tem sido péssimo administrador da vida amorosa, afinal, ele só sente e não pensa. Por isso tem sido um desastre o que tem acontecido na vida amorosa de tantas pessoas” (GODLLYWOOD SCHOOL, NAMORO DO SÉCULO 21. UNIVER VÍDEO, 2018).

A maior liberdade sexual e o desejo de seguir o coração são tomados como os principais responsáveis pelo aumento de divórcios e de famílias “desajustadas”, que não correspondem ao modelo patriarcal. “As pessoas se casam e descasam, deixando marcas, filhos e muitas vezes, dívidas. O coração diz ‘eu quero me entregar e me relacionar com esta pessoa que não tem compromisso algum. Depois de nove meses vem o resultado” (GODLLYWOOD SCHOOL, NAMORO DO SÉCULO 21. UNIVER VÍDEO, 2018).

Durante as aulas, a Universal também apresenta as garotas o “*checklist*”

retirado do livro “Namoro Blindado” de Cristiane e Renato Cardoso. O intuito é que elas verifiquem os passos que devem seguir antes de iniciar um relacionamento, são eles:

Estar curado de relacionamentos anteriores. Ter idade para um relacionamento sério. Estar disponível e disposto a dedicar tempo para o relacionamento. Ter a intenção de casar em vez de apenas se divertir. Estar livre de vícios. Ter caráter íntegro. Estar definido na questão profissional e financeira. Estar resolvido interiormente (GODOLLYWOOD SCHOOL, NAMORO DO SÉCULO 21. UNIVER VÍDEO, 2018).

Os ensinamentos disseminados às garotas defendem que as mulheres devem voltar a usar o corpo como “moeda de troca”, ou seja, para que os homens possam ter qualquer vivência sexual com elas, devem, primeiramente, se casar. Porém, na medida em que as meninas estão se “entregando” muito rapidamente, de maneira casual, elas estão se “sucateando”, perdendo o seu “bem valioso”.

Pode até parecer algo sem muita importância dar uns beijinhos e uns amassos num amigo. Mas a verdade é que você está entregando aquilo que tem a seu favor. É mais ou menos como se o Starbucks decidisse distribuir café de graça e, depois, quisesse entender por que está indo à falência (DIMARCO, 2020, p.44).

Segundo o programa, ao iniciarem a vida sexual antes do casamento ou mesmo praticarem quaisquer insinuações, as meninas são convertidas em “meras prostitutas”¹⁰² aos olhos dos rapazes. Além disso, reproduzindo a lógica do mito criacionista de Adão e Eva, a Universal reiteradamente defende que ao se “comportarem”, mantendo-se puras, as garotas também asseguram que os meninos não infrinjam as regras, já que elas seriam responsáveis por induzi-los ao “pecado”:

Observe que Deus culpa a mulher pelos seus maus caminhos, não o homem. Ele apenas adverte o homem a respeito dela. Se estiver permitindo que um rapaz a use para ter prazer sexual, você o está conduzindo por um caminho de destruição, e Deus culpa você. Como garotas, devemos ficar do lado daquilo que é correto. Devemos nos levantar contra a impureza e não permitir que os rapazes nos convençam a induzi-los ao pecado (DIMARCO, 2020, p.53).

Ainda de acordo com a IURD, a liberdade sexual defendida por movimentos feministas seria, na verdade, “mentiras que as mulheres contam para si mesmas” e, portanto, “extremamente destrutiva”. Para a igreja, a liberdade sexual leva à

¹⁰² Para contrapor a esta visão estigmatizante e simplista, recomendo a leitura da obra “Putafeminista” de autoria da trabalhadora sexual, ativista pelos direitos das prostitutas e uma das fundadoras da Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais, Monique Prada. No exemplar, a autora manifesta a resignificação do trabalho sexual e, ao mesmo tempo, da militância feminista ao revelar os embates travados dentro dos movimentos de mulheres, em torno da luta pela legitimação do trabalho sexual, que ainda produz divisões de opiniões os movimentos feministas.

desvalorização das mulheres e ensina aos homens que elas são instrumentos que servem apenas para satisfazer os seus desejos. “Isso não nos dá prestígio entre os rapazes. Não faz com que eles gostem mais de nós. E é a plena aceitação do pecado em nossa vida” (DIMARCO, 2020, p.44).

A mulher sempre rejeitou este tipo de comportamento de muitos homens, de só se interessar pela mulher, seu corpo e horas de prazer, entretanto, hoje a mulher tem agido e comportado exatamente da mesma maneira que sempre odiou e criticou. Como pode isso? (GODLLYWOOD SCHOOL, NAMORO DO SÉCULO 21. UNIVER VÍDEO, 2018).

O segundo livro empregado pelo programa *Godllywood Girls* durante as aulas intitulado “Sexy Girls – qual é o limite da sensualidade?”, também publicado e traduzido pela Unipro conta com prefácio de Cristiano Cardoso, que traz como título a seguinte questão: “o que seu exterior diz sobre o seu interior?”. A filha de Edir Macedo defende que “para mulher em geral, ser bonita é muito importante, faz parte da nossa natureza” (CARDOSO apud DIMARCO, 2013, p.10).

Ainda, de acordo Cardoso, a beleza exterior da mulher deve refletir a beleza interior e, por isso, cabe a ela escolher roupas, sapatos, maquiagens, cores e cortes de cabelo que passem uma mensagem condizente, que expresse o que ela carrega no coração. “O livro é prático, fácil de entender, e extremamente importante para todas as mulheres que se valorizam” (CARDOSO apud DIMARCO, 2013, p.10).

Na obra, Hayley DiMarco reforça que a sua intenção é ajudar as garotas a compreenderem o seu corpo e a maneira como os meninos olham para ele ou recorrendo a suas próprias palavras: “a oportunidade de você começar a entender melhor a sua sexualidade e o impacto que ela causa nos garotos a sua volta” (DIMARCO, 2013, p.15).

Reforçando as discussões apresentadas durante as aulas, o livro convida as meninas a avaliarem os modos como têm se vestido e comportado a fim de que mantenham “puras”. Ancorada em pressupostos de marketing, a autora afirma que assim como grandes marcas, todas as pessoas constroem imagens que espera que o público-alvo capte. Segundo ela, para as meninas, o principal destinatário, são os meninos.

Todos os dias, esteja ciente ou não, você monta o seu próprio pacote de RP (relações públicas). Todas as manhãs, você decide qual imagem o resto do mundo terá de você. Você se pergunta: caprichada ou casual? Esportiva ou relevadora? E faz escolhas que definem a sua imagem. Todo mundo tem uma imagem [...] todos os dias, quando você se veste, cria uma imagem e uma campanha de marketing que informa ao seu público-alvo o que ele vai ganhar quando “adquirir” você. Você é gostosa, atrevida, brincalhona, animada, tímida, sedutora ou atlética? (DIMARCO, 2013, p.28).

O livro se propõe a prestar uma consultoria de imagem às meninas, para que elas criem “uma imagem da qual se orgulhem”. Para isso, propõe diversas atividades ao longo das páginas, como escolher três adjetivos que descrevam “quem você é e como quer que os outros vejam você”. Também apresenta testes como “até que ponto você é sexy?”, no qual são apresentadas perguntas sobre o tamanho das blusas usadas pelas garotas (“se encostam nas calças”), além de abordar a opinião delas sobre tatuagens, piercings. Com base nas respostas é atribuída uma pontuação. A escala é definida da seguinte forma:

20-17: Você é sensual: E todo mundo sabe disso! Você definitivamente tem um jeito sexy de ser. Talvez nem tenha se dado conta disso, mas está virando a cabeça dos garotos. Talvez você devesse começar a repensar as coisas. 16-14: Às vezes você é sexy. Aposto que você vira algumas cabeças de vez em quando. E não é porque seu cabelo está bonito. Eles gostam de olhar o corpo que você está exibindo. Se você não faz ideia de como seu sex appeal tem afetado os garotos, logo vai saber. 13-10: Eu diria que você é uma gracinha. Você pensa na sua aparência com cuidado e se preocupa com o que os garotos pensam sobre o seu corpo. Aparentemente, você já se conscientizou do poder do seu corpo e tem usado de maneira sábia. Muito bom (DIMARCO, 2013, p.30).

Outro teste apresentado às garotas versa sobre as percepções que elas têm sobre os garotos. As perguntas abordam a relação dos meninos com o sexo e o que eles pensam sobre o comportamento sexual das meninas com base nas roupas que elas estão usando, entre outros assuntos envolvendo o exercício da sexualidade. No final, é exposto um novo ranqueamento, a saber:

12-10: Especialista no gênero masculino: você tem um dom. O entendimento a respeito dos homens. Já sabe que a maneira dos homens pensarem em sexo é completamente diferente da maneira das mulheres pensarem em sexo. Muito bom! 9-8: Tem conhecimento: Você entende um pouco. Eles são diferentes de nós, mas você sabe o quanto? Continue lendo e vai se surpreender. 7-4: Sem noção: Mas não se preocupe. Garotos são difíceis de entender. Eles são completamente diferentes. Quem diria? (DIMARCO, 2013, p.30).

Ainda, segundo a Universal, a moda tem exposto às meninas e mulheres a tendências que não valorizam a beleza que elas carregam. Com peças que deixam cada vez mais o corpo à mostra. A igreja chega a sugerir que elas procurem tamanhos acima do que usam para que as blusas fiquem longas o suficiente, por exemplo.

Os olhos dos garotos veem mais do que você mostra. Por isso, quanto menos você mostrar, menos eles vão ficar imaginando [...] agora que você sabe que a exposição agressiva das partes do seu corpo é uma pedra de tropeço para os garotos à sua volta, que desculpa tem para sair por aí exibindo as suas partes femininas? (DIMARCO, 2013, p.28).

Segundo a obra, a partir do momento que as meninas têm conhecimento do poder que exercem sobre os meninos, não há mais “desculpas” para que elas desvirtuem a si mesmas, aos garotos e, conseqüentemente, desagradem a Deus. “Você se considera cristã? Você adora a Deus, fala sobre oração e sobre seu relacionamento com Cristo, e depois sai por aí tentando todos os garotos que aparecem pela frente? Não faz sentido (DIMARCO, 2013, p.34).

Retrocedendo à pré-história, a autoria cita o “homem das cavernas” para argumentar que os meninos são competitivos, aventureiros e gostam de “caçar”. Com base neste entendimento, ela defende que aquelas meninas que “são fáceis” não despertam o interesse para um compromisso, já que não os instigam e tampouco são levadas a sério.

Ele gosta da ideia de você não ser fácil de se conquistar e que, se conseguir, ele terá feito algo que nenhum outro cara (ou pelo menos não uma dúzia deles) fez. Então, toda vez que torna as coisas muito fáceis para ele, mostrando o quanto está disponível e pronta, você perde pontos (DIMARCO, 2013, p.32).

Nota-se que, apesar de a Universal contrapor-se à educação de gênero nas escolas, a igreja desenvolve um letramento de gênero que desinforma sobre o exercício da sexualidade, convertendo-a em mais um campo de controle e negação de direitos, conforme abordo a seguir.

5. 1. IURD E A ANIQUILAÇÃO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXUALIDADES DISSIDENTES

Durante as aulas do programa *Godllywood Girls*, a possibilidade de vivenciar relacionamentos afetivos é, exclusivamente, apresentada pela matriz heterossexual, que segundo Butler corresponde a: “grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (BUTLER, 2020, p.216).

As referências explícitas às identidades de gênero e sexualidades dissidentes são carregadas de preconceitos, já que estas são consideradas afrontas “a família” e aos valores cristãos e, por isso, devem ser rechaçadas.

Ainda, é possível constatar que a homossexualidade não é concebida como uma característica inata aos indivíduos, ou seja, como algo que os acompanha desde o nascimento, mas sim como uma “tendência”, decorrente da possessão de forças diabólicas, de doenças, traumas, vícios. Compreendida como uma condicionalidade, a homossexualidade fica sujeita a tratamentos, conversões e

“salvações” (NATIVIDADE, 2006).

“No discurso sobre cura e libertação, tecnologias que visam ao cultivo de si e à racionalização dos controles corporais convivem com a manutenção da assimetria entre os gêneros” (NATIVIDADE, 2006, p.128).

A Universal orienta as garotas que elas devem se afastar do estilo denominado de “maria-moleque”, que segundo a igreja, seria uma forma de se vestir e de comportamento que afastaria as meninas do ideal de feminilidade, esperado que elas representem:

Porque uma menina quer se vestir e agir como um menino, sendo que ela é uma menina? Porque ela quer ser uma pessoa desencanada com os meninos. Muitas vezes, ela acha chata a conversa entre as meninas, mas entre os meninos, ela se encaixa super bem, porque os meninos, muitas vezes, não se atentam a detalhes, são mais práticos e muito menos complicados. Mas ela pode ser desencanada, não ligar para bonecas, não ser assim tão delicada. Não tem problema ser desencanada, usando roupas femininas que não precisam ser rosa necessariamente. O que não pode é perder a feminilidade dela, falando de forma graciosa, tendo responsabilidade, sendo pontual, tendo foco (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, UMA BELEZA QUE SE APRENDE. UNIVER ENSINO, 2018).

Muitas meninas querem ser como os meninos porque eles não demonstram tanta preocupação como as mulheres, eles agem pela razão e não pela emoção. Mas se as meninas unirem a sabedoria e graciosidade da mulher e o estado racional do homem, elas conseguirão ser mais felizes e realizadas, pois estarão dentro do plano original de Deus para elas, sem diminuí-las, mas aproveitando todas as características únicas que elas têm (GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, POSTURAS E MODOS. UNIVER ENSINO, 2018).

A seguir compartilho uma das imagens empregadas pela IURD para argumentar junto às garotas que o uso de saias por meninos seria “errado”. A exposição da figura é acompanhada pela expressão recriminatória da professora:



Figura 12. Imagem utilizada pela IURD para reforçar a cisgenderidade junto às garotas durante as aulas – Foto: Godllywood School/Reprodução

Com base na cultura cristã ocidental, a binariedade do gênero e a heterossexualidade foram convertidas em parâmetros para a leitura de todos os corpos e suas vivências. Sob influência da Igreja Católica, a legislação vigente até o Brasil imperial, condenava a “sodomia”¹⁰³, termo empregado para se referir a relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Com base no livro de Gênesis, no Velho Testamento, a prática era considerada pecado, contra a natureza, “anormal” e, portanto, deveria ser combatida (ANDRADE, 2019).

Segundo Foucault (1999) nas sociedades modernas, a norma tem alcance maior do que a lei. Ela prevalece como aspecto fundamental das relações de poder. Enquanto a lei é exterior ao indivíduo, ao operar unicamente por ocasião da violação de um ato considerado proibido, a norma envolve o conjunto da existência humana. Ela está presente no cotidiano, alcança a interioridade, fabricando condutas.

A lei é direta e teatral. A norma é difusa e indireta, funciona como padrão culturalmente construído a partir do qual uma multiplicidade de indivíduos é cindida por dentro, entre “normais” e “anormais”. Este discurso de que o que foge à norma é automaticamente “anormal” é compartilhado pela IURD como exemplificado o seguinte trecho da 3ª aula da 2ª temporada: “Existem muitos outros estilos de vida, os quais muitas meninas têm aderido em suas vidas. Mas lembrem-se disso: tudo aquilo que foge do normal tem algo de estranho e provavelmente algo que não é bom” GODLLYWOOD SCHOOL. LOOKS, POSTURAS E MODOS. UNIVER ENSINO, 2018).

A Inquisição, também conhecida como Tribunal do Santo Ofício, criado pela Igreja Católica durante o Brasil colonial teve o objetivo de combater práticas consideradas heréticas. A sodomia foi alvo de diversas punições desde penitências, jejuns, prisões, chegando até a condenação à morte. Justificada pelas escrituras sagradas, a igreja instituiu a perseguição violenta e exterminadora dos corpos LGBTQIA+ baseada em versículos bíblicos como “Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão” (ANDRADE, 2019).

As instituições cristãs construíram a idealização do homem universal, o sujeito que deve ser ponto de partida para todos os corpos, sexualidades, desejos, identidades e religiosidades: o homem branco cisgênero

¹⁰³ Sodoma é uma cidade mencionada no Livro de Gênesis, juntamente com Gomorra, que teria sido destruída por Deus com fogo e enxofre devido à maldade de seus habitantes. O relato bíblico descreve que a destruição foi uma punição divina pelos pecados e práticas contrárias à moral estabelecida.

heterossexual e cristão. Assim, as opressões violentas dirigidas aos corpos que fogem dessa matriz excludente são justificadas e naturalizadas por fugirem do “normal”. Este homem é o padrão colonial que as igrejas cristãs construíram ao longo dos séculos de colonização e que é perpetuado nas pregações e evangelizações (ANDRADE, 2019, p.08).

Apenas em 1992, com a promulgação do novo Catecismo da igreja católica, pelo papa João Paulo II, houve o reconhecimento de que o preconceito deveria ser combatido, porém, o mesmo documento manteve condenação aos “atos homossexuais” classificados como contrários à ordem e a “lei natural” e ao “dom da vida” (ANDRADE, 2019).

O termo “homossexualismo” difundido pelos manuais de medicina¹⁰⁴ no século 19, também trouxe sua contribuição para o estabelecimento de uma moralidade LGBTfóbica, ao patologizar a orientação sexual, classificando como distúrbio. Diversas doenças que surgiram no final do século 19, como sífilis foram associadas a castigos divinos pela suposta desregulação da vida sexual. “O século 19 estava construindo um corpo, dando limite a um corpo e inventando uma coreografia sexual” (PRECIADO, 2010, p. 11).

Da mesma forma que médicos se apagavam a ideias cristãs para embasar práticas higienistas, religiosos se assentavam em conhecimentos médicos para legitimar seus valores (DANTAS, 2010). A OMS, por exemplo, só retirou a homossexualidade da lista de doenças em 1990, reconhecendo a orientação sexual como uma variação da sexualidade humana.

Para a Universal, a vivência homoafetiva é considerada “pecaminosa”. A negação é acompanhada do desenvolvimento de uma série de práticas orientadas fundamentalmente pela confissão e que tem como principal finalidade promover a “cura gay”.

O que foge ao padrão é pecado e, portanto, desordem na sexualidade, comportamento que precisa de restauração, do “reparo” divino. Um impulso sexual natural (heterossexual), que foi pervertido em sua origem por experiências traumáticas e pela prática de certos pecados, é passível de ser restaurado pela comunhão com o Espírito Santo, em um processo que envolve cura das memórias, busca de santificação, disciplina e libertações. A extinção (ou mesmo a atenuação) dos desejos homossexuais, assim como a emergência de um impulso heterossexual natural, é almejada como possibilidade de conformidade ao destino concebido por Deus (NATIVIDADE, 2006, p.124).

¹⁰⁴ Mais adiante, Preciado (2014) denomina de era farmacopornográfica o período iniciado logo após a Segunda Guerra Mundial, cuja centralidade das tecnologias hormonais, de medicamentos e drogas e da indústria pornográfica inaugurou uma nova forma de pensar e viver o corpo, em que sexo, sexualidade e gênero se transformam numa questão central para a política e para a economia.

Durante pregação de Natal, em 24 de dezembro de 2022, Edir Macedo publicou um vídeo nas redes sociais, no qual comparou gays e lésbicas a bandidos, afirmando que homossexuais e ladrões seriam “pessoas que nasceram boas, mas foram corrompidas pelo mundo” (CARTA CAPITAL, 2022).

Na IURD, a homossexualidade é considerada como resultante da socialização de famílias “desestruturadas”, nas quais a ausência de firmes modelos de masculino e feminino produziria uma espécie de identificação com o gênero errado. É recorrente nesse contexto o uso da expressão transtorno ou crise de identidade de gênero. Pais ausentes e mães dominadoras são personagens obrigatórios nos casos evocados como exemplos de homossexualidade masculina (NATIVIDADE, 2006).

A retórica do bispo se sustenta durante todas as aulas ofertadas às meninas: a existência de outros arranjos afetivos-sexuais que não sejam aqueles formados por *um homem e uma mulher*. Ao longo de todo o programa, a única experiência sexual legitimada é aquela vivenciada no âmbito do casamento heterossexual:

Só o fato de uma pessoa pensar em ter relações sexuais com outra já conta como se tivesse, de fato, feito sexo. Se você permitir que seu namorado fique fantasiando que está fazendo sexo com você estará conduzindo ao caminho da desobediência [...] sexo não foi feito para pessoas que não são casadas. Ele foi criado com perfeição para um homem e uma mulher dentro do casamento (DIMARCO, 2020, p.36).

Monique Wittig em “O pensamento hétero” (2022) considera que discursos cujas bases tomam a heterossexualidade como regra¹⁰⁵, isto é, única condição para a experiência humana, embora na maioria das vezes se apresentem como apolíticos, são extremamente opressores. Isto porque, tais representações negam vivências diversas e as condicionam ao silenciamento: “estes discursos de heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles” (WITTIG, 2022, p.02).

A pesquisadora avalia que a naturalização da relação heterossexual, isto é, “relação social obrigatória entre mulher e homem” é um dado pré-adquirido, e através dele é desenvolvida uma leitura totalizante da história, cultura e linguagem. O caráter opressivo de que se reveste o pensamento hétero na sua tendência para imediatamente universalizar a sua produção de conceitos em leis gerais que se

¹⁰⁵ Rich (2010) nomeia de “heterossexualidade compulsória” a construção de ações e sentidos que impõem a obrigatoriedade de um indivíduo se relacionar afetiva e sexualmente com outro do sexo oposto.

reclamam de ser aplicáveis a todas as sociedades, a todas as épocas, a todos os indivíduos (WITTIG, 2022).

Preciado (2014) também aponta que “a heterossexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reconstruir através e operações constantes de repetição e de recitação de códigos masculinos e femininos socialmente investidos como naturais” (PRECIADO, 2014, p. 26).

Preciado (2018) compreende que sob a égide de um (cis)tema sexista, a normatividade dos corpos é incessantemente posta, exercendo pressão para que os indivíduos se adequem aos papéis que são esperados que cada sexo-gênero desempenhe. Assim, a partir de uma visão binária, espera-se que as mulheres performem valores e comportamentos que são concebidos como femininos e os homens, por sua vez, reafirmem posições associadas a supremacia masculina, isto é, mulheres e homens tornam-se: “eficientes ficções performativas e somáticas convencidas de sua realidade natural” (PRECIADO, 2018, p.262).

Segundo o autor, a “sexopolítica”, enquanto uma forma dominante da biopolítica no capitalismo contemporâneo “entra no cálculo de poder fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida (PRECIADO, 2011, p.11).

Em diálogo com Michel Foucault, Monique Wittig, Audre Lorde, entre outros pensadores, Preciado (2011) propõe a reflexão sobre a heterossexualidade não apenas como uma prática afetiva e sexual, mas um regime político que integra a administração dos corpos e uma gestão calculada da vida. Diante disso, silenciar as identidades “anormais” é também uma forma de minar sua potencialidade política para reivindicar e fabular mundos outros, além da lente da cisheteronormatividade.

A “multidão queer”, expressão desenvolvida por Preciado (2011) para nomear movimentos feministas, homossexuais, transexuais, transgêneros, intersexuais, ciborgues¹⁰⁶, drag kings¹⁰⁷, entre outros grupos subalternizados, provocam uma “desterritorialização da heterossexualidade”, na medida em que questionam

¹⁰⁶ O "Manifesto Ciborgue" de Donna Haraway propõe uma visão crítica do mundo contemporâneo, utilizando o ciborgue como metáfora para a hibridação entre natureza e tecnologia e a ruptura de fronteiras binárias como humano/animal, homem/mulher e natureza/cultura. Para Haraway, o ciborgue representa um ser pós-gênero, um híbrido que desafia noções tradicionais de identidade e abre possibilidades para novas formas de organização social e política.

¹⁰⁷ Butler (2019) também considera que o potencial crítico da “prática drag” se refere sobretudo à crítica de um regime de verdade que prevalece sobre o “sexo”, um regime que considera profundamente heterossexista.

discursos que buscam estabelecer o que é “normal” e “anormal” bem como os processos de subjetivação neles assentados.

Esse processo de “desterritorialização” do corpo obriga a resistir aos processos do tornar-se “normal”. Que existam tecnologias precisas de produção dos corpos “normais” ou de normalização dos gêneros não resulta um determinismo nem uma impossibilidade de ação política [...] a política da multidão queer não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais”: (PRECIADO, 2011, p.14).

Com base nestas considerações, considero que a IURD não visibiliza e recrimina tais grupos porque eles tensionam a noção biologizante e essencialista perpetrada pela igreja, que defende a existência de características inatas e universais, responsáveis por definir o que é “ser mulher” e “ser homem”, desconsiderando, assim, a diversidade de experiências e as mudanças sociais que também têm contribuído para a ressignificar os papéis tradicionais de gênero bem como as vivências afetivas-sexuais que fogem à heterossexualidade.

Define-se o lícito e o ilícito para o sexo a partir de uma equação em que um comportamento *normal* e *sadio* é aquele que se orienta pelas determinações de Deus, que estariam expressas no texto bíblico. As sexualidades não-heterossexuais são, portanto, contrárias à Palavra e, nesse sentido, uma “anormalidade”, “aberração” e comportamento que “irrita a Deus”. Um princípio estrutural hierárquico apresenta-se, ressaltando que há “um lugar para cada coisa”: o pênis, que produz esperma, não foi criado por Deus para o prazer individual (fora do casamento cristão), mas para a reprodução da espécie humana, para ser depositado em um vaso natural (a vagina), também criado por Deus. Transgredir essa ordem é abandonar um modo natural de vida (NATIVIDADE, 2006, p.120).

As identidades e sexualidades dissidentes promovem a “contrassexualidade” enquanto prática subversiva à cisheteronormatividade, princípio da cultura cristã ocidental, sob o qual as sociedades ocidentais foram forjadas. Tais grupos tensionam hierarquias coloniais que se mantêm. Nas palavras de Preciado: “a contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros” (PRECIADO, 2014, p.21).

Isto quer dizer, que a população LGBTQIA+ “perturbam a coerência” do sujeito mulher ou homem” que fundamenta o “contrato social heterocentrado” e as performatividades normativas inscritas nos corpos como verdades biológicas (BUTLER, 2019). Com isso, tais segmentos tem conclamado uma equivalência de todos os corpos-sujeitos, rompendo com relações hierarquizadas.

Os papéis e as práticas sexuais, que naturalmente se atribuem aos gêneros

masculino e feminino, são um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro. A diferença sexual é uma heterodivisão do corpo na qual a simetria não é possível. O processo de criação da diferença sexual é uma operação tecnológica de redução que consiste em extrair determinadas partes da totalidade do corpo e isolá-las para fazer delas significantes sexuais. Os homens e as mulheres são construções metonímicas do sistema heterossexual de produção e de reprodução que autoriza a sujeição das mulheres (PRECIADO, 2014, p.26).

Logo, para que se mantenha a ordem heteronormativa, a reprodução da família patriarcal, defendida pela IURD, responsável por produzir corpos-homem e corpos-mulher, as identidades e sexualidades dissidentes são convertidas em abjetas, recrimináveis, matáveis. “A identidade homossexual, por exemplo, é um acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual, e estigmatizada como antinatural, anormal e abjeta em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural” (PRECIADO, 2014, p.31).

Emitir discursos que associam identidades de gênero e sexualidades dissidentes à degradação, impureza, imoralidade, torna-se uma estratégia de controle profícua para que estes grupos sejam considerados pela maioria como “perversos”, “perigosos” capazes de desestabilizar a ordem, “extinguir a família”, entre outras graves consequências que causam pânico moral.

Não por acaso, o sistema sexo-gênero se tornou parte tão importante para o plano de poder criado pela Universal, que passou a estabelecer discursos sobre masculinidade e feminilidade e técnicas de normatização das identidades sexuais transformaram-se em um “agente de controle e padronização da vida, de produção e governo das subjetividades (PRECIADO, 2018, p. 76). Tal lógica legitima um modelo de família que é principal responsável por difundir a “política da prosperidade” almejada pela igreja.

5.1.1. Família, prosperidade e colonialidade

Durante as aulas do programa *Godllywood Girls*, modelo de família heteronormativo, patriarcal é o único validado pela Universal:

Mas a jovem que sabe seu valor busca alguém que também se valorize, e principalmente que tenha os mesmos objetivos e foco que ela. Assim, ambos caminharão juntos, um ajudando e auxiliando o outro. Eles sabem que não devem ultrapassar fases, por isso há um namoro, um noivado e o casamento. Há uma preparação para essa caminhada juntos, um se guarda para o outro, pois respeito e honra andam aliados ao amor deles, e é assim

que se forma o casal e a família (GODLLYWOOD SCHOOL. UM VALOR INESTIMÁVEL. UNIVER ENSINO, 2018).

Este arranjo familiar composto por filhos, pai, mãe casados perante a Igreja Católica foi importado da Europa para o Brasil e estabeleceu como o padrão. Este modelo foi importante para perpetuar os valores cristãos entre as gerações:

Ao chegar ao Novo Mundo, o sacramento já correspondia aos ideais definidos pela Igreja Católica no Concílio de Trento: deveria servir como instrumento na luta contra a Reforma Protestante e na difusão do catolicismo. Apenas neste tipo de família – a abençoada pelo matrimônio – seria possível educar os filhos no âmbito cristão, movimentando uma correia de transmissão pela qual passariam de geração em geração, as normas e os valores da igreja católica, que buscava universalizar suas normas para o casamento e a família (DEL PRIORI, 2020, p.18).

Sob a ordem patriarcal, o casamento era considerado uma engrenagem essencial para a manutenção e transmissão do patrimônio; um espaço para interesses pessoais e de formação de um sistema de dominação política e econômica. O sistema patriarcal garantia a transferência da autoridade paterna para o marido que passava a ter a função de manter e de disciplinar a esposa e a prole, para ser bem sucedido neste empreitada, o marido (e pai) tinha legitimidade para os atos de violência tanto para a esposa quanto para os filhos. As mulheres casadas e mães, aos olhos da Igreja, eram superiores às solteiras porque eram as mantenedoras e gestoras de lares cristãos. Nesta caracterização, a Igreja acabava construindo relações de poder entre as próprias mulheres (BANDINI, 2005, p.76).

No âmbito do pensamento social brasileiro, Gilberto Freyre foi um dos primeiros intérpretes a se debruçar sobre este modelo de família primeiramente enraizado no Nordeste, e expandido para as demais regiões do país. Segundo Freyre (2003), a família patriarcal era extensa, ou seja, formada por muitos membros, porém com a chefia incontestável da figura masculina.

A família patriarcal tem em suas raízes na grande propriedade rural e escravização, ou seja, não era um modelo uniforme, era específico da classe dominante. Entre as famílias mais pobres, as mães não tinham como dedicar-se integralmente ao cuidado dos filhos e ambiente doméstico (BANDINI, 2005). Para Freyre (2003) a família patriarcal não compreende apenas a esfera privada, marcada pela afetividade - e pela violência - entre seus membros, o modelo configura uma unidade política, social e econômica, ou seja, uma força social que se desdobra em política:

A soma da tradição patriarcal portuguesa com a colonização agrária e escravista teria resultado no patriarcalismo brasileiro. Tanto no interior quanto no litoral, era o patriarca que garantia a união entre parentes, a obediência dos escravos e a influência política de um grupo sobre os demais. Uma grande família reunida em torno de um chefe forte e temido impunha sua lei e sua ordem nos domínios que lhe pertenciam. Instalada

em geral em engenhos ou fazendas, ela se concentrou na área rural até o século XVIII. O “senhor” cuidava dos negócios e aparentemente tinha absoluta autoridade. Sua influência era enorme e se estenderia, muitas vezes, às famílias do mesmo tipo, localizadas nas regiões próximas (DEL PRIORI, 2020, p.21).

Nota-se, portanto, que a despeito da concepção imutável e sagrada de família difundida pelo cristianismo, a noção de família corresponde a uma construção social e, então, acompanhando mudanças sociais mais amplas, também vem se modificando. Com a expansão territorial motivada pela descoberta do ouro, entre os séculos 17 e 18, ocorrem intensas ondas migratórias em direção ao interior, onde trabalhadores livres, mas sobretudo, escravizados serviram de mão de obra. Já naquele momento, os deslocamentos alteraram o perfil demográfico do país e contribuíram para o surgimento de outros modelos de família (DEL PRIORI, 2020).

O cuidado da mulher para com as crianças, fossem elas seus filhos biológicos ou não, reforçou o papel social da mulher na administração do lar durante a sociedade colonial. Esta condição, contudo, era restrita as mulheres brancas, esposas legítimas, já que a maioria das mulheres negras, escravizadas e seus filhos eram mercadoria para os senhores de engenho, de modo que raramente permaneciam juntos (DEL PRIORI, 2020, p.21).

Com a constante migração dos homens, as relações eventuais que surgiam, filhos legítimos e ilegítimos passavam a conviver. Documentos da época demonstram que diversas mulheres eram responsáveis pelos cuidados de outras crianças, incluindo os oriundos de relações extraconjugais de seus maridos, o que faziam, muitas vezes, por obediência aos homens (DEL PRIORI, 2020).

Em São Paulo, por exemplo, durante o século 18, cresceu o “matriarcado da pobreza”, forma de organização familiar caracterizada pela presença de agregados e filhos que podiam ter pais diversos. Nestas famílias, a autoridade feminina mais velha: a avó ou mãe. Sozinhas e à frente da família, as mulheres sobreviviam e cuidavam do pequeno comércio, da lavoura, da plantação e dos animais domésticos. Também prestavam serviços de lavar, costurar, tecer, bordar, fiar panos grosseiros, fazer pães ou doces, tingir, plantar ou se prostituir. Algumas mais abastadas eram fazendeiras, comerciantes de escravos e de tropas que transportavam para o interior produtos comprados do litoral. Afrodescendentes que se estabeleciam por conta própria também tinham escravas e agregadas. Trabalhando em casa ou na rua, as mulheres ajudavam na sobrevivência de filhos e dependentes e eram membros destacados da economia informal então existente. Em regiões que receberam número importante de escravos, a tradição de etnias matrilineares herdadas do Congo e da Angola reforçou a maneira pela qual pardas e negras estabeleceram famílias, domicílios e negócios (DEL PRIORI, 2020, p.23).

Observa-se que nestas famílias de linhagem matriarcal, as mulheres desempenhavam papéis diversos, desde o sustento até a interferência de quem os

filhos e filhas iriam se casar (DEL PRIORI, 2020). A socióloga e teórica feminista nigeriana Oyèrónké Oyewùmí argumenta que, os últimos cinco séculos conhecidos como “modernidade” foram marcados por processos históricos de subjugação orquestrados pela colonização europeia no continente africano bem como na Ásia e América Latina. De acordo com a autora, a despeito de a “modernidade” evocar ideais de industrialização, e conseqüente desenvolvimento econômico, também de soberania, visto a formação dos estados-nação, tais movimentos surgem a partir da exploração e estratificação sendo que “gênero” e “raça” também criados neste período, tornam-se eixos fundamentais para esta subordinação.

Oyewùmí (2020) traz à baila uma crítica africana às discussões de gênero, ou seja, com base nas experiências e epistemologias culturais africanas propõe a interrogação do conceito de “gênero” levantado pelo feminismo hegemônico. A autora problematiza a ideia de família nuclear apontando como “uma forma especificamente europeia” de organização social, que acabou influenciando o desenvolvimento dos estudos sobre gênero. Conforme observa Oyewùmí (2020) a família nuclear formada por pai, mães e filhos pressupõe papéis sociais generificados, sendo um dos principais, a submissão da mulher ao homem.

A família nuclear é uma família generificada por excelência. Cada casa, ocupada por apenas uma família é centrada por uma mulher subordinada, um marido patriarcal e seus filhos. Essa estrutura, centrada na unidade conjugal, presta-se à promoção do gênero como categorial natural e inevitável. Não existem categorias transversais desprovidas do gênero nessa família. Em uma casa generificada, encabeçada pelo homem e com dois genitores, o homem-chefe é concebido como provedor e a mulher está associada ao doméstico e ao cuidado (OYEWÙMÍ, 2020, p.88).

A pesquisadora ressalta o quanto a divisão sexual do trabalho, elemento central para este modelo de família – e reiterado pelas atividades promovidas pelo *Godllywood* – elabora diferentes trajetórias para o desenvolvimento de meninas e meninos, produzindo, assim, indivíduos e sociedades generificadas.

Diante disso, Oyewùmí (2020) analisa que a noção de feminilidade que emerge do feminismo euro-estadunidense, enraizada na família nuclear é o conceito de esposa, este que como vimos é apresentado como destino inerente das mulheres às participantes do programa. “Essa identidade é absolutamente determinante; outros relacionamentos são, na melhor das hipóteses secundários [...] Como caracol, ela carrega a casa em torno de si mesma” (OYEWÙMÍ, 2020, p.89).

Mas, e quando esta organização social exportada como universal se distancia

de culturas outras? Oyewùmí (2020) explica que, apesar de sua promoção por governos coloniais, organismos internacionais, entidades não governamentais – e aqui, podemos citar as expedições desenvolvidas com viés religioso – a família nuclear ainda é um “alienígena” em África. A autora exemplifica com o caso da família iorubá tradicional que não é generificada, ou seja, o critério de classificação para acesso ao poder e autoridade é a idade. “O princípio organizador fundamental no seio dessa família é a ancianidade baseada na idade relativa e não no gênero” (OYEWÙMÍ, 2020, p.91).

O feminismo hegemônico, branco e eurocentrado contribuiu para evidenciar a subordinação da mulher no ambiente doméstico, trazendo a pauta para agenda pública. Oyewùmí (2020) não ignora o papel das feministas ocidentais tampouco os conhecimentos gerados por elas a partir de suas lutas, mas chama atenção para a necessidade de que eles sejam localizados, circunscritos a espaços e tempos específicos e não tomados como universais. Também ressalta a necessidade de não isolar o gênero de outras formas de opressão como raça e classe.

Entender a aplicabilidade de conceitos feministas para expressar e analisar as realidades africanas é o desafio central dos estudos de gênero africanos. A dualidade opositiva macho/fêmea, homem/mulher e o privilégio masculino que acompanha nas categorias de gênero ocidentais é especialmente alienígena para muitas culturas africanas. Quando realidades africanas são interpretadas com base nessas alegações ocidentais, o que encontramos são distorções, mistificações linguísticas e muitas vezes total falta de compreensão devido à incomensurabilidade das categorias e instituições sociais (OYEWÙMÍ, 2020, p.93).

Destaco estes apontamentos, pois o programa tem crescido, sobretudo, em países do continente africano¹⁰⁸, como África do Sul, Moçambique, Angola, Namíbia. Atualmente, a página do programa tem tradução para seis idiomas: Português, Inglês, Espanhol, Italiano, Francês e Russo (TEIXEIRA, 2014).

Porém, as atividades propostas às participantes seguem um cronograma global desconsiderando as especificidades de cada um dos locais, a exemplo de suas características socioculturais. No caso dos países africanos, a precariedade das condições de vida é explorada reforçando, assim, a “história única” sobre o continente, conforme aludido por Chimamanda Ngozi Adichie.

Em reportagem intitulada "*Sisterhood* estimula a criatividade", uma das

¹⁰⁸ Na África, a Universal está presente em 37 dos 54 países do continente, de acordo com informações do site da própria igreja. Porém, a instalação da IURD no continente africano também tem sido permeada por diversas denúncias de lavagem de dinheiro, evasão de divisas e associação criminosa. Em alguns países africanos, a Universal chegou a ser expulsa.

Bigsister (função desempenhada por brasileiras, companheiras de pastores) na África do Sul narra seu constrangimento ao descobrir que a aula de organização de guarda-roupas não poderia ser ministrada a contento, pois as alunas não dispunham do móvel em suas casas. Como solução a orientadora ensinou as garotas a criarem um armário, usando caixas de papelão e um cabo de vassoura (TEIXEIRA, 2014).

É impossível não associar a incursão do programa a práticas imperialistas e coloniais que buscam se esconder através de trabalhos missionários. Afinal, quem poderá “salvar” tais povos imersos na barbárie senão a civilização ocidental cristã? Fundamental lembrar que a chegada da Universal no continente africano, a partir da década de 1990, integra uma incursão mais ampla de igrejas pentecostais e neopentecostais na região.

A independência de países africanos entre os anos de 1950 e 1975, foi acompanhada da frustração em relação ao desenvolvimento econômico. O estado não correspondeu as demandas da população e as igrejas cristãs – consideradas heranças do colonialismo – se readequaram e passaram a exercer funções que deveriam ser garantidas pelos poderes públicos (BBC BRASIL, 2021).

Aimé Césaire, fundador do jornal *O estudante negro*¹⁰⁹, em 1934, e do Partido Progressista Martiniquês, em 1957, após dissidências com Partido Comunista Francês, nos convoca a repensarmos a compreensão dominante que, assentada em uma perspectiva evolucionista, associa “civilização” a “progresso”.

Longe desta leitura, ele nos chama atenção para as consequências cruéis de práticas imperialistas que, a despeito de tentarem forjar justificativas através de discursos salvacionistas para invasões, roubos, escravização, estupros – entre outras formas de subjugação – foram responsáveis pelo empobrecimento material e etnocídios de sociedades não pertencentes ao Norte Global.

Ouço a tempestade. Falam-me de progresso, de realizações, de doenças curadas, de níveis de vida elevados acima de si próprios. Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias *possibilidades* suprimidas (CÉSAIRE, 1978, p.25).

Considerando os objetivos desta tese, destaco a “equação desonesta”, sugerida por Césaire, de que o cristianismo é sinônimo de civilização. E, ainda, que

¹⁰⁹ No periódico, Césaire formulou pela primeira vez o conceito de “negritude” como uma “busca dramática” pela identidade negra.

esta última, “nunca feita até agora senão pelos brancos” seja capaz de extinguir as múltiplas desigualdades ao levantarem supostas bandeiras universalizantes como a em prol de Direitos Humanos (ONU, 1948).

“Não se trata de suprimir as desigualdades entre os homens, mas de as amplificar e as converter em lei” (CÉSAIRE, 1978, p.20).

Para além do colonialismo externo, ao legitimar apenas o modelo de família patriarcal, o programa *Godllywood Girls* também reforça o colonialismo interno. Pablo González Casanova traz contribuições para pensarmos a estruturação do colonialismo interno, fenômeno que, de acordo com ele, se dá no plano econômico, político, social e cultural.

Segundo o pesquisador, o colonialismo interno¹¹⁰ não tem recebido a atenção devida de grande parte da comunidade acadêmica, que tende a olhar para o imperialismo, ou seja, para as influências de forças estrangeiras que ameaçam a soberania nacional seja explorando recursos e/ou direcionando decisões governamentais.

Guerras e tarifas demonstram que as discussões sobre a autonomia política e econômica dos estados-nação são fundamentais, porém, é necessário considerar que, internamente, diversos países também preservam e renovam muitas das estruturas coloniais.

As lutas das nações contra o imperialismo, e a luta de classes no interior de cada nação e em nível mundial, obscureceram as lutas das etnias no interior dos Estados-nação. Somente se encontrou o sentido das lutas nacionais como parte da luta anti-imperialista e da luta de classes ou de estratégias variáveis como as “frentes amplas” (CASANOVA, 2006, p.435).

Embora as reflexões do pensador mexicano focalizem as desigualdades étnico-raciais, avalio que as considerações podem ser expandidas, provocando debates que também desnaturalizem as assimetrias de gênero. De acordo com Casanova (2006), os grupos colonizados pelo estado-nação sofrem condições semelhantes às que caracterizam o colonialismo em nível internacional. Entre as formas de opressão, destaco a desigualdade frente às elites, a exclusão e dificuldade de acessar as instâncias estatais e políticas públicas, sendo muitas vezes, cooptados a fim de evitar o dissenso e efetivas mudanças nas relações de poder.

¹¹⁰ A expressão foi utilizada pela primeira vez por Charles Wright Mills na década de 1960 (CASANOVA, 2006).

O colonialismo interno refere-se, portanto, a opressão de uma camada da sociedade sobre outra, demarcando posições diferentes na correlação de forças. Esta dominação pode ocorrer de diversos modos e, na majoritariamente, as repressões se interseccionam, ou seja, categorias da identidade como classe, pertencimento étnico-racial, gênero, orientação sexual, interação e condicionam o lugar de subalternidade ou privilégio que o indivíduo ocupará na estrutura social.

Em meio às grandes mudanças ocorridas desde o triunfo global do capitalismo, o colonialismo interno, ou intracolonialismo, e sua relação com o colonialismo internacional, formal e informal, e com o transnacional, é uma categoria complexa que se reestrutura em suas relações com as demais, e que reclama ser considerada em qualquer análise crítica do mundo que se inicie a partir do local ou do global (CASANOVA, 2006, p.450).

Isto não significa dizer que tais grupos internamente colonizados não resistam e se rebelem frente às injustiças. Ao contrário disso, vimos que na história da sociedade brasileira, parcelas subalternizadas, incluindo mulheres e comunidade LGBTQIA+, lutaram incansavelmente pela desconstrução de poder, distribuição de recursos e oportunidades, constituindo agentes imprescindíveis para a promoção de mudanças.

“A estrutura cultural, moral e política do Brasil parte do padrão colonial branco hétero cisgênero, logo, aqueles que vivem dentro desta matriz têm seus privilégios sociais e econômicos assegurados” (ANDRADE, 2019, p.12).

Além de cooperarem para a reestruturação dos jogos de poder, tais segmentos também têm gerado expectativas de mudanças na medida em que apresentam novos projetos societários assentados em outros estilos de pensamento e modos de vida para além daqueles legitimados por grupos conservadores. Estes grupos têm levado a repensar o sentido da democracia e o lugar da sociedade civil perante o estado (CASANOVA, 2006).

Novos movimentos sociais por um mundo alternativo que aprofundam suas lutas contra o imperialismo, o neoliberalismo, o capitalismo e contra as mais distintas formas de opressão laica ou religiosa, que lhes impeçam de alcançar certos valores universais de democracia, justiça e liberdade [...] a formação de redes e organizações autônomas coloca uma nova alternativa de luta com crescentes capacidades de enfrentar o sistema dominante enquanto articule e reestruture as forças heterogêneas que não somente dão um valor primordial à autonomia necessária, mas também à dignidade, irrenunciável, de pessoas e coletivos (CASANOVA, 2006, p.454).

Bento (2012) convoca a pensar sobre “as famílias que habitam a família” e descortina as violências perpetradas em lares cristãos contra pessoas LGBTQIA+.

demonstrando que nem sempre a família é lugar de proteção e acolhimento. Como aponta a professora, a idealização de família, construída a partir de divisão binária em que a mulher é responsável pelo ambiente doméstico e o homem atua na esfera pública, sendo o provedor, restringe a noção de família à vivência heterossexual, aniquilando experiências outras.

A família deve ser binária: Adão e Eva, José e Maria. A finalidade é a procriação: Eva, mãe de todos os viventes, Maria, mãe de deus. Os papéis são definidos pelos órgãos sexuais, reforçando o patriarcado cristão. Adão e José são os provedores da família, Eva e Maria são as figuras submissas. Eva, no primeiro momento, desobedece a figura masculina de deus e é castigada. Maria obedece e é santificada (ANDRADE, 2019, p.10).

Esta compreensão biologizante, em que homem e mulher enquanto seres complementares se juntam para reprodução da espécie tem sido tensionada por vivências dissidentes que têm disputado o conceito de família e conseqüentemente os espaços de poder, incluindo o estado. “A ideia de família como um arranjo moralmente correto impõe restrições práticas e legais, solidificando exclusões sociais” (LEWIN, 2021, p.256). Imprescindível salientar que, além de reprimir tais arranjos familiares na medida em que os negligencia, este modelo de família patriarcal compartilhado pela IURD está cada vez mais distante da realidade.

Somos, diariamente, postos em contato com histórias de mulheres que educam seus/suas filhos/as sozinhas, de pais que lutam na justiça pela guarda dos filhos/as, de casais de homens que conseguem adotar filhos/as, além de conseguirem colocar o nome dos dois parceiros na certidão de nascimento das crianças, desaparecendo a referência à “mãe”. Conclusão imediata: a família brasileira está mudando. Embora haja uma idealização de que há uma única forma de organização familiar, a nuclear, composta pelo pai, pela mãe e os/as filhos/as, essa estrutura de família tem convivido, historicamente, com outras configurações familiares e, nas últimas décadas, as transformações têm sido mais intensas e midiáticas. A família nuclear é apenas uma, entre tantas outras possibilidades de se organizar a família (BENTO, 2012, 275).

Com base no Velho Testamento, Bento (2012) reforça que na mitologia cristã ocidental, há a figura de um Deus-Pai vingativo, que não perdoa nenhum tipo de desobediência. “O pai castiga, aplica sua própria lei. Aqui, o aprendizado, ou humanização, se efetiva pela dor e castigo. Não pode haver nenhuma dúvida do poder do Pai. Duvidar é perigoso (BENTO, 2012, p.277).

Porém, nesta mesma narrativa bíblica, há uma variedade de relações que fogem à moralidade hegemônica como membros de uma mesma família que se matam, expulsões de casa, casos de incesto – uma representação muito diversa daqueles discursos que bradam pela “preservação da família” na

contemporaneidade. Tais desigualdades e preconceitos de gênero têm sido desnaturalizadas por movimentos feministas e LGBTQIA+ que “politizaram” também o ambiente privado, reafirmando outras composições familiares que escapam ao formato patriarcal (BENTO, 2012).

Ademais, durante a infância, os indivíduos passam por processos de socialização primária – conduzido essencialmente pela família – e de socialização secundária promovido por demais instituições como escolas e igrejas.

Nestes ambientes são compartilhados um conjunto de crenças, comportamentos que serão aprendidos pelas crianças e adolescentes, contribuindo para que eles reconheçam os demais e se identifiquem. O sistema sexo-gênero é um dos principais elementos que irá guiar este processo de subjetivação (BENTO, 2012).

“São as verdades sociais – impossíveis de relativização, transmitidas na socialização primária – que estruturam as disposições duráveis dos homens e mulheres” (BENTO, 2012, p.278).

Com base nesta construção binária que se reduz ao “ser mulher” e “ser homem”, garotas e garotos aprendem uma série de disposições que acabam por moldar seus comportamentos e pensamentos. “Faz parte das verdades inculcadas na infância que o desejo sexual só será plenamente realizado na heterossexualidade e na família” (BENTO, 2012, p.279).

Em uma sociedade complexa moderna, os mapas de orientação para a vida social são ambíguos, tortuosos e contraditórios. A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes “mundos”, ou esferas da vida sócia, entrecruzam-se, misturam-se e, muitas vezes, entram em conflito. Sob o prisma da relação “tradicional-moderna”, as transformações nas famílias consistem na dissociação entre os valores com que os sujeitos foram socializados primariamente (identificados como tradicionais, que estabelecem posições fixas, assimétricas e hierarquizadas para os gêneros dentro da estrutura social) e os valores que foram sendo incorporados ao longo de suas vidas (identificados com a igualdade, simetria, liberdade entre os gêneros). Isso gera uma descontinuidade socializatória, considerando que os indivíduos foram socializados para estruturarem suas ações de acordo com uma concepção heterocentrada de família (BENTO, 2012, p.280).

Assim, ao entrar em contato com noções de mundo e realidades diferentes, os indivíduos expandem suas percepções e pode questionar a sua própria identidade, conduta, vindo a desnaturalizar ideias que lhes foram apresentadas como imutáveis como as noções de família, afeto, desejo, os papéis da mulher e do homem, os argumentos que embasam violências, entre outras representações.

Os novos movimentos e muitas das populações que são suas bases de apoio sabem que o controle do Estado chega aos partidos políticos e aos meios de comunicação, de alimentação, de saúde, de educação, de intimidação, de persuasão, e implica uma luta pela alternativa que se coloque o problema da moral coletiva como uma das forças mais importantes para a resistência pacífica dos povos, uma resistência armada de valor e inteligência, mais que de fuzis, e disposta a negociar sem sucumbir, construindo forças de tal modo articuladas e autônomas que imponham uma política de transição para um mundo capaz de sobreviver e de viver (CASANOVA, 2006, p.455).

Ao associar a feminilidade como característica inata ao corpo da mulher (considerando apenas o sexo biológico) o programa negligencia que outros corpos também possam vivenciar padrões de feminilidades. Avalio que o compartilhamento desta visão simplificadora reproduz estereótipos que, por sua vez, estimulam violências múltiplas. Para mais, lembro que este incentivo a intolerâncias e invalidação de vidas outras, tomando-as como inexistentes e, portanto, descartáveis, ocorre sob a égide do país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cheguei à teoria porque estava sofrendo — a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguia continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender — entender o que estava acontecendo ao meu redor e dentro de mim. Mais importante ainda, eu queria fazer a dor desaparecer. Vi na teoria, então, um lugar para a cura. bell hooks, *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*, 2017.

Esta pesquisa buscou identificar quais os sentidos para a educação de gênero são pretendidos pelos discursos do programa *Godllywood Girls*, desenvolvido pela Igreja Universal do Reino de Deus. Para captação de tais significados foram analisadas 42 videoaulas ofertadas pela *Godllywood School* – escola sede do programa localizada no Templo de Salomão. A primeira constatação deste estudo é que as aulas foram gravadas em 2018, mesmo ano em que a extrema-direita chegou ao Palácio do Planalto pelo voto através da eleição de Jair Bolsonaro.

O representante da extrema-direita utilizou da agenda antigênero durante a campanha eleitoral e a transformou em uma política de governo durante os quatro anos em que esteve à frente da presidência, período marcado pelo desmantelamento de órgãos e políticas públicas voltadas às mulheres e população LGBTQIA+ ao mesmo tempo que inflou a retórica de que uma pretensa “ideologia de gênero” deveria ser combatida sob o perigo da extinção da família compreendida em seu modelo patriarcal – formada por pai, mãe e filhos – de preferência também homens, vide a associação de sua filha mulher à uma “fraquejada”.

As aulas ofertadas às participantes do programa na faixa etária entre 6 e 15 anos surgem nesta conjuntura nacional e, atualmente, podem ser acompanhadas por qualquer pessoa de maneira remota através da plataforma de ensino à distância gerenciada pela IURD, Univer Ensino, sob o pagamento de uma taxa de matrícula.

Assim, ao longo deste trabalho, foi possível observar que em quase meio século de existência, a Igreja Universal ultrapassou a esfera religiosa – âmbito que concentra uma grande legião de fiéis em todo mundo – tornando-se um grande empreendimento com atuação em diversos ramos (NASCIMENTO, 2019; CASTELLI, 2025).

Assinalo que a igreja tem mantido um modelo de administração que segue a lógica empresarial, o que pode ser percebido pelo controle centralizado em Edir

Macedo, também na oferta de bens e serviços religiosos diversificados que visam oferecer “soluções” para as mais variadas angústias enfrentadas pelos fiéis, além de destacar e fidelizar a marca IURD no campo religioso, caracterizado por intensa concorrência, visto a gradual perda da hegemonia católica e aumento do número de evangélicos (MARIANO, 2004; CASTELLI, 2025).

À vista disso, constato que a igreja tem se adaptado aos avanços tecnológicos e às mudanças nas formas de consumir informação e entretenimento por parte dos brasileiros. A IURD tem investido cada vez mais em plataformas digitais, aplicativos e produções como podcasts e videocasts. Neste sentido, as mídias da Universal têm sido preponderantes para a divulgação de seus programas, incluindo o *Godllywood Girls*.

Desde a implementação em 2010, as redes sociais têm ocupado um papel de destaque na expansão do programa. Este recurso assemelha-se a estratégias de movimentos feministas que desde o início dos anos 2000 também têm utilizado as redes sociais para divulgar as suas respectivas reivindicações e ações, a exemplo da campanha "Me Too", lançada em 2006 e viralizada em 2017, que visava incentivar a denúncia de casos de assédio sexual.

Destaco esta constatação porque ao mesmo em que o programa – e as demais tecnologias de gênero criadas pela IURD – rechaçam a maior parte dos avanços conquistados pelos movimentos feministas e LGBTQIA+, sobretudo, no que tange ao direito ao próprio corpo e exercício da sexualidade de maneira autônoma, bem como o reconhecimento à diversidade sexual, a igreja se apropria das mesmas estratégias de comunicação adotadas por tais grupos, chegando a estabelecer uma fronteira borrada entre mídia secular e confessional, haja vista que veículos comerciais como a TV Record também tem sido instrumentalizados para divulgar as iniciativas com recorte de gênero promovidas pela IURD.

Também verifico que alinhada à Teologia da Prosperidade, a igreja tem empregado em seu discurso valores neoliberais como o enriquecimento, a ênfase no consumo, a meritocracia e responsabilização individual face ao esvaziamento do estado. Tais características tem contribuído para chamar a atenção de segmentos mais empobrecidos – mas não só. Chama atenção a presença significativa de mulheres negras – camada mais vulnerabilizada da sociedade brasileira - nos bancos da igreja. Este perfil diverge da representação de Cristiane Cardoso que se coloca como um exemplo a ser seguido.

Durante as aulas, a retórica da Teologia da Prosperidade pode ser constatada de maneira explícita como na obrigatoriedade do pagamento do dízimo junto às garotas, também pela venda de livros e outros produtos da linha *Godllywood* como camisetas e pulseiras na Arca Center, loja de produtos da IURD.

Porém, como observado, através do programa *Godllywood*, a Teologia da Prosperidade assume outros contornos. Com a iniciativa, a IURD constrói um ideal de feminilidade de perspectiva neoliberal (TEIXEIRA, 2018; MARTINEZ, 2020). Para sua subjetivação, a Universal compartilha discursos assentados na valorização irrestrita do trabalho, na defesa do sacrifício, extrema racionalização e aproveitamento do tempo e até mesmo dos afetos (FOUCAULT, 2008; BROWN, 2019).

Através do programa, a IURD exerce grande controle sobre os corpos e imaginários das garotas, visando discipliná-los desde a infância e adolescência para que se moldem a determinados papéis e funções que a igreja considera responsabilidades da mulher e que, portanto, serão requeridas durante a vida adulta.

Conforme verificado durante a análise das aulas, tais tarefas dizem respeito, sobretudo, ao trabalho doméstico haja vista as aulas que visam ensinar a garotas a preparar refeições, lavar louças e roupas, pregar botões. Constato, então, que a mulher é reiteradamente vinculada ao espaço e trabalho doméstico. Além disso, há uma nítida tentativa de associar o desenvolvimento de tarefas domésticas ao contato com o divino.

Evidencio que, com base em preceitos bíblicos, a IURD almeja a construção da “mulher virtuosa”, que é aquela que cuida da aparência, da casa, da família, marido e se desenvolve profissionalmente, já que o seu sucesso também é importante para a prosperidade familiar (MARCHESI et al, 2021). Porém, sempre priorizando a esfera privada, o casamento e a família.

“A profissionalização e o empreendedorismo da mulher emergem, não mais como uma característica de oposição ao bem-estar da família, mas, sim, como extensão de suas atividades no seio familiar” (TEIXEIRA, 2022, p.754).

Ainda, noto que a IURD tem conquistado cada vez mais projeção no cenário político nacional. Esta participação se dá via Republicanos, partido da igreja, que na última eleição aumentou o número de cadeiras no Congresso Nacional, constituindo-se a 6ª maior bancada da Câmara dos Deputados, mas também pelos constantes acenos ao Palácio do Planalto. Desde o período pós-redemocratização, a IURD

esteve ao lado de governos à esquerda e à direita. Porém, se o pragmatismo da denominação é inegável, também relevou-se nesta investigação que no que diz respeito às questões de gênero a igreja tem mantido um posicionamento conservador (MANNHEIM, 1981).

O alinhamento foi ratificado no apoio à candidatura de Jair Bolsonaro no pleito de 2018, momento em que Edir Macedo justificou a preferência pelo representante da extrema-direita alegando que pautas da “esquerda” como a suposta “ideologia de gênero” seriam incompatíveis como o “ser cristão” (UNIVERSAL, 2022).

Para além do fisiologismo esquadrihado, é possível notar que nas últimas três décadas, a Universal tem repercutido discursos avessos às agendas da igualdade de gênero e diversidade sexual. Ainda que a IURD permita que mulheres usem maquiagem, calças e cortem o cabelo, diferentemente de outras igrejas neopentecostais como a Assembleia de Deus e Deus é Amor – o que pode sinalizar uma estratégia mercadológica para atrair mais fiéis - ela também tem alertado sobre uma suposta articulação entre movimentos sociais e governos de esquerda cuja finalidade seria destruir os “valores cristãos” em evidente concordância com o discurso antigênero de dimensão transnacional (BIROLI, 2018; BUTLER, 2024).

Ao mesmo tempo, a IURD tem se posicionado em defesa do aborto e da vasectomia como formas de controle da pobreza (TEIXEIRA, 2018). O mecanismo assentado na lógica da biopolítica enfraquece o papel do estado em ofertar políticas redistributivas, voltando-se até mesmo contra políticas públicas de transferência de renda como o Programa Bolsa Família, em nome de uma ideia de controle populacional (PALMEIRA, 2022).

Como pontuado nesta pesquisa, além da união de Edir Macedo a Jair Bolsonaro na frente de milhares de fiéis, através de suas mídias institucionais, a IURD ecoou vozes de agentes da extrema-direita, a exemplo de Damares Alves – antes mesmo que ela ocupasse o posto de ministra. Em síntese, a versão da igreja ratificou os argumentos de outros agentes e entidades conservadores de pertencimento religioso, mas também seculares, que associam a difusão de uma pretensa “ideologia de gênero” a destruição da família, sexualização precoce de crianças e adolescentes, inversão de gênero, entre outras falácias que sustentam o “fantasma do gênero” (BUTLER, 2024).

Logo, destaco que a IURD rechaçou a inclusão da educação de gênero nas escolas, em mais um aceno à ofensiva antigênero que tem ganhado terreno no

Brasil, sobretudo a partir de 2010, com o veto à distribuição de materiais produzidos no âmbito do programa “Brasil sem Homofobia” (SILVA et al, 2023) e retrocessos seguintes que contribuíram para o fortalecimento da extrema-direita e a defesa de pautas declaradamente contra a diversidade e os direitos humanos, incluindo o rechaço a políticas que visam garantir maior inclusão a mulheres e população LGBTQIA+ bem como que visem desmitificar e combater assimetrias de gênero, como uma educação que pautar o gênero de maneira crítica.

Conforme exposto, o segmento evangélico é heterogêneo, contando com vozes dissidentes que tem pautado a defesa da democracia, da pluralidade, inclusive, no que tange a pautas relacionadas ao gênero, a exemplo dos grupos Mulheres EIG – Evangélicas pela Igualdade de Gênero e Evangélicas pela Legalização do Aborto. Contudo, considerando os objetivos desta pesquisa, as reflexões foram centradas na articulação de grupos que atuam sob a perspectiva conservadora.

Diante disso, destaco a articulação Frente Parlamentar Evangélica, mais conhecida como “Bancada Evangélica”. O grupo formado em 2003, não é ideologicamente homogêneo, mas em sua maioria, é conservador (PRANDI, 2017).

Nos últimos 20 anos, a Bancada Evangélica tem aumentado significativamente sua presença no Congresso Nacional, sendo responsável por levantar pautas morais que encontram lastro em ansiedades legítimas da sociedade brasileira como a segurança pública. Entretanto, um dos temas que tem recebido grande atenção do segmento – que é composto majoritariamente por homens brancos – é o combate à diversidade de gênero e o acesso a direitos reprodutivos (DIP, 2018).

O grupo cujo Republicanos lidera com o maior número de deputados, atrás apenas do Partido Liberal tem sido um agente fundamental na proposição de projetos que buscam o (re)estabelecimento de uma moralidade cristã conservadora (CARRANZA, 2020; BURITY, 2015) ao passo que tenta barrar o acesso a direitos de grupos subalternizados, implementados por movimentos democratizadores (TILLY, 2013; AVRITZER, 2018; BALLESTIN, 2018) decorrentes de intensa mobilização de coletivos sociais como os movimentos feministas e LGBTQIA+.

Frente ao avanço de políticas públicas voltadas a mulheres e população LGBTQIA+, responsáveis por reconhecer o acesso a direitos civis, políticos, sociais (a liberação da união civil homoafetiva e adoção homoparental são alguns

exemplos) bem como a promulgação de marcos que combatem as múltiplas formas de violência como a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, a Bancada Evangélica reagiu.

Entre as respostas, destaco a tentativa de emplacar o Estatuto da Família (PL 6.583/2013), que reconhece como família apenas o núcleo formado a partir da união entre um homem e uma mulher por meio de casamento ou união estável ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes. Nota-se que tal projeto visava restringir a apenas casais heterossexuais o acesso a direitos civis como casamento, adoção bem como cercear a inclusão em políticas governamentais.

Além disso, ressalto as discussões em torno do Estatuto do Nascituro (PL 478/2007) que defende os direitos do feto desde a concepção e a articulação para excluir o debate sobre gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação.

Enquanto escrevo estas considerações finais, novos crimes de estupro contra vulnerável são contabilizados, haja vista que, segundo dados do 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, a cada seis minutos, ocorre um caso de violência sexual no país, tendo como principais vítimas meninas negras de até 13 anos.

A despeito dos dados estarrecedores, a educação de gênero enquanto uma ferramenta importante no combate às opressões de gênero ainda é um campo incipiente, sendo enfraquecido em meio a disputas ideológicas que afetam a construção das políticas educacionais e, conseqüentemente, dos currículos.

Como demonstrado nesta investigação, nas últimas três décadas o estado brasileiro tentou estabelecer arcabouços para a abordagem da temática em sala de aula como as Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade (1994); Parâmetros Curriculares Nacionais (1997); Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006); Plano Nacional de Educação (2001 e 2010), Base Nacional Comum Curricular (2015), haja vista que a educação de gênero é uma demanda central na agenda mais ampla em prol da igualdade e diversidade de gênero.

Porém, tais documentos causaram “extraordinário alarde” (BUTLER, 2024) entre setores conservadores da sociedade brasileira, que articularam uma espécie de “cruzada” contra organismos internacionais, órgãos governamentais, escolas e professores. Tais ofensivas contaram com a participação de representantes religiosos eminentemente cristãos, mas também de outros setores como o grande empresariado.

Neste mesmo período, a IURD lançou o programa *Godllywood Girls* no Brasil com a premissa de “resgatar a essência feminina”. Em 2015, sob a ofensiva do programa “Escola Sem Partido”, que teve como uma de suas principais bandeiras extirpar do sistema educacional brasileiro uma suposta “ideologia de gênero” – discurso alarmista que a igreja endossou - a Universal também lança a sua própria escola para ensinar meninas a como “habitar uma casa”, como se portar, vestir e pensar de maneira que “agradem a Deus”.

Para embasar a criação do programa, a Universal argumenta que o mundo estaria em decadência, com “valores invertidos”, mulheres desejando desempenhar o mesmo papel dos homens e a família perdendo sua importância, inclusive, perante as crianças. A retórica encontra eco entre os movimentos conservadores que defendem que as questões de gênero fiquem fora de sala de aula.

Como explorado, o programa *Godllywood Girls* constitui uma das tecnologias de gênero (LAURETIS, 1994) desenvolvidas por Cristiane e Renato Cardoso – o “casal exemplar” da IURD, que têm como características a idealização do passado acompanhado do rechaço a mudanças nos papéis e relações de gênero, estas últimas concebidas como “ameaças” pela igreja.

Na IURD, a reprodução da lógica patriarcal, na qual mulheres e homens – de maneira binária, sem espaço para outras identidades – desempenham papéis diferentes, reafirmando a divisão sexual do trabalho e a subordinação da mulher ao homem, se expressa desde a organização do trabalho evangelizador. A possibilidade de mulheres alcançarem posições mais altas na organização do trabalho religioso é condicionada ao casamento com um pastor ou bispo.

Após o casamento, as mulheres assumem a tarefa de ajudar os maridos na evangelização, ficando responsáveis por tratar de assuntos considerados “femininos” como comportamento e relacionamentos, o que reproduz estereótipos de gênero. A atuação fica condicionada a autoridade do marido, elas devem ser discretas e atuar nos bastidores das igrejas (BANDINI, 2015).

Em conformidade, os programas com recorte de gênero desenvolvidos pela igreja, buscam reafirmar a superioridade de homens sobre a mulheres ao mesmo tempo que defendem a ideia de que “os valores masculinos” estariam em crise, sendo necessário restabelecê-los.

Esta visão sustenta a ideologia masculinista levantada pela extrema-direita e baseada no ressentimento masculino e branco mobilizado diante das mudanças

promovidas pelas políticas sociais direcionadas a grupos historicamente desfavorecidos (BROWN, 2019; CAMILO, 2023).

Apesar de projetos voltados ao público masculino como o *Intellimen*: formando homens melhores e o *IntelliMen Academy* (versão masculina do *Godllywood Girls*), destaco que a maior parte das iniciativas destina-se a mulheres, visto que elas representam maioria entre a comunidade iurdiana.

Assim, torna-se evidente o esforço da IURD em difundir discursos de cunho pedagógico, que mesclam referências bíblicas, noções de gestão empresarial e a indústria de autoajuda (ALTIVO, 2016). O desenvolvimento de tais tecnologias de gênero (LAURETIS, 1994), responsáveis pela criação de representações sobre a vida amorosa, a família, o papel da mulher e do homem, torna a Universal uma referência na produção de “materialidades discursivas” (FOUCAULT, 2008) que sustentam noções de masculinidades e feminilidades (TEIXEIRA, 2022).

Mas, se o debate de gênero, segundo a Universal, não pode estar nas escolas, porque a igreja cria uma série de iniciativas com nítido foco na aprendizagem de gênero, incluindo uma própria escola a fim de “resgatar a essência feminina” e “ensinar” garotas a viver de modo que “agradem” a Deus?

Noto que para a Universal, não se trata de não discutir gênero em absoluto, mas sim de não debater *uma perspectiva* de gênero que contribua para desnaturalizar desigualdades e violências. Isto quer dizer que nas disputas que envolvem a educação de gênero, ao mesmo tempo que a igreja se contrapõe a projetos que visam desmistificar opressões e estereótipos de gênero, ela desenvolve *a sua própria educação de gênero* com base em papéis tradicionais para homens e mulheres, legitimados pela cultura cristã ocidental, reafirmando, assim, hierarquias coloniais e negligenciando identidades e sexualidades dissidentes.

À vista disso, ressalto que durante a análise das aulas, foi possível verificar que a subordinação ao marido é apresentada às meninas como um desígnio de Deus, isto é, a subserviência é apreendida como uma expressão da vontade divina. Neste sentido, conquistas travadas pelos movimentos feministas, responsáveis por reduzir as desigualdades de gênero, são esvaziadas de um sentido político e classificadas como ideias e atitudes que se reproduzidas irão afastar as mulheres dos “planos de Deus”.

O patriarcado, nesse contexto, é ratificado com ares de modernidade e as lutas feministas históricas vão sendo enfraquecidas por teorias que valorizam a mulher, por um lado, mas que ainda a deixa assumindo tarefas

específicas e em um lugar de subalternidade na escala social. Para Edir Macedo, o homem deve ser “o cabeça”. Por isso, a mulher não deve estudar e ter um grau de conhecimento elevado, pois se ela for “a cabeça não servirá a “vontade de Deus” e o seu casamento estará fadado ao fracasso. Nessa toada, o “sujeito da prosperidade” só aparecerá através dos conceitos de família, reprodução e casamento, aprendidos pelo conjunto de técnicas que a Igreja Universal oferece em seus inúmeros projetos sociais (PALMEIRA, 2022, p.22).

Como exposto, durante as aulas há um constante estímulo à “fé inteligente”, que ocorre através da instauração de diferentes mecanismos de controle que buscam atribuir apenas às garotas a responsabilidade pelas suas ações. Reiteradamente a IURD reforça a concepção neoliberal de que as meninas devem “dar sempre o melhor de si”. É notório a instrumentalização de valores neoliberais junto as garotas como a valorização do desenvolvimento pessoal, o empreendedorismo de si.

Constato que a manutenção da saúde é contemplada como um requisito fundamental para o cumprimento de tarefas no dia a dia, ou seja, é uma espécie de investimento para aumentar a produtividade.

Portanto, o programa visa incutir uma racionalidade neoliberal que se sustenta na lógica dos resultados, convertendo as garotas em mercadorias e destacando atributos como “feminilidade” e “virgindade” como diferenciais no mercado dos afetos.

Para tanto, a iniciativa estabelece uma série de cuidados com o corpo sustentados na retórica da autovigilância. A premissa é de que através do cuidado de si será possível notar a “presença de Deus” na vida da menina. A todo momento, a IURD instrui às participantes como elas devem se portar e pensar tendo como base os ensinamentos repassados durante as aulas, pois Deus estaria observando e o menor desvio poderia causar consequências tanto no plano espiritual como material.

Ademais, durante as aulas também há uma evidente responsabilização das famílias pela segurança financeira, desconsiderando fatores macroestruturais que levam ao aumento da pobreza, esta passa a ser concebida como “falta de planejamento”, ausência de “foco e fé” e não como uma construção social, decorrente de uma estrutura que secularmente tem mantido extrema concentração de renda e privilégios para setores dominantes.

Outra constatação é o controle da sexualidade das garotas, alicerçada pela

cultura cristã ocidental que se instaura no Brasil com o violento processo de colonização e que persiste até hoje. O cristianismo consolidou uma visão binária de gênero com papéis sociais e morais distintos e associados a hierarquias de poder, o que é ratificado durante as aulas.

Durante os encontros, a IURD parte de uma leitura dominante e misoginia da narrativa de de Adão e Eva, afirmando às meninas que Deus criou o homem e a mulher para viverem juntos através do casamento, e que a felicidade de ambos, depende disso, da formação de “um só corpo”, também defende que homens e mulheres são “naturalmente diferentes” e, portanto, possuem papéis distintos, porém, muitas mulheres estariam rejeitando esta condição “dada por Deus”.

A responsabilidade por esta “inversão” de papéis, segundo a igreja, é “movimento feminista” – compreendido pela igreja de modo singular. No transcorrer das aulas ofertadas pela *Godllywood School*, é possível verificar que a IURD não rejeita completamente as conquistas advindas dos movimentos feministas – nesta pesquisa compreendido como plurais. Porém, válida apenas aquelas encampadas, sobretudo, pelo feminismo neoliberal como a obtenção de melhores salários e colocações mais altas no mercado de trabalho, perspectiva que acaba por reforçar as desigualdades na medida em que não questiona as estruturas de poder.

Portanto, observo que através do programa *Godllywood Girls* ocorre um intenso exercício de poder imposto aos corpos e imaginários das participantes. Há o estabelecimento de um modelo de autogestão focado em entrega de resultados, no constante aprimoramento pessoal e aumento de desempenho. O *Godllywood Girls* constitui uma tecnologia colonial de gênero que tem como premissa a construção de “corpos dóceis” alinhados aos preceitos neoliberais de autoresponsabilização, individualização dos esforços e das violências.

Também é apresentado às garotas a importância de serem “hospitaleiras” e “discretas”, reproduzindo estigmas de gênero historicamente perpetuados. Saliento, ainda, a promoção de uma “obediência sacralizada”, baseada em mandamentos bíblicos, que passam a ser utilizados para legitimar uma disciplina familiar. Observo que através do programa, a IURD repassa às garotas um modelo de família-empresa (MARCHESI et al, 2021) no qual a mulher exerce duplo papel. Isto quer dizer que, ao mesmo tempo em que ela é orientada a ser submissa ao marido, a mulher também exerce uma centralidade na organização familiar, sendo seu papel mais importante “apoiar, compreender, admirar e estimular o crescimento do

homem”.

Reforço que ao estabelecer o controle sob o corpo da mulher, a IURD tendencialmente estende a manipulação a outros corpos, já que segundo a teologia iurdiana, as mulheres são consideradas as principais responsáveis pela organização da vida familiar (TEIXEIRA, 2018).

Assim, evidencio que por meio do programa *Godllywood Girls*, a IURD tem propagado um ideal de feminilidade assentado em papéis tradicionais de gênero, em oposição aos movimentos feministas, ao mesmo tempo em que produz processos de subjetivação orientados por uma feminilidade de perspectiva neoliberal, o que permite visualizar a igreja como uma aliada importante na sustentação do conservadorismo.

É interessante pontuar que ao mesmo tempo em que a IURD defende o binarismo de gênero, a cisgeneridade e a heterossexualidade compulsória, ela não mede esforços no desenvolvimento de discursos de cunho pedagógicos que visam criar ideários sobre “ser mulher” e “ser homem”.

Deste modo, defendendo papéis tradicionais ao homem e a mulher, segundo a ordem de Deus, e reafirmando a existência de uma ofensiva que visa extinguir estes ideários, colocando em xeque a ordem e a moral cristã hegemônica, a IURD visa ensinar as garotas a como se comportarem para que sejam dignas de bençãos, cuja máxima é o casamento.

Saliento que durante as aulas, não observei a romantização e apresentação da maternidade como destino da mulher, visão muito frequente nos discursos cristãos. A ausência das discussões sobre a maternidade converge com a formulação de uma ampla “política da prosperidade” (TEIXEIRA, 2012) pela IURD que se impõe, sobretudo, ao corpo da mulher para através dela garantir uma disciplina familiar que conduza ao sucesso.

Assinalo que o “ativismo evangélico conservador” (MARIANO, 2023) sendo a IURD uma representação importante considerando sua capilaridade nos meios de comunicação, cenário político institucional e número de seguidores, tem reafirmado desigualdades coloniais e desequilíbrios de poder.

O discurso defendido pela IURD acerca do exercício da sexualidade, via programa *Godllywood Girls*, baseia-se na abstinência sexual e defesa da virgindade até o casamento. Ademais, responsabiliza as garotas pelas violências sofridas e as formas terceiros enxergam e tratam os seus corpos, concepções que encontram eco

em declarações sexistas de representantes da extrema-direita.

O conceito patriarcal de família é o único legitimado durante as aulas pela Universal. Logo, ao reafirmar a inexistência de outros arranjos familiares – hoje e no passado - e incitar discursos de ódio em relação a identidades de gênero e sexualidades dissidentes, a IURD mais uma vez se soma a ofensiva antigênero que visa cercear a participação de tais grupos na esfera pública, impedindo que disputem os sentidos de família e, por conseguinte, das políticas públicas, vislumbrando outros projetos de sociedade.

Além do exercício do controle sob o corpo e imaginários das meninas, torna-se perceptível pelas discussões mobilizadas com as participantes, que a IURD reforça a perspectiva binária e biologizante de enxergar as relações entre os gêneros, desconsiderando a existência de identidades de gênero para além de homem e mulher. Também há uma ênfase reiterada na heterossexualidade compulsória.

Como apontado ao longo desta pesquisa, a colonialidade sobrevive e se reproduz na democracia, reforçando desigualdades históricas e estruturantes, reproduzidas em diferentes níveis, escalas e espaços (BALLESTRIN, 2014).

A colonialidade abrange um sistema de classificação hierárquica de saberes, locais e pessoas, que vai para além dos processos históricos da colonização, objetivando a manutenção de uma lógica de dominação de qualquer sujeito (colonizado) que se diferencie do homem branco, heterossexual, cisgênero, patriarcal, capitalista, europeu (QUIJANO, 2005).

Considero, portanto, que através do programa *Godllywood Girls*, a IURD reforça a “colonialidade do gênero” (LUGONES, 2020) na medida em que exporta um determinado perfil de mulher fabricando um sentido de “feminilidade” universal que desconsidera as especificidades culturais bem como as condições históricas de cada um dos locais em que chega. A este respeito, é significativo o crescimento do programa, sobretudo, em países do continente africano.

Internamente, o programa também opera na lógica colonial (CASANOVA, 2006) na medida em que legitima a cisgeneridade, a heterossexualidade compulsória, o modelo de família patriarcal, a subordinação da mulher ao homem que passam a ser concebidos como normas ao passo que quem diverge de tais modos de ser-estar no mundo não é reconhecido e face a inexistência e desumanização, tornam-se abjetos e matáveis (PRECIADO, 2014).

Para pesquisas futuras, considero relevante compreender como as participantes do programa tem significado os ensinamentos repassados, já que os discursos nem sempre são aceitos e reproduzidos uniformemente pelos segmentos sociais.

Apesar de o discurso apresentar certo grau de homogeneidade, os indivíduos não são atingidos igualmente por ele. Marcadores sociais como pertencimentos de classe, gênero, étnico-racial são fatores que podem influenciar as apreensões que os sujeitos elaboram sobre as narrativas. A criação de sentidos é decorrente de disputas ideológicas e é necessário pontuar que os agentes interpretam os discursos podendo, assim, aderir às mensagens ou não (HALL, 2013).

Por fim, embora o projeto de extrema-direita tenha sido derrotado nas urnas em 2022 – com uma margem pequena de votos – os desafios para a construção de uma sociedade mais diversa e por isso mais igualitária ainda permanecem gigantescos.

Há muito o que se avançar nas pautas que visam maior inclusão de mulheres e população LGBTQIA+, entre outros segmentos historicamente excluídos. Mesmo entre governos progressistas, estas demandas tendem a ficar estagnadas. É oportuno lembrar que sob pressões e dificuldades de manter a governabilidade, na atual gestão do presidente Lula, a maioria dos ministérios que tiveram suas lideranças substituídas era liderada por mulheres, evidenciando que “basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados” (BEAUVOIR, 1980). A conjuntura reivindica o ensinamento compartilhado pela eterna Gal Costa: É preciso estarmos atentos e fortes.

Ademais, tendo em vista que novas eleições se aproximam, julgo fundamental disputarmos um projeto de sociedade no qual todas as vidas sejam possíveis. A luta é longa, mas inescapável e inadiável. Como anunciou Emicida:

“É TUDO PARA ONTEM!”

REFERÊNCIAS

- ABREU, Vitória Vieira de Souza. *Capitalismo, neopentecostalismo e internacionalização: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre, 2022.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGÊNCIA BRASIL. *Brasil tem pelo menos 9 mil estudantes trans matriculados nas escolas*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2025-01/brasil-tem-pelo-menos-9-mil-estudantes-trans-matriculados-nas-escolas>. Acesso em: 20 ago.de 2025.
- AGÊNCIA PÚBLICA. *Mesmo sabendo de prazo, justiça federal deixou ação contra Edir Macedo prescrever*. Disponível em: <https://apublica.org/2019/11/mesmo-sabendo-de-prazo-justica-federal-deixou-acao-contra-edir-macedo-prescrever/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.
- AGÊNCIA PÚBLICA. *A eleição do kit gay*. Disponível em: <https://apublica.org/2018/10/a-eleicao-do-kit-gay/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.
- ALMEIDA, Ronaldo. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. Dossiê: Conservadorismo, Direitos, Moralidades e Violência. *Cadernos Pagu – UNICAMP*, 2017.
- ALMEIDA, Ronaldo.; FRESTON, Paul. Trump e a direita religiosa: EUA, Brasil, Guatemala. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v.23, e021020, 2021.
- ALTIVO, Barbara Regina. Dever e prazer no casamento-empresa: transações regulares de controle do amor segundo a Igreja Universal. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 32, p. 176-187, ago. 2016.
- ANDRADE, João Guilherme de. Cristianismo, a religião do colonizador e a LGBTfobia no Brasil. In: *Caderno de Anais 4º Seminário Internacional Desfazendo o Gênero*, Recife, 2019.
- AVRITZER, Leonardo. O pêndulo da democracia no Brasil: Uma análise da crise 2013- 2018. *Revista Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, v.37 mai/ago. 2018.
- BANDINI, Claudirene de Paula. Gênero e poder na Igreja Universal do Reino De Deus. Dossiê: Relações de Gênero e Religião. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v.

13, n. 39, p. 1410-1426, jul./set. 2015.

_____. Corpos, símbolos e poder: marcadores de desigualdades sociais no espaço religioso. *Revista Estudos da Religião – REVER*. Pós-Graduação em Ciências da Religião, PUC – São Paulo, 2005.

BALLESTRIN, Luciana. Colonialidade e Democracia. *Revista Estudos Políticos: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF) e do Núcleo de Estudos em Teoria Política (UFRJ)*. Rio de Janeiro, Vol. 5, N.1, pp. 191–209, dezembro 2014.

_____. O Debate Pós-democrático no Século XXI. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, v. 4, n. 2, 149-164, 2018.

_____. Desigualdades pós-coloniais no processo de desdemocratização global: a ausência do Sul no debate sobre a crise das democracias liberais. Dossiê Ética e Política em tempos de pandemia – *Dissertatio* – Volume Suplementar, UFPEL, 2022.

BASTOS, Elide Rugai. (2010). Octávio de Faria e a tragédia burguesa. In: Ferreira, Gabriela Nunes & Botelho, André (orgs). *Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil*. São Paulo: Hucitec, p. 273-310.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BBC BRASIL. *As ameaças de Bolsonaro em discursos no 7 de setembro*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58479785>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª edição, 1980.

BENTO, Berenice. As famílias que habitam "a família". *Revista Sociedade e Cultura*, vol. 15, núm. 2, julho-diciembre, 2012, pp. 275-283. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.

BENTO, Cida. *Pacto da branquitude*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BIROLI, Flávia. BIROLI, Flávia. Reação conservadora, democracia e conhecimento. *Revista Antropologia* (São Paulo, Online), v. 61 n. 1: 83-94, USP, 2018.

_____. Conflitos em torno de gênero, conservadorismo antidemocrático e suporte popular. In: *Religião, democracia e a extrema direita* [livro eletrônico] / organização Marilene de Paula, Christina Vital. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll, 2023.

- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. *Diretrizes para uma política educacional em sexualidade*/Secretaria de Projetos Educacionais Especiais-Brasília: MEC/SEPESPE, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Primeira versão. Brasília: MEC, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2017a.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final homologada. Brasília: MEC, 2017b.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 8.035, de 20 de dezembro de 2010. *Aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020 e dá outras providências*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=831421&filenome=Tramitacao-PL%208035/2010. Acesso em: 20 ago.de 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Plano Nacional de Educação – PNE. Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]: *Lei 13.005 de 20 de junho de 2014*, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*. 3ª reimpressão, Brasília, 2018.
- BRITO JUNIOR, Antonio Hugo Moreira de. *Conservadorismo religioso e racionalidade neoliberal nas discussões sobre gênero e sexualidades no Plano Nacional de Educação (2014-2024)*. Tese (doutorado) -Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Niterói, 2024.
- BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.

BRUM, Eliane. *Brasil: construtor de ruínas: um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

_____. *Banzeiro òkotó: uma viagem à Amazônia centro do mundo*. 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BURITY, Joanildo. Contingência, dispersão e dinâmica relacional. *Revista Novos Estudos*, CEBRAP [online], 2015.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?*. São Paulo: Boitempo, 2024.

_____. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. Crocodilo edições. 1ª ed. São Paulo, 2019.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 19ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CAMILLO, Bruna. *Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil*. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2023.

CAMPOS, Leonildo Silveira. A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). In: *Lusotopie*, n°6. Dynamiques religieuses en lusophonie contemporaine. pp.355-367. [s.l.], 1999.

CAMPOS, Rodrigo Duque Estrada.; SEVERO, Ricardo Gonçalves.; AZEVEDO, Elizabeth Mendonça. “Manifesto à nação – Brasil para os brasileiros”: a atuação da Frente Parlamentar Evangélica na educação brasileira. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 44(2): e440202, 2024.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro.; SOUZA, Alana. Godllywood de Cristiane Cardoso: uma etnografia do “transreligioso”. *Revista Antropologia* (São Paulo, Online) v. 60 n. 2: 487- 512 - USP, 2017.

CAMURÇA, Marcelo. Igreja Universal do Reino de Deus: entre o “plano de poder” e a lógica de minoria perseguida. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 40(1): 43-66, 2020.

CARDOSO, Cristiane. *Melhor do que comprar sapatos*. Rio de Janeiro, Unipro, 2007.

_____. CARDOSO, Cristiane. *A mulher V: moderna a moda antiga*. Rio de Janeiro: Unipro, 2011.

CARDOSO, Cristiane.; CARDOSO, Renato. *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2012.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser*

como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARTA CAPITAL. *Edir Macedo, bispo da Igreja Universal, compara gays e lésbicas com bandidos*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/edir-macedo-bispo-da-igreja-universal-compara-gays-e-lesbicas-com-bandidos/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

CARRANZA, Brenda. Erosão das democracias latino-americanas: a ascensão política dos cristãos. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v.22, 2020.

CASTELLI, Jonattan Rodriguez. *Teologia da Prosperidade e o culto ao Deus mercado: uma análise institucionalista das práticas litúrgicas e políticas da IURD*. Revista Sociedade Brasileira de Economia Política, Universidade Federal Fluminense - Faculdade de Economia, 2025.

CASTELLS, Manuel. *Mobile communication and society*. London: The Mit Press, 2006.

CERQUEIRA, Claudia. Igreja como Partido: a relação entre a Igreja Universal do Reino de Deus e o Republicanos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 36, n. 107, 2021, pp. 1-20.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Sá da Costa Editora, 1ª edição, 1978.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 12ª edição, 2ª impressão, 2000.

GONZÁLEZ, Casanova. Colonialismo interno (una redefinición). In: BORON, Atilio, AMADEO, Javier e GONZÁLEZ, Sabrina (orgs.) *La teoría marxista hoy*. CLACSO, Buenos Aires, 2006.

CÔRREA, Sonia.; PRADO, Marco Aurélio Máximo. A “ideologia familista” nas ofensivas contra gênero na educação: conexões conservadoras transnacionais. Dossiê: o lugar da educação no fortalecimento da democracia. *Revista Educ. Soc.*, Campinas, v. 45, e275372, 2024.

COSTA, Patricia Garcia. A construção do ethos feminino no programa televisivo The Love School. *Revista Mandrágora*, v.23. n. 1, p. 71-92, 2017.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. *Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia*, UERJ, RJ, Ano 10, nº 3, 2010.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo: São Paulo, 2016.

DEL PRIORI, Mary. *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000*. São Paulo: Planeta, 2020.

DENORA, Emmanuella. *“Deus, pátria, família”*: a politicidade do cotidiano e a centralidade de gênero num mundo em rede. 1ª edição – São Paulo: Blimunda, 2025.

DIMARCO, Hayley. *Tecnicamente virgem: qual é o limite?* 1ª edição. Unipro Editora, Rio de Janeiro, 2020.

_____. *Sexy Girls: qual é o limite da sensualidade?* 1ª edição. Unipro Editora, Rio de Janeiro, 2013.

DIP, Andrea. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. Editora Civilização Brasileira, 2018.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 11 ed. São Paulo/ Porto Alegre: Ed. USP/Ed. Globo, 1997.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científico, 1967.

FIORIN, José Luiz. Tendências da análise do discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.19, p. 173-179, 1990.

FOLHA DE S. PAULO. *Record amplia visibilidade de Bolsonaro e evita críticas ao presidencialismo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/record-amplia-visibilidade-de-bolsonaro-e-evita-criticas-ao-presidenciael.shtml>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

FOLHA DE S. PAULO. *Contra gravidez na adolescência, ministra Damares Alves quer estimular política ‘escolhi esperar’*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/01/contra-gravidez-na-adolescencia-ministerio-de-damares-quer-estimular-politica-de-escolhi-esperar.shtml>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

FOLHA DE S. PAULO. *Com governo Bolsonaro, Record tem quase 800% de aumento na publicidade em um ano*. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/04/15/com-governo-bolsonaro-record-tem-quase-800-de-aumento-na-publicidade-em-um-ano-127425.php>. Acesso em: 20

ago.de 2025.

FOLHA DE S. PAULO. *Bancada evangélica: Gilberto Nascimento é eleito novo líder*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2025/02/deputado-proximo-de-bolsonaro-se-torna-lider-da-frente-parlamentar-evangelica.shtml>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Tradução de Raquel Ramallete. 40ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, [1975] 2012.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graaal, 1985.

_____. *Microfísica do poder*. 9. ed. São Paulo: Graal, 1979.

_____. *História da sexualidade IV: As confissões da carne*. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.

_____. *Arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *O nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978-1979)*. Tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, (Coleção tópicos), 2008.

FRASER, Nancy. Como o feminismo se tornou a empregada do capitalismo – e como resgatá-lo. *IELA – Instituto de Estudos Latino-Americanos*. Universidade Federal de Santa Catarina. Tradução: Bruno Cava. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/como-o-feminismo-se-tornou-a-empregada-do-capitalismo-e-como-resgata-lo/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. Recife, PE, Global Editora, 2003.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Banco de dados sobre o trabalho das mulheres*. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/repositorios/trabalho-mulheres/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

GALLAS, Ana Kelma Cunha.; PEREZ, Olívia Cristina. Captura do discurso: análise das estratégias antigênero do Observatório Interamericano de Biopolítica. *Letras & Letras*, Uberlândia v.40, ISSN 1981-5239, 2024.

GALETTI, Camila Carolina Hilderbrand. *Feminina sim, feminista não*: uma análise das deputadas federais antifeministas de extrema direita na 56ª Legislatura. Tese de doutorado Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2024.

GALLO, Fernanda Vendramini. As mulheres e os homens da Igreja Universal do Reino de Deus. *Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, ISSN 2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio* (Tradução de Lúcia Mathilde E. Orth). Petrópolis, Vozes, 2000.

_____. A teologia da libertação e as mulheres. *Revista Sociedade e Cultura*. v. 23: e61023, 2020.

GHERMAN, Michael. Bolsonarismo e extrema-direita no Brasil: uma reflexão sobre origens e destinos. In: *Religião, democracia e a extrema direita* [livro eletrônico] / organização Marilene de Paula, Christina Vital. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll, 2023.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião*: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Atta, 2002.

GOMES, Wilson. Nem anjos, nem demônios: estudo antropológico da Igreja Universal do Reino de Deus. In: AA. VV. (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. 1ª. edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 115-147, 2008.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Tradução Bhuvi Libanio; prefácio Denilson Lopes. Recife, Cepe, 2020.

HALL, Stuart. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte, MG: UFMG; Brasília:

Representação da UNESCO no Brasil, 2013.

HANASHIRO, Walker Umeki. A Igreja Universal do Reino de Deus e a teatralização da sua batalha espiritual: uma construção etnográfica da “sessão espiritual do descarrego”. Dissertação de conclusão de mestrado em Ciências Sociais. Universal Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2013.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2017.

JIMENEZ, Malu. *Lute como uma gorda*. Editora Jandaíra, São Paulo, 2022.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Revista Psicologia Política*, v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

KRAMER, Eric. A expansão da Igreja Universal do Reino de Deus nos Estados Unidos. *Civitas: Revista de Ciências Sociais PUC-RS*, vol. 3, núm. 1, junho, 2003.

LACAPRA, Dominick. Rethinking intellectual history and reading texts. *History and Theory*, p. 245-276, 1980.

LAHIRE, Bernard. *Homem plural: os determinantes da ação*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAZZARI JUNIOR, Julio Cesar. A relação da comunicação integrada com o crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Eletrônica Espaço Teológico* ISSN 2177-952X. Vol. 6, n. 9, jan/jun, 2012.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. In HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEWIN, Tessa. Nothing Is as It Seems: ‘Discourse Capture’ and Backlash Politics. *Gender & Development*, v. 29, n. 2-3, p. 253-268. <https://doi.org/10.1080/13552074.2021.1977047>, 2021.

LIBÂNIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. “Prosperidade” na Década de 1990: Etnografia do Compromisso de Trabalho entre Deus e o Fiel da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 51, no 1, 2008.

- LEITE, Luiza Chuva Ferrari. *O plano de poder da Igreja Universal do Reino de Deus: estratégias territoriais da expansão neopentecostal no Brasil*. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2019.
- LEMOS, Carolina Teles. Religião e patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul./dez. 2013.
- LEMOS, Carolyne Santos. Bolsonarismo e teologia da prosperidade: confluências ideológicas e impactos nas políticas sociais no Brasil. *Revista Espaço Teológico REVELETEO*, São Paulo, v 18, n. 34, p. 51-74, jul/dez 2024, ISSN 2177-952X.
- LIONÇO, Tatiana.; ALVES, Ana Clara de Oliveira.; MATTIELLO, Felipe.; FREIRE, Amanda Machado. “Ideologia de gênero”: estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso. *Revista Psicologia Política*. vol. 18. nº 43. pp. 599-621. set. – dez. 2018.
- LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação* Heloísa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão [et al]. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020.
- MACEDO, Edir; TAVOLARO, Douglas. *Nada a perder I: momentos de convicção que mudaram a minha vida*. São Paulo: Planeta, 2012.
- MACEDO, Edir.; OLIVEIRA, Carlos. *Plano de Poder: Deus, os Cristãos e a Política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.
- MACEDO, Edir. *Fé Racional*. Rio de Janeiro: Unipro, 2010.
- _____. *Nada a perder II: meus desafios diante do impossível*. São Paulo: Planeta, 2019.
- _____. *Nada a perder III: do coreto ao Templo de Salomão*. São Paulo: Planeta, 2014.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Mulheres: da prédica pentecostal ao debate sobre sexualidade, saúde reprodutiva, aborto e planejamento familiar. In: SCHPUN, Mônica Raisia (org.). *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Mulheres, p. 169-203, 1997.
- MACHADO, Maria das Dores.; MARIZ, Cecília. “Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Ano. 12, n. 34, p. 71-87, 1997.
- MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia; SAMPAIO, Camila. O projeto pastoral de

Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 27, n. 78, p.81-96, fevereiro de 2012.

MAIA, Eduardo Lopes Cabral. *A política evangélica: análise do comportamento da Frente Parlamentar Evangélica na Câmara Federal (2007-2010)* Tese de Doutorado em Sociologia Política. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

MANNHEIN, Karl. O pensamento conservador. In Martins, J. S. (org.). *Introdução crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.

MARCHESI, Valéria Barros dos Santos.; ROSA, Pablo Ornelas.; RESENDE, Paulo Edgar da Rocha. Conjugalidade e racionalidade neoliberal na Igreja Universal: a conversão do homo oeconomicus em família-empresa e a submissão da mulher. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 41(1): 101-124, 2021.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. São Paulo. Ed. Loyola, 1995.

_____. O futuro não será protestante. *Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, 18 (52), 2004.

_____. *Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública*. Civitas: Revista de Ciências Sociais. Vol. 11, 2011.

_____. Ativismo político evangélico conservador e de direita: panorama recente. In: *Religião, democracia e a extrema direita* [livro eletrônico] /organização Marilene de Paula, Christina Vital. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll, 2023.

MARTINS, Heloísa Helena T, S. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Revista Educação e Pesquisa*. vol. 30, n.2. São Paulo May/Aug. 2004.

MARTINS, Caio César Nogueira.; OLIVEIRA, Fabricio Roberto da Costa. A Igreja Universal e o Partido dos Trabalhadores: alianças e distanciamentos. *Revista Mosaico*, Volume 16 – Número 25 – 2024.

MARTINEZ, Monise. *Fazer o mesmo, sem ser o mesmo: feminilidades, neoliberalismo e antifeminismo no contexto do Godllywood Brasil*. ex æquo, n.º 42, pp. 103-118. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2020>.

_____. A Igreja Universal do Reino de Deus e as “raabes modernas” no contexto português: uma (des)construção de violências? *Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito*. Centro de Ciências Jurídicas – Universidade Federal da Paraíba, v.6, nº 02, 2017.

- MENDONÇA, Joêzer de Souza. O evangelho segundo o gospel: mídia, música pop e neopentecostalismo. *Revista do Conservatório de Música Ufpel*, v. 01, p. nº 09, 2008.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Editora Cobogá. Rio de Janeiro, 2021.
- MONTERO, Paula. “Religiões públicas” ou religiões na esfera pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 36(1): 128-150, 2016.
- MULVEY, Laura. “Visual Pleasure and Narrative Cinema.” *Screen*, v. 16, n. 3, p. 6-27, Autumn 1975.
- NASCIMENTO, Gilberto. *O Reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*. Companhia das Letras, 2019.
- NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 21. nº 61. Junho/2006.
- NUNES, Ana Paula. A construção da identidade na mídia neopentecostal: uma análise da Folha Universal. *Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação*, v. 1, n. 1, 2012.
- NUNES, Silvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- ORO, Ari Pedro. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – v. 18, n.53, 2003.
- OYÈWÙMI, Oyèrónke. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais/organização e apresentação* Heloísa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão [et al]. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020.
- PAES, José Machado. *Culturas juvenis*. 2ª ed. - Lisboa: Imprensa Nac.-Casa da Moeda, p. 401-421. - ISBN 972-27-1209-8, 2023.
- PAOLI, Maria Célia. As ciências sociais, os movimentos sociais e a questão de gênero. *Revista Novos Estudos* nº 31 – outubro de 1991.
- PENA, Anderson dos Anjos Pereira; ZIENTARSKI, Clarice. Cristianismo de libertação, teologia da prosperidade e as perspectivas da luta de classes no Brasil.

Revista Brasileira de Educação, [s. l.], v. 27, 2022.

PEREIRA, Harrison Novaes Silva. ARAÚJO, Ayala de Sousa. IURD: breve análise do crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus nas décadas de 1980 e 1990. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 04, Ed. 06, Vol. 12, pp. 05-20. Junho de 2019.

PIERUCCI, Antônio F. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 37, jun, 1998.

PORTAL VERDADE. *Por uma universidade travesti*. Disponível em: <https://portalverdade.com.br/por-uma-universidade-travesti/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

PRANDI, Reginaldo.; SANTOS, Renan Willian dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 29, n. 2, 2017.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

_____. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais” política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.

_____. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1, 2018.

_____. *Transfeminismo no regime farmacopornográfico*. Tradução de Thiago Coacci. 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/9723865/Preciado_-_Transfeminismo_no_Regime_Farmacopornografico. Acesso em: 20 ago.de 2025.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *Conselho Latino-americano de Ciências Sociais*, 2005.

REPUBLICANOS. Igreja Universal completa 48 anos de crescimento espiritual e social. Disponível em: <https://republicanos10.org.br/destaques/igreja-universal-completa-48-anos>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

REVISTA PIAUÍ. *Desvendando o voto evangélico*. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/eleicoes-2022/desvendando-o-voto-evangelico/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

REZENDE, Maria José de. *Mudança social no Brasil: a construção de um ideário*

conservador. *Tempo Social; Rev.Sociol. USP*, São Paulo, 1998.

RODRIGUES, Emanuelle Gonçalves Brandão. Pedagogias de uma fé inteligente: espiritualidade neoliberal e narrativas de desenvolvimento pessoal na biografia de Edir Macedo. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, ISSN 2179-0019, vol.13, nº 1, 2022.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, Natal, n. 5, 2010, p. 17-44.

RODRIGUES, Franciele. BREVILHERI, Ursula Boreal Lopes.; NALLI, Morgana Camargo. Da proibição da neolinguagem a “infinitas” possibilidades de gêneros não existentes. *Revista Relegens Thréskera*. UFPR, v. 11, n. 1, 2022.

ROSAS, Nina. Religião e política: breves reflexões e proposições a partir de um olhar sobre os evangélicos. In: *Religião, democracia e a extrema direita* [livro eletrônico] / organização Marilene de Paula, Christina Vital. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll, 2023.

ROSEMBERG, Fúlvia; PIZA, Edith Pompeu; MONTENEGRO, Thereza. *Mulher e educação formal no Brasil: estado da arte e bibliografia*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasília: INEP/REDUC, 1990.

ROTTENBERG, Catherine. Women Who Work: The limits of the neoliberal feminist paradigm *Gender Work Organ*. Pág.1–10, 2018.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. Tradução de Julio Velasco e Maria Angeles Toda. In: VANCE, Carole (Comp.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Talasa, 1989.

SAFFIOTI, Heleith. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (Org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, Ana Maria.; VILAÇA, Helena. Religião e neoliberalismo: a perspectiva da Igreja Universal do Reino de Deus sobre a crise financeira portuguesa e a política de austeridade (2010-2012). *Revista REVER*, São Paulo, v. 22, n.1, 2022.

SANTOS, Julia Lima.; SOUZA, Angelita Matos. Capitalismo neoliberal: além da economia. *GeoTextos*, vol. 19, n. 1, julho 2023. J. dos Santos, A. Souza. 35-55.

Schmitz, Erik Dorff. Sexualidade sob controle: cristianismo e colonização. *Revista Mosaico*, v. 16, p. 201-208, e-ISSN 1983-7801, 2023.

SCHILLING, Flávia.; BOTO, Carlota. *Em busca dos direitos humanos: quem são os*

sujeitos? Revista USP, São Paulo, n. 119 • p. 29-42, outubro/novembro/dezembro 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e Colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos*. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, n.18, 2012.

SILVA, Ileizi L. F.; RODRIGUES, Franciele.; O mito da secularização e a reprodução da moral religiosa no Brasil: um desafio para as escolas públicas? *Revista Relegens Thréskeia – Estudos e Pesquisa em Religião*, v. 05 –n. 02, 2016.

SILVA, Paloma de Oliveira.; SILVA, Breendo Holanda Pereira da Silva.; RIBEIRO, Rayane Brandão.; PAULINI, Fernanda. Sociedade e educação sexual: influências do conservadorismo político-religioso nos documentos norteadores do ensino básico brasileiro. *Em SciELO Preprints*, 2023.

SOLANO, Esther. *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. Boitempo, 2018.

SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a igreja*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

SOUZA, Alana Sá Leitão. O Godllywood e a 'mulher virtuosa' na IURD. REIA-*Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, ano 4, volume 4(2):24-38, 2017.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade*. 2ª edição – São Paulo, FEUS – Coleção Viramundo, 2021.

TAVOLARO, Douglas; LEMOS, Christina. *O bispo*. Ed: Larousse do Brasil, 2007.

_____. *A conduta universal: o governo de si e as políticas de gênero na Igreja Universal*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. São Paulo, 2018.

_____. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: o desafio Godllywood. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 34(2): 232-256, 2014.

_____. Corpo e sexualidade: os direitos reprodutivos na Igreja

Universal do Reino de Deus. *Revista Mandrágora*, v.18. n. 18, p. 53-80, 2012.

_____. Masculinidade e pentecostalismo como tecnologia neoliberal. *Revista Contemporânea*, 12, n. 3 p. 743-767 Set.– Dez. 2022

TESSER, Tabata Pastore. Ofensivas antigênero e antifeminismo. *Religião e Poder*. Instituto de Estudos da Religião, ISER + Nexo, 2023.

THE INTERCEPT BRASIL. Guerra dos donos. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/07/09/universal-assembleia-deus-eleicao-2026-bolsonaro-poder-congresso/>. Acesso em 20 ago.de 2025.

TILLY, Charles. *Democracia*. Porto Alegre: Vozes, 2013.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 3ª edição, 2012.

UOL. Ex-pastores acusam Universal de obrigá-los a fazer vasectomia: ‘ameaças’. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/02/05/pastores-universal-vasectomia.htm>. Acesso em 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Bispo Macedo responde a internauta: ‘O senhor vai apoiar quem para presidente?’*. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/bispo-macedo-responde-a-internauta-o-senhor-vai-apoiar-quem-para-presidente/>. Acesso em 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Sejam bem-vindos a Godllywood School*. Disponível em: <https://www.universal.org/godllywood-school/post/sejam-bem-vindos-a-godllywood-school/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Para que serve e quem deve participar da Fogueira Santa?* Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/para-que-serve-e-quem-deve-participar-da-fogueira-santa/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Manual de Estilos para garotas*. Disponível em: <https://www.universal.org/godllywood-school/post/224144/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Falso: Bispo Macedo é a favor do aborto*. Disponível em: <https://www.universal.org/mitos-e-verdades/post/falso-o-bispo-macedo-e-a-favor-do-aborto/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *História da Universal*. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/nossa-historia/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Você conhece o grupo Arimateia?* Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/voce-conhece-o-grupo-arimateia/>. Acesso em:

20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Porque a identidade de gênero não deve ser ensinada nas escolas.*

Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/identidade-de-genero-nas-escolas/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Pais, cuidado! Ideologia de gênero chegou aos desenhos animados.*

Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/pais-cuidado-ideologia-de-genero-chegou-aos-desenhos-animados/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *“Nosso objetivo é esmagar a homossexualidade”.* Disponível em:

<https://www.universal.org/noticias/post/nosso-objetivo-e-esmagar-a-homossexualidade/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *O Templo de Salomão.* Disponível em:

<https://www.universal.org/endereco/sao-paulo-templo-de-salomao-19491/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *ONU recomenda que aulas de educação sexual sejam obrigatórias no*

Reino Unido. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/onu-determina-aulas-de-educacao-sexual-serao-obrigatorias-no-reino-unido/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Movimento Godllywood: perguntas e respostas.* Disponível em:

<https://www.universal.org/godllywood/post/movimento-godllywood-perguntas-e-respostas/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Godllywood Autoajuda: o que Deus quer de nós?.* Disponível em:

<https://www.universal.org/noticias/post/godllywood-autoajuda-o-que-deus-quer-de-nos/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Projeto Raabe.* Disponível em: <https://www.universal.org/se-conheca-melhor/projeto-raabe/>.

Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Projeto IntelliMen.* Disponível em: <https://sites.universal.org/intellimen/>.

Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *As lições obtidas com o livro A dama da fé.* Disponível em:

<https://www.universal.org/noticias/post/as-licoes-obtidas-com-o-livro-a-dama-da-fe/>.

Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVERSAL. *Mais que um grupo.* Disponível em:

<https://www.universal.org/noticias/post/mais-que-um-grupo>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVER ENSINO. *Godllywood School 6 a 10 anos.* Disponível em:

<https://www.univerensino.com/curso/godllywood-school-6-a-10-anos?university=Univer%20Ensino>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVER ENSINO. *Godllywood School 11 a 15 anos*. Disponível em: <https://www.univerensino.com/curso/godllywood-school-11-a-15-anos?university=Univer%20Ensino>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

UNIVER VÍDEO. *O que é a Univer*. Disponível em: <https://www.univervideo.com/>. Acesso em: 20 ago.de 2025.

VIANNA, Claudia.; UNBEHAUM, Sandra. Contribuições da produção acadêmica sobre gênero nas políticas educacionais: elementos para repensar a agenda. In: *Gênero e educação: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais*/ Denise Carreira [et al.]. São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas. 2016.

VERGÈS, Françoise. *Uma teoria feminista da violência: por uma política antirracista da proteção*. UBU Editora, 1ª edição, 2021.

VICENTE, Luciane da Silva. A Educação Sexual nas diferentes versões da Base Nacional Comum Curricular: Da abertura ao silenciamento em torno da temática. *EDUR - Educação em Revista*. 2024.

VILHENA, Valéria Cristina. Resultados de uma pesquisa: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas. *Fazendo Gênero*. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010.

VITAL, Christina. Religião e política no Brasil: um breve balanço das pesquisas entre os anos 2003-2023. In: *Religião, democracia e a extrema direita* [livro eletrônico] / organização Marilene de Paula, Christina Vital. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll, 2023.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda; Companhia das Letras, 2007.

_____. *Economia e Sociedade: fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Vol. 1. Brasília: UNB, 1994.

WITTIG, Monique. *O Pensamento Hétero e outros ensaios*. Editora Autêntica, 2022.